

# A VIAGEM

VIRGINIA WOOLF



LITERUNICO CLÁSSICOS

**A Viagem**

Virginia Woolf

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 21/05/2026 13:53.

## Nota editorial

Esta edição em português brasileiro foi preparada pela Literunico a partir de *The Voyage Out*, de Virginia Woolf, em texto público validado pelo Wikisource. A tradução compõe o corpo do livro; comentário e orientação de leitura ficam separados no Almanaque, no curso e nos arquivos de descoberta.

Auditoria: 27 partes, 0 seções internas, 2524 parágrafos e cerca de 127.419 palavras.

# Sumário

1. **01** Capítulo Um
2. **02** Capítulo Dois
3. **03** Capítulo Três
4. **04** Capítulo Quatro
5. **05** Capítulo Cinco
6. **06** Capítulo Seis
7. **07** Capítulo Sete
8. **08** Capítulo Oito
9. **09** Capítulo Nove
10. **10** Capítulo Dez
11. **11** Capítulo Onze
12. **12** Capítulo Doze
13. **13** Capítulo Treze
14. **14** Capítulo Quatorze
15. **15** Capítulo Quinze
16. **16** Capítulo Dezesseis
17. **17** Capítulo Dezessete
18. **18** Capítulo Dezoito
19. **19** Capítulo Dezenove
20. **20** Capítulo Vinte
21. **21** Capítulo Vinte e Um
22. **22** Capítulo Vinte e Dois
23. **23** Capítulo Vinte e Três
24. **24** Capítulo Vinte e Quatro

25. **25** Capítulo Vinte e Cinco
26. **26** Capítulo Vinte e Seis
27. **27** Capítulo Vinte e Sete

# 01. Capítulo Um

O embarque em Londres, Helen Ambrose, Rachel Vinrace e a partida do Euphrosyne.

COMO as ruas que vão do Strand ao Embankment são muito estreitas, é melhor não andar por elas de braços dados. Se você persistir, os funcionários dos advogados terão que dar saltos rápidos na lama; as jovens digitadoras terão que ficar inquietas atrás de você. Nas ruas de Londres onde a beleza passa despercebida, a excentricidade deve pagar o preço, e é melhor não ser muito alto, usar uma longa capa azul ou bater no ar com a mão esquerda.

Certa tarde, no início de outubro, quando o trânsito estava ficando intenso, um homem alto caminhava pela beira da calçada com uma senhora no braço. Olhares furiosos atingiram suas costas. As figuras pequenas e agitadas - pois em comparação com este casal a maioria das pessoas parecia pequena - decoradas com canetas-tinteiro e carregadas de caixas de despacho, tinham compromissos a cumprir e recebiam um salário semanal, de modo que havia alguma razão para o olhar hostil que foi lançado sobre a altura do Sr. Mas algum encantamento colocara tanto o homem como a mulher fora do alcance da malícia. No caso dele, pode-se adivinhar, pelos lábios em movimento, que isso foi pensado; e nos olhos dela, fixos firmemente à sua frente, num nível acima dos olhos da maioria, era tristeza. Foi apenas desprezando tudo o que encontrava que ela conseguiu evitar as lágrimas, e a fricção das pessoas que passavam por ela era evidentemente dolorosa. Depois de observar o tráfego no Embankment por um ou dois minutos com um olhar estóico, ela puxou a manga do marido e eles cruzaram entre a rápida descarga de automóveis. Quando eles estavam seguros do outro lado, ela gentilmente retirou o braço do dele, permitindo ao mesmo tempo que sua boca relaxasse, tremesse; então as lágrimas rolaram e, apoiando os cotovelos na balaustrada, ela

protegeu o rosto dos curiosos. Sr. Ambrose tentou consolo; ele deu um tapinha no ombro dela; mas ela não deu sinais de admiti-lo e, sentindo-se constrangido por estar ao lado de uma dor maior que a dele, ele cruzou os braços atrás de si e deu uma volta pela calçada.

O aterro se projeta em ângulos aqui e ali, como púlpitos; em vez de pregadores, porém, meninos os ocupam, balançando barbantes, deixando cair pedrinhas ou lançando maços de papel para um cruzeiro. Com seu olhar aguçado para a excentricidade, eles tendiam a considerar o Sr. Ambrose horrível; mas o mais perspicaz gritou "Barba Azul!" enquanto ele passava. No caso de eles continuarem a provocar sua esposa, o Sr. Ambrose apontou sua bengala para eles, e eles decidiram que ele era apenas grotesco, e quatro em vez de um gritaram "Barba Azul!" em coro.

Embora a Sra. Ambrose tenha permanecido imóvel, por muito mais tempo do que é natural, os meninos a deixaram em paz. Alguém está sempre olhando para o rio perto da ponte Waterloo; um casal fica ali conversando por meia hora numa bela tarde; a maioria das pessoas, caminhando por prazer, contempla por três minutos; quando, tendo comparado a ocasião com outras ocasiões, ou feito alguma frase, eles passam adiante. Às vezes, os apartamentos, as igrejas e os hotéis de Westminster são como os contornos de Constantinopla numa névoa; às vezes o rio é de um roxo opulento, às vezes cor de lama, às vezes de um azul cintilante como o mar. Sempre vale a pena olhar para baixo e ver o que está acontecendo. Mas esta senhora não olhou nem para cima nem para baixo; a única coisa que ela viu, desde que ficou ali, foi uma mancha circular iridescente flutuando lentamente com um canudo no meio. A palha e o remendo nadavam repetidas vezes atrás do meio trêmulo de uma grande lágrima que brotava, e a lágrima subia, descia e caía no rio. Então bateu perto de seus ouvidos -

Lars Porsena de Clusium Pelos nove deuses ele jurou—

Que a Grande Casa de Tarquin não sofra mais injustiças.

Sim, ela sabia que deveria voltar a tudo isso, mas no momento deveria chorar. Protegendo o rosto, ela soluçou com mais intensidade do que antes, os ombros subindo e descendo com grande regularidade. Foi esta figura que o marido viu quando, ao chegar à polida Esfinge, depois de se envolver com um vendedor de cartões-postais, se virou; a estrofe parou instantaneamente. Ele se aproximou dela, colocou a mão em seu ombro e disse: “Querida”. Sua voz estava suplicando. Mas ela afastou o rosto dele, como se dissesse: “Você não pode entender”.

Como ele não a abandonou, porém, ela teve que enxugar os olhos e elevá-los ao nível das chaminés da fábrica, na outra margem. Ela viu também os arcos da ponte Waterloo e as carroças passando por eles, como a fila de animais em uma galeria de tiro. Eles eram vistos sem expressão, mas ver qualquer coisa significava, é claro, acabar com o choro dela e começar a andar.

“Prefiro caminhar”, disse ela, depois de o marido ter chamado um táxi já ocupado por dois homens da cidade.

A fixidez do seu humor foi quebrada pela ação de caminhar. Os carros motorizados disparados, mais parecidos com aranhas na lua do que com objetos terrestres, as carroças trovejantes, os cabriolés tilintando e as pequenas berlinas pretas, fizeram-na pensar no mundo em que vivia. Em algum lugar lá em cima, acima dos pináculos, onde a fumaça subia em uma colina pontiaguda, seus filhos agora perguntavam por ela e recebiam uma resposta tranquilizadora. Quanto à massa de ruas, praças e edifícios públicos que as separavam, ela só sentia naquele momento o pouco que Londres

fizera para que ela a amasse, embora trinta dos seus quarenta anos tivessem sido passados numa rua. Ela sabia ler as pessoas que passavam por ela; havia os ricos que corriam de e para as casas uns dos outros àquela hora; lá estavam os trabalhadores preconceituosos dirigindo em linha reta para seus escritórios; havia os pobres que eram infelizes e justamente malignos. Embora já houvesse luz do sol na neblina, velhos esfarrapados e velhas cochilavam para dormir nos assentos. Quando se desistia de ver a beleza que vestia as coisas, este era o esqueleto por baixo.

Uma chuva fina deixou-a ainda mais desanimada; vans com nomes estranhos de pessoas envolvidas em indústrias estranhas — Sprules, fabricante de serragem; Grabb, para quem nenhum pedaço de papel sobra, caiu no chão como uma piada de mau gosto; amantes ousados, protegidos por trás de um manto, pareciam-lhe sórdidos, além da paixão; as floristas, um grupo contente, cuja conversa sempre vale a pena ouvir, eram megeras encharcadas; as flores vermelhas, amarelas e azuis, cujas cabeças estavam pressionadas uma contra a outra, não brilhariam. Além disso, seu marido, caminhando com passadas rápidas e rítmicas, sacudindo ocasionalmente a mão livre, era um viking ou um Nelson ferido; as gaivotas mudaram de tom.

"Ridley, vamos dirigir? Vamos dirigir, Ridley?"

A Sra. Ambrose teve que falar bruscamente; a essa altura ele estava longe.

O táxi, ao trotar firmemente pela mesma estrada, logo os retirou do West End e os levou para Londres. Parecia que este era um grande local de produção, onde as pessoas estavam empenhadas em fazer coisas, como se o West End, com as suas lâmpadas eléctricas, as suas vastas janelas de vidro laminado todas amareladas, as suas casas cuidadosamente acabadas e as minúsculas figuras vivas trotando na calçada, ou rolando sobre rodas na

estrada, fosse a obra acabada. Parecia-lhe um trabalho muito pequeno para uma fábrica tão enorme ter feito. Por alguma razão, pareceu-lhe uma pequena borla dourada na borda de um vasto manto preto.

Observando que não passavam por nenhum outro táxi elegante, mas apenas vans e carroças, e que nenhum dos mil homens e mulheres que ela via era um cavalheiro ou uma dama, a Sra. Ambrose compreendeu que, afinal de contas, ser pobre é uma coisa comum, e que Londres é a cidade de inúmeras pessoas pobres. Surpresa com esta descoberta e vendo-se andando em círculos todos os dias de sua vida em torno de Piccadilly Circus, ela ficou muito aliviada ao passar por um prédio construído pelo Conselho do Condado de Londres para Escolas Noturnas.

"Senhor, como é sombrio!" seu marido gemeu. "Pobres criaturas!"

Com a miséria para os filhos, os pobres e a chuva, sua mente era como uma ferida exposta ao ar para secar.

Nesse momento o táxi parou, pois corria o risco de ser esmagado como uma casca de ovo. O amplo aterro, que tinha espaço para balas de canhão e esquadrões, havia agora encolhido para uma rua de paralelepípedos fumegante com cheiros de malte e óleo e bloqueada por carroças. Enquanto o marido lia os cartazes colados no tijolo anunciando os horários em que certos navios partiriam para a Escócia, a Sra. Ambrose fez o possível para encontrar informações. De um mundo exclusivamente ocupado em alimentar carroças com sacos, meio obliterados também por uma fina névoa amarela, eles não obtiveram ajuda nem atenção. Pareceu um milagre quando um velho se aproximou, adivinhou o estado deles e propôs levá-los até o navio no pequeno barco que ele mantinha atracado ao pé de uma escada. Com alguma hesitação, confiaram-se aos seus cuidados, tomaram os seus lugares e pouco

depois estavam a acenar para cima e para baixo sobre a água, Londres tendo-se reduzido a duas filas de edifícios de cada lado deles, edifícios quadrados e edifícios oblongos colocados em filas como uma avenida de tijolos para crianças.

O rio, que continha uma certa quantidade de luz amarela perturbada, corria com grande força; barcaças volumosas flutuavam rapidamente escoltadas por rebocadores; barcos da polícia passaram por tudo; o vento foi com a corrente. O barco a remo aberto em que estavam sentados balançava e fazia reverências através da linha de tráfego. No meio do rio, o velho manteve as mãos nos remos e, à medida que a água passava por eles, observou que antes havia levado muitos passageiros para a travessia, mas agora quase não levava nenhum. Ele parecia se lembrar de uma época em que seu barco, atracado entre juncos, carregava pés delicados pelos gramados de Rotherhithe.

"Eles querem pontes agora", disse ele, indicando o contorno monstruoso da Tower Bridge. Com tristeza, Helen olhou para ele, que estava colocando água entre ela e os filhos. Com tristeza, ela olhou para o navio do qual se aproximavam; ancorados no meio do riacho, podiam ler vagamente o nome dela - Euphrosyne.

Muito vagamente, no crepúsculo que caía, eles podiam ver as linhas do cordame, os mastros e a bandeira escura que a brisa soprava diretamente atrás.

Quando o pequeno barco se aproximou do navio e o velho embarcou os remos, ele comentou mais uma vez, apontando para cima, que os navios de todo o mundo ostentavam aquela bandeira no dia em que partiram. Na mente de ambos os passageiros, a bandeira azul parecia um sinal sinistro, e este era

o momento para pressentimentos, mas mesmo assim eles se levantaram, juntaram suas coisas e subiram ao convés.

No salão do navio de seu pai, a senhorita Rachel Vinrace, de vinte e quatro anos, esperava nervosamente o tio e a tia. Para começar, embora quase aparentada, ela mal se lembrava deles; para continuar, eram pessoas idosas e, finalmente, como filha de seu pai, ela devia estar de alguma forma preparada para recebê-los. Ela ansiava por vê-los como as pessoas civilizadas geralmente anseiam pela primeira visão de pessoas civilizadas, como se elas fossem da natureza de um desconforto físico que se aproxima - um sapato apertado ou uma janela com correntes de ar. Ela já estava anormalmente preparada para recebê-los. Enquanto ela se ocupava em colocar os garfos bem alinhados ao lado das facas, ela ouviu uma voz de homem dizendo sombriamente:

"Em uma noite escura, alguém cairia da escada de cabeça para baixo", ao que uma voz de mulher acrescentou: "E seria morto."

Enquanto ela pronunciava as últimas palavras, a mulher estava parada na porta. Alta, de olhos grandes, envolta em xales roxos, a Sra. Ambrose era romântica e bonita; talvez não fosse simpático, pois seus olhos pareciam fixos e consideravam o que viam. Seu rosto era muito mais caloroso que o rosto grego; por outro lado, era muito mais ousado do que o rosto da bela inglesa habitual.

"Oh, Rachel, como vai você?" ela disse, apertando a mão.

"Como vai você, querido", disse o Sr. Ambrose, inclinando a testa para ser beijado. Sua sobrinha gostou instintivamente de seu corpo magro e anguloso, da cabeça grande com traços extensos e dos olhos agudos e inocentes.

"Diga ao Sr. Pepper", Rachel ordenou ao criado. Marido e mulher sentaram-se então de um lado da mesa, com a sobrinha em frente a eles.

"Meu pai me disse para começar", explicou ela. "Ele está muito ocupado com os homens... Você conhece o Sr. Pepper?"

Um homenzinho que estava curvado como algumas árvores ficam por causa de um vendaval em um dos lados deles, entrou sorrateiramente. Assentindo para o Sr. Ambrose, ele apertou a mão de Helen.

— Correntes de ar — disse ele, erguendo a gola do casaco.

"Você ainda é reumático?" perguntou Helena. Sua voz era baixa e sedutora, embora ela falasse bastante distraidamente, a visão da cidade e do rio ainda presente em sua mente.

"Uma vez reumático, sempre reumático, temo", respondeu ele. "Até certo ponto, depende do clima, embora não tanto quanto as pessoas pensam."

"De qualquer forma, ninguém morre disso", disse Helen.

"Como regra geral, não", disse Sr. Pepper.

"Sopa, tio Ridley?" perguntou Raquel.

"Obrigado, querido", disse ele, e, ao estender o prato, suspirou audivelmente: "Ah! ela não é como a mãe." Helen demorou muito para bater o copo na mesa para evitar que Rachel ouvisse e ficasse vermelha de vergonha.

"A maneira como os servos tratam as flores!" ela disse apressadamente. Ela puxou para si um vaso verde com borda enrugada e começou a tirar os crisântemos pequenos e apertados, que colocou sobre a toalha de mesa, arrumando-os meticulosamente lado a lado.

Houve uma pausa.

"Você conheceu Jenkinson, não é, Ambrose?" perguntou o Sr. Pepper do outro lado da mesa.

"Jenkinson de Peterhouse?"

"Ele está morto", disse o Sr. Pepper.

"Ah, querido! Eu o conheci há muito tempo", disse Ridley. "Ele foi o herói do acidente do barco, lembra? Uma carta estranha. Casou-se com uma jovem de uma tabacaria e morou em Fens... nunca soube o que aconteceu com ele."

"Bebida... drogas", disse Sr. Pepper com sinistra concisão. "Ele deixou um comentário. Uma confusão desesperadora, segundo me disseram."

"O homem tinha habilidades realmente excelentes", disse Ridley.

"Sua introdução a Jellaby ainda se mantém", continuou Sr. Pepper, "o que é surpreendente, visto como os livros didáticos mudam".

"Havia uma teoria sobre os planetas, não havia?" perguntou Ridley.

"Um parafuso solto em algum lugar, sem dúvida", disse Sr. Pepper, balançando a cabeça.

Agora um tremor percorreu a mesa e uma luz lá fora se desviou. Ao mesmo tempo, uma campainha elétrica tocou repetidamente.

"Estamos indo", disse Ridley.

Uma onda leve, mas perceptível, pareceu rolar sob o chão; então afundou; depois veio outro, mais perceptível. As luzes deslizaram pela janela sem cortinas. O navio emitiu um gemido alto e melancólico.

"Estamos fora!" disse o Sr. Pepper. Outros navios, tão tristes quanto ela, responderam-lhe lá fora, no rio. O riso e o silvo da água podiam ser ouvidos claramente, e o navio balançou de modo que o comissário que trazia os pratos teve que se equilibrar enquanto fechava a cortina. Houve uma pausa.

"Jenkinson of Cats - você ainda o acompanha?" perguntou Ambrósio.

"Tanto quanto alguém faz", disse Sr. Pepper. "Nós nos encontramos anualmente. Este ano ele teve a infelicidade de perder a esposa, o que tornou tudo doloroso, é claro."

"Muito doloroso", Ridley concordou.

"Há uma filha solteira que cuida da casa para ele, creio eu, mas nunca é a mesma coisa, não na idade dele."

Os dois cavalheiros assentiram sabiamente enquanto cortavam suas maçãs.

"Havia um livro, não havia?" Ridley perguntou.

"Houve um livro, mas nunca haverá um livro", disse Sr. Pepper com tanta ferocidade que as duas senhoras olharam para ele.

"Nunca haverá um livro, porque alguém o escreveu para ele", disse Sr. Pepper com considerável acidez. "Isso é o que acontece quando adiamos as coisas, coletamos fósseis e colocamos arcos normandos nos chiqueiros."

"Confesso que simpatizo", disse Ridley com um suspiro melancólico. "Tenho um fraco por pessoas que não conseguem começar."

"...O acúmulo de uma vida inteira desperdiçada", continuou Sr. Pepper. "Ele tinha acumulações suficientes para encher um celeiro."

"É um vício do qual alguns de nós escapamos", disse Ridley. "Nosso amigo Miles tem outro treino hoje."

Sr. Pepper deu uma risadinha ácida. "De acordo com meus cálculos", disse ele, "ele produz dois volumes e meio anualmente, o que, levando em conta o tempo passado no berço e assim por diante, mostra uma indústria louvável."

"Sim, o que o velho Mestre disse sobre ele foi muito bem realizado", disse Ridley.

"De um jeito que eles tinham", disse o Sr. Pepper. "Você conhece a coleção de Bruce? - não para publicação, é claro."

"Suponho que não", disse Ridley significativamente. "Para um Divino ele era - notavelmente livre."

"A Bomba em Neville's Row, por exemplo?" perguntou o Sr. Pepper.

"Precisamente", disse Ambrose.

Cada uma das senhoras, seguindo a moda do seu sexo, altamente treinada em promover conversas masculinas sem ouvi-las, podia pensar — na educação das crianças, no uso de sirenes de nevoeiro numa ópera — sem se trair. Apenas ocorreu a Helen que Rachel talvez estivesse imóvel demais para ser uma anfitriã e que ela poderia ter feito alguma coisa com as mãos.

"Talvez ———?" ela disse por fim, e então eles se levantaram e saíram, para vagamente surpresa dos cavalheiros, que os consideraram atentos ou esqueceram sua presença.

"Ah, alguém poderia contar histórias estranhas dos velhos tempos", ouviram Ridley dizer, enquanto ele afundava na cadeira novamente. Olhando para

trás, para a porta, eles viram o Sr. Pepper como se de repente ele tivesse afrouxado as roupas e se tornado um velho macaco vivaz e malicioso.

Enrolando véus em volta da cabeça, as mulheres caminharam pelo convés. Eles agora se moviam com firmeza rio abaixo, passando pelas formas escuras de navios ancorados, e Londres era um enxame de luzes com um dossel amarelo-claro pendendo acima dela. Havia as luzes dos grandes teatros, as luzes das longas ruas, luzes que indicavam enormes praças de conforto doméstico, luzes que pairavam no ar. Nenhuma escuridão jamais se abateria sobre aquelas lâmpadas, como nenhuma escuridão se abateu sobre elas durante centenas de anos. Parecia terrível que a cidade ardesse para sempre no mesmo lugar; terrível, pelo menos para as pessoas que partem em aventura no mar e o contemplam como um monte circunscrito, eternamente queimado, eternamente marcado. Do convés do navio a grande cidade parecia uma figura agachada e covarde, um avarento sedentário.

Inclinando-se sobre a grade, lado a lado, Helen disse: "Você não vai sentir frio?" Rachel respondeu: "Não... Que lindo!" ela acrescentou um momento depois. Muito pouco era visível - alguns mastros, uma sombra de terra aqui, uma linha de janelas brilhantes ali. Eles tentaram fazer frente contra o vento.

"Isso sopra - isso explode!" ofegou Rachel, as palavras enfiadas em sua garganta. Lutando ao seu lado, Helen foi subitamente dominada pelo espírito do movimento e empurrada com as saias enroladas em volta dos joelhos e ambos os braços nos cabelos. Mas lentamente a embriaguez do movimento diminuiu e o vento tornou-se forte e frio. Eles olharam por uma fresta da persiana e viram que longos charutos eram fumados na sala de jantar; eles viram o Sr. Ambrose se jogar violentamente contra o encosto da cadeira, enquanto o Sr. Pepper enrugava as bochechas como se tivessem sido

cortadas em madeira. O fantasma de uma gargalhada veio até eles e foi imediatamente afogado pelo vento. Na sala seca e iluminada de amarelo, o Sr. Pepper e o Sr. Ambrose estavam alheios a qualquer tumulto; eles estavam em Cambridge, e provavelmente foi por volta do ano de 1875.

"Eles são velhos amigos", disse Helen, sorrindo ao ver. "Agora, há um quarto para nos sentarmos?"

Rachel abriu uma porta.

"É mais como um patamar do que uma sala", disse ela. Na verdade, não tinha nada do caráter fechado e estacionário de uma sala em terra. Uma mesa estava enraizada no meio e os assentos estavam presos nas laterais. Felizmente, os sóis tropicais tinham branqueado as tapeçarias até ficarem com uma cor azul esverdeada desbotada, e o espelho com a sua moldura de conchas, obra do amor do mordomo, quando o tempo pesava nos mares do sul, era mais estranho do que feio. Conchas retorcidas com lábios vermelhos como chifres de unicórnio ornamentavam a lareira, que era coberta por um manto de pelúcia roxa da qual dependia um certo número de bolas. Duas janelas davam para o convés, e a luz que entrava por elas quando o navio era assado no Amazonas havia transformado as gravuras na parede oposta em uma cor amarela pálida, de modo que "O Coliseu" mal se distinguia da Rainha Alexandra brincando com seus Spaniels. Um par de poltronas de vime junto à lareira convidava a aquecer as mãos numa grelha cheia de lascas douradas; uma grande lâmpada balançava acima da mesa - o tipo de lâmpada que ilumina a luz da civilização através de campos escuros até alguém que anda pelo campo.

"É estranho que todos sejam velhos amigos do Sr. Pepper", Rachel começou nervosamente, pois a situação era difícil, a sala fria e Helen curiosamente

silenciosa.

"Suponho que você o considera um dado adquirido?" disse sua tia.

"Ele é assim", disse Rachel, encontrando um peixe fossilizado em uma bacia e exibindo-o.

"Imagino que você seja muito severo", observou Helen.

Rachel imediatamente tentou qualificar o que ela havia dito contra sua crença.

"Eu realmente não o conheço", disse ela, e se refugiou nos fatos, acreditando que os idosos realmente gostam mais deles do que dos sentimentos. Ela apresentou o que sabia sobre William Pepper. Ela disse a Helen que ele sempre ligava aos domingos, quando estavam em casa; ele sabia muitas coisas — matemática, história, grego, zoologia, economia e as sagas islandesas. Ele transformou a poesia persa em prosa inglesa e a prosa inglesa em iâmbicos gregos; ele era uma autoridade em moedas e - outra coisa - ah, sim, ela achava que era tráfego de veículos.

Ele estava aqui para tirar coisas do mar ou para escrever sobre a provável trajetória de Odisseu, pois afinal de contas o grego era seu hobby.

"Tenho todos os panfletos dele", disse ela. "Pequenos panfletos. Pequenos livrinhos amarelos." Não parecia que ela os tivesse lido.

"Ele já esteve apaixonado?" perguntou Helen, que havia escolhido um assento.

Isso foi inesperadamente direto ao ponto.

"O coração dele é um pedaço de couro de sapato velho", declarou Rachel, largando o peixe. Mas quando questionada, ela teve que admitir que nunca havia perguntado a ele.

"Vou perguntar a ele", disse Helen.

"A última vez que te vi, você estava comprando um piano" ela continuou. "Você se lembra... do piano, do quarto no sótão e das grandes plantas com espinhos?"

"Sim, e minhas tias disseram que o piano atravessaria o chão, mas na idade delas ninguém se importaria de ser morto durante a noite?" ela perguntou.

"Tive notícias da tia Bessie há pouco tempo", afirmou Helen. "Ela tem medo que você estrague seus braços se insistir em praticar tanto."

"Os músculos do antebraço — e então não se casa?"

"Ela não disse exatamente assim", respondeu a Sra. Ambrose.

"Ah, não, é claro que ela não faria isso", disse Rachel com um suspiro.

Helen olhou para ela. Seu rosto era mais fraco do que decidido, salvo da insipidez pelos grandes olhos indagadores; beleza negada, agora que estava abrigada dentro de casa, pela falta de cor e contorno definido. Além disso, uma hesitação em falar, ou melhor, uma tendência a usar as palavras erradas, fazia com que ela parecesse mais do que normalmente incompetente para a sua idade. A Sra. Ambrose, que tinha falado muito ao acaso, refletiu agora que certamente não ansiava pela intimidade de três ou quatro semanas a bordo do navio que estava ameaçado. Mulheres da sua idade geralmente a entediavam, ela supunha que as meninas seriam piores. Ela olhou para Rachel novamente. Sim! quão claro era que ela seria vacilante, emotiva, e

quando você lhe dissesse alguma coisa, não causaria uma impressão mais duradoura do que o golpe de uma vara na água. Não havia nada que pudesse ser conquistado nas meninas — nada difícil, permanente, satisfatório. Willoughby disse três semanas ou quatro? Ela tentou se lembrar.

Neste ponto, porém, a porta se abriu e um homem alto e corpulento entrou na sala, avançou e apertou a mão de Helen com uma espécie de entusiasmo emocional, o próprio Willoughby, o pai de Rachel, o cunhado de Helen. Como seria necessária muita carne para torná-lo um homem gordo, sendo seu corpo tão grande, ele não era gordo; seu rosto também era uma grande moldura, parecendo, pela pequenez das feições e pelo brilho na cavidade das bochechas, mais adequado para resistir aos ataques do tempo do que para expressar sentimentos e emoções, ou para responder a eles nos outros.

"É um grande prazer que você tenha vindo", disse ele, "por nós dois."

Rachel murmurou em obediência ao olhar do pai.

"Faremos o nosso melhor para deixar você confortável. E Ridley. Achamos uma honra cuidar dele. Pepper terá alguém para contradizê-lo - o que não me atrevo a fazer. Você acha esta criança adulta, não é? Uma jovem, hein?" Ainda segurando a mão de Helen, ele passou o braço em volta dos ombros de Rachel, fazendo com que elas se aproximassem desconfortavelmente, mas Helen se absteve de olhar.

"Você acha que ela nos dá crédito?" ele perguntou.

"Ah, sim", disse Helen.

"Porque esperamos grandes coisas dela", continuou ele, apertando o braço da filha e soltando-a. "Mas sobre você agora." Sentaram-se lado a lado no

pequeno sofá. "Você deixou as crianças bem? Elas estarão prontas para a escola, eu suponho. Elas são parecidas com você ou com Ambrose? Eles têm uma boa cabeça sobre os ombros, eu garanto?"

Com isso, Helen imediatamente se alegrou mais do que antes e explicou que seu filho tinha seis anos e sua filha dez. Todo mundo dizia que o filho dela era como ela e a menina como Ridley. Quanto aos cérebros, eles eram pirralhos espertos, pensou ela, e modestamente aventurou-se a contar uma pequena história sobre o filho - como, deixado sozinho por um minuto, ele pegou o pedaço de manteiga com os dedos, correu pela sala com ele e colocou-o no fogo - apenas pela diversão da coisa, um sentimento que ela podia entender.

"E você tinha que mostrar ao jovem malandro que esses truques não serviriam, hein?"

"Uma criança de seis anos? Não acho que isso importe."

"Sou um pai à moda antiga."

"Bobagem, Willoughby; Rachel sabe melhor."

Por mais que Willoughby sem dúvida tivesse gostado que sua filha o elogiasse, ela não o fez; seus olhos estavam irrefletidos como água, seus dedos ainda brincavam com os peixes fossilizados, sua mente ausente. Os mais velhos continuaram falando sobre arranjos que poderiam ser feitos para o conforto de Ridley - uma mesa colocada onde ele não pudesse deixar de olhar para o mar, longe das caldeiras, ao mesmo tempo ao abrigo da vista das pessoas que passavam. A menos que ele transformasse isso em feriado, quando seus livros estavam todos embalados, ele não teria feriado algum; pois em Santa Marina Helen sabia, por experiência própria, que ele

trabalharia o dia todo; suas caixas, disse ela, estavam cheias de livros.

"Deixe comigo, deixe comigo!" - disse Willoughby, obviamente pretendendo fazer muito mais do que ela pedia dele. Mas Ridley e Sr. Pepper foram ouvidos remexendo na porta.

"Como você está, Vinrace?" - disse Ridley, estendendo a mão inerte ao entrar, como se o encontro fosse melancólico para ambos, mas no geral ainda mais para ele.

Willoughby preservou sua cordialidade, temperada pelo respeito. No momento nada foi dito.

"Nós olhamos e vimos você rindo", observou Helen. "O Sr. Pepper acabou de contar uma história muito boa."

"Pish. Nenhuma das histórias era boa", disse o marido, irritado.

"Ainda é um juiz severo, Ridley?" - perguntou o Sr. Vinrace.

"Nós te entediamos tanto que você foi embora", disse Ridley, falando diretamente com sua esposa.

Como isso era verdade, Helen não tentou negá-lo e seu comentário seguinte: "Mas eles não melhoraram depois que partimos?" foi lamentável, pois o marido respondeu com os ombros caídos: "Se possível, eles pioraram."

A situação era agora de considerável desconforto para todos os envolvidos, como foi provado por um longo intervalo de constrangimento e silêncio. Pepper, de fato, criou uma espécie de diversão ao pular em seu assento, com os dois pés dobrados sob o corpo, com a ação de uma solteirona que detecta um rato, quando a corrente de ar atinge seus tornozelos. Lá em cima,

chupando o charuto, com os braços envolvendo os joelhos, ele parecia a imagem de Buda, e dessa elevação começou um discurso, dirigido a ninguém, pois ninguém o havia solicitado, nas profundezas inexploradas do oceano. Ele se declarou surpreso ao saber que, embora o Sr. Vinrace possuía dez navios, operando regularmente entre Londres e Buenos Aires, nenhum deles foi encarregado de investigar os grandes monstros brancos das águas mais baixas.

"Não, não", riu Willoughby, "os monstros da terra são demais para mim!"

Ouviu-se Rachel suspirar: "Pobres cabrinhas!"

"Se não fosse pelas cabras, não haveria música, minha querida; a música depende das cabras", disse o pai dela com bastante severidade, e Sr. Pepper continuou descrevendo os monstros brancos, sem pelos e cegos, deitados enrolados nas cristas de areia no fundo do mar, que explodiriam se você os trouxesse à superfície, seus lados se rompendo e espalhando entranhas ao vento quando liberados da pressão, com detalhes consideráveis e com tal demonstração de conhecimento, que Ridley estava enojado e implorou para que ele parasse.

De tudo isso Helen tirou suas próprias conclusões, que eram bastante sombrias. Pepper era um chato; Rachel era uma garota tranquila, sem dúvida prolífica em confidências, a primeira das quais seria: "Veja, eu não me dou bem com meu pai." Willoughby, como sempre, amava seu negócio e construiu seu Império, e entre todos eles ela ficaria consideravelmente entediada. Sendo uma mulher de ação, porém, ela se levantou e disse que, por sua vez, iria para a cama. Na porta, ela olhou instintivamente para Rachel, esperando que, como duas pessoas do mesmo sexo, saíssem juntas da sala. Rachel levantou-se, olhou vagamente para o rosto de Helen e comentou com sua

leve gagueira: "Vou sair para t-t-triunfar no vento."

As piores suspeitas da Sra. Ambrose foram confirmadas; ela desceu a passagem cambaleando de um lado para o outro e defendendo-se da parede ora com o braço direito, ora com o esquerdo; a cada solavanco ela exclamava enfaticamente: "Droga!"

## 02. Capítulo Dois

A bordo, família, conversas e os primeiros contrastes entre Rachel e os adultos.

Por mais desconfortável que a noite, com seu movimento de balanço e cheiro de sal, pudesse ter sido, e em um caso sem dúvida foi, pois Sr. Pepper não tinha roupas suficientes em sua cama, o café da manhã da manhã seguinte exibiu uma espécie de beleza. A viagem começou, e começou feliz, com um céu azul suave e um mar calmo. A sensação de recursos inexplorados, de coisas a dizer e ainda não ditas, tornou a hora significativa, de modo que nos anos futuros toda a viagem talvez fosse representada por esta única cena, com o som das sirenes apitando no rio na noite anterior, de alguma forma misturando-se.

A mesa estava alegre com maçãs, pães e ovos. Helen entregou a manteiga a Willoughby e, ao fazê-lo, olhou para ele e refletiu: "E ela se casou com você e foi feliz, suponho."

Ela seguiu uma linha de pensamento familiar, levando a todos os tipos de reflexões bem conhecidas, desde a velha pergunta: por que Theresa se casou com Willoughby?

"É claro que se vê tudo isso", pensou ela, querendo dizer que se vê que ele é grande e corpulento, e tem uma voz grande e estrondosa, e um punho e uma vontade própria; "mas..." aqui ela fez uma bela análise dele, que é melhor representada por uma palavra, "sentimental", com a qual ela quis dizer que ele nunca foi simples e honesto sobre seus sentimentos. Por exemplo, ele raramente falava dos mortos, mas celebrava aniversários com pompa singular. Ela suspeitava que ele cometia atrocidades inomináveis em relação à filha, assim como sempre suspeitara que ele intimidava a esposa.

Naturalmente, ela começou a comparar sua própria sorte com a de sua amiga, pois a esposa de Willoughby talvez fosse a única mulher que Helen chamava de amiga, e essa comparação muitas vezes era o tema central de sua conversa. Ridley era um estudioso e Willoughby um homem de negócios. Ridley estava lançando o terceiro volume de Píndaro quando Willoughby lançava seu primeiro navio. Eles construíram uma nova fábrica no mesmo ano em que o comentário sobre Aristóteles — foi? — apareceu na University Press. "E Rachel", ela olhou para ela, querendo, sem dúvida, decidir a discussão, que de outra forma era muito equilibrada, declarando que Rachel não era comparável aos seus próprios filhos. "Ela realmente pode ter seis anos", foi tudo o que ela disse, porém, esse julgamento referindo-se ao contorno suave e sem marcas do rosto da menina, e não a condenando de outra forma, pois se Rachel algum dia pensasse, sentisse, risse ou se expressasse, em vez de derramar leite de uma altura como se quisesse ver que tipo de gotas ele fazia, ela poderia ser interessante, embora nunca exatamente bonita. Ela era como a mãe, pois a imagem numa piscina num dia calmo de verão é como o rosto vermelho e vívido que paira sobre ela.

Enquanto isso, a própria Helen estava sendo examinada, embora não por nenhuma de suas vítimas. Sr. Pepper olhou para ela; e suas meditações, realizadas enquanto ele cortava as torradas em barras e as untava cuidadosamente com manteiga, conduziram-no por um trecho considerável da autobiografia. Um de seus olhares penetrantes assegurou-lhe que ontem à noite ele estava certo ao julgar que Helen era linda. Brandamente ele passou a geléia para ela. Ela estava falando bobagens, mas não bobagens piores do que as que as pessoas costumam dizer no café da manhã, pois a circulação cerebral, como ele sabia, às suas custas, podia causar problemas àquela hora. Ele continuou dizendo "Não" a ela, por princípio, pois nunca cedeu a

uma mulher por causa do sexo dela. E aqui, baixando os olhos para o prato, ele se tornou autobiográfico. Ele não se casou pela razão suficiente de nunca ter conhecido uma mulher que inspirasse seu respeito. Condenado a passar os suscetíveis anos da juventude numa estação ferroviária de Bombaim, ele só vira mulheres de cor, militares, oficiais; e seu ideal era uma mulher que soubesse ler grego, se não persa, que fosse irrepreensivelmente bela e capaz de compreender as pequenas coisas que ele deixava cair enquanto se despia. Na verdade, ele contraiu hábitos dos quais não se envergonhava nem um pouco. Certos minutos todos os dias eram dedicados a aprender as coisas de cor; ele nunca comprava uma passagem sem anotar o número; ele dedicou janeiro a Petrônio, fevereiro a Catulo, março talvez aos vasos etruscos; de qualquer forma, ele havia feito um bom trabalho na Índia e não havia nada do que lamentar em sua vida, exceto os defeitos fundamentais que nenhum homem sábio lamenta, quando o presente ainda é seu. Concluindo, ele ergueu os olhos de repente e sorriu. Rachel chamou sua atenção.

"E agora você mastigou alguma coisa trinta e sete vezes, suponho?" ela pensou, mas disse educadamente em voz alta: "Suas pernas estão incomodando você hoje, Sr. Pepper?"

"Minhas omoplatas?" ele perguntou, mudando-os dolorosamente. "A beleza não tem efeito sobre o ácido úrico, que eu saiba", ele suspirou, contemplando a vidraça redonda em frente, através da qual o céu e o mar apareciam azuis. Ao mesmo tempo, tirou do bolso um pequeno volume de pergaminho e colocou-o sobre a mesa. Como ficou claro que ele convidava a comentar, Helen perguntou-lhe o nome. Ela conseguiu o nome; mas ela também recebeu uma dissertação sobre o método adequado de fazer estradas. Começando com os gregos, que, segundo ele, tinham muitas dificuldades para enfrentar, ele continuou com os romanos, passou para a Inglaterra e o

método certo, que rapidamente se tornou o método errado, e terminou com tal fúria de denúncias dirigidas contra os construtores de estradas dos dias de hoje em geral, e os construtores de estradas de Richmond Park em particular, onde Mr. empilhe ao lado do prato do Sr. Pepper.

"Seixos!" ele concluiu, deixando cair violentamente outra bolinha de pão na pilha. "As estradas da Inglaterra estão remendadas com seixos! 'Com as primeiras chuvas fortes', eu lhes disse, 'sua estrada se tornará um pântano.' Repetidas vezes minhas palavras provaram ser verdadeiras. Mas você acha que eles me ouvem quando lhes digo isso, quando aponto as consequências, as consequências para o erário público, quando lhes recomendo que leiam Corifeu? Nem um pouco disso; eles têm outros interesses para atender. Não, Sra. Ambrose, você não formará uma opinião justa sobre a estupidez da humanidade até que tenha assento em um Conselho Municipal! O homenzinho olhou para ela com um olhar de energia feroz.

"Tive criados", disse a Sra. Ambrose, concentrando o olhar. "Neste momento, tenho uma enfermeira. Ela é uma boa mulher, mas está determinada a fazer meus filhos orarem. Até agora, devido ao grande cuidado de minha parte, eles pensam em Deus como uma espécie de morsa; mas agora que estou de costas... Ridley", ela exigiu, virando-se para o marido, "o que faremos se os encontrarmos rezando o Pai Nosso quando voltarmos para casa?"

Ridley fez o som representado por "Tush".

Mas Willoughby, cujo desconforto enquanto ouvia se manifestava por um leve movimento de balanço do corpo, disse, sem jeito: "Ah, claro, Helen, um pouco de religião não faz mal a ninguém."

"Eu preferiria que meus filhos contassem mentiras", respondeu ela, e enquanto Willoughby refletia que sua cunhada era ainda mais excêntrica do que ele se lembrava, empurrou a cadeira dela para trás e subiu as escadas. Num segundo eles a ouviram gritar de volta: "Oh, olhe! Estamos no mar!"

Eles a seguiram até o convés. Toda a fumaça e as casas haviam desaparecido, e o navio estava em um amplo espaço de mar muito fresco e claro, embora pálido à luz da manhã. Eles haviam deixado Londres sentados na lama. Uma linha muito fina de sombra afilava-se no horizonte, suficientemente espessa para suportar o fardo de Paris, que, no entanto, repousava sobre ela. Eles estavam livres de estradas, livres da humanidade, e a mesma alegria pela liberdade percorria todos eles. O navio avançava continuamente através de pequenas ondas que o batiam e depois chiavam como água efervescente, deixando uma pequena borda de bolhas e espuma de cada lado. O céu incolor de outubro acima estava levemente nublado, como se fosse um rastro de fumaça de lenha, e o ar estava maravilhosamente salgado e fresco. Na verdade, estava frio demais para ficar parado. A Sra. Ambrose abraçou o marido e, à medida que se afastavam, podia-se ver, pela forma como o rosto inclinado dela se voltava para o dele, que ela tinha algo particular para comunicar. Eles deram alguns passos e Rachel os viu se beijando.

Lá embaixo ela olhou para as profundezas do mar. Embora tivesse sido ligeiramente perturbado na superfície pela passagem do Euphrosyne, abaixo dele era verde e escuro, e foi ficando cada vez mais escuro até que a areia no fundo se tornou apenas um borrão pálido. Mal se viam as costelas negras dos navios naufragados, ou as torres em espiral feitas pelas tocas das grandes enguias, ou os monstros lisos de faces verdes que passavam por aqui e ali.

— "E, Rachel, se alguém me quiser, estou ocupado até uma", disse o pai, reforçando suas palavras como sempre fazia, quando falava com a filha, com um tapa forte no ombro.

"Até uma", ele repetiu. "E você vai conseguir algum emprego, hein? Balança, francês, um pouco de alemão, hein? Tem o Sr. Pepper que sabe mais sobre verbos separáveis do que qualquer homem na Europa, hein?" e ele saiu rindo. Rachel riu também, como de fato ria desde que se lembrava, sem achar graça, mas porque admirava o pai.

Mas justamente quando ela estava se voltando, talvez com o objetivo de encontrar algum emprego, foi interceptada por uma mulher que era tão corpulenta e tão gorda que ser interceptada por ela era inevitável. A maneira discreta e hesitante como ela se movia, juntamente com o sóbrio vestido preto, mostravam que ela pertencia às classes inferiores; no entanto, ela assumiu uma posição semelhante a uma rocha, olhando ao redor para ver se não havia nenhum nobre por perto antes de ela entregar sua mensagem, que se referia ao estado dos lençóis e era da maior gravidade.

"Como iremos realizar esta viagem, senhorita Rachel, eu realmente não posso dizer", ela começou balançando a cabeça. "Só há lençóis suficientes para todos, e o mestre tem um lugar podre onde você pode enfiar os dedos. E as colchas. Você notou as colchas? Pensei comigo mesmo que uma pessoa pobre teria vergonha delas. Aquela que dei ao Sr. Pepper dificilmente serviria para cobrir um cachorro... Não, senhorita Rachel, elas não poderiam ser consertadas; elas só servem para lençóis de poeira. Ora, se alguém costurasse o dedo no osso, teria seu trabalho desfeito na próxima vez que eles foram para a lavanderia."

Sua voz, indignada, vacilou como se as lágrimas estivessem próximas. Não havia nada a fazer senão descer e inspecionar uma grande pilha de roupa de cama amontoada sobre uma mesa. A Sra. Chailey manuseava as folhas como se conhecesse cada uma por nome, caráter e constituição. Algumas tinham manchas amarelas, outras tinham locais onde os fios formavam longas escadas; mas ao olhar comum eles pareciam muito com os lençóis: muito frios, brancos, frios e irreprensivelmente limpos.

De repente, a Sra. Chailey, afastando-se do assunto dos lençóis, descartando-os completamente, cerrou os punhos sobre eles e proclamou: "E você não poderia pedir a uma criatura viva que se sentasse onde eu estou!"

Esperava-se que a Sra. Chailey se sentasse em uma cabine que fosse grande o suficiente, mas muito perto das caldeiras, de modo que depois de cinco minutos ela pudesse ouvir seu coração "bater", queixou-se ela, colocando a mão sobre ele, o que era um estado de coisas que a Sra. Vinrace, que conhecia cada folha de sua casa e esperava de cada um o melhor que pudessem fazer, mas nada mais.

Foi a coisa mais fácil do mundo conceder outro quarto, e o problema dos lençóis se resolveu simultânea e milagrosamente, os pontos e as escadas não sendo uma solução incurável, mas...

"Mentiras! Mentiras! Mentiras!" exclamou a senhora indignada, enquanto corria para o convés. "Qual é a utilidade de me contar mentiras?"

Em sua raiva por uma mulher de cinquenta anos se comportar como uma criança e se aproximar de uma menina, encolhida, porque queria sentar-se onde não tinha permissão para sentar, ela não pensou no caso específico e, ao desembalar sua música, logo se esqueceu completamente da velha e de

seus lençóis.

A Sra. Chailey dobrou os lençóis, mas sua expressão testemunhava a monotonia interior. O mundo já não se importava com ela e um navio não era um lar. Quando as lâmpadas foram acesas ontem e os marinheiros caíram acima de sua cabeça, ela chorou; ela choraria esta noite; ela choraria amanhã. Não estava em casa. Enquanto isso, ela arrumou seus enfeites no quarto que havia conquistado com muita facilidade. Eram estranhos ornamentos para levar em uma viagem marítima: pugs de porcelana, jogos de chá em miniatura, xícaras ornamentadas com os brasões da cidade de Bristol, caixas de grampos de cabelo incrustadas com trevos, cabeças de antílopes em gesso colorido, junto com uma infinidade de pequenas fotografias, representando trabalhadores honestos em suas melhores roupas de domingo, e mulheres segurando bebês brancos. Mas havia um retrato numa moldura dourada, para o qual era necessário um prego, e antes de procurá-lo, a Sra. Chailey colocou os óculos e leu o que estava escrito num pedaço de papel no verso:

"Esta foto de sua amante foi dada a Emma Chailey por Willoughby Vinrace em gratidão por trinta anos de serviço dedicado."

Lágrimas obliteraram as palavras e a ponta do prego.

"Desde que eu possa fazer algo pela sua família", ela dizia, enquanto insistia, quando uma voz chamou melodiosamente no corredor.

"Sra. Chailey! Sra. Chailey!"

Chailey instantaneamente arrumou o vestido, recompôs o rosto e abriu a porta.

"Estou em apuros", disse a Sra. Ambrose, que estava corada e sem fôlego. "Você sabe o que são os cavalheiros. As cadeiras muito altas - as mesas muito baixas - há quinze centímetros entre o chão e a porta. O que eu quero é um martelo, uma colcha velha e você tem uma mesa de cozinha? De qualquer forma, entre nós" - ela agora abriu a porta da sala de estar do marido e revelou Ridley andando de um lado para o outro, com a testa toda enrugada e a gola do casaco levantada.

"É como se eles tivessem se esforçado para me atormentar!" ele gritou, parando de repente. "Eu vim nesta viagem para pegar reumatismo e pneumonia? Na verdade, alguém poderia ter creditado a Vinrace mais bom senso. Minha querida", Helen estava de joelhos debaixo de uma mesa, "você está apenas se desleixando, e é melhor reconhecemos o fato de que estamos condenados a seis semanas de miséria indescritível. Vir foi o cúmulo da loucura, mas agora que estamos aqui, suponho que posso enfrentá-la como um homem. Minhas doenças, é claro, serão aumentou - já me sinto pior do que ontem, mas só temos a agradecer a nós mesmos e às crianças, felizes -"

"Mova-se! Mova-se! Mova-se!" - gritou Helen, perseguindo-o de canto a canto com uma cadeira, como se ele fosse uma galinha errante. "Saia do caminho, Ridley, e em meia hora você o encontrará pronto."

Ela o expulsou da sala, e eles puderam ouvi-lo gemendo e xingando enquanto caminhava pelo corredor.

— Ouso dizer que ele não é muito forte — disse a Sra. Chailey, olhando para a Sra. Ambrose com compaixão, enquanto ela ajudava a mudar de posição e a carregá-lo.

"São livros", suspirou Helen, levantando uma braçada de volumes tristes do chão e colocando-os na estante. "Grego de manhã à noite. Se alguma vez a senhorita Rachel se casar, Chailey, reze para que ela se case com um homem que não conhece o ABC."

Os desconfortos e asperezas preliminares, que geralmente tornam os primeiros dias de uma viagem marítima tão tristes e desgastantes, sendo de alguma forma vividos, os dias seguintes passaram de forma bastante agradável. Outubro estava bem avançado, mas ardia continuamente com um calor que fazia os primeiros meses do verão parecerem muito jovens e caprichosos. Grandes extensões de terra jaziam agora sob o sol de outono, e toda a Inglaterra, desde as charnecas nuas até as rochas da Cornualha, estava iluminada do amanhecer ao pôr do sol, e mostrava-se em faixas amarelas, verdes e roxas. Sob aquela iluminação até os telhados das grandes cidades brilhavam. Em milhares de pequenos jardins, milhões de flores vermelho-escuras desabrochavam, até que as senhoras idosas que as tinham cuidado com tanto cuidado desceram pelos caminhos com as suas tesouras, cortaram os seus caules suculentos e colocaram-nos em saliências de pedra fria na igreja da aldeia. Incontáveis grupos de pessoas que faziam piquenique voltando para casa ao pôr do sol gritavam: "Já existiu um dia como este?" "É você", sussurraram os jovens; "Ah, é você", responderam as jovens. Todos os idosos e muitos doentes foram atraídos, mesmo que fosse apenas por um ou dois centímetros, para o ar livre, e profetizaram coisas agradáveis sobre o curso do mundo. Quanto às confidências e expressões de amor que se ouviam não só nos milharais, mas também nos quartos iluminados, onde as janelas davam para o jardim e os homens com charutos beijavam as mulheres de cabelos grisalhos, não eram contadas. Alguns disseram que o céu era um emblema da vida que tiveram; outros, que era a promessa da vida futura.

Pássaros de cauda longa batiam e gritavam, e cruzavam de bosque em bosque, com olhos dourados na plumagem.

Mas enquanto tudo isso acontecia por terra, poucas pessoas pensavam no mar. Eles presumiam que o mar estava calmo; e não havia necessidade, como acontece em muitas casas quando a trepadeira bate nas janelas dos quartos, de os casais murmurarem antes de se beijarem: "Pense nos navios esta noite" ou "Graças a Deus, não sou o homem do farol!" Por tudo que imaginavam, os navios, quando desapareceram no horizonte, dissolveram-se, como neve na água. A visão dos adultos, na verdade, não era muito mais clara do que a visão das criaturinhas em cuecas de banho que trotavam pela espuma ao longo de toda a costa da Inglaterra e pegavam baldes cheios de água. Eles viram velas brancas ou tufos de fumaça passando pelo horizonte, e se você tivesse dito que eram trombas d'água ou pétalas de flores brancas do mar, eles teriam concordado.

As pessoas nos navios, porém, tinham uma visão igualmente singular da Inglaterra. Não só lhes parecia uma ilha, e uma ilha muito pequena, mas também uma ilha cada vez menor, onde as pessoas estavam presas. Imaginávamos que eles primeiro se aglomeravam como formigas sem rumo e quase se empurravam para a beirada; e então, quando o navio se retirou, imaginou-se que eles faziam um clamor vão que, não sendo ouvido, ou cessou ou se transformou em briga. Finalmente, quando o navio desapareceu da vista de terra, ficou claro que o povo da Inglaterra estava completamente mudo. A doença atacou outras partes da terra; A Europa encolheu, a Ásia encolheu, a África e a América encolheram, até que parecia duvidoso que o navio voltasse a colidir com alguma daquelas pequenas rochas enrugadas. Mas, por outro lado, uma imensa dignidade desceu sobre ela; ela era uma habitante do grande mundo, que tem tão poucos habitantes, viajando o dia

todo por um universo vazio, com véus puxados à sua frente e atrás dela. Ela estava mais sozinha do que a caravana que atravessava o deserto; ela era infinitamente mais misteriosa, movendo-se por seu próprio poder e sustentada por seus próprios recursos. O mar poderia lhe trazer a morte ou alguma alegria sem precedentes, e ninguém saberia disso. Ela era uma noiva saindo para o marido, uma virgem desconhecida dos homens; em seu vigor e pureza ela pode ser comparada a todas as coisas belas, adorada e sentida como um símbolo.

Na verdade, se não tivessem sido abençoados pelo seu tempo, um dia azul sendo amontoado após o outro, suave, redondo e perfeito. A Sra. Ambrose teria achado isso muito chato. Do jeito que estava, ela tinha seu bastidor montado no convés, com uma mesinha ao seu lado na qual estava aberto um volume preto de filosofia. Ela escolheu um fio do emaranhado multicolorido que tinha em seu colo e costurou vermelho na casca de uma árvore ou amarelo na torrente do rio. Ela estava trabalhando em um grande projeto de um rio tropical que atravessava uma floresta tropical, onde cervos malhados acabariam comendo massas de frutas, bananas, laranjas e romãs gigantes, enquanto uma tropa de nativos nus lançava dardos no ar. Entre os pontos ela olhou para o lado e leu uma frase sobre a Realidade da Matéria, ou a Natureza do Bem. Em volta dela, homens de camisa azul ajoelhavam-se e esfregavam as tábuas, ou inclinavam-se sobre os trilhos e assobiavam, e não muito longe dali, o Sr. Pepper estava sentado, cortando raízes com um canivete. O restante estava ocupado em outras partes do navio: Ridley em seu grego — ele nunca havia encontrado alojamento mais do seu agrado; Willoughby em seus documentos, pois ele usou uma viagem para saldar dívidas de negócios; e Rachel — Helen, entre suas frases de filosofia, às vezes se perguntava o que Rachel fazia consigo mesma? Ela pretendia

vagamente ir ver. Eles mal trocaram duas palavras desde aquela primeira noite; eles foram educados quando se conheceram, mas não houve nenhum tipo de confiança. Rachel parecia se dar muito bem com o pai — muito melhor, pensou Helen, do que deveria — e estava tão disposta a deixar Helen em paz quanto Helen estava a deixá-la em paz.

Naquele momento Rachel estava sentada em seu quarto sem fazer absolutamente nada. Quando o navio estava cheio, este apartamento ostentava um título magnífico e era o balneário de senhoras idosas enjoadas que deixavam o convés para os mais jovens. Em virtude do piano e de uma confusão de livros no chão, Rachel considerava aquele o seu quarto, e ali ficava sentada durante horas tocando músicas muito difíceis, lendo um pouco de alemão ou um pouco de inglês quando estava com vontade, e não fazendo - como naquele momento - absolutamente nada.

A maneira como ela foi educada, aliada a uma bela indolência natural, foi, é claro, em parte a razão disso, pois ela foi educada como a maioria das meninas abastadas na última parte do século XIX foi educada. Médicos gentis e professores antigos e gentis lhe ensinaram os rudimentos de cerca de dez ramos diferentes do conhecimento, mas prefeririam forçá-la a passar por um trabalho penoso minuciosamente do que lhe teriam dito que suas mãos estavam sujas. As uma ou duas horas semanais passavam de forma muito agradável, em parte devido ao fato de a vitrine dava para os fundos de uma loja, onde figuras apareciam contra as vitrines vermelhas no inverno, e em parte devido aos acidentes que podem acontecer quando mais de duas pessoas estão juntas na mesma sala. Mas não havia assunto no mundo que ela conhecesse com precisão. Sua mente estava no estado de um homem inteligente no início do reinado da Rainha Elizabeth; ela acreditaria em praticamente qualquer coisa que lhe dissessem, inventaria razões para tudo

o que dissesse. A forma da Terra, a história do mundo, como funcionavam os comboios ou como o dinheiro era investido, que leis estavam em vigor, que pessoas queriam o quê e por que o queriam, a ideia mais elementar de um sistema na vida moderna - nada disto lhe tinha sido transmitido por qualquer um dos seus professores ou professoras. Mas este sistema de educação tinha uma grande vantagem. Não ensinou nada, mas não colocou nenhum obstáculo no caminho de qualquer talento real que o aluno pudesse ter. Rachel, sendo musical, não pôde aprender nada além de música; ela se tornou uma fanática por música. Todas as energias que poderiam ter sido investidas nas línguas, na ciência ou na literatura, que poderiam ter feito seus amigos ou lhe mostrado o mundo, foram diretamente canalizadas para a música. Considerando que seus professores eram inadequados, ela praticamente aprendeu sozinha. Aos vinte e quatro anos, ela sabia tanto sobre música quanto a maioria das pessoas aos trinta; e podia brincar tão bem quanto a natureza desejava, o que, como se tornava cada vez mais óbvio, era uma mesada realmente generosa. Se esse presente definitivo estivesse cercado de sonhos e ideias da mais extravagante e tola descrição, ninguém ficaria sabendo.

Sendo sua educação tão comum, suas circunstâncias não eram mais fora do comum. Ela era filha única e nunca havia sido intimidada e ridicularizada por irmãos e irmãs. Tendo a mãe morrido quando ela tinha onze anos, duas tias, irmãs do pai, criaram-na e viveram por causa do ar fresco numa casa confortável em Richmond. É claro que ela foi criada com cuidados excessivos, o que quando criança era para sua saúde; quando menina e jovem pelo que parece quase grosseiro chamar de moral. Até bem recentemente, ela ignorava completamente que tais coisas existiam para as mulheres. Ela procurou conhecimento em livros antigos e o encontrou em

pedaços repulsivos, mas não gostava naturalmente de livros e, portanto, nunca se preocupou com a censura exercida primeiro por suas tias, depois por seu pai. Os amigos podiam ter-lhe contado coisas, mas ela tinha poucos da sua idade - Richmond era um lugar difícil de alcançar - e, por acaso, a única rapariga que ela conhecia bem era uma fanática religiosa que, no fervor da intimidade, falava de Deus e das melhores formas de carregar a cruz, um tema apenas intermitentemente interessante para alguém cuja mente alcançava outros estágios noutras alturas.

Mas deitada na cadeira, com uma mão atrás da cabeça e a outra segurando a maçaneta do braço, ela estava claramente seguindo atentamente seus pensamentos. Sua educação deixou-lhe muito tempo para pensar. Seus olhos estavam tão fixos em uma bola na amurada do navio que ela teria ficado assustada e irritada se alguma coisa tivesse acontecido para obscurecê-la por um segundo. Ela havia começado suas meditações com uma gargalhada, causada pela seguinte tradução de Tristão:

Ao diminuir a ansiedade, Sua vergonha ele parece esconder Enquanto ao rei sua relação Ele traz a Noiva cadavérica. Parece tão sem sentido o que eu digo?

Ela chorou e jogou o livro no chão. Em seguida, ela pegou as Cartas de Cowper, o clássico prescrito por seu pai e que a entediava, de modo que uma frase dizendo algo sobre o cheiro de vassoura em seu jardim, ela viu o pequeno salão em Richmond carregado de flores no dia do funeral de sua mãe, cheirando tão forte que agora qualquer perfume de flor trazia de volta a sensação doentia e horrível; e assim ela passou de uma cena, meio ouvindo, meio vendo, para outra. Ela viu sua tia Lucy arrumando flores na sala de estar.

"Tia Lucy", ela se ofereceu, "não gosto do cheiro de vassoura; me lembra funerais."

"Bobagem, Rachel", respondeu tia Lucy; "não diga essas bobagens, querido. Sempre achei que é uma planta particularmente alegre."

Deitada sob o sol quente, sua mente estava fixada no caráter de suas tias, em suas opiniões e no modo como viviam. Na verdade, esse foi um assunto que durou centenas de caminhadas matinais pelo Richmond Park, e encobriu as árvores, as pessoas e os cervos. Por que eles fizeram as coisas que fizeram, o que sentiram e do que se tratava? Mais uma vez ela ouviu tia Lucy conversando com tia Eleanor. Ela tinha ido naquela manhã assumir o papel de criada: "E, claro, às dez e meia da manhã espera-se encontrar a empregada escovando as escadas." Que estranho! Quão indescritivelmente estranho! Mas ela não conseguia explicar a si mesma por que, de repente, enquanto a tia falava, todo o sistema em que viviam apareceu diante de seus olhos como algo totalmente desconhecido e inexplicável, e eles mesmos, como cadeiras ou guarda-chuvas, caíram aqui e ali sem qualquer motivo. Ela só conseguiu dizer com sua leve gagueira: "Você gosta de tia Eleanor, tia Lucy?" ao que sua tia respondeu, com sua risada nervosa e chilreada de galinha: "Minha querida criança, que perguntas você faz!"

"Gostou muito? Gostou muito?" Raquel perseguiu.

"Não posso dizer que alguma vez tenha pensado em 'como'", disse Miss Vinrace. "Se alguém se importa, não pensa 'como', Rachel", dirigido à sobrinha que ainda não havia "vindo" às tias com a cordialidade que elas desejavam.

"Mas você sabe que eu me importo com você, não é, querida, porque você é filha da sua mãe, pelo menos por outro motivo, e há muitos outros motivos" — e ela se inclinou e beijou-a com alguma emoção, e a discussão foi derramada irremediavelmente sobre o lugar como o proverbial balde de leite.

Por esses meios Rachel alcançou aquele estágio de pensamento, se é que podemos chamá-lo de pensamento, em que os olhos se fixam em uma bola ou botão e os lábios param de se mover. Seus esforços para chegar a um entendimento só feriram os sentimentos da tia, e a conclusão deve ser que é melhor não tentar. Sentir algo fortemente era criar um abismo entre nós e os outros que sentem fortemente, talvez, mas de forma diferente. Era muito melhor tocar piano e esquecer todo o resto. A conclusão foi muito bem-vinda. Deixe que esses homens e mulheres estranhos - suas tias, os Hunt, Ridley, Helen, o Sr. Pepper e o resto - sejam símbolos - sem características, mas dignos, símbolos de idade, de juventude, de maternidade, de aprendizagem, e muitas vezes bonitos como as pessoas no palco são bonitas. Parecia que ninguém jamais dizia algo que queria dizer, ou falava de um sentimento que sentia, mas era para isso que servia a música. A realidade reside naquilo que se viu e sentiu, mas sobre o qual não se falou, poder-se-ia aceitar um sistema em que as coisas girassem e girassem de forma bastante satisfatória para outras pessoas, sem muitas vezes se preocuparem em pensar nisso, exceto como algo superficialmente estranho. Absorvida por sua música, ela aceitou sua situação com muita complacência, inflamando-se de indignação talvez uma vez a cada quinze dias, e cedendo como cedeu agora. Inextricavelmente misturada numa confusão onírica, a sua mente parecia entrar em comunhão, expandir-se e combinar-se deliciosamente, com o espírito das tábuas esbranquiçadas do convés, com o espírito do mar, com o espírito da Op. de Beethoven. III, mesmo com o espírito do pobre William Cowper lá em Olney.

Como uma bola de penugem de cardo, ela beijou o mar, levantou-se, beijou-o novamente e, assim, subindo e beijando, finalmente desapareceu de vista. O subir e descer da bola de penugem era representado pela súbita inclinação de sua cabeça para a frente e, quando ela desapareceu de vista, ela estava dormindo.

Dez minutos depois, a Sra. Ambrose abriu a porta e olhou para ela. Não a surpreendeu descobrir que era assim que Rachel passava as manhãs. Ela olhou ao redor da sala, para o piano, para os livros, para a bagunça geral. Em primeiro lugar, ela considerava Rachel esteticamente; deitada desprotegida, ela parecia de alguma forma uma vítima caída das garras de uma ave de rapina, mas considerada como uma mulher, uma jovem de vinte e quatro anos, a visão suscitou reflexões. A Sra. Ambrose ficou pensando por pelo menos dois minutos. Ela então sorriu, virou-se silenciosamente e saiu, para que o dorminhoco não acordasse e houvesse estranheza na fala entre eles.

## 03. Capítulo Três

Vida marítima, leituras, música e a formação sensível de Rachel durante a viagem.

NO CEDO DA MANHÃ SEGUINTE, ouviu-se um som como o de correntes sendo puxadas bruscamente no alto; o coração firme do Euphrosyne parou lentamente de bater; e Helen, enfiando o nariz no convés, viu um castelo estacionário sobre uma colina estacionária. Tinham lançado âncora na foz do Tejo e, em vez de abrirem novas ondas perpetuamente, as mesmas ondas voltavam e batiam nas laterais do navio.

Assim que o café da manhã terminou, Willoughby desapareceu pela lateral do navio, carregando uma maleta de couro marrom, gritando por cima do ombro que todos deveriam se cuidar e se comportar, pois ele ficaria em Lisboa, fazendo negócios, até as cinco horas daquela tarde.

Por volta daquela hora ele reapareceu, carregando sua maleta, declarando-se cansado, incomodado, com fome, sede, frio e necessitando imediatamente de seu chá. Esfregando as mãos, ele contou-lhes as aventuras do dia: como ele encontrou o pobre e velho Jackson penteando o bigode diante do vidro do escritório, sem esperar sua descida, o fez passar por um trabalho matinal que raramente acontecia em seu caminho; depois ofereceu-lhe um almoço de champanhe e ortolanos; fez uma visita à Sra. Jackson, que estava mais gordo do que nunca, pobre mulher, mas perguntou gentilmente por Rachel - e, meu Deus, o pequeno Jackson havia confessado uma maldita fraqueza - bem, bem, nenhum mal foi feito, ele supôs, mas de que adiantaria ele dar ordens se elas fossem prontamente desobedecidas? Ele havia dito claramente que não levaria passageiros nesta viagem. Aqui ele começou a procurar nos bolsos e finalmente descobriu um cartão, que colocou na mesa diante de Rachel. Nele ela lia: "Sr. e Sra. Richard Dalloway, 23 Browne Street, Mayfair".

"O Sr. Richard Dalloway", continuou Vinrace, "parece ser um cavalheiro que pensa que, por já ter sido membro do Parlamento, e sua esposa ser filha de um nobre, eles podem ter o que quiserem se pedirem. Eles contornaram o pobre pequeno Jackson de qualquer maneira. Disseram que devem ter passagens - produziram uma carta de Lord Glenaway, pedindo-me como um favor pessoal - rejeitaram quaisquer objeções que Jackson fez (não acredito que tenham feito muito), e então não há nada para apenas submeter-se, suponho."

Mas era evidente que, por uma razão ou outra, Willoughby ficou bastante satisfeito em submeter-se, embora tenha rosnado fingidamente.

A verdade é que o Sr. e a Sra. Dalloway ficaram retidos em Lisboa. Eles estavam viajando pelo continente há algumas semanas, principalmente com o objetivo de ampliar a mente do Sr. Dalloway. Incapaz durante um período, devido a um dos acidentes da vida política, de servir o seu país no Parlamento, o Sr. Dalloway estava a fazer o melhor que podia para servi-lo fora do Parlamento. Para esse efeito, os países latinos saíram-se muito bem, embora o Leste, claro, tivesse feito melhor.

"Espere notícias minhas em Petersburgo ou Teerã", ele dissera, virando-se para acenar adeus nos degraus da casa dos Viajantes. Mas uma doença eclodiu no Leste, havia cólera na Rússia e ouviu-se falar dele, de forma não tão romântica, em Lisboa. Eles passaram pela França; ele havia parado em centros de produção onde, produzindo cartas de apresentação, foi apresentado a trabalhos e anotado fatos em uma caderneta. Na Espanha, ele e a Sra. Dalloway montaram em mulas, pois queriam entender como vivem os camponeses. Estarão eles, por exemplo, maduros para a rebelião? A Sra. Dalloway insistiu então em passar um ou dois dias em Madri com as fotos.

Finalmente chegaram a Lisboa e passaram seis dias que, num diário publicado posteriormente em privado, descreveram como de "interesse único". Richard teve audiências com ministros e previu uma crise em uma data não distante, "os fundamentos do governo sendo incuravelmente corruptos. No entanto, que culpa, etc."; enquanto Clarissa inspecionava os estábulos reais e tirava várias fotos mostrando homens agora exilados e janelas quebradas. Entre outras coisas, ela fotografou o túmulo de Fielding e soltou um pequeno pássaro que algum rufião havia capturado, "porque detesta pensar em qualquer coisa em uma gaiola onde os ingleses estão enterrados", afirmava o diário. A viagem deles foi totalmente pouco convencional e não seguiu nenhum plano meditado. Os correspondentes estrangeiros do Times decidiam o seu caminho tanto quanto qualquer outra coisa. O Sr. Dalloway desejava examinar certas armas e era de opinião que a costa africana é muito mais instável do que as pessoas em seu país estavam inclinadas a acreditar. Por essas razões, queriam um tipo de navio lento e curioso, confortável, pois eram maus marinheiros, mas não extravagantes, que parasse um ou dois dias neste e naquele porto, abastecendo carvão enquanto os Dalloway viam as coisas por si próprios. Entretanto, encontraram-se encalhados em Lisboa, incapazes, de momento, de deitar as mãos ao navio exacto que pretendiam. Eles ouviram falar do Euphrosyne, mas também ouviram que ele era principalmente um barco de carga e só levava passageiros mediante acordo especial, sendo sua função transportar produtos secos para o Amazonas e trazer borracha para casa novamente. "Por arranjo especial", porém, eram palavras de grande encorajamento em seus ouvidos, pois vinham de uma classe onde quase tudo era especialmente arranjado, ou poderia ser, se necessário. Nessa ocasião, tudo o que Richard fez foi escrever uma nota a Lord Glenaway, o chefe da linhagem que leva seu

título; visitar o pobre e velho Jackson; representar para ele como a Sra. Dalloway era fulano de tal, e ele tinha sido uma coisa ou outra, e o que eles queriam era tal e tal coisa. Estava feito. Eles se despediram com elogios e prazer de ambos os lados, e aqui, uma semana depois, chegou o barco remando até o navio ao anoitecer, com os Dalloways a bordo; em três minutos estavam juntos no convés do Euphrosyne. A chegada deles, é claro, criou alguma agitação, e vários pares de olhos puderam perceber que a Sra. Dalloway era uma mulher alta e magra, com o corpo envolto em peles e a cabeça coberta de véus, enquanto o Sr. Muitas bolsas de couro sólido de um rico tom marrom logo os cercaram, além das quais o Sr. Dalloway carregava uma caixa de despacho e sua esposa um estojo que sugeria colares de diamantes e garrafas com tampas de prata.

“É tão parecido com Whistler!” ela exclamou, com um aceno em direção à costa, enquanto apertava a mão de Rachel, e Rachel só teve tempo de olhar para as colinas cinzentas ao seu lado antes de Willoughby apresentar a Sra. Chailey, que levou a senhora para sua cabana.

Por mais momentânea que parecesse, a interrupção foi perturbadora; todos ficaram mais ou menos incomodados com isso, desde o Sr. Grice, o administrador, até o próprio Ridley. Poucos minutos depois, Rachel passou pela sala de fumo e encontrou Helen movendo poltronas. Ela estava absorta em seus rearranjos e, ao ver Rachel, comentou confidencialmente:

“Se alguém puder dar aos homens um espaço onde possam sentar-se, será uma boa ideia. Poltronas são as coisas importantes...” Ela começou a empurrá-las. “Agora, ainda parece um bar em uma estação ferroviária?”

Ela arrancou uma colcha de pelúcia de uma mesa. A aparência do local melhorou maravilhosamente.

Mais uma vez, a chegada dos estranhos tornou óbvio para Rachel, à medida que se aproximava a hora do jantar, que ela deveria trocar de vestido; e o toque do grande sino encontrou-a sentada na beira do beliche, numa posição tal que o pequeno vidro acima do lavatório refletia sua cabeça e seus ombros. No espelho ela exibia uma expressão de tensa melancolia, pois chegara à deprimente conclusão, desde a chegada dos Dalloway, de que seu rosto não era o rosto que ela queria, e muito provavelmente nunca seria.

No entanto, a pontualidade havia sido impressa nela e, qualquer que fosse o rosto que ela tivesse, ela deveria entrar para jantar com ele.

Esses poucos minutos foram usados por Willoughby para desenhar para os Dalloway as pessoas que eles iriam encontrar e verificá-las em seus dedos.

"Lá está meu cunhado, Ambrose, o estudioso (atrevo-me a dizer que você já ouviu o nome dele), sua esposa, meu velho amigo Pepper, um sujeito muito quieto, mas que sabe tudo, segundo me disseram. E isso é tudo. Somos um grupo muito pequeno. Vou deixá-los na costa."

A Sra. Dalloway, com a cabeça um pouco inclinada para o lado, fez o possível para se lembrar de Ambrose — seria um sobrenome? —, mas não conseguiu. Ela ficou um pouco desconfortável com o que ouviu. Ela sabia que os estudiosos se casavam com qualquer pessoa — garotas que conheciam nas fazendas em festas de leitura; ou pequenas mulheres suburbanas que diziam desagradavelmente: "Claro que sei que é meu marido que você quer; não eu."

Mas Helen entrou naquele momento, e a Sra. Dalloway viu com alívio que, embora de aparência um pouco excêntrica, ela não era desarrumada, tinha um bom comportamento e sua voz continha contenção, o que ela considerava

o sinal de uma dama. Sr. Pepper não se preocupou em trocar seu terno feio e elegante.

"Mas afinal", Clarissa pensou consigo mesma enquanto seguia Vinrace para jantar, "todo mundo é realmente interessante."

Quando estava sentada à mesa, ela precisava dessa segurança, principalmente por causa de Ridley, que chegou atrasado, parecia decididamente desleixado e começou a tomar sopa em profunda tristeza.

Um sinal imperceptível passou entre marido e mulher, significando que eles compreenderam a situação e apoiariam um ao outro lealmente. Quase sem pausa, a Sra. Dalloway virou-se para Willoughby e começou:

"O que acho tão cansativo no mar é que nele não há flores. Imagine campos de malvas-rosa e violetas no meio do oceano! Que divino!"

"Mas um tanto perigoso para a navegação", trovejou Richard, no baixo, como o fagote ao som do violino de sua esposa. "Ora, as ervas daninhas podem ser ruins o suficiente, não é, Vinrace? Lembro-me de cruzar o Maurítânia uma vez e perguntar ao capitão - Richards - você o conhecia? - 'Agora me diga quais perigos você realmente mais teme para o seu navio. Capitão Richards?' esperando que ele dissesse icebergs, ou abandonados, ou neblina, ou algo desse tipo. Nem um pouco disso. Sempre me lembrei da resposta dele. 'Sedgus aquatici', disse ele, o que considero uma espécie de erva-d'água."

Pepper ergueu os olhos bruscamente e estava prestes a fazer uma pergunta quando Willoughby continuou:

"Eles estão passando por momentos terríveis... aqueles capitães! Três mil almas a bordo!"

"Sim, de fato", disse Clarissa. Ela se virou para Helen com um ar profundo. "Estou convencido de que as pessoas estão erradas quando dizem que é trabalho que veste; é responsabilidade. É por isso que se paga mais à cozinheira do que à empregada doméstica, suponho."

"De acordo com isso, a pessoa deveria pagar o dobro à enfermeira; mas isso não acontece", disse Helen.

"Não; mas pense que alegria ter a ver com bebês, em vez de panelas!" - disse a Sra. Dalloway, olhando com mais interesse para Helen, uma provável mãe.

"Prefiro ser cozinheira do que enfermeira", disse Helen. "Nada me induziria a cuidar de crianças."

"As mães sempre exageram", disse Ridley. "Uma criança bem-educada não é responsabilidade. Viajei por toda a Europa com os meus. Basta embrulhá-los bem e colocá-los na prateleira."

Helen riu disso. A Sra. Dalloway exclamou, olhando para Ridley:

"Que jeito de pai! Meu marido é igualzinho. E aí se fala em igualdade entre os sexos!"

"Algum?" disse o Sr. Pepper.

"Ah, alguns fazem!" gritou Clarissa. "Meu marido teve que passar por uma senhora irada todas as tardes na última sessão que não disse mais nada, imagino."

"Ela sentou-se do lado de fora de casa; foi muito estranho", disse Dalloway. "Finalmente criei coragem e disse a ela: 'Minha boa criatura, você só está atrapalhando onde está. Você está me atrapalhando e não está fazendo

nenhum bem a si mesmo."

"E então ela o pegou pelo casaco e teria arrancado seus olhos..." a Sra. Dalloway interveio.

"Pooh, isso foi exagerado", disse Richard. "Não, tenho pena deles, confesso. O desconforto de sentar naqueles degraus deve ser terrível."

"Sirva-os bem", disse Willoughby secamente.

"Ah, estou inteiramente de acordo com você", disse Dalloway. "Ninguém pode condenar mais do que eu a total loucura e futilidade de tal comportamento; e quanto a toda a agitação, bem! Que eu esteja no túmulo antes que uma mulher tenha o direito de votar na Inglaterra! Isso é tudo que digo."

A solenidade da afirmação do marido deixou Clarissa séria.

"É impensável", disse ela. "Não me diga que você é sufragista?" ela se virou para Ridley.

"Eu não me importo nem um pouco", disse Ambrose. "Se alguma criatura está tão iludida a ponto de pensar que um voto lhe faz algum bem, deixe-o ficar com ele. Em breve ele aprenderá melhor."

"Você não é um político, pelo que vejo", ela sorriu.

"Meu Deus, não", disse Ridley.

"Receio que seu marido não me aprove", disse Dalloway à parte, para a Sra. Ambrose. De repente ela se lembrou de que ele estivera no Parlamento.

"Você nunca acha isso um tanto chato?" ela perguntou, sem saber exatamente o que dizer.

Richard abriu as mãos diante dele, como se inscrições sobre o que ela lhe pediu pudessem ser lidas nas palmas delas.

"Se você me perguntar se alguma vez achei isso um tanto enfadonho", disse ele, "devo dizer que sim; por outro lado, se você me perguntar que carreira você considera no geral, levando o bom com o ruim, o mais agradável e invejável, para não falar do seu lado mais sério, de todas as carreiras, para um homem, sou obrigado a dizer, 'O do Político'."

"A Ordem dos Advogados ou a política, eu concordo", disse Willoughby. "Você ganha mais dinheiro com seu dinheiro."

"Todas as faculdades de uma pessoa têm a sua função", disse Richard. "Posso estar pisando em terreno perigoso; mas o que sinto em relação aos poetas e artistas em geral é o seguinte: em suas próprias linhas, você não pode ser derrotado - é verdade; mas fora de suas próprias linhas - puff - é preciso fazer concessões. Agora, eu não gostaria de pensar que alguém tivesse que fazer concessões para mim."

"Não concordo muito, Richard", disse a Sra. Dalloway. "Pense em Shelley. Sinto que há quase tudo que se deseja em 'Adonais'."

"Leia 'Adonais' sem dúvida", admitiu Richard. "Mas sempre que ouço falar de Shelley, repito para mim mesmo as palavras de Matthew Arnold: 'Que conjunto! Que conjunto!'"

Isso despertou a atenção de Ridley. "Matthew Arnold? Um pedante detestável!" ele retrucou.

"Um pedante, é verdade", disse Richard; "mas, eu acho, um homem do mundo. É aí que entra o meu ponto. Nós, políticos, sem dúvida parecemos para você" (ele havia percebido de alguma forma que Helen era a representante das artes) "um conjunto de pessoas grosseiras e comuns; mas vemos os dois lados; podemos ser desajeitados, mas fazemos o nosso melhor para entender as coisas. Agora seus artistas encontram as coisas em uma bagunça, encolhem os ombros, desviam-se para suas visões - que eu admito que podem ser muito bonitas - e deixam as coisas em uma bagunça. Agora isso me parece fugir das responsabilidades. Além disso, nem todos nascemos com faculdade artística.

"É horrível", disse a Sra. Dalloway, que, enquanto o marido falava, estava pensando. "Quando estou com artistas, sinto intensamente a delícia de se fechar em um mundinho próprio, com fotos, música e tudo que é lindo, e então saio para a rua e a primeira criança que encontro com sua carinha pobre, faminta e suja me faz virar e dizer: 'Não, não posso me calar - não vou viver em um mundo só meu. Você não acha'", ela concluiu, dirigindo-se a Helen, "que a vida é um conflito perpétuo?"

Helen considerou por um momento. "Não", ela disse. "Acho que não."

Houve uma pausa, que foi decididamente desconfortável. A Sra. Dalloway então estremeceu um pouco e perguntou se ela poderia pedir que lhe trouxessem seu manto de pele. Enquanto ela ajustava o pelo macio e marrom em volta do pescoço, um novo assunto lhe ocorreu.

"Confesso", disse ela, "que nunca esquecerei a Antígona. Vi-a em Cambridge, há anos, e tem-me assombrado desde então. Não achas que é a coisa mais moderna que alguma vez viste?" ela perguntou a Ridley. "Pareceu-me que conheci vinte Clitemnestras. A velha Lady Ditchling, por exemplo. Não sei

uma palavra de grego, mas poderia ouvi-la para sempre..."

Aqui, Sr. Pepper, atacou:

Muitas são as coisas espantosas, e nenhuma é mais espantosa que o homem. Ele atravessa o mar cinzento além, levado pelo vento sul de inverno, passando sob vagas que o cercam e rugem.

A Sra. Dalloway olhou para ele com os lábios comprimidos.

"Eu daria dez anos da minha vida para saber grego", disse ela, quando ele terminou.

"Eu poderia lhe ensinar o alfabeto em meia hora", disse Ridley, "e você leria Homero em um mês. Acho uma honra instruí-lo."

Helen, envolvida com o Sr. Dalloway e com o hábito, agora em declínio, de citar grego na Câmara dos Comuns, observou, no grande livro de lugares-comuns que está aberto ao nosso lado enquanto conversamos, o fato de que todos os homens, mesmo homens como Ridley, realmente preferem que as mulheres estejam na moda.

Clarissa exclamou que não conseguia pensar em nada mais encantador. Por um instante, ela se viu em sua sala de estar na Browne Street com um Platão aberto sobre os joelhos — Platão no original grego. Ela não podia deixar de acreditar que um verdadeiro estudioso, se estivesse especialmente interessado, poderia enfiar o grego em sua cabeça sem quase nenhum problema.

Ridley a contratou para vir amanhã.

"Se ao menos o seu navio nos tratar bem!" ela exclamou, atraindo Willoughby para o jogo. Para o bem dos convidados, e estes eram ilustres, Willoughby estava pronto, com uma inclinação de cabeça, para atestar o bom comportamento até mesmo das ondas.

"Estou terrivelmente mal; e meu marido não é muito bom", suspirou Clarissa.

"Nunca fico doente", explicou Richard, "Pelo menos, só fiquei doente uma vez", ele se corrigiu. "Isso foi cruzar o Canal da Mancha. Mas um mar agitado, confesso, ou pior ainda, uma ondulação, me deixa nitidamente desconfortável. O melhor é nunca perder uma refeição. Você olha para a comida e diz: 'Não posso'; você dá um gole e só Deus sabe como vai engoli-lo; mas persevere, e muitas vezes resolve o ataque para sempre. Minha esposa é uma covarde. "

Eles estavam empurrando as cadeiras para trás. As senhoras hesitavam na porta.

"É melhor eu mostrar o caminho", disse Helen, avançando.

Raquel a seguiu. Ela não participou da conversa; ninguém havia falado com ela; mas ela ouviu cada palavra que foi dita. Ela olhou da Sra. Dalloway para o Sr. Dalloway, e do Sr. Dalloway novamente. Clarissa, de fato, era um espetáculo fascinante. Ela usava um vestido branco e um longo colar brilhante. Com suas roupas e seu rosto delicado e arqueado, que mostrava um rosa primoroso sob o cabelo ficando grisalho, ela parecia surpreendentemente uma obra-prima do século XVIII — um Reynolds ou um Romney. Ela fez Helen e os outros parecerem grosseiros e desleixados ao lado dela. Sentada levemente ereta, ela parecia estar lidando com o mundo como ela queria; o enorme globo sólido girava de um lado para o outro sob

seus dedos. E o marido dela! O Sr. Dalloway com aquela voz rica e deliberada foi ainda mais impressionante. Ele parecia vir do centro oleoso e zumbido da máquina, onde as hastes polidas deslizam e os pistões batem; ele agarrou as coisas com tanta firmeza, mas com tanta liberdade; ele fez os outros parecerem solteironas barateando os restos. Rachel seguiu atrás das matronas, como se estivesse em transe; um curioso aroma de violetas voltou da Sra. Dalloway, misturando-se ao suave farfalhar de suas saias e ao tilintar de suas correntes. Enquanto a seguia, Rachel pensava com suprema auto-humilhação, absorvendo todo o curso de sua vida e da vida de todos os seus amigos: "Ela disse que vivíamos em um mundo só nosso. É verdade. Somos perfeitamente absurdos."

"Sentamo-nos aqui", disse Helen, abrindo a porta do salão.

"Você joga?" - disse a Sra. Dalloway à Sra. Ambrose, pegando a partitura de Tristan que estava sobre a mesa.

"Minha sobrinha tem", disse Helen, colocando a mão no ombro de Rachel.

"Oh, como eu invejo você!" Clarissa dirigiu-se a Rachel pela primeira vez.

"Você se lembra disso? Não é divino?" Ela tocou um ou dois compassos com os dedos anelados na página.

"E então Tristão vai assim, e Isolda! Você já esteve em Bayreuth?"

"Não, não tenho", disse Rachel.

"Então isso ainda está por vir. Jamais esquecerei meu primeiro Parsifal - um dia escaldante de agosto, e aquelas velhas alemãs gordas, com seus vestidos altos e abafados, e depois o teatro escuro, e a música começando, e não se conseguia evitar os soluços. Um homem gentil foi buscar água para mim, eu

me lembro; e eu só conseguia chorar em seu ombro! Aquilo me pegou aqui" (ela tocou sua garganta). "É diferente de tudo no mundo! Mas onde está o seu piano?"

"Está em outro quarto", explicou Rachel.

"Mas você vai tocar para nós?" Clarissa implorou. "Não consigo imaginar nada mais agradável do que sentar ao luar e ouvir música - só que isso soa muito como uma estudante! Você sabe", disse ela, virando-se para Helen um pouco misteriosamente, "não acho que a música seja totalmente boa para as pessoas - receio que não."

"Um esforço muito grande?" perguntou Helena.

"Muito emotivo", disse Clarissa. "Percebemos isso imediatamente quando um menino ou uma menina adota a música como profissão. Sir William Broadley me disse exatamente a mesma coisa. Você não odeia o tipo de atitude que as pessoas tomam por causa de Wagner... como esta..." Ela olhou para o teto, juntou as mãos e assumiu uma expressão de intensidade. "Isso realmente não significa que eles o apreciam; na verdade, sempre penso que é o contrário. As pessoas que realmente se preocupam com uma arte são sempre as menos afetadas. Você conhece Henry Philips, o pintor?" ela perguntou.

"Eu o vi", disse Helen.

"Olhando, pode-se pensar que ele foi um corretor da bolsa de sucesso, e não um dos maiores pintores da época. É disso que eu gosto."

"Existem muitos corretores de bolsa de sucesso, se você quiser observá-los", disse Helen.

Rachel desejou veementemente que sua tia não fosse tão perversa.

"Quando você vê um músico com cabelo comprido, você não sabe instintivamente que ele é ruim?" Clarissa perguntou, virando-se para Rachel. "Watts e Joachim - eles se pareciam com você e eu."

"E como eles ficariam muito mais bonitos com cachos!" disse Helena. "A questão é: você vai buscar a beleza ou não?"

"Limpeza!" disse Clarissa: "Eu quero que um homem pareça limpo!"

"Por limpeza você quer dizer roupas bem cortadas", disse Helen.

"Há algo pelo qual se conhece um cavalheiro", disse Clarissa, "mas não se pode dizer o que é".

"Leve meu marido agora, ele parece um cavalheiro?"

A pergunta pareceu a Clarissa de extraordinariamente mau gosto. "Uma das coisas que não pode ser dita", ela teria dito. Ela não conseguiu encontrar resposta, apenas uma risada.

"Bem, de qualquer forma", ela disse, virando-se para Rachel, "vou insistir para que você toque para mim amanhã."

Havia algo em seus modos que fazia Rachel amá-la.

A Sra. Dalloway escondeu um pequeno bocejo, uma mera dilatação das narinas.

"Você sabe", disse ela, "estou com um sono extraordinário. É a brisa do mar. Acho que vou escapar."

A voz de um homem, que ela imaginou ser a do Sr. Pepper, estridente na discussão e avançando pelo salão, deu-lhe o alarme.

"Boa noite, boa noite!" ela disse. "Oh, eu conheço o meu caminho - reze para ter calma! Boa noite!"

Então ela continuou escrevendo, preenchendo folhas e sorrindo enquanto as preenchia, até que a porta se abriu.

"Seu covarde!" — disse Richard, quase enchendo a sala com sua figura robusta.

"De qualquer forma, você se deixou levar pelo alfabeto grego."

"Oh, minha querida! Quem é Ambrose?"

"Suponho que ele foi um professor de Cambridge; agora mora em Londres e edita clássicos."

"Você já viu um par de excêntricos assim? A mulher me perguntou se eu achava que o marido dela parecia um cavalheiro!"

"Foi difícil manter a bola rolando durante o jantar, certamente." disse Ricardo. "Por que é que as mulheres dessa turma são muito mais estranhas que os homens?"

"Eles não são tão feios, na verdade... só que... são tão estranhos!"

Ambos riram, pensando nas mesmas coisas, de modo que não houve necessidade de comparar suas impressões.

"Vejo que terei muito a dizer a Vinrace", disse Richard. "Ele conhece Sutton e todo esse conjunto. Ele pode me contar muitas coisas sobre as condições da construção naval no Norte."

"Oh, estou feliz. Os homens sempre são muito melhores que as mulheres."

“Certamente sempre se tem algo a dizer a um homem”, disse Richard. “Mas não tenho dúvidas de que você vai tagarelar rápido sobre os bebês, Clarice.”

“Ela tem filhos? De alguma forma, ela não parece.”

“Dois. Um menino e uma menina.”

Uma pontada de inveja percorreu o coração da Sra. Dalloway.

“Devemos ter um filho, Dick”, disse ela.

“Meu Deus, que oportunidades existem agora para os jovens!” — disse Dalloway, pois seu discurso o fez pensar. — Não creio que tenha havido uma estreia tão boa desde os tempos de Pitt.

“E é seu!” disse Clarissa.

“Para ser um líder de homens”, Richard solilóquiou. “É uma ótima carreira. Meu Deus, que carreira!”

O peito curvou-se lentamente sob o colete.

“Sabe, Dick, não consigo deixar de pensar na Inglaterra”, disse sua esposa meditativamente, apoiando a cabeça em seu peito. “Estar neste navio parece tornar tudo muito mais vívido - o que significa ser inglês. Pensamos em tudo o que fizemos, e em nossas marinhas, e nas pessoas na Índia e na África, e em como continuamos século após século, enviando meninos de pequenas aldeias do interior - e em homens como você, Dick, e isso nos faz sentir como se não suportássemos não ser ingleses! Pense na luz queimando sobre a casa, Dick! Quando eu estava no convés agora mesmo, parecia vê-la. É o que se entende por Londres.”

"É a continuidade", disse Richard sentenciosamente. Uma visão da história inglesa, King seguindo King, primeiro-ministro, primeiro-ministro e Law Law, tomou conta dele enquanto sua esposa falava. Ele seguiu a linha da política conservadora, que ia continuamente de Lord Salisbury a Alfred, e gradualmente encerrou, como se fosse um laço que abrisse e capturasse coisas, enormes pedaços do globo habitável.

"Demorou muito, mas quase conseguimos", disse ele; "resta consolidar."

"E essas pessoas não veem isso!" Clarissa exclamou.

"É preciso todo tipo de coisa para criar um mundo", disse o marido. "Nunca haveria um governo se não houvesse uma oposição."

"Dick, você é melhor do que eu", disse Clarissa. "Você vê ao redor, onde eu só vejo lá." Ela pressionou um ponto nas costas da mão dele.

"Isso é problema meu, como tentei explicar no jantar."

"O que eu gosto em você, Dick", ela continuou, "é que você é sempre o mesmo e eu sou uma criatura de humor."

"De qualquer forma, você é uma criatura bonita", disse ele, olhando para ela com olhos mais profundos.

"Você acha, não é? Então me beije."

Ele a beijou apaixonadamente, de modo que a carta meio escrita deslizou para o chão. Pegando-o, ele leu sem pedir licença.

"Onde está sua caneta?" ele disse; e acrescentou com sua caligrafia masculina:

R. D. loquitur: Clarice deixou de lhe dizer que estava extremamente bonita no jantar e fez uma conquista pela qual se comprometeu a aprender o alfabeto grego. Aproveitarei a ocasião para acrescentar que ambos estamos nos divertindo nessas terras estranhas e desejamos apenas a presença de nossos amigos (você e John, a saber) para tornar a viagem perfeitamente agradável, pois promete ser instrutiva.

Vozes foram ouvidas no final do corredor. A Sra. Ambrose falava baixo; William Pepper estava comentando com sua voz definida e um tanto ácida: “Esse é o tipo de senhora por quem sinto claramente falta de simpatia.

Mas nem Richard nem Clarissa aproveitaram o veredicto, pois assim que parecia provável que iriam ouvir, Richard estalou uma folha de papel.

“Muitas vezes me pergunto”, refletia Clarissa na cama, diante do pequeno volume branco de Pascal que a acompanhava por toda parte, “se é realmente bom para uma mulher viver com um homem que é moralmente superior a ela, como Richard é o meu. mas, visitada por sonhos fantásticos com grandes letras gregas circulando pela sala, ela acordou e riu consigo mesma, lembrando-se de onde estava e que as letras gregas eram pessoas reais, dormindo a poucos metros de distância. Então, pensando no mar negro lá fora balançando sob a lua, ela estremeceu e pensou no marido e nos outros como companheiros de viagem. Os sonhos não se limitavam a ela, mas iam de um cérebro para outro. Todos sonharam uns com os outros naquela noite, como era natural, considerando quão finas eram as divisórias entre eles, e quão estranhamente tinham sido levantados da terra para se sentarem um ao lado do outro no meio do oceano, e verem cada detalhe dos rostos uns dos outros, e ouvirem o que quer que o acaso os levasse a dizer.

## 04. Capítulo Quatro

Os Dalloway chegam ao navio e deslocam a atmosfera social da travessia.

Na manhã seguinte, Clarissa acordou antes de todo mundo. Ela se vestiu e saiu para o convés, respirando o ar fresco de uma manhã calma, e, fazendo o circuito do navio pela segunda vez, deu de cara com a figura magra do Sr. Grice, o comissário de bordo. Ela pediu desculpas e ao mesmo tempo pediu que ele a esclarecesse: o que significavam aqueles suportes de latão brilhante, meio copo em cima? Ela estava se perguntando e não conseguia adivinhar. Quando ele terminou de explicar, ela gritou com entusiasmo:

"Acho que ser marinheiro deve ser a melhor coisa do mundo!"

"E o que você sabe sobre isso?" — disse o Sr. Grice, inflamando-se de uma maneira estranha. "Perdoe-me. O que qualquer homem ou mulher criado na Inglaterra sabe sobre o mar? Eles professam saber; mas não sabem."

A amargura com que ele falou era um presságio do que estava por vir. Ele a conduziu para seus aposentos e, sentada na beira de uma mesa forrada de latão, parecendo incomumente uma gaivota, com seu corpo branco e afilado e rosto magro e alerta, a Sra. Dalloway teve que ouvir o discurso de um homem fanático. Será que ela percebeu, para começar, que aquela terra era uma parte muito pequena do mundo? Quão pacífico, quão belo, quão benigno é em comparação com o mar? As águas profundas poderiam sustentar a Europa sem ajuda se todos os animais terrestres morressem amanhã devido à peste. Sr. Grice lembrou-se de cenas terríveis que vira na cidade mais rica do mundo: homens e mulheres fazendo fila hora após hora para receber uma caneca de sopa gordurosa. "E pensei na boa carne aqui esperando e pedindo para ser pega. Não sou exatamente protestante e não sou católico, mas

quase poderia orar para que os dias do papado voltassem - por causa dos jejuns."

Enquanto falava, ele abria gavetas e movia pequenos potes de vidro. Ali estavam os tesouros que o grande oceano lhe concedera: peixes pálidos em líquidos esverdeados, bolhas de gelatina com tranças fluidas, peixes com luzes nas cabeças, viviam nas profundezas.

"Eles nadaram entre os ossos", suspirou Clarissa.

"Você está pensando em Shakespeare", disse o Sr. Grice, e pegando um exemplar de uma estante bem forrada de livros, recitou com uma voz enfática e anasalada:

Uma compreensão completa de cinco mentiras do teu pai,

"Um grande sujeito, Shakespeare", disse ele, recolocando o volume.

Clarissa ficou muito feliz em ouvi-lo dizer isso.

"Qual é a sua peça favorita? Será que é igual à minha?"

"Henrique Quinto", disse o Sr. Grice.

"Alegria!" gritou Clarissa. "Isso é!"

Hamlet era o que se poderia chamar de muito introspectivo para o Sr. Grice, os sonetos muito apaixonados; Henrique Quinto foi para ele o modelo de cavalheiro inglês. Mas a sua leitura favorita era Huxley, Herbert Spencer e Henry George; enquanto Emerson e Thomas Hardy ele lia para relaxar. Ele estava expondo à Sra. Dalloway sua opinião sobre o estado atual da Inglaterra quando o sinal do café da manhã tocou tão imperiosamente que ela teve que se afastar, prometendo voltar e ver suas algas marinhas.

O grupo, que lhe parecera tão estranho na noite anterior, já estava reunido em volta da mesa, ainda sob a influência do sono e, portanto, pouco comunicativo, mas sua entrada fez com que todos se agitassem como se fosse um sopro de ar.

"Tive a conversa mais interessante da minha vida!" ela exclamou, sentando-se ao lado de Willoughby. "Você percebe que um de seus homens é filósofo e poeta?"

"Um sujeito muito interessante — é o que sempre digo", disse Willoughby, distinguindo o Sr. Grice. "Embora Rachel o ache um chato."

"Eu nunca conheci um chato ainda!" disse Clarissa.

"E devo dizer que o mundo estava cheio deles!" exclamou Helena. Mas a sua beleza, que brilhava à luz da manhã, tirava o contrariedade das suas palavras.

"Concordo que é o pior que se pode dizer de alguém", disse Clarissa. "É preferível ser um assassino do que um chato!" ela acrescentou, com seu ar habitual de dizer algo profundo. "Podemos imaginar que gostamos de um assassino. O mesmo acontece com os cães. Alguns cães são terrivelmente chatos, coitados."

Aconteceu que Richard estava sentado ao lado de Rachel. Ela estava curiosamente consciente de sua presença e aparência — suas roupas bem cortadas, a camisa estalando, os punhos com anéis azuis em volta e os dedos de pontas quadradas e muito limpos, com a pedra vermelha no dedo mínimo da mão esquerda.

"Tínhamos um cachorro que era chato e sabia disso", disse ele, dirigindo-se a ela em tom calmo e tranquilo. "Ele era um Skye terrier, um daqueles caras compridos, com pezinhos saindo do cabelo como - como lagartas - não, como sofás, devo dizer. Bem, tínhamos outro cachorro ao mesmo tempo, um animal preto e vigoroso - um, Schipperke, eu acho, como você os chama. Você não pode imaginar um contraste maior. O Skye tão lento e deliberado, olhando para você como um velho cavalheiro no clube, como se dissesse: 'Você realmente não quer dizer isso, não é? e o Schipperke tão rápido quanto uma faca. Gostei mais do Skye, devo confessar. Havia algo patético nele.'"

A história parecia não ter clímax.

"O que aconteceu com ele?" Rachel perguntou.

"Essa é uma história muito triste", disse Richard, baixando a voz e descascando uma maçã. "Ele seguiu minha esposa no carro um dia e foi atropelado por um ciclista bruto."

"Ele foi morto?" perguntou Raquel.

Mas Clarissa, na sua ponta da mesa, ouviu.

"Não fale sobre isso!" ela chorou. "É uma coisa em que não suporto pensar até hoje."

Certamente as lágrimas estavam em seus olhos?

"Essa é a parte dolorosa dos animais de estimação", disse o Sr. Dalloway; "eles morrem. A primeira tristeza de que me lembro foi pela morte de um arganaz. Lamento dizer que sentei nele. Mesmo assim, isso não deixou ninguém menos arrependido. Aqui está o pato em que Samuel Johnson sentou, hein? Eu era grande para a minha idade. "

"Depois tivemos canários", continuou ele, "um par de pombas, um lêmure e, ao mesmo tempo, um martin."

"Você morava no campo?" Rachel perguntou a ele.

"Vivemos no campo durante seis meses por ano. Quando digo 'nós', quero dizer quatro irmãs, um irmão e eu. Não há nada como vir de uma família grande. As irmãs, em particular, são encantadoras."

"Dick, você foi terrivelmente mimado!" gritou Clarissa do outro lado da mesa.

"Não, não. Agradeço", disse Richard.

Rachel tinha outras perguntas na ponta da língua; ou melhor, uma pergunta enorme, que ela não sabia nem um pouco como colocar em palavras. A conversa parecia muito superficial para admitir isso.

"Por favor, me conte... tudo." Isso era o que ela queria dizer. Ele abriu uma pequena fenda e mostrou tesouros surpreendentes. Parecia-lhe incrível que um homem assim estivesse disposto a falar com ela. Ele tinha irmãs e animais de estimação e já morou no campo. Ela mexeu o chá várias vezes; as bolhas que flutuavam e se aglomeravam no copo pareciam-lhe a união de suas mentes.

Enquanto isso, a conversa passou por ela, e quando Richard de repente começou com um tom de voz jocoso: "Tenho certeza de que a Srta. Vinrace agora tem inclinações secretas para o catolicismo", ela não tinha ideia do que responder, e Helen não pôde deixar de rir do susto que deu. Contudo, o café da manhã havia terminado e a Sra. Dalloway estava se levantando. "Sempre achei que religião é como colecionar besouros", disse ela, resumindo a discussão enquanto subia as escadas com Helen. "Uma pessoa tem paixão

por besouros pretos; outra não; não adianta discutir sobre isso. Qual é o seu besouro preto agora?"

"Suponho que sejam meus filhos", disse Helen.

"Ah, isso é diferente", Clarissa respirou. "Diga-me. Você tem um menino, não é? Não é detestável deixá-los?"

Era como se uma sombra azul tivesse caído sobre um lago. Seus olhos tornaram-se mais profundos e suas vozes mais cordiais.

Em vez de se juntar a eles quando começaram a andar pelo convés, Rachel ficou indignada com as prósperas matronas, que a faziam sentir-se fora do seu mundo e órfã de mãe, e voltando-se, deixou-as abruptamente. Ela bateu a porta do quarto e pegou sua música. Era tudo música antiga - Bach e Beethoven, Mozart e Purcell - as páginas amarelas, a gravura áspera ao dedo. Em três minutos ela estava mergulhada numa fuga muito difícil e muito clássica em Lá, e em seu rosto surgiu uma expressão estranha, remota e impessoal de completa absorção e ansiosa satisfação. Agora ela tropeçou; agora ela vacilou e teve que tocar duas vezes no mesmo compasso; mas uma linha invisível parecia unir as notas, de onde surgia uma forma, um edifício. Ela estava tão absorta nesse trabalho, pois era realmente difícil descobrir como todos esses sons deveriam se unir e recorrer a todas as suas faculdades, que ela nunca ouviu uma batida na porta. A porta foi aberta impulsivamente, e a Sra. Dalloway ficou na sala, deixando a porta aberta, de modo que uma faixa do convés branco e do mar azul apareceu pela abertura. A forma da fuga de Bach caiu no chão.

"Não me deixe interromper", implorou Clarissa. "Eu ouvi você tocando e não pude resistir. Eu adoro Bach!"

Rachel corou e mexeu os dedos no colo. Ela se levantou sem jeito.

"É muito difícil", disse ela.

"Mas você estava jogando esplendidamente! Eu deveria ter ficado lá fora."

"Não", disse Raquel.

Ela tirou Cartas e O Morro dos Ventos Uivantes de Cowper da poltrona, de modo que Clarissa foi convidada a sentar-se ali.

"Que quartinho querido!" ela disse, olhando em volta. "Ah, as Cartas de Cowper! Nunca as li. São legais?"

"Um tanto chato", disse Rachel.

"Ele escreveu muito bem, não foi?" disse Clarissa; "- se alguém gosta desse tipo de coisa - terminou suas frases e tudo mais. O Morro dos Ventos Uivantes! Ah - isso está mais na minha linha. Eu realmente não poderia existir sem os Brontes! Você não os ama? Ainda assim, no geral, prefiro viver sem eles do que sem Jane Austen. "

Embora ela falasse de maneira leve e aleatória, seus modos transmitiam um extraordinário grau de simpatia e desejo de fazer amizade.

"Jane Austen? Eu não gosto de Jane Austen", disse Rachel.

"Seu monstro!" Clarissa exclamou. "Eu só posso perdoar você. Diga-me por quê?"

"Ela é tão... tão... bem, tão parecida com uma trança apertada", Rachel se atrapalhou.

"Ah, entendo o que você quer dizer. Mas não concordo. E você não concordará quando for mais velho. Na sua idade, eu só gostava de Shelley. Lembro-me de chorar por ele no jardim.

Ele superou a sombra da nossa noite. Inveja e calúnia e ódio e dor -

você se lembra?

Não posso tocá-lo e não torturar novamente Do contágio da mancha lenta do mundo.

Que coisa divina! — e, no entanto, que bobagem! Ela olhou levemente ao redor da sala. — Sempre achei que é viver, e não morrer, o que conta. Eu realmente respeito algum velho corretor da bolsa que continua somando coluna após coluna todos os seus dias, e trotando de volta para sua villa em Brixton com um velho cachorro pug que ele adora, e uma pequena esposa triste sentada na ponta da mesa, e indo passar duas semanas em Margate - garanto que conheço muitos assim - bem, eles me parecem realmente mais nobres do que os poetas que todos adoram, só porque são gênios e morrem jovens. Mas não espero que você concorde comigo!"

Ela pressionou o ombro de Rachel.

"Um-m-m—" ela continuou citando—

Agitação que os homens chamam erroneamente de prazer -

"Quando você tiver a minha idade, verá que o mundo está repleto de coisas deliciosas. Acho que os jovens cometem um grande erro em relação a isso: não se deixarem ser felizes. Às vezes penso que a felicidade é a única coisa que conta. Não a conheço bem o suficiente para dizer, mas acho que você pode estar um pouco inclinado a... quando alguém é jovem e atraente... vou

dizer!... tudo está aos seus pés." Ela olhou em volta a ponto de dizer: "não apenas alguns livros enfadonhos e Bach."

"Desejo fazer perguntas", ela continuou. "Você me interessa muito. Se eu for impertinente, você deve apenas dar-me um tapa nas orelhas."

"E eu... eu quero fazer perguntas", disse Rachel com tanta seriedade que a Sra. Dalloway teve que conter o sorriso.

"Você se importa se caminharmos?" ela disse. "O ar está tão delicioso."

Ela o apagou como um cavalo de corrida quando fecharam a porta e subiram ao convés.

"Não é bom estar vivo?" ela exclamou, e puxou o braço de Rachel para dentro do seu.

"Olha, olha! Que requintado!"

As costas de Portugal começavam a perder a sua substância; mas a terra ainda era a terra, embora a uma grande distância. Eles podiam distinguir as pequenas cidades espalhadas pelas dobras das colinas e a fumaça subindo fracamente. As cidades pareciam muito pequenas em comparação com as grandes montanhas roxas atrás delas.

"Mas, honestamente", disse Clarissa, depois de olhar, "não gosto de opiniões. Eles são muito desumanos." Eles seguiram em frente.

"Que estranho!" ela continuou impulsivamente. "A esta hora ontem nós nunca nos conhecemos. Eu estava fazendo as malas em um quartinho abafado do hotel. Não sabemos absolutamente nada um sobre o outro e, ainda assim, sinto como se conhecesse você!"

"Você tem filhos - seu marido estava no Parlamento?"

"Você nunca foi à escola e mora —?"

"Com minhas tias em Richmond."

"Richmond?"

"Veja, minhas tias gostam do Parque."

"E você não! Eu entendo!" Clarissa riu.

"Gosto de passear sozinho no parque; mas não - com os cachorros", ela concluiu.

"Não; e algumas pessoas são cães; não são? — disse Clarissa, como se tivesse adivinhado um segredo. — Mas nem todos... ah, não, nem todos.

"Nem todos", disse Rachel, e parou.

"Posso imaginar você caminhando sozinha", disse Clarissa; "e pensando - em um pequeno mundo só seu. Mas como você vai gostar disso - algum dia!"

"Vou gostar de passear com um homem, é isso que você quer dizer?" — disse Rachel, olhando para a Sra. Dalloway com seus grandes olhos indagadores.

"Eu não estava pensando particularmente em nenhum homem", disse Clarissa. "Mas você vai."

"Não. Eu nunca me casarei", Rachel determinou.

"Eu não deveria ter tanta certeza disso", disse Clarissa. Seu olhar de soslaio disse a Rachel que ela a achava atraente, embora estivesse inexplicavelmente divertida.

"Por que as pessoas se casam?" Rachel perguntou.

"Isso é o que você vai descobrir", riu Clarissa.

Rachel seguiu seus olhos e descobriu que eles pousaram, por um segundo, na figura robusta de Richard Dalloway, que estava empenhado em acender um fósforo na sola da bota; enquanto Willoughby expôs algo que pareceu ser de grande interesse para ambos.

"Não há nada igual", concluiu ela. "Conte-me sobre os Ambroses. Ou estou fazendo muitas perguntas?"

"Acho fácil conversar com você", disse Rachel.

O breve esboço dos Ambrose era, no entanto, um tanto superficial e continha pouco além do fato de que o Sr. Ambrose era seu tio.

"Irmão da sua mãe?"

Quando um nome caiu em desuso, o mais leve toque nele revela. A Sra. Dalloway continuou:

"Você é como sua mãe?"

"Não; ela era diferente", disse Rachel.

Ela foi tomada por um intenso desejo de contar à Sra. Dalloway coisas que ela nunca havia contado a ninguém — coisas que ela mesma não havia percebido até aquele momento.

Mas parecia que a Sra. Dalloway conseguia entender sem palavras.

"Eu sei", ela disse, colocando um braço em volta do ombro de Rachel.

"Quando eu tinha a sua idade, eu também queria. Ninguém entendeu até que

conheci Richard. Ele me deu tudo que eu queria. Ele é homem e mulher também." Seus olhos pousaram no Sr. Dalloway, apoiado na amurada, ainda falando. "Não pense que digo isso porque sou a esposa dele - vejo os defeitos dele com mais clareza do que os de qualquer outra pessoa. O que alguém deseja da pessoa com quem vive é que ela mantenha o melhor de si. Muitas vezes me pergunto o que fiz para ser tão feliz!" ela exclamou, e uma lágrima escorregou por sua bochecha. Ela enxugou, apertou a mão de Rachel e exclamou:

"Como a vida é boa!" Naquele momento, exposto à brisa fresca, com o sol sobre as ondas e a mão da Sra. Dalloway em seu braço, parecia de fato que a vida, que antes não tinha nome, era infinitamente maravilhosa e boa demais para ser verdade.

Aqui Helen passou por eles, e ver Rachel de braços dados com um estranho, parecendo animado, foi divertido, mas ao mesmo tempo um pouco irritado. Mas Richard imediatamente se juntou a eles, que teve uma conversa muito interessante com Willoughby e estava com um humor sociável.

"Observe meu Panamá", disse ele, tocando a aba do chapéu. "Você está ciente, Senhorita Vinrace, quanto pode ser feito para induzir um bom tempo com um toucado apropriado? Eu determinei que é um dia quente de verão; eu a aviso que nada que você possa dizer me abalará. Portanto, vou sentar-me. Aconselho-a a seguir meu exemplo." Três cadeiras enfileiradas convidavam-nos a sentar-se.

Recostando-se, Richard examinou as ondas.

"É um azul muito bonito", disse ele. "Mas é um pouco demais. A variedade é essencial para uma vista. Portanto, se você tem colinas, deveria ter um rio;

se um rio, colinas. A melhor vista do mundo, na minha opinião, é aquela de Boars Hill em um dia bonito - deve ser um belo dia, observe - Um tapete? - Oh, obrigado, minha querida.... Nesse caso, você também tem a vantagem das associações - o Passado. "

"Você quer conversar, Dick, ou devo ler em voz alta?"

Clarissa havia buscado um livro junto com os tapetes.

"Persuasão", anunciou Richard, examinando o volume.

"Isso é para a senhorita Vinrace", disse Clarissa. "Ela não consegue suportar nossa amada Jane."

"Isso, se assim posso dizer, é porque você não a leu", disse Richard. "Ela é incomparavelmente a maior escritora que possuímos."

"Ela é a maior", continuou ele, "e por esta razão: ela não tenta escrever como um homem. Todas as outras mulheres o fazem; por isso, eu não as leio."

"Apresente suas instâncias, senhorita Vinrace", ele continuou, unindo as pontas dos dedos. "Estou pronto para ser convertido."

Ele esperou, enquanto Rachel tentava em vão justificar seu sexo pelo desprezo que ele fazia.

"Receio que ele esteja certo", disse Clarissa. "Ele geralmente é... um desgraçado!"

"Eu trouxe Persuasão", continuou ela, "porque achei que era um pouco menos surrado do que os outros - embora, Dick, não adianta você fingir que conhece Jane de cor, considerando que ela sempre o faz dormir!"

“Depois dos trabalhos legislativos, mereço dormir”, disse Richard.

“Você não deve pensar nessas armas”, disse Clarissa, vendo que seu olho, passando pelas ondas, ainda buscava a terra meditativamente, “nem em marinhas, ou impérios, ou qualquer coisa”. Assim dizendo ela abriu o livro e começou a ler:

“Sir Walter Elliott, de Kellynch Hall, em Somersetshire, era um homem que, para sua própria diversão, nunca leu nenhum livro além do Baroneite - você não conhece Sir Walter? - 'Lá ele encontrou ocupação para uma hora ociosa e consolo em uma hora angustiada.' Ela escreve bem, não é? 'Pronto...” Ela continuou lendo com uma voz leve e bem-humorada. Ela estava decidida a fazer com que Sir Walter tirasse a mente do marido das armas da Grã-Bretanha e o divertisse num mundo requintado, singular, alegre e ligeiramente ridículo. Depois de algum tempo, parecia que o sol estava se pondo naquele mundo e as pontas ficando mais suaves. Rachel olhou para cima para ver o que causou a mudança, as pálpebras de Richard fechavam e abriam; abrindo e fechando. Uma forte respiração nasal anunciou que ele não considerava mais as aparências, que estava dormindo profundamente.

“Triunfo!” Clarissa sussurrou no final de uma frase. De repente, ela levantou a mão em protesto. Um marinheiro hesitou; ela entregou o livro a Rachel e deu um passo leve para anotar a mensagem - “O Sr. Grice queria saber se era conveniente”, etc. Ela o seguiu. Ridley, que havia rondado despercebido, avançou, parou e, com um gesto de desgosto, foi até seu escritório. O político adormecido ficou sob os cuidados de Rachel. Ela leu uma frase e deu uma olhada para ele. Durante o sono, ele parecia um casaco pendurado na ponta da cama; havia todas as rugas, e as mangas e as calças mantinham a sua forma, embora já não preenchessem as pernas e os braços. Você poderá

então avaliar melhor a idade e o estado do casaco. Ela olhou para ele até lhe parecer que ele deveria protestar.

Ele era um homem de quarenta anos, talvez; e aqui havia rugas ao redor de seus olhos e curiosas covinhas em suas bochechas. Ele parecia um pouco machucado, mas obstinado e no auge da vida.

"Irmãs, um arganaz e alguns canários," Rachel murmurou, sem tirar os olhos dele. "Eu me pergunto, eu me pergunto." Ela parou, com o queixo apoiado na mão, ainda olhando para ele. Um sino tocou atrás deles e Richard levantou a cabeça. Então ele abriu os olhos, que por um segundo tiveram a expressão estranha de uma pessoa míope cujos óculos foram perdidos. Demorou um pouco para se recuperar da impropriedade de ter roncado, e possivelmente grunhido, diante de uma jovem. Acordar e ficar sozinho com alguém também era um pouco desconcertante.

"Acho que estive cochilando", disse ele. "O que aconteceu com cada um? Clarissa?"

"A Sra. Dalloway foi ver o peixe do Sr. Grice", respondeu Rachel.

"Eu devo ter adivinhado", disse Richard. "É uma ocorrência comum. E como você melhorou a hora brilhante? Você se converteu?"

"Acho que não li uma linha", disse Rachel.

"É isso que sempre encontro. Há muitas coisas para olhar. Acho a natureza muito estimulante. Minhas melhores ideias vieram até mim do lado de fora."

"Quando você estava andando?"

"Caminhar, andar de iate, suponho que as conversas mais importantes da minha vida ocorreram enquanto perambulava pela grande corte de Trinity. Estive em ambas as universidades. Era uma moda do meu pai. Ele achava que isso se ampliava para a mente. Acho que concordo com ele. Lembro-me - parece que foi há muito tempo! - estabelecendo as bases de um futuro estado com o atual secretário para a Índia. Nós nos considerávamos muito sábios. Não tenho certeza se não éramos. Estávamos felizes, senhorita Vinrace, e éramos jovens - dons que trazem sabedoria."

"Você fez o que disse que faria?" ela perguntou.

"Uma pergunta penetrante! Eu respondo - Sim e Não. Se por um lado não consegui o que me propus realizar - qual de nós o faz? - por outro lado, posso dizer com justiça o seguinte: não rebaixei meu ideal."

Ele olhou resolutamente para uma gaivota, como se o seu ideal voasse nas asas do pássaro.

"Mas", disse Rachel, "qual é o seu ideal?"

"Você está pedindo demais, senhorita Vinrace", disse Richard, brincando.

Ela só pôde dizer que queria saber, e Richard se divertiu o suficiente para responder.

"Bem, como devo responder? Em uma palavra: Unidade. Unidade de objetivo, de domínio, de progresso. A dispersão das melhores ideias pela maior área."

"Os ingleses?"

"Admito que os ingleses parecem, em geral, mais brancos do que a maioria dos homens, seus registros mais limpos. Mas, bom Deus, não fuja com a ideia

de que não vejo as desvantagens - horrores - coisas indizíveis feitas em nosso meio! Não tenho ilusões. Poucas pessoas, suponho, têm menos ilusões do que eu. Você já esteve em uma fábrica, senhorita Vinrace? - Não, suponho que não - posso dizer que espero que não."

Quanto a Raquel, ela mal andava por uma rua pobre e sempre acompanhada pelo pai, pela empregada ou pelas tias. "Eu ia dizer que se você já tivesse visto o tipo de coisa que está acontecendo ao seu redor, você entenderia o que faz de mim e de homens como eu, políticos. Você me perguntou há pouco se eu tinha feito o que me propus a fazer. Bem, quando penso em minha vida, há um fato do qual admito que estou orgulhoso: devido a mim, alguns milhares de meninas em Lancashire - e muitos milhares que virão depois delas - podem passar uma hora todos os dias ao ar livre, o que suas mães tiveram. Para gastar em seus teares, estou mais orgulhoso disso, eu admito, do que deveria estar por incluir Keats e Shelley na barganha!

Tornou-se doloroso para Rachel ser uma das pessoas que concordam com Keats e Shelley. Ela gostava de Richard Dalloway e aquecia como ele aquecia. Ele parecia querer dizer o que disse.

"Eu não sei de nada!" ela exclamou.

"É muito melhor que você não saiba nada", disse ele paternalmente, "e você se equivoque, tenho certeza. Você toca muito bem, segundo me disseram, e não tenho dúvidas de que leu muitos livros eruditos."

As brincadeiras dos idosos não a controlariam mais.

"Você fala de unidade", disse ela. "Você deveria me fazer entender."

"Nunca permito que minha esposa fale de política", disse ele, sério. "Por esta razão. É impossível para os seres humanos, constituídos como são, lutar e ter ideais. Se eu preservei os meus, como sou grato por dizer que em grande medida o fiz. É devido ao fato de que pude voltar para casa para minha esposa à noite e descobrir que ela passou o dia telefonando, música, brincando com as crianças, tarefas domésticas - o que você quiser; suas ilusões não foram destruídas. Ela me dá coragem para continuar. A tensão da vida pública é muito ótimo, ele acrescentou.

Isto fez com que ele parecesse um mártir maltratado, abrindo mão todos os dias de um pouco do ouro mais fino, a serviço da humanidade.

"Não consigo imaginar", exclamou Rachel, "como alguém consegue fazer isso!"

"Explique, senhorita Vinrace", disse Richard. "Este é um assunto que quero esclarecer."

A bondade dele era genuína e ela decidiu aproveitar a oportunidade que ele lhe dava, embora conversar com um homem de tanto valor e autoridade fizesse seu coração bater mais forte.

"Parece-me que é assim", ela começou, fazendo o possível primeiro para recordar e depois para expor suas trêmulas visões particulares.

"Há uma velha viúva em seu quarto, em algum lugar, digamos, nos subúrbios de Leeds."

Richard inclinou a cabeça para mostrar que aceitava a viúva.

"Em Londres você passa a vida conversando, escrevendo coisas, pagando contas, perdendo o que parece natural. O resultado de tudo isso é que ela vai

até o armário e encontra um pouco mais de chá, alguns torrões de açúcar ou um pouco menos de chá e um jornal. Viúvas em todo o país, eu admito, fazem isso. Ainda assim, existe a mente da viúva – os afetos; aqueles que você deixa intocados. Mas você desperdiça o seu próprio."

"Se a viúva for até seu armário e o encontrar vazio", respondeu Richard, "sua perspectiva espiritual, podemos admitir, será afetada. Se eu puder encontrar buracos em sua filosofia, Srta. Vinrace, que tem seus méritos, gostaria de salientar que um ser humano não é um conjunto de compartimentos, mas um organismo. Imaginação, Srta. Vinrace; use sua imaginação; é aí que vocês, jovens liberais, falham. Concebam o mundo como um todo. Agora, para o seu segundo ponto; quando você afirma isso ao tentar colocar a casa em ordem. Para o benefício da geração jovem, estou desperdiçando minhas capacidades superiores, discordo totalmente de você. Não posso conceber nenhum objetivo mais elevado: ser cidadão do Império. Veja as coisas desta forma, Srta. Vinrace; conceber o Estado como uma máquina complicada; nós, cidadãos, somos partes dessa máquina; alguns cumprem funções mais importantes; outros (talvez eu seja um deles) servem apenas para conectar algumas partes obscuras do mecanismo, escondidas dos olhos do público. No entanto, se o parafuso mais mesquinho falhar em sua tarefa, o bom funcionamento do todo estará em perigo."

Era impossível combinar a imagem de uma viúva negra magra, olhando pela janela e desejando ter alguém com quem conversar, com a imagem de uma máquina enorme, como a que se vê em South Kensington, batendo, batendo, batendo. A tentativa de comunicação foi um fracasso.

"Parece que não nos entendemos", disse ela.

"Devo dizer algo que vai deixar você com muita raiva?" ele respondeu.

"Não vai", disse Rachel.

"Bem, então; nenhuma mulher tem o que posso chamar de instinto político. Você tem virtudes muito grandes; sou a primeira, espero, a admitir isso; mas nunca conheci uma mulher que sequer entendesse o que significa estadista. Vou deixá-la ainda mais irritada. Espero nunca encontrar uma mulher assim. Agora, Srta. Vinrace, somos inimigos para o resto da vida?"

A vaidade, a irritação e um desejo intenso de ser compreendida incitaram-na a fazer outra tentativa.

"Debaixo das ruas, nos esgotos, nos fios, nos telefones, há algo vivo; é isso que você quer dizer? Em coisas como carrinhos de lixo e homens consertando estradas? Você sente isso o tempo todo quando anda por Londres, e quando abre uma torneira e a água chega?"

"Certamente", disse Ricardo. "Eu entendo que você quer dizer que toda a sociedade moderna é baseada no esforço cooperativo. Se ao menos mais pessoas percebessem isso. Senhorita Vinrace, haveria menos de suas velhas viúvas em alojamentos solitários!"

Rachel considerou.

"Você é liberal ou conservador?" ela perguntou.

"Eu me considero conservador por uma questão de conveniência", disse Richard, sorrindo. "Mas há mais em comum entre os dois partidos do que as pessoas geralmente permitem."

Houve uma pausa, que não veio de Rachel por falta de coisas para dizer; como sempre, ela não conseguia dizê-las e ficou ainda mais confusa pelo fato de que o tempo para conversar provavelmente era curto. Ela era assombrada

por ideias absurdas e confusas — como, se recuássemos o suficiente, tudo talvez fosse inteligível; tudo era em comum; pois os mamutes que pastavam nos campos da Richmond High Street haviam se transformado em pedras de calçada e caixas cheias de fitas, e em suas tias.

"Você disse que morou no campo quando era criança?" ela perguntou.

Por mais grosseiras que as maneiras dela lhe parecessem, Richard ficou lisonjeado. Não havia dúvida de que seu interesse era genuíno.

"Eu fiz", ele sorriu.

"E o que aconteceu?" ela perguntou. "Ou eu faço muitas perguntas?"

"Estou lisonjeado, garanto. Mas, deixe-me ver, o que aconteceu? Bem, equitação, aulas, irmãs. Havia um monte de lixo encantado, eu me lembro, onde aconteciam todos os tipos de coisas estranhas. Estranho, que coisas impressionam as crianças! Lembro-me da aparência do lugar até hoje. É uma falácia pensar que as crianças são felizes. Elas não são; elas são infelizes. Nunca sofri tanto como quando era criança. "

"Por quê?" ela perguntou.

"Eu não me dava bem com meu pai", disse Richard brevemente. "Ele era um homem muito capaz, mas duro. Bem, isso faz com que alguém esteja determinado a não pecar dessa maneira. As crianças nunca se esquecem da injustiça. Elas perdoam muitas coisas que as pessoas adultas pensam; mas esse pecado é o pecado imperdoável. Veja bem - ousou dizer que fui uma criança difícil de administrar; mas quando penso no que estava pronto para dar! Não, fui mais pecado contra mim do que pecado. E então fui para a escola, onde me saí muito bem; e então, como eu disse, meu meu pai me

mandou para as duas universidades... Sabe, senhorita Vinrace, você me fez pensar que, afinal de contas, alguém pode contar a alguém sobre sua vida! ambos, não duvido, repletos das mais interessantes experiências, ideias e emoções; mas como se comunicar? Eu já lhe contei o que cada segunda pessoa que você conhece pode lhe dizer."

"Acho que não", disse ela. "É a maneira de dizer as coisas, não é, não as coisas?"

"É verdade", disse Ricardo. "Perfeitamente verdade." Ele fez uma pausa. "Quando olho para trás, para minha vida - tenho quarenta e dois anos - quais são os grandes fatos que se destacam? Quais foram as revelações, se é que posso chamá-las assim? A miséria dos pobres e - (ele hesitou e se pronunciou) "amor"!"

Após essa palavra, ele baixou a voz; foi uma palavra que pareceu desvendar os céus para Rachel.

"É uma coisa estranha de se dizer a uma jovem", continuou ele. "Mas você tem alguma ideia do que... o que quero dizer com isso? Não; claro que não. Não uso a palavra no sentido convencional. Eu o uso como os jovens o usam. As meninas são mantidas muito ignorantes, não são? Talvez seja sensato... talvez... Você não sabe?"

Ele falou como se tivesse perdido a consciência do que estava dizendo.

"Não; Eu não", disse ela, mal falando acima da respiração.

"Navios de guerra, Dick! Lá! Olha!"

Clarissa, libertada do Sr. Grice, apreciando todas as suas algas marinhas, deslizou em direção a elas, gesticulando.

Ela havia avistado duas sinistras embarcações cinzentas, baixas na água e carecas como ossos, uma seguindo de perto a outra com a aparência de feras sem olhos em busca de sua presa. A consciência voltou para Richard instantaneamente.

"Por George!" ele exclamou, e ficou protegendo os olhos.

"Nosso, Dick?" disse Clarissa.

"A Frota do Mediterrâneo", respondeu ele.

O Euphrosyne baixava lentamente sua bandeira. Richard ergueu o chapéu. Convulsivamente, Clarissa apertou a mão de Rachel.

"Você não está feliz por ser inglês!" ela disse.

Os navios de guerra passaram, lançando um curioso efeito de disciplina e tristeza sobre as águas, e só quando ficaram novamente invisíveis é que as pessoas começaram a falar umas com as outras naturalmente. No almoço, a conversa foi toda sobre valor e morte, e sobre as magníficas qualidades dos almirantes britânicos. Clarissa citou um poeta, Willoughby citou outro. A vida a bordo de um navio de guerra era esplêndida, por isso concordaram, e os marinheiros, sempre que os encontravam, eram mais do que normalmente admiráveis.

Sendo assim, ninguém gostou quando Helen comentou que lhe parecia tão errado manter marinheiros quanto manter um zoológico, e que, quanto a morrer num campo de batalha, certamente era hora de pararmos de elogiar a coragem — "ou de escrever poesia ruim sobre ela", rosnou Pepper.

Mas Helen estava realmente se perguntando por que Rachel, sentada em silêncio, parecia tão estranha e corada.

## 05. Capítulo Cinco

Política, casamento, sedução social e o choque de Rachel com Richard Dalloway.

ELA, porém, não foi capaz de dar seguimento às suas observações, nem de chegar a qualquer conclusão, pois, devido a um daqueles acidentes que podem acontecer no mar, todo o curso das suas vidas ficou fora de ordem.

Mesmo durante o chá, o piso subia sob seus pés e tornava-se muito baixo, e durante o jantar o navio parecia gemer e se esticar como se um chicote estivesse descendo. Ela, que tinha sido um cavalo de carga de costas largas, em cujos quartos traseiros valsavam pierrots, tornou-se um potro no campo. Os pratos se afastaram das facas e o rosto da Sra. Dalloway empalideceu por um segundo enquanto ela se servia e via as batatas rolares para um lado e para o outro. Willoughby, é claro, exaltava as virtudes de seu navio e citava o que havia sido dito sobre ele por especialistas e passageiros ilustres, pois amava seus próprios bens. Mesmo assim, o jantar foi inquieto e, assim que as senhoras ficaram a sós, Clarissa reconheceu que estaria melhor na cama e foi, sorrindo corajosamente.

Na manhã seguinte a tempestade caiu sobre eles e nenhuma educação poderia ignorá-la. A Sra. Dalloway ficou em seu quarto. Richard enfrentou três refeições, comendo corajosamente em cada uma; mas no terceiro, certos aspargos glaceados nadando em óleo finalmente o conquistaram.

"Isso me surpreende", disse ele, e retirou-se.

"Agora estamos sozinhos mais uma vez", comentou William Pepper, olhando ao redor da mesa; mas ninguém estava pronto para conversar com ele, e a refeição terminou em silêncio.

No dia seguinte eles se encontraram - mas como folhas voadoras se encontram no ar. Doentes eles não estavam; mas o vento os impeliu apressadamente para os quartos, violentamente no andar de baixo. Eles se cruzaram ofegantes no convés; eles gritaram através das mesas. Eles usavam casacos de pele; e Helen nunca foi vista sem uma bandana na cabeça. Para maior conforto, retiraram-se para suas cabines, onde, com os pés firmemente calçados, deixaram o navio balançar e tombar. Suas sensações eram as de batatas num saco sobre um cavalo a galope. O mundo lá fora era apenas um violento tumulto cinzento. Durante dois dias eles descansaram perfeitamente de suas antigas emoções. Rachel tinha consciência suficiente para imaginar que era um burro no topo de uma charneca durante uma tempestade de granizo, com a pelagem espalhada em sulcos; então ela se tornou uma árvore enrugada, perpetuamente empurrada para trás pelo vendaval salgado do Atlântico.

Helen, por outro lado, cambaleou até a porta da Sra. Dalloway, bateu, não pôde ser ouvida por causa das portas batendo e do vento forte, e entrou.

Havia bacias, é claro. A Sra. Dalloway estava meio erguida sobre um travesseiro e não abria os olhos. Então ela murmurou: "Oh, Dick, é você?"

Helen gritou - pois foi jogada contra o lavatório - "Como vai você?"

Clarissa abriu um olho. Isso deu a ela uma aparência incrivelmente dissipada. "Horrível!" ela ofegou. Seus lábios estavam brancos por dentro.

Alargando os pés, Helen conseguiu colocar champanhe num copo com uma escova de dentes dentro.

"Champanhe", ela disse.

"Tem uma escova de dentes dentro dele", murmurou Clarissa e sorriu; poderia ter sido a contorção de alguém chorando. Ela bebeu.

"Nojento", ela sussurrou, indicando as bacias. Relíquias de humor ainda brincavam em seu rosto como luar.

"Quer mais?" Helen gritou. A fala estava novamente fora do alcance de Clarissa. O vento colocou o navio tremendo de lado. Pálidas agonias atravessaram a Sra. Dalloway em ondas. Quando as cortinas se agitaram, luzes cinzentas sopraram sobre ela. Entre os espasmos da tempestade, Helen fechava a cortina, sacudia os travesseiros, esticava a roupa de cama e alisava as narinas e a testa quentes com perfume frio.

"Você é bom!" Clarissa engasgou. "Uma bagunça horrível!"

Ela estava tentando se desculpar pelas roupas íntimas brancas caídas e espalhadas pelo chão. Por um segundo ela abriu um olho e viu que o quarto estava arrumado. "Isso é bom", ela engasgou.

Helen a deixou; muito, muito longe, ela sabia que sentia uma espécie de simpatia pela Sra. Dalloway. Ela não podia deixar de respeitar seu espírito e seu desejo, mesmo no meio da doença, de um quarto arrumado. Suas anáguas, porém, subiam acima dos joelhos.

De repente, a tempestade relaxou. Aconteceu durante o chá; o esperado paroxismo da explosão cessou assim que atingiu o clímax e diminuiu, e o navio, em vez de dar o mergulho habitual, seguiu em frente com firmeza. A ordem monótona de mergulhar e subir, rugir e relaxar foi interrompida, e todos na mesa olharam para cima e sentiram algo se soltar dentro deles. A tensão diminuiu e os sentimentos humanos começaram a aparecer novamente, como fazem quando a luz do dia aparece no fim de um túnel.

"Tente dar uma volta comigo", Ridley gritou para Rachel.

"Tolo!" gritou Helen, mas eles subiram a escada tropeçando. Sufocados pelo vento, seus ânimos aumentaram rapidamente, pois nas bordas de todo o tumulto cinzento havia uma mancha dourada e nebulosa. Instantaneamente o mundo tomou forma; não eram mais átomos voando no vazio, mas pessoas navegando em um navio triunfante no fundo do mar. O vento e o espaço foram banidos; o mundo flutuava como uma maçã numa banheira, e a mente dos homens, que também havia sido desamarrada, apegou-se mais uma vez às antigas crenças.

Depois de dar duas voltas no navio e receber muitos golpes sonoros do vento, eles viram o rosto de um marinheiro brilhar positivamente em dourado. Eles olharam e viram um círculo amarelo completo de sol; no minuto seguinte, foi atravessado por nuvens navegando e então completamente escondido. No café da manhã da manhã seguinte, porém, o céu estava limpo, as ondas, embora íngremes, eram azuis, e depois da visão do estranho submundo, habitado por fantasmas, as pessoas começaram a viver entre bules de chá e pães com mais entusiasmo do que nunca.

Richard e Clarissa, porém, ainda permaneciam na fronteira. Ela não tentou sentar-se; o marido ficou de pé, contemplou o colete e as calças, balançou a cabeça e deitou-se novamente. O interior de seu cérebro ainda subia e descia como o mar no palco. Às quatro horas ele acordou e viu a luz do sol formar um ângulo nítido nas cortinas de pelúcia vermelha e nas calças de tweed cinza. O mundo comum lá fora invadiu-lhe a mente e, quando se vestiu, era novamente um cavalheiro inglês. Ele ficou ao lado de sua esposa. Ela puxou-o pela lapela do casaco, beijou-o e segurou-o com força por um minuto.

"Vá tomar um pouco de ar, Dick", disse ela. "Você parece bastante desbotado... Como você cheira bem!... E seja educado com aquela mulher. Ela foi tão gentil comigo."

Então a Sra. Dalloway virou-se para o lado frio do travesseiro, terrivelmente achatado, mas ainda invencível.

Richard found Helen talking to her brother-in-law, over two dishes of yellow cake and smooth bread and butter. "Você parece muito doente!" ela exclamou ao vê-lo. "Venha tomar um chá."

Ele observou que as mãos que se moviam pelas xícaras eram lindas.

"Ouvi dizer que você tem sido muito bom com minha esposa", disse ele. "Ela passou por momentos terríveis. Você entrou e a deu champanhe. Você também estava entre os salvos?"

"Eu? Ah, faz vinte anos que não fico doente... enjoado do mar, quero dizer."

"Existem três estágios de convalescença, eu sempre digo", interrompeu a voz calorosa de Willoughby, "O estágio do leite, o estágio do pão com manteiga e o estágio do rosbife. Devo dizer que você estava no estágio do pão com manteiga." Ele entregou-lhe o prato.

"Agora, eu deveria aconselhar um bom chá, depois uma caminhada rápida no convés; e na hora do jantar você estará clamando por carne, não é?" Ele começou a rir, desculpando-se por questão de negócios.

"Que sujeito esplêndido ele é!" disse Ricardo. "Sempre interessado em alguma coisa."

"Sim", disse Helen, "ele sempre foi assim."

"This is a great undertaking of his," Richard continued. "É um negócio que não vai parar nos navios, devo dizer. Iremos vê-lo no Parlamento, ou estou muito enganado. Ele é o tipo de homem que queremos no Parlamento - o homem que fez coisas."

Mas Helen não estava muito interessada no cunhado.

"Imagino que sua cabeça esteja doendo, não é?" ela perguntou, servindo uma xícara nova.

"Bem, é", disse Richard. "É humilhante descobrir como alguém é escravo de seu corpo neste mundo. Você sabe, nunca consigo trabalhar sem uma chaleira no fogão. Muitas vezes não bebo chá, mas devo sentir que posso, se quiser."

"Isso é muito ruim para você", disse Helen.

"Isso encurta a vida; mas temo, Sra. Ambrose, que nós, políticos, devemos decidir isso desde o início. Temos que acender a vela nas duas pontas, ou..."

"Você cozinhou seu ganso!" disse Helen brilhantemente.

"Não podemos fazer com que nos leve a sério, Sra. Ambrose", protestou ele. "Posso perguntar como você passou seu tempo? Lendo... filosofia?" (Ele viu o livro preto.) "Metafísica e pesca!" ele exclamou. "Se eu tivesse que viver de novo, acredito que deveria me dedicar a um ou outro." Ele começou a virar as páginas.

"Bom, então, é indefinível!", ele leu. "Que alegria pensar que isso ainda está acontecendo! 'Até onde eu sei, há apenas um escritor ético, o professor Henry Sidgwick, que reconheceu e declarou claramente esse fato.' Esse é exatamente o tipo de coisa que costumávamos conversar quando éramos

meninos. Lembro-me de ter discutido até as cinco da manhã com Duffy - agora secretário para a Índia - andando de um lado para o outro naqueles claustros até que decidimos que era tarde demais para ir para a cama e, em vez disso, fomos dar um passeio. Se alguma vez chegamos a alguma conclusão, isso é outra questão. Ainda assim, é a discussão que conta. São coisas assim que se destacam na vida. Nada tem sido tão vívido desde então. São os filósofos, são os estudiosos", continuou ele, "são as pessoas que passam a tocha, que mantêm acesa a luz pela qual vivemos. Ser político não nos cega necessariamente para isso, Sra. Ambrose.

"Não. Por que deveria?" disse Helena. "Mas você consegue se lembrar se sua esposa toma açúcar?"

Ela levantou a bandeja e foi com ela até a Sra. Dalloway.

Richard enrolou duas vezes um cachecol no pescoço e subiu com dificuldade para o convés. Seu corpo, que havia ficado branco e macio em um quarto escuro, formigava todo ao ar fresco. Ele se sentia um homem, sem dúvida, no auge da vida. O orgulho brilhava em seus olhos enquanto ele deixava o vento golpeá-lo e permanecia firme. Com a cabeça ligeiramente abaixada, ele contornou as curvas, subiu a colina e enfrentou a explosão. Houve uma colisão. Por um segundo ele não conseguiu ver qual era o corpo que havia encontrado. "Desculpe." "Desculpe." Foi Rachel quem se desculpou. Os dois riram, muito emocionados para falar. Ela abriu a porta de seu quarto e entrou na calma. Para falar com ela era necessário que Richard a seguisse. Eles ficaram em um redemoinho de vento; os papéis começaram a voar em círculos, a porta bateu e eles caíram, rindo, nas cadeiras. Richard sentou-se em Bach.

"Minha palavra! Que tempestade!" ele exclamou.

"Tudo bem, não é?" disse Raquel. Certamente a luta e o vento lhe deram uma decisão que lhe faltava; o vermelho estava em suas bochechas e seu cabelo estava solto.

"Ah, que divertido!" ele gritou. "Em que estou sentado? Este é o seu quarto? Que alegre!"

"Aí, sente aí", ela ordenou. Cowper deslizou mais uma vez.

"Que bom nos encontrarmos novamente", disse Richard. "Parece uma eternidade. Cartas de Cowper?"

"Eu fiz você pensar! Mas por quê?"

"Que icebergs solitários somos, senhorita Vinrace! Quão pouco podemos nos comunicar! Há muitas coisas sobre as quais eu gostaria de lhe contar — para ouvir sua opinião. Você já leu Burke?"

— Burke? ela repetiu. "Quem era Burke?"

"Não? Bem, então farei questão de lhe enviar uma cópia. O Discurso sobre a Revolução Francesa — A Rebelião Americana? Qual será, eu me pergunto?" Ele anotou algo em sua carteira. "E então você deve escrever e me dizer o que pensa disso. Essa reticência - esse isolamento - é o que acontece com a vida moderna! Agora, conte-me sobre você. Quais são seus interesses e ocupações? Imagino que você fosse uma pessoa com interesses muito fortes. Claro que é! Meu Deus! Quando penso na época em que vivemos, com suas oportunidades e possibilidades, a massa de coisas a serem feitas e desfrutadas - por que não temos dez vidas em vez de uma? Mas sobre você mesmo?"

"Veja, eu sou uma mulher", disse Rachel.

"Eu sei... eu sei", disse Richard, jogando a cabeça para trás e passando os dedos pelos olhos.

"Que estranho ser mulher! Uma mulher jovem e bonita", continuou ele sentenciosamente, "tem o mundo inteiro a seus pés. Isso é verdade, senhorita Vinrace. Você tem um poder inestimável - para o bem ou para o mal. O que você não poderia fazer -" ele se interrompeu.

"O quê?" perguntou Raquel.

"Você tem beleza", disse ele. O navio balançou. Rachel caiu ligeiramente para frente. Richard tomou-a nos braços e beijou-a. Segurando-a com força, ele a beijou apaixonadamente, de modo que ela sentiu a dureza de seu corpo e a aspereza de seu rosto impressas nas dela. Ela caiu para trás na cadeira, com batidas tremendas do coração, cada uma das quais enviando ondas negras em seus olhos. Ele apertou a testa com as mãos.

"Você me tenta", disse ele. O tom de sua voz era assustador. Ele parecia sufocado pela luta. Ambos estavam tremendo. Rachel se levantou e foi. Sua cabeça estava fria, seus joelhos tremiam, e a dor física da emoção era tão grande que ela só conseguia se manter em movimento acima dos grandes saltos de seu coração. Ela se apoiou na amurada do navio e gradualmente deixou de sentir, pois um arrepio no corpo e na mente tomou conta dela. Longe, entre as ondas, cavalgavam pequenos pássaros marinhos pretos e brancos. Subindo e descendo com movimentos suaves e graciosos nas cavidades das ondas, pareciam singularmente desapegados e despreocupados.

"Você está em paz", disse ela. Ela também ficou em paz, ao mesmo tempo possuída por uma estranha exultação. A vida parecia conter infinitas

possibilidades que ela nunca havia imaginado. Ela se apoiou na amurada e olhou para as águas cinzentas e turbulentas, onde a luz do sol se espalhava intermitentemente pelas cristas das ondas, até que ela sentiu frio e se acalmou novamente. No entanto, algo maravilhoso aconteceu.

No jantar, porém, ela não se sentiu exaltada, mas apenas desconfortável, como se ela e Richard tivessem visto juntos algo que está escondido na vida cotidiana, de modo que não gostassem de olhar um para o outro. Richard deslizou os olhos sobre ela, inquieto, uma vez e nunca mais olhou para ela. Os chavões formais foram fabricados com esforço, mas Willoughby foi estimulado.

"Carne para o Sr. Dalloway!" ele gritou. "Vamos, depois dessa caminhada você está na fase da briga, Dalloway!"

Seguiram-se histórias masculinas maravilhosas sobre Bright e Disraeli e governos de coalizão, histórias maravilhosas que faziam as pessoas à mesa de jantar parecerem insignificantes e pequenas. Depois do jantar, sentada sozinha com Rachel sob a grande luminária oscilante, Helen ficou impressionada com sua palidez. Mais uma vez lhe ocorreu que havia algo estranho no comportamento da menina.

"Você parece cansado. Você está cansado?" ela perguntou.

"Não estou cansado", disse Rachel. "Ah, sim, suponho que estou cansado."

Helen aconselhou dormir e foi embora, sem ver Richard novamente. Ela devia estar muito cansada porque adormeceu imediatamente, mas depois de uma ou duas horas de sono sem sonhos, ela sonhou. Ela sonhou que estava andando por um longo túnel, que se tornava tão estreito aos poucos que ela conseguia tocar os tijolos úmidos de ambos os lados. Por fim, o túnel abriu-se

e tornou-se uma abóbada; ela se viu presa nele, tijolos encontrando-a onde quer que ela se virasse, sozinha com um homenzinho deformado que estava agachado no chão, balbuciando, com unhas compridas. Seu rosto estava esburacado e parecia o rosto de um animal. A parede atrás dele exsudava umidade, que se acumulava em gotas e escorregava. Imóvel e fria como a morte, ela ficou deitada, sem ousar se mover, até que quebrou a agonia jogando-se na cama e acordou chorando "Oh!"

Light mostrou-lhe coisas familiares: suas roupas caídas da cadeira; o jarro de água branco e brilhante; mas o horror não desapareceu imediatamente. Ela se sentiu perseguida, então se levantou e trancou a porta. Uma voz gemeu por ela; olhos a desejavam. Durante toda a noite, homens bárbaros assediaram o navio; eles vieram correndo pelos corredores e pararam para fungar na porta dela. Ela não conseguiu dormir novamente.

## 06. Capítulo Seis

A conversa sobre educação, desejo e liberdade amplia o mundo íntimo de Rachel.

ESTA é a tragédia da vida, como sempre digo!", disse a Sra. Dalloway. "Começar coisas e ter que terminá-las. Mesmo assim, não vou deixar isso acabar, se você estiver disposto." Era de manhã, o mar estava calmo e o navio mais uma vez estava ancorado não muito longe de outra costa.

Ela estava vestida com seu longo manto de pele, com os véus enrolados na cabeça, e mais uma vez as ricas caixas ficaram umas em cima das outras, de modo que a cena de alguns dias atrás parecia se repetir.

"Você acha que algum dia nos encontraremos em Londres?" - disse Ridley ironicamente. "Você terá se esquecido completamente de mim quando chegar lá."

Ele apontou para a margem da pequena baía, onde agora podiam ver as árvores separadas com galhos em movimento.

"Como você é horrível!" ela riu. "De qualquer forma, Rachel virá me ver, assim que você voltar", disse ela, apertando o braço de Rachel. "Agora, você não tem desculpa!"

Com um lápis prateado ela escreveu seu nome e endereço na folha de rosto de Persuasão e entregou o livro a Rachel. Os marinheiros carregavam a bagagem e as pessoas começavam a se reunir. Lá estavam o capitão Cobbold, o sr. Grice, Willoughby, Helen e um homem obscuro e agradecido, de camisa azul.

"Ah, está na hora", disse Clarissa. "Bem, adeus. Eu gosto de você." Ela murmurou enquanto beijava Rachel. As pessoas no caminho tornavam

desnecessário que Richard apertasse a mão de Rachel; ele conseguiu olhar para ela com muita rigidez por um segundo antes de seguir sua esposa pela lateral do navio.

O barco que se separava da embarcação dirigiu-se para terra firme e, por alguns minutos, Helen, Ridley e Rachel debruçaram-se sobre a amurada, observando. Uma vez a Sra. Dalloway se virou e acenou; mas o barco foi ficando cada vez menor até parar de subir e descer, e nada podia ser visto, exceto duas costas resolutas.

"Bem, isso acabou", disse Ridley após um longo silêncio. "Nunca mais os veremos", acrescentou, virando-se para consultar seus livros. Uma sensação de vazio e melancolia tomou conta deles; eles sabiam em seus corações que tudo havia acabado; que eles se separaram para sempre; e esse conhecimento os encheu de uma depressão muito maior do que o tempo de convivência parecia justificar. Enquanto o barco se afastava, eles puderam sentir outras imagens e sons começando a tomar o lugar dos Dalloway, e a sensação era tão desagradável que tentaram resistir. Pois também eles seriam esquecidos.

Da mesma forma que a Sra. Chailey lá embaixo estava varrendo as folhas secas de rosa da penteadeira, Helen estava ansiosa para endireitar as coisas novamente depois que os visitantes fossem embora. A óbvia languidez e indiferença de Rachel fizeram dela uma presa fácil e, de fato, Helen inventou uma espécie de armadilha. Que algo havia acontecido ela agora tinha certeza; além disso, ela passou a pensar que eles já eram estranhos há bastante tempo; ela queria saber como era a garota, em parte, é claro, porque Rachel não mostrava nenhuma disposição para ser conhecida. Então, quando eles saíram da amurada, ela disse:

"Venha conversar comigo em vez de praticar", e seguiu na frente até o lado abrigado, onde as espreguiçadeiras estavam estendidas ao sol. Rachel a seguiu com indiferença. Sua mente estava absorvida por Richard; pela extrema estranheza do que havia acontecido e por mil sentimentos dos quais ela não tinha consciência antes. Ela quase não fez nenhuma tentativa de ouvir o que Helen estava dizendo, já que Helen se entregava a lugares-comuns, para começar. Enquanto a Sra. Ambrose arrumava o bordado, chupava a seda e enfiava a linha na agulha, ela ficou deitada olhando para o horizonte.

"Você gostou daquelas pessoas?" Helen perguntou casualmente.

"Sim", ela respondeu inexpressivamente.

"Você conversou com ele, não foi?"

Ela não disse nada por um minuto.

"Ele me beijou", disse ela sem qualquer mudança de tom.

Helen se assustou, olhou para ela, mas não conseguiu entender o que ela sentia.

"M-m-m'sim", disse ela, após uma pausa. "Eu pensei que ele era esse tipo de homem."

"Que tipo de homem?" disse Raquel.

"Pomposo e sentimental."

"Eu gostei dele", disse Rachel.

"Então você não se importou?"

Pela primeira vez desde que Helen a conheceu, os olhos de Rachel brilharam intensamente.

"Eu me importei", ela disse veementemente. "Eu sonhei. Não consegui dormir."

"Diga-me o que aconteceu", disse Helen. Ela teve que evitar que seus lábios se contraíssem enquanto ouvia a história de Rachel. Foi derramado abruptamente com grande seriedade e sem senso de humor.

"Conversamos sobre política. Ele me contou o que tinha feito pelos pobres em algum lugar. Fiz-lhe todo tipo de perguntas. Ele me contou sobre sua própria vida. Anteontem, depois da tempestade, ele veio me ver. Aconteceu então, de repente. Ele me beijou. Não sei por quê." Enquanto falava, ela ficou vermelha. "Eu estava muito animada", ela continuou. "Mas só me importei depois; quando..." ela fez uma pausa e viu novamente a figura do homenzinho inchado - "fiquei apavorada."

Pela expressão em seus olhos, era evidente que ela estava novamente aterrorizada. Helen estava realmente sem saber o que dizer. Pelo pouco que sabia sobre a educação de Rachel, ela supôs que ela havia sido mantida totalmente ignorante quanto às relações dos homens com as mulheres. Com a timidez que sentia com as mulheres e não com os homens, ela não gostava de explicar simplesmente o que eram. Portanto ela tomou o outro rumo e menosprezou todo o caso.

"Oh, bem", disse ela, "ele era uma criatura boba e, se eu fosse você, não pensaria mais nisso."

"Não", disse Rachel, sentando-se ereta, "não farei isso. Pensarei nisso o dia todo e a noite toda até descobrir exatamente o que significa."

"Você nunca lê?" Helen perguntou timidamente.

"Cartas de Cowper... esse tipo de coisa. Meu pai as compra para mim ou para minhas tias."

Helen mal conseguia evitar dizer em voz alta o que pensava de um homem que educava a filha de tal forma que, aos vinte e quatro anos, ela mal sabia que os homens desejavam mulheres e ficava aterrorizada com um beijo. Ela tinha bons motivos para temer que Rachel tivesse se tornado incrivelmente ridícula.

"Você não conhece muitos homens?" ela perguntou.

"Sr. Pepper," disse Rachel ironicamente.

"Então ninguém nunca quis se casar com você?"

"Não", ela respondeu ingenuamente.

Helen refletiu que, pelo que ela havia dito, Rachel certamente pensaria nessas coisas, talvez fosse melhor ajudá-la.

"Você não deveria ter medo", disse ela. "É a coisa mais natural do mundo. Os homens vão querer beijar você, assim como vão querer se casar com você. A pena é deixar as coisas fora de proporção. É como perceber os barulhos que as pessoas fazem quando comem, ou os homens cuspidos; ou, em suma, qualquer coisinha que dá nos nervos."

Rachel parecia estar desatenta a essas observações. "Diga-me", ela disse de repente, "o que são aquelas mulheres em Piccadilly?"

"Em Piccadilly? Elas são prostitutas", disse Helen.

"É assustador, é nojento", afirmou Rachel, como se incluísse Helen em seu ódio.

"É", disse Helen. "Mas -- "

"Eu gostei dele," Rachel refletiu, como se estivesse falando consigo mesma.

"Eu queria falar com ele; queria saber o que ele tinha feito. As mulheres em Lancashire —"

Ao lembrar a conversa, pareceu-lhe que havia algo de adorável em Richard, de bom na tentativa de amizade e de estranhamente lamentável na forma como se separaram.

A suavização do seu humor era evidente para Helen.

"Veja", disse ela, "você deve aceitar as coisas como elas são; e se quiser amizade com homens, você deve correr riscos. Pessoalmente", ela continuou, abrindo um sorriso, "acho que vale a pena; não me importo de ser beijada; estou com bastante ciúme, creio, porque o Sr. Dalloway beijou você e não me beijou. Embora", acrescentou ela, "ele me entediava consideravelmente."

Mas Rachel não retribuiu o sorriso nem descartou todo o caso, como Helen pretendia que ela fizesse. Sua mente estava trabalhando muito rapidamente, de forma inconsistente e dolorosa. As palavras de Helen derrubaram grandes blocos que sempre estiveram ali, e a luz que entrou foi fria. Depois de ficar sentada por algum tempo com os olhos fixos, ela explodiu:

"Então é por isso que não consigo andar sozinho!"

Sob esta nova luz, ela viu pela primeira vez a sua vida como uma coisa rastejante e cercada, conduzida cautelosamente entre muros altos, aqui desviada, ali mergulhada na escuridão, tornada monótona e aleijada para

sempre - a sua vida que era a única oportunidade que tinha - o curto período entre dois silêncios.

"Porque os homens são brutos! Eu odeio os homens!" ela exclamou.

"Eu pensei que você disse que gostava dele?" disse Helena.

"Gostei dele e gostei de ser beijada", respondeu ela, como se isso só acrescentasse mais dificuldades ao seu problema.

Helen ficou surpresa ao ver quão genuínos eram tanto o choque quanto o problema, mas não conseguia pensar em nenhuma maneira de aliviar a dificuldade, a não ser continuando a falar. Ela queria fazer a sobrinha falar e, assim, entender por que aquele político um tanto enfadonho, gentil e plausível causara nela uma impressão tão profunda, pois certamente aos vinte e quatro anos isso não era natural.

"E você também gostou da Sra. Dalloway?" ela perguntou.

Enquanto falava, ela viu Rachel enrubescer; pois ela se lembrava de coisas tolas que havia dito, e também lhe ocorreu que tratava muito mal aquela mulher delicada, pois a Sra. Dalloway dissera que amava o marido.

"Ela era muito legal, mas uma criatura com pés de dedais", continuou Helen. "Nunca ouvi tanta bobagem! Conversa fiada, conversa fiada - peixe e o alfabeto grego - nunca ouvi uma palavra que alguém disse - repleto de teorias idiotas sobre a maneira de criar os filhos - eu preferiria falar com ele qualquer dia. Ele era pomposo, mas pelo menos entendia o que lhe diziam."

O glamour desapareceu insensivelmente um pouco tanto de Richard quanto de Clarissa. Afinal, eles não eram tão maravilhosos aos olhos de uma pessoa madura. "É muito difícil saber como as pessoas são", observou Rachel, e

Helen percebeu com prazer que ela falava com mais naturalidade. "Suponho que fui enganado."

Não havia dúvidas sobre isso, segundo Helen, mas ela se conteve e disse em voz alta:

"É preciso fazer experimentos."

"E eles eram legais", disse Rachel. "Eles eram extraordinariamente interessantes." Ela tentou se lembrar da imagem do mundo como uma coisa viva que Richard lhe dera, com esgotos como nervos e casas ruins como manchas de pele doente. Ela se lembrou das palavras de ordem dele — Unidade — Imaginação, e viu novamente as bolhas se reunindo em sua xícara de chá enquanto ele falava de irmãs e canários, da infância e de seu pai, o pequeno mundo dela se tornando maravilhosamente ampliado.

"Mas nem todas as pessoas parecem igualmente interessantes para você, não é?" — perguntou a Sra. Ambrose.

Rachel explicou que a maioria das pessoas até então eram símbolos; mas que quando conversavam com alguém deixavam de ser símbolos e se tornavam — "Eu poderia ouvi-los para sempre!" ela exclamou e ficou absorta em seus pensamentos.

Enquanto isso, Helen costurava seu bordado e pensava nas coisas que haviam dito. A conclusão dela foi que ela gostaria muito de mostrar à sobrinha, se fosse possível, como viver ou, como ela disse, como ser uma pessoa razoável. Ela pensou que devia haver algo errado nesta confusão entre política e beijar políticos, e que uma pessoa mais velha deveria ser capaz de ajudar.

"Eu concordo", disse ela, "que as pessoas são muito interessantes; só que..." Rachel ergueu os olhos interrogativamente.

"Só acho que você deveria discriminar", ela concluiu. "É uma pena ter intimidade com pessoas que são... bem, de segunda categoria, como os Dalloway, e descobrir isso mais tarde."

"Mas como saber?" Rachel perguntou.

"Eu realmente não posso te dizer", respondeu Helen com franqueza, depois de pensar por um momento. "Você terá que descobrir por si mesmo. Mas tente e... Por que você não me chama de Helen?" ela acrescentou. "'Tia' é um nome horrível. Nunca gostei das minhas tias."

"Eu gostaria de chamá-la de Helen", respondeu Rachel.

"Você me acha muito antipático?"

Rachel revisou os pontos que Helen certamente não conseguiu compreender; eles surgiram principalmente da diferença de quase vinte anos de idade entre eles, o que fez com que a Sra. Ambrose parecesse muito bem-humorada e fria em uma questão de tal momento.

"Não", ela disse. "Algumas coisas você não entende, é claro."

"Claro", Helen concordou. "Então agora você pode seguir em frente e ser uma pessoa por conta própria", acrescentou ela.

A visão de sua própria personalidade, de si mesma como algo real e eterno, diferente de qualquer outra coisa, inconfundível, como o mar ou o vento, surgiu na mente de Rachel, e ela ficou profundamente entusiasmada com a ideia de viver.

"Eu posso ser eu mesma", ela gaguejou, "apesar de você, apesar dos Dalloway, e do Sr. Pepper, e do pai, e das minhas tias, apesar deles?"

"Apesar de tudo", disse Helen gravemente. Ela então largou a agulha e explicou um plano que lhe veio à cabeça enquanto conversavam. Em vez de vagar pelo Amazonas até chegar a algum porto tropical sulfuroso, onde era preciso passar o dia todo deitado dentro de casa espancando insetos com um leque, a coisa sensata a fazer certamente era passar a temporada com eles em sua villa à beira-mar, onde, entre outras vantagens, a própria Sra.

"Afinal, Rachel", ela interrompeu-se, "é bobagem fingir que, devido à diferença de vinte anos entre nós, não podemos conversar uns com os outros como seres humanos."

"Não; porque gostamos um do outro", disse Rachel.

"Sim", concordou a Sra. Ambrose.

Esse fato, juntamente com outros fatos, ficou claro na conversa de vinte minutos, embora não pudessem dizer como chegaram a essas conclusões.

Seja como for, eram suficientemente sérios para enviar a Sra. Ambrose um ou dois dias depois em busca de seu cunhado. Ela o encontrou sentado em seu quarto trabalhando, aplicando com autoridade um lápis azul grosso em maços de papel transparente. Os papéis estavam à esquerda e à direita dele, havia grandes envelopes tão abarrotados de papéis que derramavam papéis sobre a mesa. Acima dele estava pendurada uma fotografia da cabeça de uma mulher. A necessidade de ficar absolutamente imóvel diante de um fotógrafo cockney fez com que seus lábios franzissem um pouco, e seus olhos, pelo mesmo motivo, davam a impressão de que ela achava toda a situação ridícula. No entanto, era a cabeça de uma mulher individual e interessante,

que sem dúvida teria se virado e rido de Willoughby se pudesse chamar sua atenção; mas quando ele olhou para ela, suspirou profundamente. Na sua opinião, este seu trabalho, as grandes fábricas em Hull que pareciam montanhas à noite, os navios que cruzavam o oceano pontualmente, os esquemas para combinar isto e aquilo e construir uma massa sólida de indústria, eram tudo uma oferenda para ela; ele colocou seu sucesso aos pés dela; e estava sempre pensando em como educar a filha para que Theresa ficasse feliz. Ele era um homem muito ambicioso; e embora ele não tivesse sido particularmente gentil com ela enquanto ela viveu, como Helen pensava, ele agora acreditava que ela o observava do céu e inspirava o que havia de bom nele.

A Sra. Ambrose pediu desculpas pela interrupção e perguntou se poderia falar com ele sobre um plano dela. Ele consentiria em deixar a filha com eles quando desembarcassem, em vez de levá-la pelo Amazonas?

"Nós cuidaríamos muito bem dela", acrescentou ela, "e realmente gostaríamos disso".

Willoughby parecia muito sério e cuidadosamente deixou de lado seus papéis.

"Ela é uma boa menina", ele disse finalmente. "Existe uma semelhança?" — ele acenou com a cabeça para a fotografia de Theresa e suspirou. Helen olhou para Theresa franzindo os lábios diante do fotógrafo cockney. Isso a sugeria de uma forma absurdamente humana, e ela sentiu uma vontade intensa de contar alguma piada.

"Ela é a única coisa que me resta", suspirou Willoughby.

“Continuamos ano após ano sem falar sobre essas coisas —” Ele se interrompeu. “Mas é melhor assim. Só que a vida é muito difícil.”

Helen sentiu pena dele e deu-lhe um tapinha no ombro, mas sentiu-se desconfortável quando o cunhado expressou seus sentimentos e refugiou-se em elogiar Rachel e explicar por que ela achava que seu plano poderia ser bom.

“É verdade”, disse Willoughby quando ela terminou. “As condições sociais tendem a ser primitivas. Eu deveria ficar bastante fora. Concordei porque ela assim o desejou. E é claro que tenho total confiança em você... Veja, Helen”, ele continuou, tornando-se confidencial, “quero educá-la como sua mãe teria desejado. Não mantenho essas visões modernas - mais do que você, hein? Ela é uma garota agradável e quieta, dedicada à sua música - um pouco menos disso não faria mal. Mesmo assim, isso a manteve feliz, e nós lideramos uma vida muito tranquila em Richmond, gostaria que ela começasse a ver mais pessoas. Quero levá-la comigo quando chegar em casa. Estou pensando em alugar uma casa em Londres, deixando minhas irmãs em Richmond, e levá-la para ver uma ou duas pessoas que seriam gentis com ela por minha causa. Estou começando a perceber”, continuou ele, espreguiçando-se, “que tudo isso está favorecendo o Parlamento, Helen. É a única maneira de fazer as coisas como se deseja. Conversei com Dalloway sobre isso. Nesse caso, é claro, eu gostaria que Rachel pudesse participar mais das coisas. Seria necessária uma certa quantidade de entretenimento - jantares, uma festa noturna ocasional. Acredito que os eleitores gostam de ser alimentados. De todas essas maneiras, Rachel poderia ser de grande ajuda para mim. Então”, ele concluiu, “eu ficaria muito feliz, se arranjassemos esta visita (que deve ser em termos de negócios, veja bem), se você pudesse encontrar uma maneira de ajudar minha garota, trazendo-a para fora, - ela está um pouco

tímida agora, - fazendo dela uma mulher, o tipo de mulher que sua mãe gostaria que ela fosse", ele terminou, apontando a cabeça para a fotografia.

O egoísmo de Willoughby, embora consistente, como Helen percebeu, com o verdadeiro afeto pela filha, fez com que ela decidisse que a menina ficasse com ela, mesmo que ela tivesse que prometer um curso completo de instrução nas graças femininas. Ela não pôde deixar de rir ao pensar nisso — Rachel era uma anfitriã conservadora! — e de se maravilhar ao deixá-lo com a espantosa ignorância de um pai.

Rachel, quando consultada, demonstrou menos entusiasmo do que Helen poderia desejar. Num momento ela estava ansiosa, no seguinte duvidosa. Visões de um grande rio, ora azul, ora amarelo sob o sol tropical e atravessado por pássaros brilhantes, ora branco sob a lua, ora profundamente sombreado por árvores em movimento e canoas deslizando das margens emaranhadas, a assediavam. Helen prometeu um rio. Então ela não queria deixar o pai. Esse sentimento também parecia genuíno, mas no final Helen prevaleceu, embora quando ganhou a causa tenha sido assolada por dúvidas e mais de uma vez tenha lamentado o impulso que a tinha enredado com a sorte de outro ser humano.

## 07. Capítulo Sete

Chegada à América do Sul, hotel, hóspedes ingleses e novo palco social.

À distância, o Euphrosyne parecia muito pequeno. Os óculos foram voltados para ela dos conveses dos grandes transatlânticos, e ela foi considerada um vagabundo, um cargueiro ou um daqueles miseráveis pequenos vapores de passageiros onde as pessoas rolavam entre o gado no convés. As figuras semelhantes a insetos de Dalloways, Ambroses e Vinraces também foram ridicularizadas, tanto pela extrema pequenez de suas pessoas quanto pela dúvida, que apenas óculos fortes poderiam dissipar, sobre se eram realmente criaturas vivas ou apenas pedaços no cordame. Sr. Pepper, com todo o seu conhecimento, foi confundido com um corvo-marinho e depois, injustamente, transformado em vaca. À noite, de fato, quando as valsas balançavam no salão e os passageiros talentosos recitavam, o pequeno navio - reduzido a algumas gotas de luz entre as ondas escuras, e uma no ar no topo do mastro - parecia algo misterioso e impressionante para os parceiros acalorados que descansavam da dança. Ela se tornou um navio que passava durante a noite - um emblema da solidão da vida humana, uma ocasião para estranhas confidências e repentinos apelos por simpatia.

Ela continuou andando, dia e noite, seguindo seu caminho, até que uma manhã rompeu e mostrou a terra. Perdendo sua aparência de sombra, tornou-se primeiro fendido e montanhoso, depois colorido de cinza e roxo, depois espalhado por blocos brancos que gradualmente se separaram, e então, à medida que o progresso do navio agia sobre a vista como um binóculo de poder crescente, tornou-se ruas de casas. Por volta das nove horas, o Euphrosyne já havia se posicionado no meio de uma grande baía; ela lançou sua âncora; imediatamente, como se ela fosse um gigante reclinado

que precisasse ser examinado, pequenos barcos surgiram em torno dela. Ela tocou com gritos; os homens pularam sobre ela; seu convés foi atingido pelos pés. A pequena ilha solitária foi invadida por todos os lados ao mesmo tempo e, após quatro semanas de silêncio, era desconcertante ouvir a fala humana. Somente a Sra. Ambrose não deu atenção a essa agitação. Ela estava pálida de suspense enquanto o barco com malas postais se aproximava deles. Absorta em suas cartas, ela não percebeu que havia deixado o Euphrosyne e não sentiu tristeza quando o navio levantou a voz e gritou três vezes como uma vaca separada de seu bezerro.

"As crianças estão bem!" ela exclamou. Sr. Pepper, que estava sentado em frente com um grande monte de sacola e tapete sobre os joelhos, disse: "Gratificante". Rachel, para quem o fim da viagem significou uma completa mudança de perspectiva, ficou demasiado perplexa com a aproximação da costa para perceber que crianças estavam bem ou por que isso era gratificante. Helen continuou lendo.

Movendo-se muito lentamente e elevando-se absurdamente alto sobre cada onda, o pequeno barco aproximava-se agora de um crescente branco de areia. Atrás dele havia um vale verde profundo, com colinas distintas de cada lado. Na encosta da colina à direita, assentavam-se casas brancas com telhados castanhos, como ninhos de aves marinhas, e em intervalos ciprestes riscavam a colina com barras pretas. Montanhas cujas encostas eram vermelhas, mas cujas coroas eram calvas, erguiam-se como um pináculo, ocultando parcialmente outro pináculo atrás dele. Como ainda era cedo, toda a vista era primorosamente iluminada e arejada; os azuis e verdes do céu e das árvores eram intensos, mas não abafados. À medida que se aproximavam e conseguiam distinguir detalhes, o efeito da terra, com os seus diminutos objetos, cores e diferentes formas de vida, era avassalador depois de quatro

semanas no mar, e manteve-os em silêncio.

"Trezentos anos ou mais", disse Sr. Pepper, meditativamente, por fim.

Como ninguém disse "O quê?" ele simplesmente extraiu um frasco e engoliu um comprimido. A informação que morreu dentro dele foi a de que, há trezentos anos, cinco barcas elisabetanas haviam ancorado onde o Euphrosyne agora flutuava. Parcialmente estacionados na praia havia um número igual de galeões espanhóis, não tripulados, pois o país ainda era uma terra virgem por trás de um véu. Deslizando pela água, os marinheiros ingleses levaram consigo barras de prata, fardos de linho, madeiras de cedro, crucifixos de ouro ornamentados com esmeraldas. Quando os espanhóis pararam de beber, começou uma briga, os dois grupos agitando a areia e empurrando um ao outro para as ondas. Os espanhóis, inchados com uma excelente vida dos frutos da terra milagrosa, caíram em montões; mas os robustos ingleses, morenos pelas viagens marítimas, peludos por falta de navalhas, com músculos como arame, presas ávidas por carne e dedos ansiosos por ouro, despacharam os feridos, levaram os moribundos ao mar e logo reduziram os nativos a um estado de espanto supersticioso. Aqui foi feito um acordo; as mulheres foram importadas; as crianças cresceram. Todos pareciam favorecer a expansão do Império Britânico, e se houvesse homens como Richard Dalloway no tempo de Carlos I, o mapa seria sem dúvida vermelho onde agora é um verde odioso. Mas deve-se supor que faltava imaginação à mente política daquela época e, apenas por falta de alguns milhares de libras e de alguns milhares de homens, morreu a faísca que deveria ter sido uma conflagração. Do interior vieram índios com venenos sutis, corpos nus e ídolos pintados; do mar vieram espanhóis vingativos e portugueses vorazes; expostos a todos esses inimigos (embora o clima se mostrasse maravilhosamente amável e a terra abundante), os

ingleses diminuíram e praticamente desapareceram. Por volta de meados do século XVII, um único saveiro observava a estação e saía à noite, levando consigo tudo o que restava da grande colónia britânica, alguns homens, algumas mulheres e talvez uma dúzia de crianças escuras. A história inglesa nega então todo o conhecimento do lugar. Devido a uma causa e a outra, a civilização mudou o seu centro para um local a uns seiscentos ou oitocentos quilómetros ao sul, e hoje Santa Marina não é muito maior do que era há trezentos anos. Em termos de população, é um compromisso feliz, pois os pais portugueses casam-se com mães indianas e os seus filhos casam-se com espanhóis. Embora obtenham os seus arados em Manchester, eles fazem os seus casacos com as suas próprias ovelhas, a sua seda com os seus próprios vermes e os seus móveis com os seus próprios cedros, de modo que nas artes e nas indústrias o lugar ainda está muito onde estava nos dias elisabetanos.

As razões que levaram os ingleses a atravessar o mar para fundar uma pequena colónia nos últimos dez anos não são tão facilmente descritas e talvez nunca sejam registadas nos livros de história. Dadas as facilidades de viagem, paz, bom comércio, e assim por diante, havia além disso uma espécie de insatisfação entre os ingleses com os países mais antigos e as enormes acumulações de pedra esculpida, vitrais e ricas pinturas marrons que eles ofereciam ao turista. O movimento em busca de algo novo foi, obviamente, infinitamente pequeno, afectando apenas um punhado de pessoas abastadas. Tudo começou com alguns professores servindo sua passagem para a América do Sul como comissários de navios a vapor. Eles voltaram a tempo para o período de verão, quando suas histórias sobre os esplendores e as dificuldades da vida no mar, os humores dos capitães do mar, as maravilhas da noite e do amanhecer, e as maravilhas do lugar encantaram os forasteiros, e às vezes foram publicados. O próprio país sobrecarregou todos os seus

poderes de descrição, pois diziam que era muito maior que a Itália e, na verdade, mais nobre que a Grécia. Mais uma vez, declararam que os nativos eram estranhamente belos, de estatura muito grande, morenos, apaixonados e rápidos no manejo da faca. O lugar parecia novo e cheio de novas formas de beleza, como prova disso mostravam lenços que as mulheres usavam na cabeça e esculturas primitivas de cores verdes e azuis brilhantes. De uma forma ou de outra, como acontece com a moda, a moda se espalhou; um antigo mosteiro foi rapidamente transformado em hotel, enquanto uma famosa linha de navios a vapor alterou sua rota para comodidade dos passageiros.

Por estranho que pareça, aconteceu que o menos satisfatório dos irmãos de Helen Ambrose tinha sido enviado anos antes para fazer fortuna, pelo menos para se manter afastado dos cavalos de corrida, no mesmo local que agora se tornara tão popular. Muitas vezes, apoiando-se na coluna na varanda, ele observava os navios ingleses com professores ingleses como comissários entrando na baía. Tendo finalmente ganho o suficiente para tirar férias e farto do lugar, propôs colocar a sua villa, na encosta da montanha, à disposição da irmã. Ela também ficara um pouco emocionada com a conversa sobre um novo mundo que acontecia ao seu redor, e a oportunidade, quando eles estavam planejando onde passar o inverno fora da Inglaterra, parecia boa demais para ser desperdiçada. Por essas razões, ela decidiu aceitar a oferta de Willoughby de passagens gratuitas em seu navio, colocar as crianças com os avós e cuidar bem do assunto enquanto ela cuidava do assunto.

Sentando-se em uma carruagem puxada por cavalos de cauda longa com penas de faisão erguidas entre as orelhas, os Ambrose, Sr. Pepper e Rachel saíram do porto. O dia aumentou de calor à medida que subiam a colina. A

estrada passava pela cidade, onde os homens pareciam bater em bronze e gritar “Água”, onde a passagem era bloqueada por mulas e desobstruída por chicotes e maldições, onde as mulheres andavam descalças, as cabeças equilibrando cestos, e os aleijados exibiam apressadamente membros mutilados; saía entre campos verdes e íngremes, não tão verdes, mas que deixavam transparecer a terra. Grandes árvores agora sombreavam tudo, exceto o centro da estrada, e um riacho na montanha, tão raso e tão rápido que se entrelaçava em fios enquanto corria, corria ao longo da borda. Eles subiram mais alto, até que Ridley e Rachel caminharam atrás; em seguida, viraram por uma alameda repleta de pedras, onde Sr. Pepper ergueu a bengala e indicou silenciosamente um arbusto que ostentava entre folhas esparsas uma volumosa flor roxa; e num galope instável a última etapa do caminho foi concluída.

A villa era uma espaçosa casa branca que, como acontece com a maioria das casas continentais, parecia aos olhos ingleses frágil, em ruínas e absurdamente frívola, mais parecida com um pagode num jardim de chá do que com um lugar onde se dormisse. O jardim pedia urgentemente os serviços do jardineiro. Os arbustos balançavam seus galhos pelos caminhos, e as folhas de grama, com espaços de terra entre elas, podiam ser contadas. No terreno circular em frente à varanda havia dois vasos rachados, dos quais pendiam flores vermelhas, com uma fonte de pedra entre eles, agora ressecada ao sol. O jardim circular levava a um jardim comprido, onde as tesouras do jardineiro mal estavam, a não ser de vez em quando, quando ele cortava um ramo de flores para a sua amada. Algumas árvores altas faziam sombra e arbustos redondos com flores parecidas com cera se aglomeravam em uma fileira. Um jardim suavemente coberto de grama, dividido por sebes espessas, com canteiros elevados de flores brilhantes, como os que

mantemos dentro de muros na Inglaterra, estaria deslocado na encosta desta colina nua. Não havia nada feio que pudesse ser excluído, e a villa dava para o mar, do outro lado da encosta de uma encosta repleta de oliveiras.

A indecência de todo o lugar atingiu fortemente a Sra. Chailey. Não havia persianas para bloquear o sol, nem havia móveis dignos de nota para o sol estragar. Parada no corredor de pedra nua e examinando uma escadaria de largura soberba, mas rachada e sem carpete, ela arriscou ainda mais a opinião de que havia ratos, tão grandes quanto terriers em casa, e que se alguém colocasse o pé no chão com alguma força, cairia no chão. Quanto à água quente, neste momento suas investigações a deixaram sem palavras.

"Pobre criatura!" ela murmurou para a pálida criada espanhola que saiu com os porcos e as galinhas para recebê-los, "não é de admirar que você nem pareça um ser humano!" Maria aceitou o elogio com uma requintada graça espanhola. Na opinião de Chailey, teriam feito bem em permanecer a bordo de um navio inglês, mas ninguém sabia melhor do que ela que o seu dever a obrigava a ficar.

Quando se instalaram e partiram para a ocupação diária, houve algumas especulações sobre os motivos que levaram Sr. Pepper a ficar, fixando-se na casa de Ambrose. Esforços foram feitos durante alguns dias antes do desembarque para impressionar-lhe as vantagens das Amazonas.

"Esse grande fluxo!" Helen começava, olhando como se visse uma cascata visionária: "Tenho vontade de ir com você pessoalmente, Willoughby - só que não posso. Pense no pôr do sol e no nascer da lua - acredito que as cores são inimagináveis.

"Existem pavões selvagens", Rachel arriscou.

"E criaturas maravilhosas na água", afirmou Helen.

"Alguém pode descobrir um novo réptil", continuou Rachel.

"Disseram-me que certamente haverá uma revolução", insistiu Helen. O efeito desses subterfúgios foi um pouco frustrado por Ridley, que, depois de observar Pepper por alguns momentos, suspirou alto: "Coitado!" e especulou interiormente sobre a crueldade das mulheres.

Pepper permaneceu, no entanto, aparentemente satisfeito durante seis dias, brincando com um microscópio e um caderno em uma das muitas salas de estar escassamente mobiliadas, mas na noite do sétimo dia, quando estavam sentados para jantar, ele parecia mais inquieto do que de costume. A mesa de jantar estava colocada entre duas longas janelas que foram deixadas sem cortinas por ordem de Helen. A escuridão caiu tão bruscamente quanto uma faca neste clima, e a cidade então surgiu em círculos e linhas de pontos brilhantes abaixo deles. Prédios que nunca apareciam de dia apareciam à noite, e o mar corria direto sobre a terra, a julgar pelas luzes em movimento dos navios a vapor. A visão cumpria o mesmo propósito que uma orquestra num restaurante londrino, e o silêncio tinha o seu cenário. William Pepper observou isso por algum tempo; ele colocou os óculos para contemplar a cena.

"Identifiquei o grande bloco à esquerda", observou, e apontou com o garfo para um quadrado formado por diversas fileiras de luzes.

"Deve-se inferir que eles podem cozinhar vegetais", acrescentou.

"Um hotel?" disse Helena.

"Antigamente um mosteiro", disse o Sr. Pepper.

Nada mais foi dito então, mas, no dia seguinte, Sr. Pepper voltou de uma caminhada do meio-dia e ficou em silêncio diante de Helen, que estava lendo na varanda.

"Aluguei um quarto ali", disse ele.

"Você não vai?" ela exclamou.

"No geral, sim", ele comentou. "Nenhum cozinheiro particular pode cozinhar vegetais."

Sabendo que ele não gostava de perguntas, algo que ela até certo ponto compartilhava, Helen não perguntou mais nada. Ainda assim, uma suspeita incômoda espreitava em sua mente de que William estava escondendo um ferimento. Ela corou ao pensar que suas palavras, ou as de seu marido, ou as de Rachel haviam penetrado e doído. Ela estava quase comovida a chorar: "Pare, William; explique!" e teria voltado ao assunto durante o almoço se William não se tivesse mostrado inescrutável e frio, levantando fragmentos de salada na ponta do garfo, com o gesto de um homem que espeta algas, detecta cascalho, suspeita de germes.

"Se todos vocês morrerem de febre tifóide, não serei responsável!" ele retrucou.

"Se você morrer de estupidez, eu também não", Helen repetiu em seu coração.

## 08. Capítulo Oito

Santa Marina, passeios, observações e as primeiras aberturas do ambiente tropical.

Os próximos meses se passaram, como muitos anos podem passar, sem eventos definidos, e ainda assim, se subitamente perturbados, ver-se-ia que tais meses ou anos tiveram um caráter diferente de outros. Os três meses que se passaram os levaram ao início de março. O clima cumprira a promessa e a mudança da estação, do inverno para a primavera, fizera muito pouca diferença, de modo que Helen, que estava sentada na sala de estar com uma caneta na mão, conseguia manter as janelas abertas, apesar de um grande fogo de lenha arder de um lado dela. Lá embaixo, o mar ainda estava azul e os telhados ainda marrons e brancos, embora o dia estivesse desaparecendo rapidamente. Estava anoitecendo no quarto, que, sempre grande e vazio, agora parecia maior e mais vazio do que de costume. Sua própria figura, sentada escrevendo com um bloco sobre os joelhos, sombreava o efeito geral de tamanho e falta de detalhes, pois as chamas que corriam pelos galhos, devorando subitamente pequenos tufos verdes, queimavam intermitentemente e lançavam iluminações irregulares em seu rosto e nas paredes de gesso. Não havia quadros nas paredes, mas aqui e ali ramos carregados de flores de pesadas pétalas espalhavam-se amplamente contra elas. Dos livros caídos no chão e amontoados sobre a grande mesa, só era possível traçar o contorno sob aquela luz.

A Sra. Ambrose estava escrevendo uma carta muito longa. Começando com "Querido Bernard", descrevia o que vinha acontecendo na Villa San Gervasio durante os últimos três meses, como, por exemplo, que eles convidaram o cônsul britânico para jantar, e foram levados para um navio de guerra espanhol, e viram muitas procissões e festivais religiosos, que eram tão

bonitos que a Sra. Eles fizeram várias expedições, mas nenhuma de grande duração. Valia a pena vir pelo menos por causa das árvores floridas que cresciam selvagens perto da casa e das cores incríveis do mar e da terra. A terra, em vez de ser marrom, era vermelha, roxa, verde. “Você não vai acreditar em mim”, acrescentou ela, “não existe cor igual na Inglaterra”. Ela adotava, de fato, um tom condescendente com aquela pobre ilha, que agora trazia açafrões frios e violetas cortadas nos recantos, nos bosques, nos recantos aconchegantes, cuidada por velhos jardineiros rosados, de cachecóis, que estavam sempre tocando os chapéus e balançando-se obsequiosamente. Ela passou a ridicularizar os próprios ilhéus. Rumores sobre Londres fervilhando por causa de uma eleição geral chegaram até eles aqui. “Parece incrível”, ela continuou, “que as pessoas se importem se Asquith está dentro ou Austen Chamberlain está fora, e enquanto vocês gritam até ficarem roucos sobre política, vocês deixam as únicas pessoas que estão tentando algo bom morrerem de fome ou simplesmente rirem delas. aristocratas.”

Talvez tenha sido a menção aos aristocratas que a lembrou de Richard Dalloway e Rachel, pois ela continuou com a mesma pena para descrever a sobrinha.

“É um destino estranho que me colocou no comando de uma menina”, escreveu ela, “considerando que nunca me dei bem com as mulheres, ou tive muito a ver com elas. No entanto, devo retratar algumas das coisas que disse contra elas. embora tivesse vinte e quatro anos, nunca tinha ouvido falar que os homens desejavam mulheres e, até que eu explicasse, não sabia como as crianças nasciam. Sua ignorância sobre outros assuntos tão importantes” (aqui a Sra. A carta de Ambrose não pode ser citada)...“estava completa. Parece-me não apenas tolo, mas criminoso criar pessoas assim. Sem falar do

sufrimento para elas, isso explica por que as mulheres são o que são - o que é surpreendente é que elas não são piores. Eu assumi a responsabilidade de esclarecê-la, e agora, embora ainda bastante preconceituosa e sujeita a exagerar, ela é mais ou menos um ser humano razoável. Mantê-los ignorantes, é claro, derrota seu próprio objetivo, e quando eles começam a entender eles levam tudo muito a sério. Meu cunhado realmente merecia uma catástrofe — que ele não vai conseguir. Agora rezo para que um jovem venha em meu auxílio; alguém, quero dizer, que falaria abertamente com ela e provaria o quão absurdas são a maioria de suas idéias sobre a vida. Infelizmente, esses homens parecem quase tão raros quanto as mulheres. A colônia inglesa certamente não oferece uma; artistas, comerciantes, pessoas cultas - eles são estúpidos, convencionais e sedutores...” Ela parou e, com a caneta na mão, ficou olhando para o fogo, transformando os troncos em cavernas e montanhas, pois já estava escuro demais para continuar escrevendo. Além disso, a casa começou a agitar-se à medida que se aproximava a hora do jantar; ela podia ouvir os pratos sendo tilintados na sala de jantar ao lado e Chailey instruindo a garota espanhola sobre onde colocar as coisas em um inglês vigoroso. A campainha tocou; ela se levantou, encontrou Ridley e Rachel do lado de fora e todos foram jantar.

Três meses fizeram pouca diferença na aparência de Ridley ou Rachel; no entanto, um observador atento poderia pensar que a garota era mais definida e autoconfiante em seus modos do que antes. Sua pele era morena, seus olhos certamente mais brilhantes, e ela prestava atenção ao que era dito como se fosse contradizê-lo. A refeição começou com o silêncio confortável de pessoas que estão juntas. Então Ridley, apoiando-se no cotovelo e olhando pela janela, observou que estava uma noite linda.

“Sim”, disse Helen. Ela acrescentou: “A temporada começou”, olhando para as luzes abaixo deles. Ela perguntou a Maria em espanhol se o hotel não estava lotado de visitantes. Maria informou-a com orgulho de que chegaria um momento em que seria definitivamente difícil comprar ovos - os lojistas não se importariam com os preços que pedissem, pois, de qualquer forma, os conseguiriam aos ingleses.

“Aquilo é um navio inglês na baía”, disse Rachel, olhando para um triângulo de luzes abaixo. Ela chegou cedo esta manhã.

“Então podemos esperar receber algumas cartas e enviar as nossas de volta”, disse Helen.

Por alguma razão, a menção às cartas sempre fazia Ridley gemer, e o resto da refeição transcorreu em uma animada discussão entre marido e mulher sobre se ele era ou não totalmente ignorado por todo o mundo civilizado.

"Considerando o último lote", disse Helen, "você merece uma surra. Você foi convidado para dar uma palestra, lhe ofereceram um diploma, e uma mulher boba elogiou não apenas seus livros, mas sua beleza - ela disse que ele era o que Shelley teria sido se Shelley tivesse vivido até os cinquenta e cinco anos e deixado a barba crescer. Realmente, Ridley, acho que você é o homem mais vaidoso que conheço", ela terminou, levantando-se da mesa, "o que posso dizer que você está dizendo muito."

Encontrando sua carta diante do fogo, ela acrescentou algumas linhas e anunciou que iria receber as cartas agora - Ridley deveria trazer as dele - e Rachel?

"Espero que você tenha escrito para suas tias? Já é hora."

As mulheres vestiram capas e chapéus, e depois de convidar Ridley para acompanhá-las, o que ele se recusou enfaticamente, exclamando que Rachel esperava ser uma tola, mas Helen certamente sabia disso, elas se viraram para ir embora. Ele ficou diante do fogo, olhando para as profundezas do espelho e comprimindo o rosto na aparência de um comandante examinando um campo de batalha, ou de um mártir observando as chamas lambem seus dedos dos pés, em vez de um professor isolado.

Helen segurou sua barba.

"Eu sou um tolo?" ela disse.

"Deixe-me ir, Helen."

"Eu sou um tolo?" ela repetiu.

"Mulher vil!" ele exclamou e a beijou.

"Vamos deixá-los entregues às suas vaidades", ela gritou de volta enquanto eles saíam pela porta.

Estava uma noite linda, ainda clara o suficiente para ver uma longa distância na estrada, embora as estrelas estivessem aparecendo. A caixa de correio foi inserida num alto muro amarelo onde o caminho encontrava a estrada e, depois de colocar as cartas nela, Helen decidiu voltar.

"Não, não", disse Rachel, segurando-a pelo pulso. "Vamos ver a vida. Você prometeu."

"Ver a vida" era a expressão que usavam para designar o hábito de passear pela cidade à noite. A vida social de Santa Marina era realizada quase inteiramente à luz dos candeeiros, o que o calor das noites e os aromas

extraídos das flores tornavam bastante agradáveis. As moças, com os cabelos magnificamente penteados em cachos e uma flor vermelha atrás da orelha, sentavam-se nas soleiras das portas ou saíam para as varandas, enquanto os rapazes se aglomeravam lá embaixo, gritando uma saudação de vez em quando e parando aqui e ali para iniciar conversas amorosas. Nas vitrines abertas viam-se comerciantes fazendo a conta do dia e mulheres mais velhas levantando potes de prateleira em prateleira. As ruas estavam cheias de gente, na sua maioria homens, que trocavam as suas visões do mundo enquanto caminhavam, ou se reuniam em volta das mesas de vinho na esquina, onde um velho aleijado tocava as cordas da sua guitarra, enquanto uma pobre rapariga gritava na sarjeta a sua canção apaixonada. As duas inglesas despertaram alguma curiosidade amigável, mas ninguém as molestou.

Helen continuou andando, observando com satisfação as diferentes pessoas em suas roupas surradas, que pareciam tão descuidadas e tão naturais.

"Basta pensar no Mall esta noite!" ela exclamou longamente. "É dia 15 de março. Talvez haja um tribunal." Ela pensou na multidão esperando no ar frio da primavera para ver as grandes carruagens passarem. "Está muito frio, se não estiver chovendo", disse ela. "Primeiro, há homens vendendo cartões-postais ilustrados; depois, há pequenas vendedoras miseráveis com caixas de fita redondas; depois, há funcionários de banco em fraques; e depois - inúmeras costureiras. Pessoas de South Kensington chegam em uma mosca alugada; os funcionários têm um par de baios; os condes, por outro lado, podem ter um laçao atrás; os duques têm dois, os duques reais - pelo que me disseram - têm três; o rei, suponho, pode ter quantos quiser. E o povo acredita nisso!"

Aqui, parecia que o povo da Inglaterra devia ter o corpo moldado como os reis e as rainhas, os cavalos e os peões do tabuleiro de xadrez, tão estranhas eram as suas diferenças, tão marcadas e tão implicitamente acreditadas.

Eles tiveram que se separar para contornar uma multidão.

"Eles acreditam em Deus", disse Rachel enquanto se reconquistavam. Ela quis dizer que as pessoas na multidão acreditavam Nele; pois ela se lembrava das cruzes com figuras de gesso sangrentas que ficavam onde as trilhas se juntavam, e do mistério inexplicável de um serviço religioso numa igreja católica romana.

"Nunca entenderemos!" ela suspirou.

Eles haviam caminhado um pouco e já era noite, mas podiam ver um grande portão de ferro um pouco mais adiante na estrada, à sua esquerda.

"Você pretende ir direto para o hotel?" Helen perguntou.

Rachel empurrou o portão; ela se abriu e, não vendo ninguém por perto e julgando que nada era privado neste país, eles seguiram em frente. Uma avenida de árvores corria ao longo da estrada, que era totalmente reta. As árvores de repente acabaram; a estrada virou uma esquina e eles se depararam com um grande edifício quadrado. Eles haviam chegado ao terraço de madeira que circundava o hotel e estava a apenas alguns metros de distância das janelas. Uma fileira de janelas compridas abria-se quase até o chão. Estavam todos sem cortinas e todos bem iluminados, para que pudessem ver tudo lá dentro. Cada janela revelava uma parte diferente da vida do hotel. Entraram numa das amplas colunas de sombra que separavam as janelas e olharam para dentro. Encontraram-se do lado de fora da sala de jantar. Estava sendo varrido; um garçom comia um cacho de uvas com a

perna apoiada no canto da mesa. Ao lado ficava a cozinha, onde lavavam a louça; cozinheiros brancos mergulhavam os braços em caldeirões, enquanto os garçons preparavam vorazmente a refeição com carnes quebradas, encharcando o molho com pedaços de migalhas. Seguindo em frente, perderam-se numa plantação de arbustos e, de repente, encontraram-se fora da sala, onde as senhoras e os senhores, depois de terem jantado bem, recostavam-se em poltronas fundas, conversando ocasionalmente ou folheando as páginas das revistas. Uma mulher magra subia e descia ao piano.

"O que é um dahabeeyah, Charles?" - perguntou ao filho a voz distinta de uma viúva, sentada numa poltrona junto à janela.

Era o fim da peça, e sua resposta se perdeu no pigarro geral e nas batidas de joelhos.

"Eles são todos velhos nesta sala," Rachel sussurrou.

Seguindo em frente, descobriram que a janela seguinte revelava dois homens em mangas de camisa jogando bilhar com duas jovens.

"Ele beliscou meu braço!" — gritou a jovem rechonchuda, ao errar o golpe.

"Agora vocês dois, nada de brincadeiras", repreendeu-os o jovem de rosto vermelho, que estava marcando.

"Tome cuidado ou seremos vistos", sussurrou Helen, puxando Rachel pelo braço. Incautamente, sua cabeça subiu até o meio da janela.

Virando a esquina, chegaram ao maior quarto do hotel, que tinha quatro janelas e se chamava Lounge, embora na verdade fosse um hall. Decorado com armaduras e bordados nativos, mobiliado com divãs e biombos que

fechavam cantos convenientes, o quarto era menos formal que os outros e era evidentemente o refúgio da juventude. O Signor Rodriguez, que sabiam ser o gerente do hotel, estava bem perto deles, na porta, observando a cena: os cavalheiros recostados em cadeiras, os casais debruçados sobre xícaras de café, o jogo de cartas no centro, sob profusas luzes elétricas. Ele estava se felicitando pela iniciativa que transformara o refeitório, uma sala fria de pedra com painéis sobre cavaletes, no cômodo mais confortável da casa. O hotel estava muito cheio e provou sua sabedoria ao decretar que nenhum hotel pode prosperar sem um lounge.

As pessoas estavam espalhadas em casais ou grupos de quatro, e ou se conheciam melhor ou a sala informal tornava seus modos mais fáceis. Pela janela aberta vinha um zumbido irregular, como aquele que surge de um rebanho de ovelhas encurralado entre obstáculos ao anoitecer. A festa das cartas ocupava o centro do primeiro plano.

Helen e Rachel observaram-nas brincar por alguns minutos sem conseguir distinguir uma palavra. Helen estava observando atentamente um dos homens. Ele era um homem magro e um tanto cadavérico, mais ou menos da idade dela, cujo perfil era voltado para eles, e era companheiro de uma garota muito colorida, obviamente inglesa de nascimento.

De repente, da maneira estranha como algumas palavras se destacam das demais, ouviram-no dizer com bastante clareza:

"Tudo que você quer é prática, senhorita Warrington; coragem e prática - uma não é boa sem a outra."

"Hughling Elliot! Claro!" Helen exclamou. Ela abaixou a cabeça imediatamente, pois ao ouvir o nome dele ele ergueu os olhos. O jogo durou

alguns minutos e foi então interrompido pela aproximação de uma cadeira de rodas, contendo uma velhinha volumosa que parou perto da mesa e disse:

"Mais sorte esta noite, Susan?"

"Toda a sorte está do nosso lado", disse um jovem que até agora estava de costas para a janela. Ele parecia ser bastante robusto e tinha uma cabeleira espessa.

"Sorte, Sr. Hewet?" disse sua parceira, uma senhora de meia-idade com óculos. "Garanto-lhe, Sra. Paley, nosso sucesso se deve unicamente ao nosso jogo brilhante."

"A menos que eu vá para a cama cedo, praticamente não durmo", ouviu-se a Sra. Paley explicar, como se para justificar o ataque que fez a Susan, que se levantou e começou a empurrar a cadeira até a porta.

"Eles vão conseguir outra pessoa para tomar o meu lugar", disse ela alegremente. Mas ela estava errada. Nenhuma tentativa foi feita para encontrar outro jogador, e depois que o jovem construiu um castelo de cartas de três andares, que caiu, os jogadores seguiram em direções diferentes.

O Sr. Hewet virou todo o rosto para a janela. Eles puderam ver que ele tinha olhos grandes obscurecidos por óculos; sua pele era rosada; seus lábios bem barbeados; e, visto entre as pessoas comuns, parecia ser um rosto interessante. Ele veio direto na direção deles, mas seus olhos não estavam fixos nos bisbilhoteiros, mas num ponto onde a cortina pendia em dobras.

"Dormindo?" ele disse.

Helen e Rachel começaram a pensar que alguém estava sentado perto delas sem ser visto o tempo todo. Havia pernas na sombra. Uma voz melancólica

veio de cima deles.

“Duas mulheres”, dizia.

Um barulho foi ouvido no cascalho. As mulheres fugiram. Não pararam de correr até terem certeza de que nenhum olho conseguiria penetrar na escuridão, e o hotel era apenas uma sombra quadrada ao longe, com buracos vermelhos regularmente cortados em seu espaço vazio.

## 09. Capítulo Nove

Terence Hewet e St. John Hirst entram em cena com humor, crítica e inquietação.

Uma N hora se passou e os quartos do térreo do hotel ficaram escuros e quase desertos, enquanto os pequenos quadrados em forma de caixa acima deles eram brilhantemente irradiados. Cerca de quarenta ou cinquenta pessoas estavam indo para a cama. Podia-se ouvir o barulho dos jarros colocados no andar de cima e o tilintar da porcelana, pois não havia uma divisória tão espessa entre os quartos como se poderia desejar, então Miss Allan, a senhora idosa que estava jogando bridge, decidiu, dando uma forte batida na parede com os nós dos dedos. Era apenas um tabuleiro de fósforos, decidiu ela, montado para formar vários quartinhos de um só grande. Suas anáguas cinzentas escorregaram para o chão e, curvando-se, ela dobrou as roupas com dedos cuidadosos, embora não amorosos, prendeu o cabelo em uma trança, deu corda ao grande relógio de ouro do pai e abriu as obras completas de Wordsworth. Ela estava lendo o "Prelúdio", em parte porque sempre lia o "Prelúdio" no exterior e em parte porque estava empenhada em escrever uma breve Cartilha de Literatura Inglesa —Beöwulf to Swinburne — que teria um parágrafo sobre Wordsworth. Ela estava no fundo do quinto livro, parando de fato para fazer uma anotação, quando um par de botas caiu, uma após a outra, no chão acima dela. Ela olhou para cima e especulou. De quem eram aquelas botas, ela se perguntou. Ela então percebeu um som sibilante na porta ao lado - uma mulher, claramente, guardando o vestido. Foi sucedido por um som suave de batidas, como aquele que acompanha o penteado. Foi muito difícil manter a atenção fixa no "prelúdio". Foi Susan Warrington tocando? Ela se forçou, porém, a ler até o fim do livro, quando colocou uma marca entre as páginas, suspirou satisfeita e apagou a luz.

O quarto através da parede era muito diferente, embora o formato fosse tão parecido quanto uma caixa de ovo é igual a outra. Enquanto a senhorita Allan lia seu livro, Susan Warrington escovava o cabelo. Os tempos consagraram esta hora, e a mais majestosa de todas as ações domésticas, para falar de amor entre mulheres; mas a senhorita Warrington, estando sozinha, não conseguia falar; ela só conseguia olhar com extrema solicitude para seu próprio rosto no espelho. Ela virou a cabeça de um lado para o outro, jogando mechas pesadas ora para um lado ora para outro; e então recuou um ou dois passos e considerou-se seriamente.

"Eu sou bonita", ela determinou. "Não é bonito, possivelmente", ela se empertigou um pouco. "Sim, a maioria das pessoas diria que eu sou bonito."

Ela estava realmente se perguntando o que Arthur Venning diria. O que ela sentia por ele era decididamente estranho. Ela não admitia para si mesma que estava apaixonada por ele ou que queria se casar com ele, mas passava cada minuto quando estava sozinha perguntando-se o que ele pensava dela e comparando o que haviam feito hoje com o que haviam feito no dia anterior.

"Ele não me pediu para jogar, mas certamente me seguiu até o corredor", ela meditou, resumindo a noite. Ela tinha trinta anos de idade e, devido ao número de suas irmãs e ao isolamento da vida em uma casa paroquial do interior, ainda não recebera nenhuma proposta de casamento. A hora das confidências era muitas vezes triste, e ela era conhecida por pular na cama, tratando mal o cabelo, sentindo-se negligenciada pela vida em comparação com os outros. Ela era uma mulher grande e bem-feita, com manchas vermelhas nas bochechas muito bem definidas, mas sua séria ansiedade conferia-lhe uma espécie de beleza.

Ela estava prestes a puxar a roupa de cama quando exclamou: “Ah, mas estou esquecendo”, e foi até sua escrivaninha. Um volume marrom estava ali estampado com o número do ano. Ela começou a escrever com a caligrafia quadrada e feia de uma criança madura, como escrevia diariamente, ano após ano, mantendo os diários, embora raramente os olhasse.

"A.M. - Conversei com a Sra. H. Elliot sobre vizinhos do interior. Ela conhece os Manns; também os Selby-Carroways. Como o mundo é pequeno! Como ela. Leia um capítulo de Miss Appleby's Adventure para a tia E. P.M. - Joguei tênis de grama com o Sr. Perrott e Evelyn M. Não gosto do Sr. P. Tenho a sensação de que ele não é 'muito', embora certamente inteligente. Vença-os. Dia esplêndido, veja maravilhoso. A gente se acostuma com a ausência de árvores, embora no início fique muito nua. Cartas depois do jantar. Tia E. alegre, embora melancólica, ela diz.

Ela se ajoelhou em oração e depois deitou-se na cama, enrolando-se confortavelmente nos cobertores, e em poucos minutos sua respiração mostrou que ela estava dormindo. Com seus suspiros e hesitações profundamente pacíficos, parecia o de uma vaca que fica de joelhos a noite toda na grama alta.

Uma olhada na sala ao lado revelou pouco mais que um nariz, proeminente acima dos lençóis. Acostumando-se com a escuridão, pois as janelas estavam abertas e mostravam quadrados cinzentos com lascas de luz das estrelas, podia-se distinguir uma forma esbelta, terrivelmente parecida com o corpo de uma pessoa morta, o corpo de fato de William Pepper, também adormecido. Trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito — ali estavam três homens de negócios portugueses, provavelmente dormindo, pois um ronco vinha com a regularidade de um grande relógio. O número 39 era um quarto

de canto, no final do corredor, mas, por mais tarde que fosse — "um" soou suavemente lá embaixo —, uma linha de luz sob a porta mostrava que alguém ainda estava acordado.

"Como você está atrasado, Hugh!" uma mulher, deitada na cama, disse com uma voz rabugenta, mas solícita. O marido dela estava escovando os dentes e por alguns momentos não respondeu.

"Você deveria ter ido dormir", ele respondeu. "Eu estava conversando com Thornbury."

"Mas você sabe que nunca consigo dormir quando estou esperando por você", disse ela.

A isso ele não respondeu, apenas comentou: "Bem, então apagaremos a luz." Eles ficaram em silêncio.

A pulsação fraca, mas penetrante, de uma campainha elétrica podia agora ser ouvida no corredor. A velha Sra. Paley, tendo acordado com fome, mas sem os óculos, chamava a criada para encontrar a caixa de biscoitos. Tendo a criada atendido a campainha, com um respeito melancólico mesmo àquela hora, embora abafada numa capa de chuva, o corredor ficou em silêncio. Lá embaixo tudo estava vazio e escuro; mas no andar de cima uma luz ainda brilhava no quarto onde as botas haviam caído tão pesadamente sobre a cabeça de Miss Allan. Ali estava o senhor que, poucas horas antes, à sombra da cortina, parecia ser constituído inteiramente de pernas. No fundo de uma poltrona, ele lia o terceiro volume da História do Declínio e Queda de Roma, de Gibbon, à luz de velas. Enquanto lia, ele batia automaticamente, de vez em quando, a cinza do cigarro e virava a página, enquanto toda uma procissão de frases esplêndidas entrava em sua testa espaçosa e marchava

em ordem por seu cérebro. Parecia provável que esse processo poderia continuar por uma hora ou mais, até que todo o regimento mudasse de quartel, se a porta não tivesse sido aberta e o jovem, que tinha tendência a ser corpulento, entrasse com grandes pés descalços.

"Oh, Hirst, o que esqueci de dizer foi —"

"Dois minutos", disse Hirst, levantando o dedo.

Ele guardou com segurança as últimas palavras do parágrafo.

"O que foi que você esqueceu de dizer?" ele perguntou.

"Você acha que dá margem suficiente aos sentimentos?" perguntou o Sr. Ele havia esquecido novamente o que queria dizer.

Após intensa contemplação do imaculado Gibbon, o Sr. Hirst sorriu diante da pergunta de seu amigo. Ele deixou de lado o livro e considerou.

"Eu diria que a sua mente é singularmente desordenada", observou ele. "Sentimentos? Não são exatamente o que permitimos? Colocamos o amor lá em cima e todo o resto em algum lugar abaixo." Com a mão esquerda indicou o topo de uma pirâmide e com a direita a base.

"Mas você não saiu da cama para me dizer isso", acrescentou severamente.

"Saí da cama", disse Hewet vagamente, "apenas para conversar, suponho."

"Enquanto isso vou me despir", disse Hirst. Quando estava nu, exceto a camisa, e curvado sobre a bacia, o Sr. Hirst não impressionava mais com a majestade de seu intelecto, mas com o pathos de seu corpo jovem, mas feio, pois ele era curvado e era tão magro que havia linhas escuras entre os diferentes ossos de seu pescoço e ombros.

"As mulheres me interessam", disse Hewet, que, sentado na cama com o queixo apoiado nos joelhos, não prestou atenção ao despimento do Sr. Hirst.

"Eles são tão estúpidos", disse Hirst. "Você está sentado no meu pijama."

"Suponho que eles sejam estúpidos?" Hewet se perguntou.

"Imagino que não pode haver duas opiniões sobre isso", disse Hirst, saltando rapidamente pela sala, "a menos que você esteja apaixonado... aquela mulher gorda, Warrington?" ele perguntou.

"Nenhuma mulher gorda — todas mulheres gordas", suspirou Hewet.

"As mulheres que vi esta noite não eram gordas", disse Hirst, que aproveitava a companhia de Hewet para cortar as unhas dos pés.

"Descreva-os", disse Hewet.

"Você sabe que não consigo descrever as coisas!" disse Hirst. "Elas eram muito parecidas com as outras mulheres, eu acho. Elas sempre são.

"Não; é aí que diferimos", disse Hewet. "Eu digo que tudo é diferente. Não há duas pessoas que sejam no mínimo iguais. Leve você e eu agora."

"Foi o que pensei uma vez", disse Hirst. "Mas agora eles são de todos os tipos. Não nos leve, escolha este hotel. Você poderia desenhar círculos em volta de todos eles, e eles nunca sairiam."

("Você pode matar uma galinha fazendo isso"), murmurou Hewet.

"Sr. Hughling Elliot, Sra. Hughling Elliot, Srta. Allan, Sr. e Sra. Thornbury - um cricle", continuou Hirst. "Senhorita Warrington, Sr. Arthur Venning, Sr. Perrott, Evelyn M. outro círculo; depois há muitos nativos; finalmente nós

mesmos."

"Estamos sozinhos em nosso círculo?" perguntou Hewet.

"Muito sozinho", disse Hirst. "Você tenta sair, mas não consegue. Você só bagunça as coisas tentando."

"Não sou uma galinha em círculos", disse Hewet. "Sou uma pomba no topo de uma árvore."

"Eu me pergunto se isso é o que eles chamam de unha encravada?" disse Hirst, examinando o dedão do pé esquerdo.

"Eu voo de galho em galho", continuou Hewet. "O mundo é profundamente agradável." Ele se deitou na cama, apoiado nos braços.

"Eu me pergunto se é realmente bom ser tão vago quanto você?" perguntou Hirst, olhando para ele. "É a falta de continuidade - é isso que há de tão estranho em você", continuou ele. "Aos vinte e sete anos, ou seja, quase trinta, você parece não ter tirado nenhuma conclusão. Um grupo de mulheres idosas ainda o excita como se você tivesse três anos."

Hewet contemplou o jovem anguloso que estava escovando cuidadosamente as bordas das unhas dos pés na lareira, em silêncio por um momento.

"Eu respeito você, Hirst", ele comentou.

"Eu invejo você - algumas coisas", disse Hirst. "Um: sua capacidade de não pensar; dois: as pessoas gostam mais de você do que de mim. As mulheres gostam de você, suponho."

"Eu me pergunto se isso não é realmente o que mais importa?" disse Hewet. Deitado agora na cama, ele acenou com a mão em círculos vagos acima dele.

“Claro que é”, disse Hirst. “Mas a dificuldade não é essa. A dificuldade é, não é, encontrar um objeto apropriado?”

“Não há galinhas fêmeas em seu círculo?” perguntou Hewet.

“Não é o fantasma de um”, disse Hirst.

Embora se conhecessem há três anos, Hirst nunca tinha ouvido a verdadeira história dos amores de Hewet. Na conversa geral, dava-se como certo que eram muitos, mas em privado o assunto era deixado de lado. O fato de ele ter dinheiro suficiente para não trabalhar e de ter deixado Cambridge após dois períodos devido a um desentendimento com as autoridades, e depois ter viajado e vagado, tornou sua vida estranha em muitos pontos onde a vida de seus amigos era muito parecida.

“Não vejo seus círculos - não os vejo”, continuou Hewet. “Eu vejo algo como uma abstinência girando para dentro e para fora - batendo nas coisas - correndo de um lado para o outro - coletando números - cada vez mais e mais, até que todo o lugar esteja repleto deles. Eles dão voltas e mais voltas - lá fora, por cima da borda - fora de vista. ”

Seus dedos mostraram que os abstêmios valsantes haviam girado pela borda da colcha e caído da cama no infinito.

“Você poderia contemplar três semanas sozinho neste hotel?” perguntou Hirst, após uma pausa momentânea.

Hewet começou a pensar.

“A verdade é que nunca se está sozinho e nunca se está acompanhado”, concluiu.

"Significado?" disse Hirst.

"Significado? Ah, algo sobre bolhas - auras - como você as chama? Você não pode ver minha bolha; eu não posso ver a sua; tudo o que vemos um do outro é uma partícula, como o pavio no meio daquela chama. A chama anda conosco por toda parte; não somos exatamente nós mesmos, mas o que sentimos; o mundo é curto, ou principalmente as pessoas; todos os tipos de pessoas."

"Uma bela bolha entremeada, a sua deve ser!" disse Hirst.

"E supondo que minha bolha possa colidir com a bolha de outra pessoa —"

"E os dois explodiram?" coloque em Hirst.

"Então... então... então...", ponderou Hewet, como se fosse para si mesmo, "seria um mundo enorme", disse ele, esticando os braços ao máximo, como se mesmo assim eles dificilmente conseguissem abraçar o universo ondulado, pois quando estava com Hirst ele sempre se sentia extraordinariamente otimista e vago.

"Não acho que você seja tão tolo quanto eu costumava ser, Hewet", disse Hirst. "Você não sabe o que quer dizer, mas tenta dizer."

"Mas você não está se divertindo aqui?" perguntou Hewet.

"No geral, sim", disse Hirst. "Gosto de observar as pessoas. Gosto de olhar as coisas. Este país é incrivelmente lindo. Você notou como o topo da montanha ficou amarelo esta noite? Realmente, devemos almoçar e passar o dia fora. Você está ficando repugnantemente gordo." Ele apontou para a panturrilha da perna nua de Hewet.

"Vamos organizar uma expedição", disse Hewet energicamente. "Vamos perguntar a todo o hotel. Vamos alugar burros e —"

"Ah, Senhor!" disse Hirst, "cale a boca! Posso ver a Srta. Warrington, a Srta. Allan, a Sra. Elliot e o resto agachados nas pedras e grasnando: 'Que alegria!'"

"Perguntaremos a Venning, Perrott e à Srta. Murgatroyd... a todos que encontrarmos", prosseguiu Hewet. "Qual é o nome do velho gafanhoto de óculos? Pepper? — Pepper nos guiará."

"Graças a Deus, você nunca conseguirá os burros", disse Hirst.

"Devo anotar isso", disse Hewet, deixando cair lentamente os pés no chão. "Hirst acompanha a Srta. Warrington; Pepper avança sozinho em um burro branco; provisões distribuídas igualmente - ou devemos alugar uma mula? As matronas - aí está a Sra. Paley, por Deus! - compartilham uma carruagem."

"É aí que você vai errar", disse Hirst. "Colocar virgens entre matronas."

"Quanto tempo você acha que uma expedição como essa levaria, Hirst?" perguntou Hewet.

"De doze a dezesseis horas, eu diria", disse Hirst. "O tempo normalmente ocupado por um primeiro confinamento."

"Será necessária uma organização considerável", disse Hewet. Ele agora andava suavemente pela sala e parou para mexer nos livros sobre a mesa. Eles estavam amontoados um sobre o outro.

"Também precisaremos de alguns poetas", observou ele. "Não Gibbon; não; por acaso você tem Modern Love ou John Donne? Veja, eu contemplo pausas

quando as pessoas se cansam de olhar a vista, e então seria bom ler algo bastante difícil em voz alta."

"A Sra. Paley vai se divertir", disse Hirst.

"A Sra. Paley certamente vai gostar", disse Hewet. "É uma das coisas mais tristes que conheço - a maneira como as senhoras idosas param de ler poesia. E, no entanto, como isso é apropriado:

Falo como alguém que sonda as profundezas obscuras da Vida, Alguém que finalmente consegue expressar visões claras e certas. Mas - depois do amor, o que vem? Uma cena que desanima, Algumas tristes horas vagas. E então, a Cortina.

Ouso dizer que a Sra. Paley é a única de nós que pode realmente entender isso.

"Vamos perguntar a ela", disse Hirst. "Por favor, Hewet, se você precisa ir para a cama, feche minha cortina. Poucas coisas me perturbam mais do que o luar."

Hewet recuou, segurando os poemas de Thomas Hardy debaixo do braço, e em suas camas vizinhas, os dois jovens logo adormeceram.

Entre a extinção da vela de Hewet e o levantar-se de um rapaz espanhol moreno que foi o primeiro a observar a desolação do hotel no início da manhã, houve algumas horas de silêncio. Quase se podia ouvir uma centena de pessoas respirando profundamente e, por mais despertas e inquietas que fossem, teria sido difícil escapar do sono no meio de tanto sono. Olhando pelas janelas, só havia escuridão para ser vista. Por toda a metade sombreada do mundo, as pessoas jaziam de bruços e algumas luzes

bruxuleantes nas ruas vazias marcavam os locais onde as suas cidades foram construídas. Ônibus vermelhos e amarelos aglomeravam-se em Piccadilly; mulheres suntuosas balançavam-se paralisadas; mas aqui, na escuridão, uma coruja voava de árvore em árvore, e quando a brisa levantava os galhos, a lua brilhava como se fosse uma tocha. Até que todas as pessoas acordassem novamente, os animais sem casa estavam por aí, os tigres e os veados, e os elefantes descendo na escuridão para beber nos lagos. O vento noturno que soprava sobre as colinas e os bosques era mais puro e fresco que o vento diurno, e a terra, privada de detalhes, mais misteriosa que a terra colorida e dividida por estradas e campos. Durante seis horas existiu esta profunda beleza, e depois, à medida que o leste se tornava cada vez mais branco, o chão nadou até à superfície, as estradas foram reveladas, o fumo subiu e as pessoas agitaram-se, e o sol brilhou nas janelas do hotel de Santa Marina até que foram abertas as cortinas, e o gongo tocando por toda a casa avisou o pequeno-almoço.

Assim que o café da manhã terminou, as senhoras, como sempre, circularam vagamente, pegando papéis e colocando-os novamente no chão, pelo corredor.

"E o que você vai fazer hoje?" — perguntou a Sra. Elliot, aproximando-se da Srta. Warrington.

A Sra. Elliot, esposa de Hughling, o Don de Oxford, era uma mulher baixa, cuja expressão era habitualmente melancólica. Seus olhos moviam-se de uma coisa para outra, como se nunca encontrassem nada suficientemente agradável para descansar por muito tempo.

"Vou tentar levar tia Emma para a cidade", disse Susan. "Ela ainda não viu nada."

"Eu considero isso muito espirituoso da parte dela na idade dela", disse a Sra. Elliot, "vindo até aqui de sua própria lareira".

"Sim, sempre dizemos que ela morrerá a bordo do navio", respondeu Susan. "Ela nasceu em um", acrescentou ela.

"Antigamente", disse a Sra. Elliot, "muitas pessoas o eram. Sempre tenho pena das pobres mulheres! Temos muito do que reclamar!" Ela balançou a cabeça. Seus olhos vagaram pela mesa e ela comentou, de forma irrelevante: "A pobre pequena rainha da Holanda! Repórteres de jornais praticamente, pode-se dizer, na porta de seu quarto!"

"Você estava falando da Rainha da Holanda?" — disse a voz agradável de Miss Allan, que procurava as páginas grossas do The Times entre uma confusão de finas folhas estrangeiras.

"Sempre invejo quem vive num país tão excessivamente plano", observou ela.

"Que estranho!" disse a Sra. Elliot. "Acho um país plano tão deprimente."

"Receio que você não possa ser muito feliz aqui, senhorita Allan", disse Susan.

"Pelo contrário", disse Miss Allan, "gosto muito de montanhas". Percebendo o Times a alguma distância, ela se afastou para protegê-lo.

"Bem, preciso encontrar meu marido", disse a Sra. Elliot, afastando-se inquieta.

"E devo ir para a casa de minha tia", disse a Srta. Warrington, assumindo as tarefas do dia em que se mudaram.

Quer a fragilidade dos jornais estrangeiros e a grosseria do seu tipo sejam alguma prova de frivolidade e ignorância, não há dúvida de que os ingleses dificilmente consideram as notícias lidas ali como notícias, tal como um programa comprado a um homem comum na ocasião de uma cerimónia pública inspira confiança no que diz. Um casal de idosos muito respeitáveis, depois de inspecionar as longas mesas de jornais, não achou que valesse a pena ler mais do que as manchetes.

— O debate do dia quinze já deveria ter chegado até nós — murmurou a Sra. Thornbury. O Sr. Thornbury, que estava lindamente limpo e tinha vermelho no rosto bonito e desgastado, como vestígios de tinta em uma figura de madeira desgastada pelo tempo, olhou por cima dos óculos e viu que a Srta. Allan tinha o The Times.

O casal sentou-se então em poltronas e esperou.

"Ah, aí está o Sr. Hewet", disse a Sra. Thornbury. "Sr. Hewet", continuou ela, "venha sentar-se conosco. Eu estava dizendo ao meu marido o quanto o senhor me lembrava uma velha e querida amiga minha, Mary Umpleby. Ela era uma mulher encantadora, garanto-lhe. Ela cultivava rosas. Antigamente costumávamos ficar com ela."

"Nenhum jovem gosta que digam que se parece com uma solteirona idosa", disse o Sr. Thornbury.

"Pelo contrário", disse o Sr. Hewet, "sempre considero um elogio lembrar as pessoas de outra pessoa. Mas a Srta. Umpleby... por que ela cultivava rosas?"

"Ah, coitada", disse a Sra. Thornbury, "isso é uma longa história. Ela passou por tristezas terríveis. Houve uma época em que acho que ela teria perdido o juízo se não fosse por seu jardim. O solo estava muito contra ela - uma

bênção disfarçada; ela tinha que acordar de madrugada - fora em todos os climas. E também há criaturas que comem rosas. Mas ela triunfou. Ela sempre triunfou. Ela era uma alma corajosa. " Ela suspirou profundamente, mas ao mesmo tempo com resignação.

"Não percebi que estava monopolizando o jornal", disse Miss Allan, aproximando-se deles.

"Estávamos muito ansiosos para ler sobre o debate", disse a Sra. Thornbury, aceitando-o em nome do marido.

"Não se percebe o quão interessante um debate pode ser até que se tenha filhos na Marinha. Mas meus interesses são igualmente equilibrados; também tenho filhos no exército; e um filho que faz discursos na União - meu bebê!"

"Hirst o conheceria, eu imagino", disse Hewet.

"O Sr. Hirst tem um rosto muito interessante", disse a Sra. Thornbury. "Mas acho que é preciso ser muito inteligente para falar com ele. Bem, William?" ela perguntou, pois o Sr. Thornbury grunhiu.

"Eles estão fazendo uma bagunça", disse o Sr. Thornbury. Ele havia chegado à segunda coluna do relatório, uma coluna espasmódica, pois os membros irlandeses estavam brigando há três semanas em Westminster por uma questão de eficiência naval. Depois de um ou dois parágrafos perturbados, a coluna impressa voltou a funcionar suavemente.

"Você leu?" — perguntou a Sra. Thornbury à Srta. Allan.

"Não, tenho vergonha de dizer que só li sobre as descobertas em Creta", disse Miss Allan.

"Oh, mas eu daria muito para realizar o mundo antigo!" - gritou a Sra. Thornbury. "Agora que nós, idosos, estamos sozinhos - estamos em nossa segunda lua de mel - vou realmente voltar à escola. Afinal, estamos baseados no passado, não é, Sr. Hewet? Meu filho soldado diz que ainda há muito a ser aprendido com Hannibal. É preciso saber muito mais do que se sabe. De alguma forma, quando leio o jornal, começo primeiro com os debates e, antes de terminar, a porta sempre se abre - somos um partido muito grande em casa - e por isso nunca pensamos o suficiente sobre os antigos e tudo o que eles fizeram por nós. Mas você começa do início.

"Quando penso nos gregos, penso neles como homens negros nus", disse Miss Allan, "o que é bastante incorreto, tenho certeza."

"E você, Sr. Hirst?" — disse a Sra. Thornbury, percebendo que o jovem magro estava próximo. "Tenho certeza que você leu tudo."

"Eu me limito ao críquete e ao crime", disse Hirst. "O pior de vir das classes altas", continuou ele, "é que os amigos nunca morrem em acidentes ferroviários".

O Sr. Thornbury jogou o papel no chão e deixou cair enfaticamente os óculos. Os lençóis caíram no meio do grupo e foram observados por todos.

"Não correu bem?" perguntou sua esposa solícita.

Hewet pegou uma folha e leu: "Uma senhora estava andando ontem pelas ruas de Westminster quando percebeu um gato na janela de uma casa deserta.

— De qualquer maneira, estarei fora disso — interrompeu o Sr. Thornbury, irritado.

“Os gatos são frequentemente esquecidos”, observou Miss Allan.

“Lembre-se, William, o primeiro-ministro reservou a sua resposta”, disse a Sra. Thornbury.

“Aos oitenta anos, o Sr. Joshua Harris, de Eeles Park, Brondesbury, teve um filho”, disse Hirst.

“... O animal faminto, que já vinha sendo notado pelos trabalhadores há alguns dias, foi resgatado, mas - por Deus! ele despedaçou a mão do homem!”

“Louca de fome, suponho”, comentou Miss Allan.

“Todos vocês estão negligenciando a principal vantagem de estar no exterior”, disse Hughling Elliot, que se juntou ao grupo. “Você pode ler suas notícias em francês, o que equivale a não ler nenhuma notícia.”

O Sr. Elliot tinha um conhecimento profundo do copta, que escondia tanto quanto possível, e citava frases em francês com tanta habilidade que era difícil acreditar que ele também pudesse falar a língua comum. Ele tinha um imenso respeito pelos franceses.

“Vem?” ele perguntou aos dois jovens. “Devíamos começar antes que esteja realmente quente.”

“Eu imploro que você não ande no calor, Hugh”, implorou sua esposa, entregando-lhe um embrulho angular contendo meio frango e algumas passas.

“Hewet será nosso barômetro”, disse o Sr. Elliot. “Ele vai derreter antes de mim.”

Na verdade, se apenas uma gota tivesse derretido suas costelas sobressalentes, os ossos teriam ficado nus. As senhoras ficaram sozinhas agora, cercando o Times, que estava no chão. Miss Allan olhou para o relógio do pai.

"Dez minutos para as onze", observou ela.

"Trabalho?" — perguntou a Sra. Thornbury.

"Trabalho", respondeu Miss Allan.

"Que bela criatura ela é!" — murmurou a Sra. Thornbury, enquanto a figura quadrada em seu casaco masculino se retirava.

"E tenho certeza de que ela tem uma vida difícil", suspirou a Sra. Elliot.

"Oh, é uma vida difícil", disse a Sra. Thornbury. "Mulheres solteiras - ganhando a vida - é a vida mais difícil de todas."

"No entanto, ela parece muito alegre", disse a Sra. Elliot.

"Deve ser muito interessante", disse a Sra. Thornbury. "Eu invejo seu conhecimento."

"Mas não é isso que as mulheres querem", disse a Sra. Elliot.

"Receio que seja tudo o que muitos podem esperar ter", suspirou a Sra. Thornbury. "Acredito que agora somos mais numerosos do que nunca. Sir Harley Lethbridge estava me contando outro dia como é difícil encontrar meninos para a Marinha - em parte por causa de seus dentes, é verdade. E ouvi mulheres jovens falarem abertamente sobre — "

"Terrível, terrível!" — exclamou a Sra. Elliot. — A coroa, como se pode chamar, da vida de uma mulher. Eu, que sei o que é não ter filhos... — ela suspirou e parou.

"Mas não devemos ser duros", disse a Sra. Thornbury. "As condições mudaram muito desde que eu era jovem."

"Certamente a maternidade não muda", disse a Sra. Elliot.

"De certa forma, podemos aprender muito com os jovens", disse a Sra. Thornbury. "Aprendo muito com minhas próprias filhas."

"Acredito que Hughling realmente não se importa", disse a Sra. Elliot. "Mas então ele tem seu trabalho."

"Mulheres sem filhos podem fazer muito pelos filhos dos outros", observou a Sra. Thornbury gentilmente.

"Eu desenho muitas coisas", disse a Sra. Elliot, "mas isso não é realmente uma ocupação. É tão desconcertante encontrar meninas que estão começando a se sair melhor do que nós mesmos! E a natureza é difícil... muito difícil!"

"Não existem instituições - clubes - que você poderia ajudar?" — perguntou a Sra. Thornbury.

"Eles são tão cansativos", disse a Sra. Elliot. "Pareço forte, por causa da minha cor; mas não sou; o mais novo de onze anos nunca é."

"Se a mãe for cuidadosa antes", disse a Sra. Thornbury judicialmente, "não há razão para que o tamanho da família faça alguma diferença. E não há treinamento como o treinamento que irmãos e irmãs dão uns aos outros."

Mas a Sra. Elliot estava desatenta à experiência da senhora mais velha, e seus olhos vagaram pelo salão.

"Minha mãe teve dois abortos, eu sei", disse ela de repente. "A primeira porque ela conheceu um daqueles grandes ursos dançarinos - eles não deveriam ser permitidos; a outra - era uma história horrível - nossa cozinheira tinha um filho e houve um jantar. Então atribuí minha dispepsia a isso."

— E um aborto espontâneo é muito pior que um parto — murmurou a Sra. Thornbury distraidamente, ajustando os óculos e pegando o *The Times*. A Sra. Elliot levantou-se e saiu voando.

Depois de ouvir o que uma das milhões de vozes que falavam no jornal tinha a dizer, e notou que um primo dela se casara com um clérigo em Minehead — ignorando as mulheres bêbadas, os animais dourados de Creta, os movimentos dos batalhões, os jantares, as reformas, os incêndios, os indignados, os eruditos e benevolentes, a Sra.

O papel estava logo abaixo do relógio; os dois juntos parecem representar estabilidade num mundo em mudança. O Sr. Perrott passou; O Sr. Venning ficou parado por um segundo na beirada de uma mesa. A Sra. Paley foi levada de cadeira de rodas. Susan o seguiu. O Sr. Venning caminhou atrás dela. Famílias de militares portugueses, cujas roupas sugeriam acordar tarde em quartos desarrumados, foram acompanhadas por enfermeiras confidenciais que carregavam crianças barulhentas. À medida que o meio-dia se aproximava e o sol batia direto no telhado, um redemoinho de grandes moscas zumbia em círculos; bebidas geladas eram servidas sob as palmeiras; as longas persianas foram baixadas com um grito estridente, tornando toda a luz amarela. O relógio agora tinha uma sala silenciosa para funcionar e uma

plateia de quatro ou cinco mercadores sonolentos. Aos poucos, figuras brancas com chapéus sombrios foram entrando pela porta, admitindo um pouco do dia quente de verão e fechando-a novamente. Depois de descansar na penumbra por um minuto, eles subiram as escadas. Simultaneamente, o relógio buzinou e o gongo soou, começando suavemente, entrando em frenesi e parando. Houve uma pausa. Então todos os que haviam subido desceram; vieram os aleijados, plantando os dois pés no mesmo degrau para não escorregarem; vieram garotinhas empertigadas, segurando o dedo da enfermeira; vieram velhos gordos ainda abotoando coletes. O gongo soou no jardim e, aos poucos, as figuras reclinadas levantaram-se e entraram para comer, já que chegara a hora de se alimentarem novamente. Havia piscinas e bares à sombra no jardim, mesmo ao meio-dia, onde dois ou três visitantes podiam ficar deitados, trabalhando ou conversando à vontade.

Devido ao calor do dia, o almoço era geralmente uma refeição silenciosa, quando as pessoas observavam os vizinhos e avaliavam quaisquer rostos novos que pudessem surgir, arriscando adivinhar quem eram e o que faziam. A Sra. Paley, embora tivesse bem mais de setenta anos e fosse aleijada nas pernas, apreciava sua comida e as peculiaridades de seus semelhantes. Ela estava sentada a uma pequena mesa com Susan.

"Eu não gostaria de dizer o que ela é!" ela riu, examinando uma mulher alta vestida visivelmente de branco, com pintura nas cavidades das bochechas, que estava sempre atrasada e sempre acompanhada por uma seguidora maltrapilha, ao comentário que Susan corou e se perguntou por que sua tia dizia tais coisas.

O almoço transcorreu metodicamente, até que cada um dos sete pratos ficou em pedaços e a fruta passou a ser apenas um brinquedo, para ser descascada

e cortada como uma criança destrói uma margarida, pétala por pétala. A comida serviu de extintor para qualquer chama tênue do espírito humano que pudesse sobreviver ao calor do meio-dia, mas Susan sentou-se depois no seu quarto, relembando repetidamente o fato encantador de que o Sr. Homens e mulheres procuravam recantos diferentes onde pudessem permanecer despercebidos, e das duas às quatro horas poderia dizer-se sem exagero que o hotel era habitado por corpos sem alma. Teria sido desastroso o resultado se um incêndio ou uma morte tivessem subitamente exigido algo heróico da natureza humana, mas por uma dispensação misericordiosa, as tragédias acontecem nas horas de fome. Por volta das quatro horas, o espírito humano começou novamente a lambe o corpo, como uma chama lambe um promontório negro de carvão. A Sra. Paley achou impróprio abrir tanto a mandíbula desdentada, embora não houvesse ninguém por perto, e a Sra. Elliot examinou ansiosamente seu rosto redondo e corado no espelho.

Meia hora depois, eliminados os vestígios do sono, encontraram-se no corredor e a Sra. Paley observou que ia tomar chá.

"Você também gosta do seu chá, não é?" ela disse, e convidou a Sra. Elliot, cujo marido ainda estava fora, para se juntar a ela em uma mesa especial que ela havia colocado para ela debaixo de uma árvore.

"Um pouco de prata vale muito neste país", ela riu.

Ela mandou Susan voltar para buscar outra xícara.

"Eles têm biscoitos excelentes aqui", disse ela, contemplando um prato cheio. "Não são biscoitos doces, que eu não gosto, biscoitos secos... Você andou desenhando?"

“Oh, eu fiz duas ou três pequenas pinceladas”, disse a Sra. Elliot, falando um pouco mais alto do que o normal. “Mas é tão difícil depois de Oxfordshire, onde há tantas árvores. A luz é muito forte aqui. Algumas pessoas admiram isso, eu sei, mas acho muito cansativo.”

“Eu realmente não preciso cozinhar, Susan”, disse a Sra. Paley, quando sua sobrinha voltou. “Devo incomodá-lo para me mover.”

Tudo teve que ser movido. Finalmente a velha senhora foi colocada de modo que a luz oscilasse sobre ela, como se ela fosse um peixe numa rede. Susan serviu o chá e estava comentando que o tempo também estava quente em Wiltshire, quando o Sr. Venning perguntou se poderia se juntar a eles.

“É tão bom encontrar um jovem que não despreza o chá”, disse a Sra. Paley, recuperando o bom humor. “Outro dia, um dos meus sobrinhos pediu um copo de xerez - às cinco horas! Eu disse a ele que ele poderia conseguir na taverna da esquina, mas não na minha sala de estar.”

“Prefiro ficar sem almoço do que sem chá”, disse o Sr. Venning. “Isso não é estritamente verdade. Eu quero os dois.”

O Sr. Venning era um jovem moreno, com cerca de trinta e dois anos de idade, muito descuidado e confiante em seus modos, embora naquele momento estivesse obviamente um pouco excitado. Seu amigo, o Sr. Perrott, era advogado, e como o Sr. Perrott se recusava a ir a qualquer lugar sem o Sr. Venning, foi necessário, quando o Sr. Perrott veio a Santa Marina para tratar de uma empresa, que o Sr. Ele também era advogado, mas detestava uma profissão que o mantinha em casa, lendo livros, e assim que sua mãe viúva morreu, ele iria, então confidenciou a Susan que levaria a aviação a sério e se tornaria sócio de um grande negócio de fabricação de aviões. A

conversa continuou. Tratava-se, claro, das belezas e singularidades do lugar, das ruas, das pessoas e da quantidade de cães amarelos sem dono.

"Você não acha terrivelmente cruel a maneira como tratam os cães neste país?" perguntou a Sra. Paley.

"Eu mandaria fuzilar todos eles", disse o Sr. Venning.

"Ah, mas os lindos cachorrinhos", disse Susan.

"Carinhas alegres", disse o Sr. Venning. "Olha aqui, você não tem nada para comer." Uma grande fatia de bolo foi entregue a Susan na ponta de uma faca trêmula. Sua mão tremia também quando ela o pegou.

"Tenho um cachorro tão querido em casa", disse a Sra. Elliot.

"Meu papagaio não suporta cachorros", disse a Sra. Paley, com ar de quem está fazendo uma confidência. "Sempre suspeito que ele (ou ela) foi provocado por um cachorro quando eu estava no exterior."

"Você não foi muito longe esta manhã, Srta. Warrington", disse o Sr. Venning.

"Estava quente", ela respondeu. A conversa tornou-se privada, devido à surdez da Sra. Paley e à longa e triste história que a Sra. Elliot havia contado sobre um terrier de pêlo duro, branco com apenas uma mancha preta, pertencente a um tio dela, que havia cometido suicídio. "Animais cometem suicídio", ela suspirou, como se afirmasse um fato doloroso.

"Não poderíamos explorar a cidade esta noite?" — sugeriu o Sr. Venning.

"Minha tia ——" Susan começou.

"Você merece férias", disse ele. "Você está sempre fazendo coisas para outras pessoas."

"Mas essa é a minha vida", disse ela, disfarçando-se de reabastecer o bule.

"Isso não é vida de ninguém", ele respondeu, "não é vida de jovem. Você vem?"

"Eu gostaria de ir", ela murmurou.

Nesse momento a Sra. Elliot ergueu os olhos e exclamou: "Ob, Hugh! Ele está trazendo alguém", acrescentou ela.

"Ele gostaria de um pouco de chá", disse a Sra. Paley. "Susan, corra e pegue algumas xícaras - lá estão os dois jovens."

"Estamos com sede de chá", disse o Sr. Elliot. "Você conhece o Sr. Ambrose, Hilda? Nos conhecemos na colina."

"Ele me arrastou", disse Ridley, "ou eu teria ficado com vergonha. Estou empoeirado, sujo e desagradável." Ele apontou para suas botas brancas de poeira, enquanto uma flor desanimada pendendo em sua lapela, como um animal exausto sobre um portão, aumentava o efeito de comprimento e desleixo. Ele foi apresentado aos outros. O Sr. Hewet e o Sr. Hirst trouxeram cadeiras, e o chá recomeçou, Susan despejando cascatas de água de panela em panela, sempre alegremente e com a competência do uso prolongado.

"O irmão da minha esposa", Ridley explicou a Hilda, de quem ele não conseguia se lembrar, "tem uma casa aqui, que ele nos emprestou. Eu estava sentado em uma pedra sem pensar em nada quando Elliot começou a fazer uma pantomima como uma fada."

"Nosso frango entrou no sal", disse Hewet tristemente para Susan. "Também não é verdade que as bananas incluam umidade e também sustento."

Hirst já estava bebendo.

"Estávamos amaldiçoando você", disse Ridley em resposta às gentis perguntas da Sra. Elliot sobre sua esposa. "Vocês, turistas, comem todos os ovos, Helen me disse. Isso também é desagradável" - ele acenou com a cabeça para o hotel. "Luxo nojento, como eu chamo. Vivemos com porcos na sala de estar."

"A comida não é nada do que deveria ser, considerando o preço", disse a Sra. Paley com seriedade. "Mas, a menos que alguém vá para um hotel, para onde ir?"

"Fique em casa", disse Ridley. "Muitas vezes eu gostaria de ter feito isso! Todos deveriam ficar em casa. Mas, é claro, não vão."

A Sra. Paley nutria certo rancor contra Ridley, que parecia estar criticando seus hábitos depois de se conhecerem por cinco minutos.

"Eu mesma acredito em viagens ao exterior", afirmou ela, "se alguém conhece sua terra natal, o que acho que posso dizer honestamente que acredito. Eu não deveria permitir que ninguém viajasse antes de visitar Kent e Dorsetshire - Kent pelo lúpulo, e Dorsetshire por suas antigas casas de pedra. Não há nada que se compare a eles aqui. "

"Sim, sempre pensei que algumas pessoas gostam de apartamentos e outras de planícies", disse a Sra. Elliot vagamente.

Hirst, que comia e bebia sem interrupção, acendeu um cigarro e observou: "Ah, mas a esta altura todos concordamos que a natureza é um erro. Ela é

muito feia, terrivelmente desconfortável ou absolutamente aterrorizante. Não sei o que mais me alarma - uma vaca ou uma árvore. Certa vez, encontrei uma vaca em um campo à noite. A criatura olhou para mim. Garanto-lhe que deixou meu cabelo grisalho. É uma vergonha que os animais possam ir grande."

"E o que a vaca achou dele?" Venning murmurou para Susan, que imediatamente decidiu que o Sr. Hirst era um jovem horrível e que, embora tivesse um ar de inteligente, provavelmente não era tão inteligente quanto Arthur, nos aspectos que realmente importam.

"Não foi Wilde quem descobriu o fato de que a natureza não leva em consideração os ossos do quadril?" perguntou Hughling Elliot. A essa altura, ele sabia exatamente de quais bolsas e distinções Hirst desfrutava e tinha uma opinião muito elevada sobre suas capacidades.

Mas Hirst apenas apertou os lábios e não respondeu.

Ridley conjecturou que agora era permitido que ele se despedisse. A polidez exigia que ele agradecesse à Sra. Elliot pelo chá e acrescentasse, com um aceno de mão: "Você precisa vir nos ver".

A onda incluiu Hirst e Hewet, e Hewet respondeu: "Eu gostaria imensamente."

A festa acabou, e Susan, que nunca se sentira tão feliz na vida, estava prestes a sair para seu passeio pela cidade com Arthur, quando a Sra. Paley acenou para que ela voltasse. Ela não conseguia entender no livro como a paciência do Demônio Duplo é jogada; e sugeriu que se eles se sentassem e resolvessem o assunto juntos, o tempo antes do jantar seria bastante preenchido.

## 10. Capítulo Dez

Rachel, Helen e os novos conhecidos se aproximam em conversas e deslocamentos.

Muitas das promessas que a Sra. Ambrose fizera à sobrinha, caso ela ficasse, era um quarto isolado do resto da casa, grande e privado - um quarto onde ela pudesse brincar, ler, pensar, desafiar o mundo, uma fortaleza e também um santuário. Os quartos, ela sabia, tornaram-se mais mundos do que quartos aos vinte e quatro anos. Seu julgamento estava correto e, ao fechar a porta, Rachel entrou num lugar encantado, onde os poetas cantavam e as coisas caíam nas proporções corretas. Alguns dias depois da visão do hotel à noite, ela estava sentada sozinha, afundada numa poltrona, lendo um volume vermelho de capa brilhante escrito nas costas Obras de Henrik Ibsen. A música estava aberta no piano, e livros de música erguiam-se em duas colunas irregulares no chão; mas no momento a música estava deserta.

Longe de parecer entediada ou distraída, seus olhos estavam concentrados quase severamente na página, e pela sua respiração, que era lenta mas reprimida, podia-se ver que todo o seu corpo estava constrangido pelo trabalho de sua mente. Por fim, ela fechou o livro bruscamente, recostou-se e respirou fundo, expressando a admiração que sempre marca a transição do mundo imaginário para o mundo real.

“O que eu quero saber”, ela disse em voz alta, “é isto: Qual é a verdade? Qual é a verdade de tudo isso?” Ela estava falando em parte como ela mesma e em parte como a heroína da peça que acabara de ler. A paisagem lá fora, porque ela não tinha visto nada além de gravuras durante duas horas, agora parecia incrivelmente sólida e clara, mas embora houvesse homens na colina lavando os troncos das oliveiras com um líquido branco, naquele momento ela mesma era a coisa mais vívida nela - uma estátua heróica no meio do primeiro plano,

dominando a vista. As peças de Ibsen sempre a deixaram nessa condição. Ela as representava durante dias seguidos, para grande diversão de Helen; e então seria a vez de Meredith e ela se tornaria Diana of the Crossways. Mas Helen tinha consciência de que nem tudo se tratava de atuação e de que algum tipo de mudança estava ocorrendo no ser humano.

Durante os três meses em que estive aqui, ela compensou consideravelmente, como Helen queria que fizesse, pelo tempo gasto em caminhadas intermináveis pelos jardins protegidos e pelas fofocas domésticas de suas tias. Mas a Sra. Ambrose teria sido a primeira a negar qualquer influência, ou mesmo qualquer crença de que influenciar estava ao seu alcance. Ela a via menos tímida e menos séria, o que era muito bom, e os saltos violentos e os labirintos intermináveis que levaram a esse resultado geralmente nem sequer eram percebidos por ela. Conversar era o remédio em que ela confiava, falar de tudo, falar de forma livre, desprotegida e tão sincera quanto o hábito de conversar com homens que se tornou natural no seu caso. Ela também não encorajou aqueles hábitos de altruísmo e amabilidade baseados na insinceridade que são tão valorizados em famílias mistas de homens e mulheres. Ela desejava que Rachel pensasse, e por esta razão ofereceu livros e desencorajou uma dependência demasiado total de Bach, Beethoven e Wagner. Mas quando a Sra. Mas ela não interferiu. Rachel leu o que quis, lendo com a curiosa literalidade de quem não conhece as frases escritas, e manuseando as palavras como se fossem feitas de madeira, separadamente de grande importância, e possuidoras de formas como mesas ou cadeiras. Dessa forma, ela chegou a conclusões que tiveram de ser remodeladas de acordo com as aventuras do dia, e foram de fato reformuladas tão liberalmente quanto alguém poderia desejar, deixando sempre um pequeno grão de crença atrás delas.

A manhã estava quente e o exercício da leitura fez com que sua mente se contraísse e se expandisse como a mola mestra de um relógio. Os sons do jardim lá fora juntavam-se aos do relógio, e os pequenos ruídos do meio-dia, que não se podem atribuir a nenhuma causa definida, num ritmo regular. Era tudo muito real, muito grande, muito impessoal, e depois de um ou dois momentos ela começou a levantar o dedo indicador e a deixá-lo cair no braço da cadeira, de modo a trazer de volta para si alguma consciência da sua própria existência. Em seguida, foi dominada pela indescritível estranheza do fato de estar sentada numa poltrona, de manhã, no meio do mundo. Quem eram as pessoas que se deslocavam na casa - transportavam coisas de um lugar para outro? E a vida, o que foi isso? Era apenas uma luz passando pela superfície e desaparecendo, como com o tempo ela desapareceria, embora a mobília do quarto permanecesse. Sua dissolução tornou-se tão completa que ela não conseguia mais levantar o dedo e ficou sentada perfeitamente imóvel, ouvindo e olhando sempre para o mesmo lugar. Tornou-se cada vez mais estranho. Ela ficou maravilhada com o fato de as coisas existirem. ... Ela esqueceu que tinha dedos para levantar. ...As coisas que existiam eram tão imensas e tão desoladas. ... Ela continuou consciente dessas vastas massas de substância por um longo período de tempo, o relógio ainda correndo em meio ao silêncio universal.

"Entre", ela disse mecanicamente, pois uma corda em seu cérebro parecia ser puxada por uma batida persistente na porta. Com muita lentidão a porta se abriu e um ser humano alto veio em sua direção, estendendo-lhe o braço e dizendo:

"O que devo dizer sobre isso?"

O total absurdo de uma mulher entrar em uma sala com um pedaço de papel na mão surpreendeu Rachel.

"Não sei o que responder, nem quem é Terence Hewet", continuou Helen, com a voz inexpressiva de um fantasma. Ela colocou um papel diante de Rachel onde estavam escritas as incríveis palavras:

Cara Sra. Ambrósio — Estou preparando um piquenique para a próxima sexta-feira, quando nos propomos começar às onze e meia se o tempo estiver bom, e fazer a subida do Monte Rosa. Levará algum tempo, mas a vista deverá ser magnífica. Eu ficaria muito satisfeito se você e a Srta. Vinrace consentissem em fazer parte do grupo. — Atenciosamente, Terence Hewet.

Rachel leu as palavras em voz alta para acreditar nelas. Pela mesma razão, ela colocou a mão no ombro de Helen.

"Livros... livros... livros", disse Helen, com seu jeito distraído. "Mais livros novos - eu me pergunto o que você encontrará neles..."

Pela segunda vez Rachel leu a carta, mas para si mesma. Desta vez, em vez de parecerem vagas como fantasmas, cada palavra era surpreendentemente proeminente; eles saíram como os topos das montanhas atravessam a névoa. Sexta-feira - onze e meia - Srta. Vinrace. O sangue começou a correr em suas veias; ela sentiu seus olhos brilharem.

"Precisamos ir", disse ela, surpreendendo Helen com sua decisão. "Certamente devemos ir" - tal foi o alívio ao descobrir que as coisas ainda aconteciam, e de fato pareciam ainda mais brilhantes devido à névoa que as rodeava.

"Monte Rosa — aquela montanha ali, não é?" disse Helena; "mas Hewet... quem é ele? Um dos jovens que Ridley conheceu, suponho. Devo dizer que sim, então? Pode ser terrivelmente chato."

Ela pegou a carta de volta e foi embora, pois o mensageiro aguardava sua resposta.

A festa sugerida algumas noites atrás no quarto do Sr. Hirst havia tomado forma e foi fonte de grande satisfação para o Sr. Hewet, que raramente usava suas habilidades práticas e estava satisfeito por encontrá-las à altura do esforço. Seus convites foram aceitos universalmente, o que foi ainda mais encorajador porque foram feitos contra o conselho de Hirst para pessoas que eram muito chatas, nada adequadas umas às outras e que certamente não viriam.

"Sem dúvida", disse ele, enquanto girava e desenrolava uma nota assinada por Helen Ambrose, "os dons necessários para formar um grande comandante foram absurdamente superestimados. Cerca de metade do esforço intelectual necessário para revisar um livro de poesia moderna me permitiu reunir sete ou oito pessoas, de sexos opostos, no mesmo local, na mesma hora, no mesmo dia. a quantidade de pedras de um caminho, tedioso mas não difícil."

Ele estava sentado em seu quarto, uma perna apoiada no braço da cadeira, e Hirst escrevia uma carta do lado oposto. Hirst foi rápido em apontar que todas as dificuldades permaneciam.

"Por exemplo, aqui estão duas mulheres que você nunca viu. Suponha que uma delas sofra do enjoo das montanhas, como minha irmã, e a outra..."

"Oh, as mulheres são para você", interrompeu Hewet. "Eu pedi a eles apenas para seu benefício. O que você quer, Hirst, você sabe, é a sociedade de mulheres jovens da sua idade. Você não sabe como se dar bem com as mulheres, o que é um grande defeito, considerando que metade do mundo é composto por mulheres."

Hirst gemeu que estava bem ciente disso.

Mas a complacência de Hewet diminuiu um pouco enquanto ele caminhava com Hirst até o local onde a assembleia geral havia sido marcada. Ele se perguntou por que diabos havia perguntado a essas pessoas e o que realmente se esperava obter ao agrupar seres humanos em uma multidão.

"Vacas", refletiu ele, "reúnem-se no campo; navios na calma; e somos iguais quando não temos mais nada para fazer. Mas por que fazemos isso? - é para nos impedir de ver o fundo das coisas" (ele parou perto de um riacho e começou a agitá-lo com sua bengala e turvando a água com lama), "fazendo cidades e montanhas e universos inteiros do nada, ou nós realmente nos amamos, ou nós, por outro lado, vivemos em um estado de perpétuo incerteza, não sabendo nada, saltando de momento em momento como de mundo em mundo? - que é, no geral, a visão a que me inclino.

Ele pulou o riacho; Hirst deu a volta e juntou-se a ele, observando que há muito havia parado de procurar a razão de qualquer ação humana.

Cerca de oitocentos metros adiante, chegaram a um grupo de plátanos e à casa de fazenda rosa-salmão situada junto ao riacho que havia sido escolhido como ponto de encontro. Era um local sombreado, convenientemente localizado exatamente onde a colina surgia da planície. Entre os caules finos dos plátanos, os jovens podiam ver pequenos grupos de burros pastando, e

uma mulher alta esfregando o focinho de um deles, enquanto outra mulher estava ajoelhada junto ao riacho, lambendo a água das palmas das mãos.

Ao entrarem no lugar sombrio, Helen ergueu os olhos e estendeu a mão.

"Devo me apresentar", disse ela. "Eu sou a Sra. Ambrose."

Depois de apertar a mão, ela disse: "Essa é minha sobrinha".

Rachel se aproximou sem jeito. Ela estendeu a mão, mas retirou-a. "Está tudo molhado", disse ela.

Mal tinham falado, quando a primeira carruagem parou.

Os burros foram rapidamente chamados a atenção e a segunda carruagem chegou. Aos poucos, o bosque foi se enchendo de gente — os Elliot, os Thornbury, o Sr. Venning e Susan, a Srta. Allan, Evelyn Murgatroyd e o Sr. Perrott. O Sr. Hirst fez o papel de um cão pastor enérgico e rouco. Com algumas palavras de latim cáustico, ele ordenou a ordem dos animais e, inclinando um ombro afiado, levantou as damas. "O que Hewet não consegue entender", observou ele, "é que devemos interromper a subida antes do meio-dia." Ele estava ajudando uma jovem chamada Evelyn Murgatroyd enquanto falava. Ela subiu leve como uma bolha até seu assento. Com uma pena pendurada em um chapéu de abas largas, branco da cabeça aos pés, ela parecia uma senhora galante da época de Carlos I liderando as tropas monarquistas em ação.

"Venha comigo", ela ordenou; e, assim que Hirst passou por cima de uma mula, os dois partiram, liderando a cavalgada.

"Você não deve me chamar de senhorita Murgatroyd. Eu odeio isso", disse ela. "Meu nome é Evelyn. Qual é o seu?"

“São João”, disse ele.

“Gosto disso”, disse Evelyn. “E qual é o nome do seu amigo?”

“Suas iniciais são R.S.T., nós o chamamos de Monk”, disse Hirst.

“Oh, vocês são muito espertos”, disse ela. “Para que lado? Escolha um galho para mim. Vamos galopar.”

Ela deu um golpe certo em seu burro com uma vara e começou a avançar. A carreira completa e romântica de Evelyn Murgatroyd é melhor iniciada com suas próprias palavras: “Chame-me de Evelyn e eu te chamarei de St. John”. Ela disse isso após uma provocação muito leve - seu sobrenome era suficiente - mas embora muitos jovens já tivessem respondido com considerável espírito, ela continuou dizendo isso e não escolhendo nenhum. Mas seu burro tropeçou e ela teve que avançar sozinha, pois o caminho quando começou a subir uma das espinhas do morro tornou-se estreito e cheio de pedras. A calvacada serpenteava como uma lagarta articulada, adornada com as sombrinhas brancas das damas e os chapéus-panamá dos cavalheiros. Num ponto em que o terreno subia acentuadamente, Evelyn M. saltou, jogou as rédeas para o menino nativo e pediu a St. John Hirst que desmontasse também. Seu exemplo foi seguido por aqueles que sentiram necessidade de alongamento.

“Não vejo necessidade de descer”, disse a Srta. Allan à Sra. Elliot logo atrás dela, “considerando a dificuldade que tive para subir”.

“Esses burrinhos suportam alguma coisa, n'est-ce pas?” A Sra. Elliot dirigiu-se ao guia, que gentilmente inclinou a cabeça.

“Flores”, disse Helen, abaixando-se para colher as lindas e brilhantes flores que cresciam separadamente aqui e ali. “Você aperta as folhas e elas cheiram mal”, disse ela, colocando uma delas no joelho da Srta. Allan.

“Não nos conhecemos antes?” — perguntou Miss Allan, olhando para ela.

“Eu estava dando como certo”, Helen riu, pois na confusão do encontro eles não haviam sido apresentados.

“Que sensato!” – gorjeou a Sra. Elliot. “Isso é exatamente o que sempre gostaríamos, só que infelizmente não é possível.”

“Não é possível?” disse Helena. “Tudo é possível. Quem sabe o que não pode acontecer antes do anoitecer?” ela continuou, zombando da timidez da pobre senhora, que dependia tão implicitamente de uma coisa após a outra que o simples vislumbre de um mundo onde o jantar pudesse ser desconsiderado, ou a mesa se afastasse um centímetro de seu lugar habitual, enchia-a de temores por sua própria estabilidade.

Eles foram cada vez mais alto, separando-se do mundo. O mundo, quando se viraram para olhar para trás, achatou-se e ficou marcado com quadrados finos em verde e cinza.

“As cidades são muito pequenas”, observou Rachel, obscurecendo toda Santa Marina e seus subúrbios com uma das mãos. O mar preenchia suavemente todos os ângulos da costa, quebrando-se em um babado branco, e aqui e ali os navios se posicionavam firmemente no azul. O mar estava manchado com manchas roxas e verdes, e havia uma linha brilhante na borda onde se encontrava com o céu. O ar estava muito claro e silencioso, exceto pelo barulho agudo dos gafanhotos e pelo zumbido das abelhas, que soava alto nos ouvidos enquanto passavam e desapareciam. O grupo parou e sentou-se

por algum tempo numa pedreira na encosta da colina.

"Surpreendentemente claro", exclamou St. John, identificando uma fenda após a outra no terreno.

Evelyn M. sentou-se ao lado dele, apoiando o queixo na mão. Ela examinou a vista com uma certa expressão de triunfo.

"Você acha que Garibaldi já esteve aqui?" ela perguntou ao Sr. Hirst. Ah, se ela fosse sua noiva! Se, em vez de um piquenique, esta fosse uma festa de patriotas, e ela, de camisa vermelha como os outros, estivesse deitada entre homens sombrios, deitada na grama, apontando a arma para as torres brancas abaixo deles, protegendo os olhos para atravessar a fumaça! Pensando assim, seu pé mexeu-se inquieto e ela exclamou:

"Eu não chamo isso de vida, e você?"

"O que você chama de vida?" disse São João.

"Luta... revolução", disse ela, ainda olhando para a cidade condenada. "Você só gosta de livros, eu sei."

"Você está completamente errado", disse St. John.

"Explique", ela insistiu, pois não havia armas apontadas para os corpos, e ela recorreu a outro tipo de guerra.

"O que me importa? Pessoas", disse ele.

"Bem, estou surpreso!" ela exclamou. "Você parece tão sério. Vamos ser amigos e contar um ao outro como somos. Odeio ser cauteloso, não é?"

Mas St. John era decididamente cauteloso, como ela podia ver pela súbita contração de seus lábios, e não tinha intenção de revelar sua alma a uma jovem.

"O burro está comendo meu chapéu", ele comentou, e se esticou para pegá-lo em vez de responder. Evelyn corou ligeiramente e depois virou-se com certa impetuosidade para o Sr. Perrott, e quando montaram novamente foi o Sr. Perrott quem a ergueu até seu assento.

"Depois de pôr os ovos, come-se a omelete", disse Hughling Elliot, num francês primoroso, dando a entender aos restantes que já era tempo de partirem novamente.

O sol do meio-dia que Hirst predisse estava começando a ficar forte. Quanto mais subiam, mais céu aparecia, até que a montanha se tornou apenas uma pequena tenda de terra contra um enorme fundo azul. Os ingleses ficaram em silêncio; os nativos que caminhavam ao lado dos burros cantavam canções estranhas e hesitantes e contavam piadas de uns para os outros. O caminho ficou muito íngreme e cada cavaleiro manteve os olhos fixos na forma curva e manca do cavaleiro e do burro diretamente à sua frente. Estava sendo exercida muito mais pressão sobre seus corpos do que seria legítimo em uma festa de prazer, e Hewet ouviu um ou dois comentários levemente resmungões.

— Expedições com tanto calor talvez sejam um pouco imprudentes — murmurou a Sra. Elliot para a Srta. Allan.

Mas Miss Allan respondeu: "Gosto sempre de chegar ao topo"; e era verdade, embora fosse uma mulher corpulenta, com as articulações rígidas e pouco habituada a andar de burro, mas como as férias eram poucas, ela

aproveitava-as ao máximo.

A vivaz figura branca cavalgava bem na frente; ela de alguma forma se apossou de um galho frondoso e o usou em volta do chapéu como uma guirlanda. Eles continuaram por alguns minutos em silêncio.

“A vista será maravilhosa”, assegurou-lhes Hewet, virando-se na sela e sorrindo encorajando-os. Rachel chamou sua atenção e sorriu também. Eles lutaram por mais algum tempo, sem ouvir nada além do barulho de cascos batendo nas pedras soltas. Então eles viram que Evelyn estava louca e que o Sr. Perrott estava na atitude de um estadista na Praça do Parlamento, esticando um braço de pedra em direção à vista. Um pouco à esquerda deles havia um muro baixo em ruínas, o toco de uma torre de vigia elisabetana.

“Eu não aguentaria por muito mais tempo”, confidenciou a Sra. Elliot à Sra. Thornbury, mas a excitação de estar no topo dali a um momento e ver a vista impediu que alguém lhe respondesse. Um após o outro, eles chegaram ao espaço plano no topo e ficaram maravilhados. Diante deles, contemplaram um espaço imenso — areias cinzentas que se fundiam na floresta, e florestas fundindo-se em montanhas, e montanhas banhadas pelo ar — as distâncias infinitas da América do Sul. Um rio atravessava a planície, tão plano quanto a terra, e parecendo igualmente estacionário. O efeito de tanto espaço foi inicialmente bastante assustador. Eles se sentiram muito pequenos e durante algum tempo ninguém disse nada. Então Evelyn exclamou: “Esplêndido!” Ela segurou a mão que estava ao seu lado; por acaso era a mão da senhorita Allan.

“Norte - Sul - Leste - Oeste” disse Miss Allan, apontando ligeiramente a cabeça na direção dos pontos cardeais.

Hewet, que tinha ido um pouco à frente, olhou para os convidados como se quisesse justificar-se por tê-los trazido. Ele observou quão estranhamente as pessoas em fila, com suas figuras ligeiramente inclinadas para a frente e suas roupas coladas pelo vento no formato de seus corpos, pareciam estátuas nuas. Em seu pedestal de terra eles pareciam desconhecidos e nobres, mas em outro momento eles quebraram sua posição, e ele teve que cuidar da distribuição da comida. Hirst veio em seu auxílio e eles distribuíram pacotes de frango e pão de um para outro.

Quando St. John entregou seu pacote a Helen, ela olhou-o bem nos olhos e disse:

"Você se lembra... de duas mulheres?"

Ele olhou para ela bruscamente.

"Eu quero", ele respondeu.

"Então vocês são as duas mulheres!" — exclamou Hewet, olhando de Helen para Rachel.

"Suas luzes nos tentaram", disse Helen. "Nós vimos você jogando cartas, mas nunca soubemos que estávamos sendo observados."

"Era como uma peça de teatro", acrescentou Rachel.

"E Hirst não conseguiria descrever você", disse Hewet.

Certamente foi estranho ter visto Helen e não encontrar nada a dizer sobre ela.

Hughling Elliot ergueu os óculos e compreendeu a situação.

"Não conheço nada mais terrível", disse ele, puxando a junta da coxa de uma galinha, "do que ser visto sem ter consciência disso. Temos certeza de que fomos pegos fazendo algo ridículo - olhar para a própria língua num cabriolé, por exemplo."

Agora os outros pararam de olhar para a vista e sentaram-se juntos em círculo ao redor dos cestos.

"E, no entanto, aqueles pequenos espelhos nos cabriolés têm um fascínio próprio", disse a Sra. Thornbury. "As características de alguém parecem tão diferentes quando só podemos ver um pouco delas."

"Em breve restarão muito poucos cabriolés", disse a Sra. Elliot. "E táxis de quatro rodas... garanto que mesmo em Oxford é quase impossível conseguir um táxi de quatro rodas."

"Eu me pergunto o que acontece com os cavalos", disse Susan.

"Torta de vitela", disse Arthur.

"Já é hora de os cavalos serem extintos", disse Hirst. "Eles são terrivelmente feios, além de cruéis."

Mas Susan, que foi educada para compreender que o cavalo é a mais nobre das criaturas de Deus, não pôde concordar, e Venning considerou Hirst um idiota indescritível, mas foi educado demais para não continuar a conversa.

"Quando eles nos virem caindo de aviões, eles se protegerão, eu espero", observou ele.

"Você voa?" - disse o velho Sr. Thornbury, colocando os óculos para olhar para ele.

"Espero que algum dia", disse Arthur.

Aqui o vôo foi discutido longamente, e a Sra. Thornbury emitiu uma opinião que foi quase um discurso no sentido de que seria absolutamente necessário em tempo de guerra, e na Inglaterra estávamos terrivelmente atrasados. "Se eu fosse jovem", concluiu ela, "certamente me qualificaria". Era estranho olhar para aquela velhinha, de casaco e saia cinza, com um sanduíche na mão, os olhos brilhando de zelo ao se imaginar um jovem num avião. Por alguma razão, porém, a conversa não correu facilmente depois disso, e tudo o que disseram foi sobre bebida, sal e vista. De repente, a senhorita Allan, que estava sentada de costas para a parede minada, largou o sanduíche, tirou algo do pescoço e comentou: "Estou coberta de criaturinhas". Era verdade, e a descoberta foi muito bem-vinda. As formigas estavam despejando uma geleira de terra solta amontoada entre as pedras das ruínas - grandes formigas marrons com corpos polidos. Ela estendeu uma nas costas da mão para Helen olhar.

"E se eles picarem?" disse Helena.

"Elas não picarão, mas podem infestar os alimentos", disse Miss Allan, e medidas foram tomadas imediatamente para desviar as formigas de seu curso. Por sugestão de Hewet, decidiu-se adotar os métodos da guerra moderna contra um exército invasor. A toalha de mesa representava o país invadido, e em torno dela construíram barricadas de cestos, colocaram as garrafas de vinho numa muralha, fizeram fortificações de pão e cavaram fossas de sal. Quando uma formiga passou, foi exposta ao fogo de migalhas de pão, até que Susan declarou que aquilo era cruel e recompensou aqueles espíritos corajosos com despojos em forma de língua. Jogando este jogo, eles perderam a rigidez e até se tornaram extraordinariamente ousados, pois o

Sr. Perrott, que era muito tímido, disse: "Permita-me", e tirou uma formiga do pescoço de Evelyn.

"Na verdade, não seria motivo de riso", disse a Sra. Elliot confidencialmente à Sra. Thornbury, "se uma formiga se colocasse entre o colete e a pele."

O barulho tornou-se subitamente mais clamoroso, pois descobriu-se que uma longa fila de formigas tinha chegado até à toalha de mesa por uma entrada dos fundos, e se o sucesso pudesse ser medido pelo barulho, Hewet tinha todos os motivos para considerar a sua festa um sucesso. Mesmo assim, ele ficou, sem motivo algum, profundamente deprimido.

"Não são satisfatórios; são ignóbeis", pensou, examinando de longe os convidados, onde reunia os pratos. Ele olhou para todos eles, curvando-se, balançando-se e gesticulando em volta da toalha de mesa. Amáveis e modestos, respeitáveis em muitos aspectos, amáveis até em seu contentamento e desejo de serem gentis, como todos eram medíocres e capazes de que crueldade insípida uns com os outros! Lá estava a Sra. Thornbury, doce mas trivial em seu egoísmo maternal; Sra. Elliot, sempre reclamando de sua sorte; o marido, uma mera ervilha numa vagem; e Susan - ela não tinha eu e não contava nem de um jeito nem de outro; Venning era tão honesto e brutal quanto um estudante; o pobre e velho Thornbury simplesmente andava como um cavalo num moinho; e quanto menos se examinasse o caráter de Evelyn, melhor, ele suspeitava. No entanto, estas eram as pessoas com dinheiro, e a elas, e não a outras, foi dada a gestão do mundo. Coloquem entre eles alguém mais vital, que se preocupe com a vida ou com a beleza, e que agonia, que desperdício lhe infligiriam se tentasse partilhar com eles e não flagelar!

"Lá está o Hirst", concluiu ele, aproximando-se da figura do amigo; com sua costureira franzida de concentração na testa, ele estava descascando a casca de uma banana. "E ele é tão feio quanto o pecado." Pela feiúra de St. John Hirst e pelas limitações que a acompanhavam, ele responsabilizou os demais de alguma forma. Foi culpa deles ele ter que morar sozinho. Então ele se aproximou de Helen, atraído por ela pelo som de sua risada. Ela estava rindo da senhorita Allan. "Você usa combinações neste calor?" ela disse em uma voz que deveria ser privada. Ele gostou imensamente da aparência dela, não tanto de sua beleza, mas de sua grandeza e simplicidade, que a faziam se destacar das demais como uma grande mulher de pedra, e ele faleceu com um humor mais gentil. Seu olhar caiu sobre Rachel. Ela estava deitada atrás dos outros, apoiada em um cotovelo; ela poderia estar pensando exatamente os mesmos pensamentos que o próprio Hewet. Seus olhos estavam fixos com tristeza, mas não intensamente, na fileira de pessoas à sua frente. Hewet rastejou até ela de joelhos, com um pedaço de pão na mão.

"O que você está olhando?" ele perguntou.

Ela ficou um pouco assustada, mas respondeu diretamente: "Seres humanos".

## 11. Capítulo Onze

Relações sociais, diferenças de temperamento e jogos de percepção no hotel.

Uma após a outra eles se levantaram e se espreguiçaram, e em poucos minutos se dividiram mais ou menos em dois grupos separados. Um desses partidos era dominado por Hughling Elliot e pela Sra. Thornbury, que, tendo ambos lido os mesmos livros e considerado as mesmas questões, estavam agora ansiosos para nomear os lugares abaixo deles e para pendurar neles estoques de informações sobre marinhas e exércitos, partidos políticos, nativos e produtos minerais - todos os quais combinados, disseram eles, para provar que a América do Sul era o país do futuro.

Evelyn M. ouviu com seus brilhantes olhos azuis fixos nos oráculos.

"Como faz alguém desejar ser homem!" ela exclamou.

O Sr. Perrott respondeu, examinando a planície, que um país com futuro era uma coisa muito boa.

"Se eu fosse você", disse Evelyn, virando-se para ele e enfiando a luva veementemente entre os dedos, "formaria uma tropa e conquistaria um grande território e o tornaria esplêndido. Você iria querer mulheres para isso. Eu adoraria começar a vida desde o início, como deveria ser - nada esquálido - mas grandes salões e jardins e homens e mulheres esplêndidos. Mas você - você só gosta de tribunais!"

"E você realmente ficaria contente sem vestidos bonitos e doces e todas as coisas que as jovens gostam?" — perguntou o Sr. Perrott, escondendo uma certa dor sob seus modos irônicos.

"Eu não sou uma jovem", Evelyn brilhou; ela mordeu o lábio inferior. "Só porque gosto de coisas esplêndidas você ri de mim. Por que não há homens como Garibaldi agora?" ela exigiu.

"Olhe aqui", disse o Sr. Perrott, "você não me dá uma chance. Você acha que deveríamos começar as coisas do zero. Ótimo. Mas não vejo com precisão - conquistar um território? Eles já estão todos conquistados, não são?"

"Não é nenhum território em particular", explicou Evelyn. "Essa é a idéia, você não percebe? Levamos uma vida tão inofensiva. E tenho certeza de que você tem coisas esplêndidas dentro de você."

Hewet viu as cicatrizes e os buracos no rosto sagaz do Sr. Perrott relaxarem pateticamente. Ele podia imaginar os cálculos que mesmo então se faziam em sua mente, sobre se teria justificativa para pedir uma mulher em casamento, considerando que ele não ganhava mais de quinhentas libras por ano na Ordem dos Advogados, não possuía recursos particulares e tinha uma irmã inválida para sustentar. O Sr. Perrott novamente sabia que não estava "exatamente", como Susan declarou em seu diário; ela não se referia exatamente a um cavalheiro, pois ele era filho de um dono de mercearia em Leeds, começara a vida com uma cesta nas costas e agora, embora praticamente indistinguível de um cavalheiro nato, mostrava sua origem a olhos aguçados em um impecável asseio no vestuário, falta de liberdade nas maneiras, extrema limpeza de pessoa e uma certa timidez e precisão indescritíveis com sua faca e garfo, que poderiam ser uma relíquia de tempos em que a carne era rara, e a maneira de manejá-la de forma alguma cautelosamente.

Os dois grupos que passeavam e perdiam a unidade juntaram-se agora e juntaram-se num longo olhar sobre as manchas amarelas e verdes da

paisagem aquecida abaixo. O ar quente dançava sobre ele, tornando impossível ver claramente os telhados de uma aldeia na planície. Mesmo no topo da montanha, onde uma brisa soprava levemente, fazia muito calor, e o calor, a comida, o espaço imenso e talvez alguma causa menos definida produziam neles uma sonolência confortável e uma sensação de feliz relaxamento. Eles não falaram muito, mas não se sentiram constrangidos em ficar em silêncio.

"Suponha que vamos ver o que há por lá?" disse Arthur para Susan, e os dois partiram juntos, sua partida certamente enviando alguma emoção ao resto.

"Um grupo estranho, não é?" disse Artur. "Achei que nunca deveríamos levar todos eles ao topo. Mas estou feliz por termos vindo, meu Deus! Eu não teria perdido isso por nada."

"Eu não gosto do Sr. Hirst", disse Susan inconseqüentemente. "Suponho que ele seja muito inteligente, mas por que as pessoas inteligentes deveriam ser assim? Imagino que ele seja muito legal, na verdade", acrescentou ela, qualificando instintivamente o que poderia ter parecido um comentário cruel.

"Hirst? Ah, ele é um desses caras eruditos", disse Arthur com indiferença. "Ele não parece ter gostado. Você deveria ouvi-lo conversando com Elliot. O máximo que posso fazer é segui-los... Eu nunca fui bom em meus livros."

Com estas frases e as pausas que as separavam, chegaram a um pequeno outeiro, no topo do qual cresciam várias árvores esbeltas.

"Você se importa se sentarmos aqui?" - disse Arthur, olhando em volta. "A sombra é agradável... e a vista..." Eles se sentaram e olharam para frente em silêncio por algum tempo.

"Mas às vezes invejo esses caras espertos", observou Arthur. "Suponho que eles nunca..." Ele não terminou a frase.

"Não vejo por que você deveria invejá-los", disse Susan, com grande sinceridade.

"Coisas estranhas acontecem com alguém", disse Arthur. "A gente anda bem, uma coisa segue a outra, e tudo é muito alegre e tranquilo, e você pensa que sabe tudo sobre isso, e de repente a gente não sabe um pouco onde está, e tudo parece diferente do que costumava parecer. Agora, hoje, subindo aquele caminho, cavalgando atrás de você, pareceu-me ver tudo como se..." ele fez uma pausa e arrancou um pedaço de grama pela raiz. Ele espalhou os pequenos pedaços de terra que estavam grudados nas raízes - "Como se tivesse algum significado. Você fez a diferença para mim", ele disse, "não vejo por que não deveria contar a você. Sinto isso desde que te conheci... É porque eu te amo."

Mesmo enquanto diziam coisas banais, Susan tinha consciência da excitação da intimidade, que parecia revelar algo não apenas nela, mas também nas árvores e no céu, e o progresso da fala dele, que parecia inevitável, era positivamente doloroso para ela, pois nenhum ser humano jamais havia chegado tão perto dela antes.

Ela ficou imóvel enquanto o discurso dele prosseguia, e seu coração deu grandes saltos separados nas últimas palavras. Ela estava sentada com os dedos enrolados em volta de uma pedra, olhando diretamente para a frente, montanha abaixo, sobre a planície. Então, realmente aconteceu com ela, um pedido de casamento.

Arthur olhou para ela; seu rosto estava estranhamente distorcido. Ela respirava com tanta dificuldade que mal conseguia responder.

"Você deveria saber." Ele a pegou nos braços; repetidamente eles se abraçaram, murmurando inarticuladamente.

"Bem", suspirou Arthur, afundando-se no chão, "essa é a coisa mais maravilhosa que já aconteceu comigo." Ele parecia estar tentando colocar as coisas vistas em um sonho ao lado das coisas reais.

Houve um longo silêncio.

"É a coisa mais perfeita do mundo", afirmou Susan, com muita gentileza e grande convicção. Já não era apenas uma proposta de casamento, mas de casamento com Arthur, por quem ela estava apaixonada.

No silêncio que se seguiu, segurando a mão dele com força, ela orou a Deus para que pudesse ser uma boa esposa para ele.

"E o que o Sr. Perrott dirá?" ela perguntou no final.

"Querido amigo", disse Arthur que, agora que o primeiro choque passou, relaxava numa enorme sensação de prazer e contentamento. "Devemos ser muito gentis com ele, Susan."

Ele contou a ela como a vida de Perrott tinha sido difícil e como ele era absurdamente devotado ao próprio Arthur. Ele passou a contar-lhe sobre sua mãe, uma senhora viúva, de caráter forte. Em troca, Susan esboçou os retratos de sua própria família - Edith em particular, sua irmã mais nova, a quem ela amava mais do que qualquer outra pessoa, "exceto você, Arthur... Arthur", ela continuou, "por que você gostou de mim primeiro?"

“Foi uma fivela que você usou uma noite no mar”, disse Arthur, após a devida consideração. “Lembro-me de ter notado — é uma coisa absurda de se notar! — que você não comeu ervilhas, porque eu também não.”

A partir disso, eles compararam seus gostos mais sérios, ou melhor, Susan descobriu o que importava a Arthur e declarou gostar muito da mesma coisa. Morariam em Londres, talvez tivessem uma casa de campo perto da família de Susan, pois a princípio achariam estranho sem ela. Sua mente, inicialmente atordoada, voou agora para as diversas mudanças que seu noivado traria — como seria delicioso juntar-se às fileiras das mulheres casadas — não mais se apegar a grupos de garotas muito mais jovens do que ela — para escapar da longa solidão da vida de uma solteirona. De vez em quando, sua incrível sorte a dominava e ela se voltava para Arthur com uma exclamação de amor. Eles estavam nos braços um do outro e não tinham noção de que estavam sendo observados. No entanto, duas figuras apareceram de repente entre as árvores acima deles.

“Aqui está a sombra”, começou Hewet, quando Rachel subitamente parou. Eles viram um homem e uma mulher deitados no chão abaixo deles, rolando ligeiramente para um lado e para outro enquanto o abraço se apertava e afrouxava. O homem então sentou-se ereto e a mulher, que agora parecia ser Susan Warrington, deitou-se no chão, com os olhos fechados e uma expressão absorta no rosto, como se não estivesse totalmente consciente. Nem era possível dizer pela expressão dela se ela estava feliz ou se havia sofrido alguma coisa. Quando Arthur voltou-se novamente para ela, dando-lhe cabeçadas como um cordeiro dá uma cabeçada a uma ovelha, Hewet e Rachel recuaram sem dizer uma palavra. Hewet sentiu-se desconfortavelmente tímido.

"Eu não gosto disso," disse Rachel depois de um momento.

"Lembro-me de não ter gostado também", disse Hewet. "Eu me lembro...", mas ele mudou de ideia e continuou num tom de voz comum: "Bem, podemos presumir que eles estão noivos. Você acha que ele algum dia voará, ou ela vai acabar com isso?"

Mas Rachel ainda estava agitada; ela não conseguia fugir da visão que acabavam de ver. Em vez de responder a Hewet ela persistiu:

"O amor é uma coisa estranha, não é? Fazer o coração bater."

"É extremamente importante, sabe", respondeu Hewet. "Suas vidas agora mudaram para sempre."

"E também dá pena deles", Rachel continuou, como se estivesse traçando o curso de seus sentimentos. "Eu não conheço nenhum deles, mas quase pude chorar. Isso é bobagem, não é?"

"Só porque eles estão apaixonados", disse Hewet. "Sim", acrescentou ele após um momento de reflexão, "há algo terrivelmente patético nisso, concordo." E agora, ao se afastarem do bosque e chegarem a um buraco arredondado e muito tentador nos fundos, eles começaram a sentar-se, e a impressão dos amantes perdeu um pouco de sua força, embora uma certa intensidade de visão, que provavelmente era o resultado da visão, permanecesse com eles. Tal como um dia em que qualquer emoção foi reprimida é diferente dos outros dias, também este dia era agora diferente, simplesmente porque tinham visto outras pessoas numa crise das suas vidas.

"Podem ser um grande acampamento de tendas", disse Hewet, olhando para as montanhas à sua frente. "Não é como uma aquarela também - você sabe

como as aquarelas secam em sulcos por todo o papel - estive me perguntando como elas seriam."

Seus olhos ficaram sonhadores, como se ele estivesse combinando coisas, e lembravam a Rachel, pela cor, a carne verde de um caracol. Ela sentou-se ao lado dele olhando para as montanhas também. Quando se tornou doloroso olhar por mais tempo, o grande tamanho da vista parecendo ampliar seus olhos além do limite natural, ela olhou para o chão; agradou-lhe examinar tão minuciosamente aquele centímetro do solo da América do Sul que notou cada grão de terra e transformou-o num mundo onde foi dotada do poder supremo. Ela dobrou uma folha de grama e colocou um inseto na última borla dela, e se perguntou se o inseto percebeu sua estranha aventura, e pensou como era estranho que ela tivesse dobrado aquela borla em vez de qualquer outra dentre os milhões de borlas.

"Você nunca me disse seu nome", disse Hewet de repente. "Senhorita Alguém Vinrace. ... Gosto de saber o nome cristão das pessoas."

"Raquel", ela respondeu.

"Rachel", ele repetiu. "Tenho uma tia chamada Rachel, que colocou em versos a vida do padre Damien. Ela é uma fanática religiosa, resultado da maneira como foi criada em Northamptonshire, sem nunca ter visto ninguém. Você tem alguma tia?"

"Eu moro com eles", disse Rachel.

"E eu me pergunto o que eles estão fazendo agora?" Hewet perguntou.

"Eles provavelmente estão comprando lã", concluiu Rachel. Ela tentou descrevê-los. "São mulheres pequenas, um tanto pálidas", ela começou,

"muito limpas. Moramos em Richmond. Elas também têm um cachorro velho, que só come o tutano dos ossos... Elas sempre vão à igreja. Elas arrumam bastante as gavetas." Mas aqui ela foi superada pela dificuldade de descrever pessoas.

"É impossível acreditar que tudo ainda está acontecendo!" ela exclamou.

O sol estava atrás deles e duas longas sombras de repente se espalharam no chão à frente deles, uma ondulante porque era feita por uma saia, e a outra parada, porque projetada por um par de pernas enfiadas em calças.

"Você parece muito confortável!" disse a voz de Helen acima deles.

"Hirst", disse Hewet, apontando para a sombra em forma de tesoura; ele então rolou para olhar para eles.

"Há espaço para todos nós aqui", disse ele.

Quando Hirst se sentou confortavelmente, ele disse:

"Você parabenizou o jovem casal?"

Parecia que, chegando ao mesmo local alguns minutos depois de Hewet e Rachel, Helen e Hirst tinham visto exatamente a mesma coisa.

"Não, não os parabenizamos", disse Hewet. "Eles pareciam muito felizes."

"Bem", disse Hirst, franzindo os lábios, "desde que eu não precise me casar com nenhum deles..."

"Ficamos muito emocionados", disse Hewet.

"Achei que você estaria", disse Hirst. "O que foi, Monk? A ideia das paixões imortais, ou a ideia de homens recém-nascidos para manter os católicos

romanos afastados? Garanto-lhe", disse ele a Helen, "que ele é capaz de ser movido por qualquer uma das duas."

Rachel ficou bastante magoada com a brincadeira dele, que ela sentiu ser dirigida igualmente contra os dois, mas não conseguiu pensar em nenhuma resposta.

"Nada move Hirst", Hewet riu; ele não parecia ter sido picado. "A menos que seja um número transfinito que se apaixone por um número finito - suponho que tais coisas acontecem, mesmo em matemática."

"Pelo contrário", disse Hirst com um toque de aborrecimento, "considero-me uma pessoa de paixões muito fortes." Ficou claro pela maneira como ele falou que ele estava falando sério; ele falou, é claro, em benefício das mulheres.

"A propósito, Hirst", disse Hewet, após uma pausa, "tenho uma confissão terrível a fazer. Seu livro... os poemas de Wordsworth, que, se você se lembra, tirei de sua mesa quando estávamos começando, e certamente coloquei aqui no bolso..."

"Está perdido", concluiu Hirst por ele.

"Considero que ainda há uma chance", insistiu Hewet, dando tapas em si mesmo para a direita e para a esquerda, "de eu nunca ter aproveitado, afinal."

"Não", disse Hirst. "Está aqui." Ele apontou para o peito.

"Graças a Deus", exclamou Hewet. "Não preciso mais sentir como se tivesse assassinado uma criança!"

"Eu acho que você estava sempre perdendo coisas", observou Helen, olhando para ele meditativamente.

"Eu não perco coisas", disse Hewet. "Eu os perdi. Essa foi a razão pela qual Hirst se recusou a dividir uma cabine comigo na viagem de volta."

"Vocês saíram juntos?" Helen perguntou.

"Proponho que cada membro deste partido faça agora um breve esboço biográfico de si mesmo", disse Hirst, sentando-se direito. "Senhorita Vinrace, você vem primeiro; comece."

Rachel afirmou ter vinte e quatro anos, filha de um armador, que nunca teve uma educação adequada; tocava piano, não tinha irmãos ou irmãs e morava em Richmond com tias, pois sua mãe já havia falecido.

"Próximo", disse Hirst, tendo percebido esses fatos; ele apontou para Hewet.

"Sou filho de um cavalheiro inglês. Tenho vinte e sete anos", começou Hewet. "Meu pai era um escudeiro caçador de raposas. Ele morreu quando eu tinha dez anos no campo de caça. Lembro-me de seu corpo voltando para casa, em uma veneziana, suponho, no momento em que eu estava descendo para tomar chá, e notando que havia geléia para o chá, e me perguntando se eu deveria ter permissão —"

"Sim; mas atenha-se aos fatos", acrescentou Hirst.

"Fui educado em Winchester e Cambridge, de onde tive que sair depois de um tempo. Fiz muitas coisas desde —"

"Profissão?"

"Nenhum - pelo menos -"

"Sabores?"

"Literário. Estou escrevendo um romance."

"Irmãos e irmãs?"

"Três irmãs, nenhum irmão e uma mãe."

"Isso é tudo que queremos ouvir sobre você?" disse Helena. Ela afirmou que era muito velha - quarenta anos em outubro passado, e seu pai era advogado na cidade e havia falido, razão pela qual ela nunca teve muita educação - eles moravam em um lugar após outro - mas um irmão mais velho costumava emprestar-lhe livros.

"Se eu te contasse tudo ——" ela parou e sorriu. "Levaria muito tempo", concluiu ela. "Casei-me quando tinha trinta anos e tenho dois filhos. Meu marido é um estudioso. E agora é a sua vez", ela acenou com a cabeça para Hirst.

"Você deixou muita coisa de fora", ele a reprovou. "Meu nome é St. John Alaric Hirst", ele começou com um tom de voz alegre. "Tenho vinte e quatro anos. Sou filho do reverendo Sidney Hirst, vigário de Great Wapping em Norfolk.

"Um dos três, ou talvez cinco, homens mais ilustres da Inglaterra", observou Hewet.

"Muito correto", disse Hirst.

"Isso tudo é muito interessante", disse Helen após uma pausa. "Mas é claro que deixamos de fora as únicas questões que importam. Por exemplo, somos cristãos?"

"Não estou", "Não estou", responderam os dois jovens.

"Eu estou," Rachel afirmou.

"Você acredita em um Deus pessoal?" Hirst exigiu, virando-se e fixando-a com os olhos.

"Eu acredito... eu acredito", Rachel gaguejou, "Eu acredito que há coisas que não sabemos, e que o mundo pode mudar em um minuto e qualquer coisa aparecer."

Com isso Helen riu abertamente. "Bobagem", disse ela. "Você não é cristão. Você nunca pensou no que é. — E há muitas outras perguntas", continuou ela, "embora talvez ainda não possamos fazê-las." Embora tivessem conversado tão livremente, todos estavam desconfortavelmente conscientes de que na verdade não sabiam nada um do outro.

"As questões importantes", ponderou Hewet, "são as realmente interessantes. Duvido que alguém as pergunte."

Rachel, que demorou a aceitar o fato de que poucas coisas podem ser ditas mesmo por pessoas que se conhecem bem, insistiu em saber o que ele queria dizer.

"Se já estivemos apaixonados?" ela perguntou. "É esse o tipo de pergunta que você quer dizer?"

Mais uma vez Helen riu dela, espalhando-lhe benignamente punhados de grama comprida e franjada, pois ela era muito corajosa e tola.

"Ah, Rachel", ela gritou. "É como ter um cachorrinho em casa e ter você com ele - um cachorrinho que leva a roupa de baixo para o corredor."

Mas novamente a terra ensolarada à frente deles foi atravessada por fantásticas figuras oscilantes, sombras de homens e mulheres.

"Lá estão eles!" exclamou a Sra. Elliot. Havia um toque de rabugice em sua voz. "E nós tivemos uma grande caçada para encontrar você. Você sabe que horas são?"

A Sra. Elliot e o Sr. e a Sra. Thornbury agora os confrontavam; A Sra. Elliot estava segurando o relógio e batendo com ele no mostrador, de brincadeira. Hewet foi chamado de volta ao fato de que esta era uma festa pela qual ele era responsável e imediatamente os conduziu de volta à torre de vigia, onde tomariam chá antes de voltarem para casa. Um lenço carmesim brilhante flutuava no topo da parede, que o Sr. Perrott e Evelyn estavam amarrando a uma pedra enquanto os outros subiam. O calor tinha mudado tanto que, em vez de ficarem sentados na sombra, eles se sentaram ao sol, que ainda estava quente o suficiente para pintar seus rostos de vermelho e amarelo e colorir grandes áreas da terra abaixo deles.

"Não há nada tão bom quanto chá!" — disse a Sra. Thornbury, pegando sua xícara.

"Nada", disse Helen. "Você não se lembra de quando criança, cortando feno..." ela falou muito mais rápido do que o normal, e manteve os olhos fixos na Sra. Thornbury, "e fingindo que era chá, e sendo repreendida pelas enfermeiras - por que não posso imaginar, exceto que as enfermeiras são tão brutais, não permitem pimenta em vez de sal, embora não haja nenhum dano terreno nisso.

Durante este discurso, Susan entrou no grupo e sentou-se ao lado de Helen. Poucos minutos depois, o Sr. Venning veio na direção oposta. Ele estava um

pouco corado e com vontade de responder de forma hilária o que quer que fosse dito a ele.

"O que você tem feito com o túmulo daquele velho?" ele perguntou, apontando para a bandeira vermelha que flutuava no topo das pedras.

"Tentamos fazê-lo esquecer o infortúnio de ter morrido há trezentos anos", disse o Sr. Perrott.

"Seria horrível estar morto!" exclamou Evelyn M.

"Estar morto?" disse Hewet. "Eu não acho que seria horrível. É muito fácil de imaginar. Quando você for para a cama esta noite, cruze as mãos, então - respire cada vez mais devagar..." Ele se deitou com as mãos cruzadas sobre o peito e os olhos fechados: "Agora", ele murmurou com uma voz uniforme e monótona, "eu nunca, nunca, nunca me moverei novamente." Seu corpo, deitado entre eles, por um momento sugeriu a morte.

"Esta é uma exposição horrível, Sr. Hewet!" - gritou a Sra. Thornbury.

"Mais bolo para nós!" disse Artur.

"Garanto que não há nada de horrível nisso", disse Hewet, sentando-se e colocando as mãos sobre o bolo.

"É tão natural", ele repetiu. "Pessoas com crianças deveriam obrigá-las a fazer esse exercício todas as noites... Não que eu esteja ansioso para morrer."

"E quando você alude a um túmulo", disse o Sr. Thornbury, que falou quase pela primeira vez, "você tem alguma autoridade para chamar aquela ruína de túmulo? Estou totalmente com você ao me recusar a aceitar a interpretação

comum que declara ser os restos de uma torre de vigia elisabetana - assim como não acredito que os montes circulares ou túmulos que encontramos no topo de nossas colinas inglesas fossem acampamentos. Os antiquários chamam tudo de acampamento. Estou sempre perguntando a eles: Bem, então, onde você está? acha que nossos ancestrais mantinham seu gado? Metade dos acampamentos na Inglaterra são apenas os antigos libras ou bartons, como os chamamos na minha parte do mundo. O argumento de que ninguém manteria o seu gado em locais tão expostos e inacessíveis não tem qualquer peso, se pensarmos que naqueles dias o gado de um homem era o seu capital, o seu stock-in-trade, os dotes da sua filha. Sem gado ele era um servo, homem de outro homem..." Seus olhos lentamente perderam a intensidade, e ele murmurou algumas palavras finais em voz baixa, parecendo curiosamente velho e desamparado.

Hughling Elliot, de quem se poderia esperar que discutisse com o velho cavalheiro, estava ausente no momento. Ele então apareceu segurando um grande quadrado de algodão sobre o qual estava impresso um belo desenho em cores agradáveis e brilhantes que faziam sua mão parecer pálida.

"Uma pechincha", anunciou ele, colocando-o sobre o pano. "Acabei de comprá-lo do grandalhão com brincos. Tudo bem, não é? Não serviria para todos, é claro, mas é o ideal - não é, Hilda? - para a Sra. Raymond Parry."

"Sra. Raymond Parry!" - gritaram Helen e a Sra. Thornbury ao mesmo tempo.

Eles se entreolharam como se uma névoa que até então obscurecia seus rostos tivesse sido dissipada.

"Ah, você também foi nessas festas maravilhosas?" Sra. Elliot perguntou com interesse.

A sala de estar da Sra. Parry, embora a milhares de quilômetros de distância, atrás de uma vasta curva de água sobre um pedacinho de terra, surgiu diante de seus olhos. Aqueles que antes não tinham solidez ou ancoragem pareciam estar de alguma forma ligados a ela e imediatamente se tornaram mais substanciais. Talvez estivessem na sala no mesmo momento; talvez eles tivessem se cruzado nas escadas; de qualquer forma, eles conheciam algumas das mesmas pessoas. Eles se entreolharam de cima a baixo com novo interesse. Mas não podiam fazer mais do que olhar um para o outro, pois não havia tempo para aproveitar os frutos da descoberta. Os burros avançavam e era aconselhável começar a descida imediatamente, pois a noite caía tão rapidamente que já escurecia antes de voltarem para casa.

Assim, remontando em ordem, eles desceram a encosta. Fragmentos de conversa voltavam de um para o outro. Para começar, houve piadas e risadas; alguns caminharam parte do caminho, colheram flores e atiraram pedras diante deles.

"Quem escreve os melhores versos em latim da sua faculdade, Hirst?" O Sr. Elliot ligou de volta de forma incongruente e o Sr. Hirst respondeu que não tinha ideia.

O crepúsculo caiu tão repentinamente como os nativos os haviam avisado, as cavidades da montanha de ambos os lados se encheram de escuridão e o caminho ficou tão escuro que foi surpreendente ouvir os cascos dos burros ainda batendo na rocha dura. O silêncio caiu sobre um e depois sobre outro, até que todos ficaram em silêncio, suas mentes se espalhando pelo ar azul profundo. O caminho parecia mais curto no escuro do que durante o dia; e logo as luzes da cidade foram vistas na planície abaixo deles.

De repente, alguém gritou: "Ah!"

Num momento, a lenta gota amarela ergueu-se novamente da planície abaixo; subiu, parou, abriu-se como uma flor e caiu numa chuva de gotas.

“Fogos de artifício”, eles gritaram.

Outro subiu mais rapidamente; e depois outro; eles quase podiam ouvi-lo se contorcer e rugir.

“Algum dia de santo, suponho”, disse uma voz.

O movimento e o abraço dos foguetes enquanto eles subiam no ar pareciam o modo impetuoso como os amantes subitamente se levantavam e se uniam, deixando a multidão olhando para eles com rostos brancos e tensos. Mas Susan e Arthur, enquanto desciam a colina, nunca trocaram uma palavra e mantiveram-se cuidadosamente separados.

Então os fogos de artifício tornaram-se erráticos e logo cessaram completamente, e o resto da viagem foi feito quase na escuridão, a montanha sendo uma grande sombra atrás deles, e arbustos e árvores pequenas sombras que lançavam escuridão sobre a estrada. Entre os plátanos separaram-se, amontoaram-se em carruagens e partiram, sem se despedirem, ou apenas de forma meio abafada.

Era tão tarde que não houve tempo para uma conversa normal entre a chegada ao hotel e a ida para a cama. Mas Hirst entrou no quarto de Hewet com uma coleira na mão.

"Bem, Hewet", comentou ele, no auge de um bocejo gigantesco, "acho que foi um grande sucesso." Ele bocejou. "Mas tome cuidado para não acabar com aquela jovem... eu realmente não gosto de mulheres jovens..."

Hewet estava muito drogado por horas ao ar livre para responder. Na verdade, todos no grupo dormiam profundamente com cerca de dez minutos de diferença entre si, com exceção de Susan Warrington. Ela ficou deitada por um tempo considerável olhando fixamente para a parede oposta, as mãos cruzadas acima do coração e a luz acesa ao seu lado. Todo pensamento articulado a abandonou há muito tempo; seu coração parecia ter crescido até o tamanho de um sol e iluminar todo o seu corpo, espalhando como o sol uma onda constante de calor.

"Estou feliz, estou feliz, estou feliz", ela repetiu. "Eu amo cada um. Estou feliz."

## 12. Capítulo Doze

Música, intimidade, imaginação e o crescimento interior de Rachel.

QUANDO o noivado de Susan foi aprovado em casa e tornado público para qualquer pessoa que se interessasse por ele no hotel - e a essa altura a sociedade no hotel estava dividida de modo a apontar para marcas de giz invisíveis, como as que o Sr. Hirst havia descrito, a notícia foi sentida como justificando alguma celebração - uma expedição? Isso já tinha sido feito. Uma dança então. A vantagem de um baile era que abolia uma daquelas longas noites que podiam tornar-se tediosas e levar a horas absurdamente cedo, apesar do bridge.

Duas ou três pessoas que estavam sob o corpo ereto do leopardo empalhado no salão logo resolveram o assunto. Evelyn deslizou um ou dois passos para um lado e para o outro e declarou que o piso era excelente. O Signor Rodríguez contou-lhes sobre um velho espanhol que tocava violino em casamentos — tocava violino para fazer uma valsa de tartaruga; e sua filha, embora dotada de olhos negros como baldes de carvão, tinha o mesmo poder sobre o piano. Se houvesse alguém tão doente ou tão grosseiro que preferisse ocupações sedentárias na noite em questão a girar e observar os outros girando, a sala de estar e a sala de bilhar seriam deles. Hewet fez questão de conciliar os estrangeiros tanto quanto possível. Ele não prestava atenção alguma à teoria das marcas de giz invisíveis de Hirst. Ele foi tratado com uma ou duas afrontas, mas, em recompensa, encontrou cavalheiros obscuros e solitários, encantados por ter esta oportunidade de conversar com sua espécie, e a senhora de caráter duvidoso mostrou todos os sintomas de confiar seu caso a ele em um futuro próximo. Na verdade, ficou bastante óbvio para ele que as duas ou três horas entre o jantar e a cama continham

uma quantidade de infelicidade, o que era realmente lamentável, já que tantas pessoas não tinham conseguido fazer amigos.

Ficou combinado que o baile seria na sexta-feira, uma semana depois do noivado, e no jantar Hewet declarou-se satisfeito.

"Eles estão todos vindo!" ele disse a Hirst. "Pimenta!" ele gritou, vendo William Pepper passar despercebido após a sopa com um panfleto debaixo do braço: "Contamos com você para abrir o baile."

"Você certamente colocará o sono fora de questão", respondeu Pepper.

"Você deverá falar com a Srta. Allan", continuou Hewet, consultando uma folha de anotações a lápis.

Pepper parou e começou um discurso sobre danças circulares, danças country, danças morris e quadrilhas, todas inteiramente superiores à valsa bastarda e à polca espúria que as destituíram da forma mais injusta em popularidade contemporânea - quando os garçons gentilmente o empurraram para sua mesa no canto.

A sala de jantar naquele momento tinha uma semelhança fantástica com um curral coberto de grãos sobre o qual pombos brilhantes desciam. Quase todas as senhoras usavam vestidos que ainda não tinham exibido, e seus cabelos subiam em ondas e cachos, de modo que mais pareciam madeira esculpida nas igrejas góticas do que cabelos. O jantar foi mais curto e menos formal do que o habitual, até os garçons pareceram afetados pela agitação geral. Dez minutos antes de o relógio bater nove horas, o comitê deu uma volta pelo salão de baile. O salão, quando esvaziado de móveis, brilhantemente iluminado, adornado com flores cujo perfume tingia o ar, apresentava uma aparência maravilhosa de alegria etérea.

"É como um céu estrelado em uma noite absolutamente sem nuvens", murmurou Hewet, olhando ao redor, para a sala vazia e arejada.

"De qualquer forma, é um piso paradisíaco", acrescentou Evelyn, correndo e deslizando cerca de meio metro ao longo dele.

"E aquelas cortinas?" perguntou Hirst. As cortinas vermelhas estavam fechadas nas longas janelas. "Está uma noite perfeita lá fora."

"Sim, mas as cortinas inspiram confiança", decidiu Miss Allan. "Quando a bola estiver a todo vapor será a hora de puxá-los. Poderemos até abrir um pouco as janelas... Se fizermos isso agora, os idosos vão imaginar que há correntes de ar."

Sua sabedoria passou a ser reconhecida e respeitada. Enquanto isso, enquanto conversavam, os músicos desembulhavam seus instrumentos e o violino repetia continuamente uma nota tocada no piano. Tudo estava pronto para começar.

Após uma pausa de alguns minutos, o pai, a filha e o genro que tocava trompa floresceram em uníssono. Como os ratos que seguiram o flautista, cabeças apareceram instantaneamente na porta. Houve outro floreio; e então o trio lançou-se espontaneamente no balanço triunfante da valsa. Era como se a sala estivesse instantaneamente cheia de água. Depois de um momento de hesitação, primeiro um casal, depois outro, saltou para o meio da corrente e deu voltas e mais voltas nos redemoinhos. O movimento rítmico dos dançarinos soava como um redemoinho de piscina. Aos poucos a sala ficou perceptivelmente mais quente. O cheiro das luvas de pelica misturava-se com o forte perfume das flores. Os redemoinhos pareciam circular cada vez mais rápido, até que a música se transformou em um estrondo, cessou e os

círculos foram quebrados em pequenos pedaços separados. Os casais seguiram em direções diferentes, deixando uma fileira estreita de idosos grudados nas paredes, e aqui e ali um pedaço de enfeite, um lenço ou uma flor jaziam no chão. Houve uma pausa, e então a música recomeçou, os redemoinhos giraram, os casais circularam neles, até que houve um estrondo e os círculos se quebraram em pedaços separados.

Depois de isso ter acontecido umas cinco vezes, Hirst, encostado no caixilho de uma janela, como uma gárgula singular, percebeu que Helen Ambrose e Rachel estavam na porta. A multidão era tanta que eles não conseguiam se mover, mas ele os reconheceu por um pedaço do ombro de Helen e pelo vislumbre da cabeça de Rachel virando-se. Ele foi até eles; eles o cumprimentaram com alívio.

"Estamos sofrendo as torturas dos condenados", disse Helen.

"Esta é a minha ideia de inferno", disse Rachel.

Seus olhos estavam brilhantes e ela parecia confusa.

Hewet e Miss Allan, que valsavam com certa dificuldade, pararam e cumprimentaram os recém-chegados.

"Isso é legal", disse Hewet. "Mas onde está o Sr. Ambrose?"

"Píndaro", disse Helen. "Uma mulher casada que fez quarenta anos em outubro pode dançar? Não consigo ficar parada." Ela pareceu desaparecer em Hewet, e ambos se dissolveram na multidão.

"Devemos fazer o mesmo", disse Hirst a Rachel, e segurou-a resolutamente pelo cotovelo. Rachel, sem ser perita, dançava bem, por causa de um bom ouvido para o ritmo, mas Hirst não tinha gosto pela música, e algumas aulas

de dança em Cambridge apenas o colocaram na posse da anatomia de uma valsa, sem lhe transmitir nada do seu espírito. Uma única vez provou-lhes que os seus métodos eram incompatíveis; em vez de se encaixarem, seus ossos pareciam projetar-se em ângulos, tornando impossível o giro suave e cortando, além disso, o progresso circular dos outros dançarinos.

"Vamos parar?" disse Hirst. Rachel percebeu pela expressão dele que ele estava irritado.

Eles cambalearam até os assentos no canto, de onde tinham vista para a sala. Ainda ondulava, em ondas azuis e amarelas, listradas pelos trajes de noite pretos dos cavalheiros.

"Um espetáculo incrível", observou Hirst. "Você dança muito em Londres?" Ambos estavam respirando rápido e um pouco excitados, embora cada um estivesse determinado a não demonstrar qualquer excitação.

"Quase nunca. E você?"

"Meu povo dá um baile todo Natal."

"Este não é um piso ruim", disse Rachel. Hirst não tentou responder ao seu chavão. Ele ficou sentado em silêncio, olhando para os dançarinos. Depois de três minutos, o silêncio tornou-se tão intolerável para Rachel que ela foi incitada a apresentar outro lugar-comum sobre a beleza da noite. Hirst a interrompeu impiedosamente.

"Foi tudo bobagem o que você disse outro dia sobre ser cristão e não ter educação?" ele perguntou.

"Era praticamente verdade", ela respondeu. "Mas eu também toco piano muito bem", disse ela, "melhor, imagino, do que qualquer pessoa nesta sala."

Você é o homem mais ilustre da Inglaterra, não é?" ela perguntou timidamente.

"Um dos três", ele corrigiu.

Helen, passando por aqui, jogou um leque no colo de Rachel.

"Ela é muito bonita", observou Hirst.

Eles ficaram novamente em silêncio. Rachel estava se perguntando se ele também a achava bonita; São João estava considerando a imensa dificuldade de conversar com meninas que não tinham experiência de vida. Rachel obviamente nunca tinha pensado, sentido ou visto nada, e ela poderia ser inteligente ou poderia ser como todos os outros. Mas a provocação de Hewet incomodava sua mente: "você não sabe como se dar bem com as mulheres", e ele estava determinado a aproveitar essa oportunidade. Suas roupas de noite conferiam-lhe exatamente aquele grau de irrealidade e distinção que tornava romântico falar com ela, e despertava um desejo de conversar, o que o irritava porque não sabia como começar. Ele olhou para ela e ela lhe pareceu muito distante e inexplicável, muito jovem e casta. Ele deu um suspiro e começou.

"Sobre livros agora. O que você leu? Apenas Shakespeare e a Bíblia?"

"Não li muitos clássicos", afirmou Rachel. Ela ficou um pouco irritada com seus modos alegres e pouco naturais, enquanto seus conhecimentos masculinos a induziram a ter uma visão muito modesta de seus próprios poderes.

"Você quer me dizer que chegou aos vinte e quatro anos sem ler Gibbon?" ele exigiu.

"Sim, eu tenho", ela respondeu.

"Mon Dieu!" ele exclamou, jogando as mãos para fora. "Você deve começar amanhã. Vou lhe enviar minha cópia. O que eu quero saber é..." ele olhou para ela criticamente. "Veja, o problema é: alguém pode realmente falar com você? Você tem uma mente ou é como o resto do seu sexo? Você me parece absurdamente jovem em comparação com os homens da sua idade.

Rachel olhou para ele, mas não disse nada.

"Sobre Gibbon", ele continuou. "Você acha que será capaz de apreciá-lo? Ele é o teste, claro. É terrivelmente difícil dizer sobre as mulheres", continuou ele, "o quanto, quero dizer, se deve à falta de treinamento e quanto é a incapacidade nativa. Não vejo por que você não deveria entender - apenas suponho que você levou uma vida absurda até agora - você acabou de andar em um crocodilo, suponho, com o cabelo caído nas costas.

A música estava novamente começando. Os olhos de Hirst vagaram pela sala em busca da Sra. Ambrose. Com a melhor vontade do mundo ele tinha consciência de que não se davam bem.

"Gostaria muito de lhe emprestar livros", disse ele, abotoando as luvas e levantando-se da cadeira. "Vamos nos encontrar novamente. Vou deixar você agora."

Ele se levantou e a deixou.

Rachel olhou em volta. Ela se sentiu cercada, como uma criança em uma festa, por rostos de estranhos todos hostis a ela, com narizes aduncos e olhos zombeteiros e indiferentes. Ela estava perto de uma janela, abriu-a com um puxão e saiu para o jardim. Seus olhos nadaram em lágrimas de raiva.

"Maldito homem!" ela exclamou, tendo aprendido algumas das palavras de Helen. "Maldita insolência!"

Ela ficou no meio do pálido quadrado de luz que a janela que ela abria projetava sobre a grama. As formas de grandes árvores negras erguiam-se maciçamente à sua frente. Ela ficou parada, olhando para eles, tremendo ligeiramente de raiva e excitação. Ela ouviu o pisoteio e o balanço dos dançarinos atrás dela, e o balanço rítmico da música da valsa.

"Há árvores", disse ela em voz alta. As árvores compensariam St. John Hirst? Ela seria uma princesa persa longe da civilização, cavalgando sozinha pelas montanhas e fazendo suas mulheres cantarem para ela à noite, longe de tudo isso, da luta e dos homens e mulheres. Uma forma surgiu da sombra; uma pequena luz vermelha ardia no alto de sua escuridão.

"Senhorita Vinrace, não é?" — disse Hewet, olhando para ela. "Você estava dançando com Hirst?"

"Ele me deixou furioso!" ela gritou veementemente. "Ninguém tem o direito de ser insolente!"

"Insolente?" Hewet repetiu, tirando o charuto da boca surpreso. "Hirst... insolente?"

"É insolência..." disse Rachel, e parou. Ela não sabia exatamente por que ficou tão irritada. Com um grande esforço ela se recompôs.

"Oh, bem", acrescentou ela, com a visão de Helen e sua zombaria diante dela, "ousou dizer que sou uma tola." Ela fez menção de voltar para o salão de baile, mas Hewet a impediu.

"Por favor, explique-me", disse ele. "Tenho certeza de que Hirst não teve a intenção de machucar você."

Quando Rachel tentou explicar, achou muito difícil. Ela não podia dizer que considerava a visão de si mesma andando num crocodilo com o cabelo solto nas costas peculiarmente injusta e horrível, nem poderia explicar por que a suposição de Hirst da superioridade de sua natureza e experiência lhe parecera não apenas irritante, mas também terrível - como se um portão tivesse batido em seu rosto. Andando de um lado para o outro no terraço ao lado de Hewet, ela disse amargamente:

"Não adianta; deveríamos viver separados; não conseguimos nos entender; só trazemos à tona o que há de pior."

Hewet deixou de lado as generalizações dela sobre a natureza dos dois sexos, pois tais generalizações o entediavam e lhe pareciam geralmente falsas. Mas, conhecendo Hirst, ele adivinhou com bastante precisão o que havia acontecido e, embora secretamente muito divertido, estava determinado a que Rachel não guardasse o incidente em sua mente para ocupar seu lugar na visão que ela tinha da vida.

"Agora você vai odiá-lo", disse ele, "o que é errado. Coitado do Hirst, ele não consegue evitar seu método. E realmente, Srta. Vinrace, ele estava fazendo o melhor que podia; ele estava lhe elogiando... ele estava tentando... ele estava tentando..." ele não conseguiu terminar por causa da risada que o dominou.

Rachel virou-se de repente e riu também. Ela percebeu que havia algo de ridículo em Hirst e talvez em si mesma.

"É a maneira dele de fazer amigos, suponho", ela riu. "Bem, farei minha parte. Vou começar: 'Feio de corpo, repulsivo de mente como você é, Sr.

Hirst -"

"Ouça, ouça!" - gritou Hewet. "Essa é a maneira de tratá-lo. Veja, senhorita Vinrace, você deve fazer concessões a Hirst. Ele viveu toda a sua vida na frente de um espelho, em uma bela sala com painéis, decorados com gravuras japonesas e lindas cadeiras e mesas antigas, apenas um toque de cor, você sabe, no lugar certo, - entre as janelas, eu acho que é, - e lá ele fica sentado hora após hora com os dedos dos pés no para-choque, falando sobre filosofia e Deus e seu fígado e seu coração e os corações de seus amigos estão todos partidos. Você não pode esperar que ele esteja no seu melhor em um salão de baile. Ele quer um lugar aconchegante, enfumaçado e masculino, onde possa esticar as pernas e só falar quando tiver algo a dizer. Para mim, acho isso bastante triste. Mas eu respeito isso. Eles são todos muito sérios. Eles levam as coisas sérias muito a sério."

A descrição do modo de vida de Hirst interessou tanto a Rachel que ela quase esqueceu seu rancor particular contra ele, e seu respeito reviveu.

"Eles são realmente muito inteligentes, então?" ela perguntou.

"Claro que são. No que diz respeito à inteligência, acho que é verdade o que ele disse outro dia; eles são as pessoas mais inteligentes da Inglaterra. Mas... você deveria controlá-lo", acrescentou. "Há muito mais nele do que jamais se imaginou. Ele quer que alguém ria dele... A ideia de Hirst lhe dizer que você não teve nenhuma experiência! Pobre e velho Hirst!"

Eles andavam de um lado para outro no terraço enquanto conversavam, e agora, uma por uma, as janelas escuras foram abertas por uma mão invisível, e painéis de luz caíam regularmente em intervalos iguais sobre a grama. Eles pararam para dar uma olhada na sala de estar e perceberam Sr. Pepper

escrevendo sozinho em uma mesa.

"Lá está Pepper escrevendo para sua tia", disse Hewet. "Ela deve ser uma senhora notável, de oitenta e cinco anos, ele me disse, e a leva para passear em New Forest... Pepper!" ele gritou, batendo na janela. "Vá e cumpra seu dever. A senhorita Allan espera por você."

Quando chegaram às janelas do salão de baile, o balanço dos dançarinos e a cadência da música eram irresistíveis.

"Vamos?" — disse Hewet, e eles deram as mãos e mergulharam magnificamente na grande piscina rodopiante. Embora esta tenha sido apenas a segunda vez que se encontraram, a primeira vez que viram um homem e uma mulher se beijando, e a segunda vez que o Sr. Hewet descobriu que uma jovem zangada se parece muito com uma criança. De modo que quando deram as mãos na dança se sentiram mais à vontade do que é habitual.

Era meia-noite e o baile estava no auge. Os criados espiavam pelas janelas; o jardim estava salpicado de formas brancas de casais sentados. A Sra. Thornbury e a Sra. Elliot estavam sentadas lado a lado sob uma palmeira, segurando leques, lenços e broches depositados em seus colos por donzelas coradas. Ocasionalmente eles trocavam comentários.

"A senhorita Warrington parece realmente feliz", disse a senhora Elliot; ambos sorriram; ambos suspiraram.

"Ele tem muito caráter", disse a Sra. Thornbury, aludindo a Arthur.

"E caráter é o que se deseja", disse a Sra. Elliot. "Agora esse jovem é bastante inteligente", acrescentou ela, acenando para Hirst, que passou com

a Srta. Allan no braço.

"Ele não parece forte", disse a Sra. Thornbury. "A pele dele não é boa. Devo arrancá-la?" ela perguntou, pois Rachel havia parado, consciente de uma longa faixa atrás dela.

"Espero que vocês estejam se divertindo?" Hewet perguntou às senhoras.

"Esta é uma posição muito familiar para mim!" sorriu a Sra. Thornbury. "Eu trouxe cinco filhas - e todas adoraram dançar! Você também adora. Senhorita Vinrace?" ela perguntou, olhando para Rachel com olhos maternais. "Eu sei que sim quando tinha a sua idade. Como eu costumava implorar à minha mãe que me deixasse ficar - e agora simpatizo com as pobres mães - mas simpatizo com as filhas também!"

Ela sorriu com simpatia e ao mesmo tempo olhou bastante para Rachel.

"Eles parecem encontrar muito a dizer um ao outro", disse a Sra. Elliot, olhando significativamente para as costas do casal enquanto eles se viravam. "Você notou no piquenique? Ele foi a única pessoa que conseguiu fazê-la falar."

"O pai dela é um homem muito interessante", disse a Sra. Thornbury. "Ele tem uma das maiores empresas de transporte marítimo em Hull. Ele deu uma resposta muito competente, você se lembra, ao Sr. Asquith nas últimas eleições. É tão interessante descobrir que um homem com sua experiência é um forte protecionista."

Ela teria gostado de discutir política, que a interessava mais do que personalidades, mas a Sra. Elliot só falava sobre o Império de uma forma menos abstrata.

"Ouvi dizer que há relatos terríveis na Inglaterra sobre os ratos", disse ela. "Uma cunhada, que mora em Norwich, me disse que não é seguro encomendar aves. A praga - você vê. Ela ataca os ratos e, por meio deles, outras criaturas."

"E as autoridades locais não estão tomando as medidas adequadas?" — perguntou a Sra. Thornbury.

"Isso ela não diz. Mas ela descreve a atitude das pessoas instruídas - que deveriam saber melhor - como insensível ao extremo. Claro, minha cunhada é uma daquelas mulheres modernas ativas, que sempre assumem as coisas, você sabe - o tipo de mulher que admiramos, embora não sintamos, pelo menos eu não sinto - mas ela tem uma constituição de ferro."

A Sra. Elliot, levada de volta à consideração de sua própria delicadeza, suspirou.

"Um rosto muito animado", disse a Sra. Thornbury, olhando para Evelyn M., que havia parado perto deles para prender uma flor escarlate no peito. Não quis ficar e, com um gesto espirituoso de impaciência, ela enfiou-o na lapela do parceiro. Ele era um jovem alto e melancólico, que recebeu o presente como um cavaleiro receberia o símbolo de sua dama.

"Muito cansativo para os olhos", foi a observação seguinte da Sra. Elliot, depois de observar por alguns minutos o redemoinho amarelo em que tão poucos dos rodopiantes tinham nome ou personagem para ela. Saindo da multidão, Helen aproximou-se deles e ocupou uma cadeira vaga.

"Posso sentar com você?" ela disse, sorrindo e respirando rápido: "Suponho que deveria ter vergonha de mim mesma", continuou ela, sentando-se, "na minha idade".

Sua beleza, agora que estava corada e animada, era mais expansiva que o normal, e ambas as damas sentiram o mesmo desejo de tocá-la.

"Estou me divertindo", ela ofegou. Movimento - não é incrível?"

"Sempre ouvi dizer que nada se compara à dança se a pessoa for uma boa dançarina", disse a Sra. Thornbury, olhando para ela com um sorriso.

Helen balançou ligeiramente como se estivesse sentada em fios.

"Eu poderia dançar para sempre!" ela disse. "Eles deveriam se deixar levar mais!" ela exclamou. "Eles deveriam pular e balançar. Olhar! Como eles picam!"

"Você viu aquelas maravilhosas dançarinas russas?" começou a Sra. Elliot. Mas Helen viu seu parceiro chegando e levantou-se quando a lua nasceu. Ela já estava dando meia volta na sala quando eles tiraram os olhos dela, pois não podiam deixar de admirá-la, embora achassem um pouco estranho que uma mulher de sua idade gostasse de dançar.

Assim que Helen foi deixada sozinha por um minuto, St. John Hirst se juntou a ela, que estava esperando por uma oportunidade.

"Você se importaria de ficar comigo?" ele perguntou. "Sou totalmente incapaz de dançar." Ele conduziu Helen até um canto que tinha duas poltronas e, assim, desfrutou da vantagem da semiprivacidade. Sentaram-se e, durante alguns minutos, Helen ficou demasiado sob a influência da dança para falar.

"Surpreendente!" ela exclamou finalmente. "Que tipo de forma ela pode pensar que seu corpo tem?" Esse comentário foi feito por uma senhora que passou por eles, bamboleando em vez de andar, e apoiando-se no braço de

um homem corpulento com olhos verdes globulares inseridos em um rosto branco e gordo. Era necessário algum apoio, pois ela era muito robusta e tão comprimida que a parte superior do corpo pendia consideravelmente à frente dos pés, que só podiam tropeçar em pequenos passos, devido ao aperto da saia em volta dos tornozelos. O vestido em si consistia em um pequeno pedaço de cetim amarelo brilhante, adornado aqui e ali indiscriminadamente com escudos redondos de contas azuis e verdes feitos para imitar os tons do peito de um pavão. No topo de um espumoso castelo de cabelos, uma pluma roxa erguia-se ereta, enquanto seu pescoço curto era circundado por uma fita de veludo preto adornada com pedras preciosas, e pulseiras douradas estavam firmemente encravadas na carne de seus braços gordos e enluvados. Ela tinha o rosto de um porquinho impertinente, mas alegre, manchado de vermelho sob uma camada de pó.

St. John não conseguiu se juntar à risada de Helen.

"Isso me deixa doente", declarou ele. "A coisa toda me deixa doente... Considere a mente dessas pessoas - seus sentimentos. Você não concorda?"

"Eu sempre faço uma promessa de nunca mais ir a outra festa de qualquer tipo", respondeu Helen, "e sempre a quebro."

Ela recostou-se na cadeira e olhou rindo para o jovem. Ela percebeu que ele estava genuinamente zangado, embora ao mesmo tempo ligeiramente excitado.

"No entanto", disse ele, retomando seu tom alegre, "suponho que é preciso apenas tomar uma decisão."

"Para quê?"

"Nunca haverá mais de cinco pessoas no mundo com quem vale a pena conversar."

Lentamente, o rubor e o brilho no rosto de Helen desapareceram, e ela parecia tão quieta e observadora como sempre.

"Cinco pessoas?" ela comentou. "Eu diria que foram mais de cinco."

"Você teve muita sorte, então", disse Hirst. "Ou talvez eu tenha sido muito infeliz." Ele ficou em silêncio.

"Você deveria dizer que eu era um tipo de pessoa difícil de se conviver?" ele perguntou abruptamente.

"As pessoas mais inteligentes são quando são jovens", respondeu Helen.

"E é claro que sou... imensamente inteligente", disse Hirst. "Sou infinitamente mais inteligente do que Hewet. É bem possível", continuou ele com seu jeito curiosamente impessoal, "que eu seja uma das pessoas que realmente importam. Isso é totalmente diferente de ser inteligente, embora não se possa esperar que a família perceba isso", acrescentou amargamente.

Helen achou justificado perguntar: "Você acha difícil conviver com sua família?"

"Intolerável... Eles querem que eu seja um nobre e um conselheiro particular. Vim aqui em parte para resolver o assunto. Tem que ser resolvido. Ou devo ir para a Ordem dos Advogados ou devo ficar em Cambridge. Claro, há desvantagens óbvias para cada um, mas os argumentos certamente me parecem a favor de Cambridge. Esse tipo de coisa!" ele acenou com a mão para o salão de baile lotado. "Repulsivo. Também tenho consciência de grandes poderes de afeto. Não sou suscetível, é claro, como Hewet é. Gosto

muito de algumas pessoas. Acho, por exemplo, que há algo a ser dito sobre minha mãe, embora ela seja, em muitos aspectos, tão deplorável... Em Cambridge, é claro, eu deveria inevitavelmente me tornar o homem mais importante do lugar, mas há outras razões pelas quais tenho medo de Cambridge — — ele cessou.

"Você está me achando um chato terrível?" ele perguntou. Curiosamente, ele deixou de ser um amigo que confiava em um amigo para se tornar um jovem convencional em uma festa.

"Nem um pouco", disse Helen. "Eu gosto muito."

"Você não pode imaginar", exclamou ele, falando quase com emoção, "que diferença faz encontrar alguém com quem conversar! Assim que o vi, senti que você poderia me entender. Gosto muito de Hewet, mas ele não tem a mais remota idéia de como eu sou. Você é a única mulher que já conheci que parece ter a mais vaga idéia do que quero dizer quando digo algo."

A próxima dança estava começando; foi a Barcarolle de Hoffman, que fez Helen bater o dedo do pé no ritmo; mas ela sentiu que depois de tal elogio era impossível levantar-se e ir embora, e, além de se divertir, ficou muito lisonjeada, e a honestidade de sua presunção a atraiu. Ela suspeitava que ele não estava feliz e era suficientemente feminino para desejar receber confidências.

"Estou muito velha", ela suspirou.

"O estranho é que não acho você nem um pouco velho", respondeu ele. "Sinto como se tivéssemos exatamente a mesma idade. Além disso..." aqui ele hesitou, mas ganhou coragem ao olhar para o rosto dela, "Sinto como se pudesse falar claramente com você como se fala com um homem - sobre as

relações entre os sexos, sobre... e..."

Apesar de sua certeza, uma leve vermelhidão surgiu em seu rosto enquanto ele pronunciava as duas últimas palavras.

Ela o tranquilizou imediatamente com a risada com que exclamou: "Espero que sim!"

Ele olhou para ela com verdadeira cordialidade, e as linhas desenhadas em torno de seu nariz e lábios afrouxaram pela primeira vez.

"Graças a Deus!" ele exclamou. "Agora podemos nos comportar como seres humanos civilizados."

Certamente caiu uma barreira que normalmente permanece firme, e era possível falar de assuntos que geralmente só são aludidos entre homens e mulheres quando os médicos estão presentes ou na sombra da morte. Em cinco minutos ele estava contando a ela a história de sua vida. Foi longo, pois estava cheio de incidentes extremamente elaborados, que levaram a uma discussão sobre os princípios em que se baseia a moralidade e, portanto, a vários assuntos muito interessantes, que mesmo neste salão de baile tiveram que ser discutidos em um sussurro, para que uma das pombos-pombos ou comerciantes resplandecentes não os ouvisse e exigisse que eles deixassem o local. Quando chegaram ao fim, ou, para ser mais preciso, quando Helen insinuou, com um ligeiro afrouxamento de sua atenção, que já haviam ficado ali sentados por tempo suficiente. Hirst levantou-se, exclamando: "Então não há razão alguma para todo esse mistério!"

"Nenhum, exceto que somos ingleses", respondeu ela. Ela pegou o braço dele e eles atravessaram o salão de baile, abrindo caminho com dificuldade entre os casais rodopiantes, que agora estavam visivelmente desgrenhados e,

certamente, para um olhar crítico, nada bonitos em suas formas. A excitação de iniciar uma amizade e a duração da conversa deixaram-nos com fome, e foram em busca de comida para a sala de jantar, que agora estava cheia de gente comendo em mesinhas separadas. Na porta encontraram Rachel, subindo novamente para dançar com Arthur Venning. Ela estava corada e parecia muito feliz, e Helen ficou impressionada com o fato de que nesse estado de espírito ela era certamente mais atraente do que a maioria das mulheres jovens. Ela nunca tinha notado isso tão claramente antes.

"Se divertindo?" ela perguntou, quando eles pararam por um segundo.

"A senhorita Vinrace", respondeu Arthur por ela, "acabou de fazer uma confissão; ela não tinha ideia de que as danças pudessem ser tão deliciosas."

"Sim!" Exclamou Raquel. "Mudei completamente minha visão da vida!"

"Você não diz isso!" Helen zombou. Eles faleceram.

"Isso é típico de Rachel", disse ela. "Ela muda sua visão da vida a cada dois dias. Sabe, acredito que você é exatamente a pessoa que eu quero", disse ela, quando se sentaram, "para me ajudar a completar seus estudos? Ela foi criada praticamente em um convento. O pai dela é muito absurdo. Tenho feito o que posso - mas sou muito velha e sou uma mulher. Por que você não deveria falar com ela - explicar as coisas para ela - falar com ela, quero dizer, como você fala comigo?"

"Já fiz uma tentativa esta noite", disse St. John. "Duvido que tenha sido um sucesso. Ela me parece muito jovem e inexperiente. Prometi emprestar-lhe o Gibbon."

“Não é exatamente Gibbon”, ponderou Helen, “são os fatos da vida, eu acho - você entende o que quero dizer?”

Ela acenou com a cabeça em direção a uma mesa perto deles, onde duas meninas e dois jovens zombavam um do outro em voz alta e mantinham um diálogo insinuante e malicioso, salpicado de carinhos, sobre, ao que parecia, um par de meias ou um par de pernas. Uma das garotas estava flertando com um fã e fingindo estar chocada, e a visão foi muito desagradável, em parte porque era óbvio que as garotas eram secretamente hostis umas com as outras.

"Na minha velhice, porém", suspirou Helen, "estou começando a pensar que, no longo prazo, não importa muito o que se faz: as pessoas sempre seguem seu próprio caminho - nada jamais as influenciará." Ela acenou com a cabeça para o jantar.

Mas São João não concordou. Ele disse que achava que alguém poderia realmente fazer uma grande diferença pelo ponto de vista de alguém, livros e assim por diante, e acrescentou que poucas coisas no momento importavam mais do que a iluminação das mulheres. Às vezes ele pensava que quase tudo se devia à educação.

Enquanto isso, no salão de baile, os dançarinos formavam quadrados para os lanceiros. Arthur e Rachel, Susan e Hewet, Miss Allan e Hughling Elliot ficaram juntos.

A senhorita Allan consultou o relógio.

"Uma e meia", afirmou ela. "E tenho que despachar Alexander Pope amanhã."

"Papa!" bufou o Sr. Elliot. "Quem lê Pope, eu gostaria de saber? E quanto a ler sobre ele... Não, não. Srta. Allan; esteja convencida de que você beneficiará muito mais o mundo dançando do que escrevendo." Uma das afetações do Sr. Elliot era que nada no mundo se comparava às delícias da dança — nada no mundo era tão tedioso quanto a literatura. Assim, ele procurou pateticamente cair nas boas graças dos jovens e provar-lhes, sem sombra de dúvida, que, embora casado com uma esposa tola, e bastante pálido, curvado e preocupado pelo peso do seu conhecimento, ele estava tão vivo quanto o mais jovem de todos eles.

"É uma questão de pão com manteiga", disse Miss Allan calmamente. "No entanto, eles parecem me esperar." Ela assumiu sua posição e apontou um dedo quadrado preto.

"Sr. Hewet, faça uma reverência para mim." Ficou imediatamente evidente que Miss Allan era a única que tinha um conhecimento profundo e sólido das figuras da dança.

Depois dos lanceiros houve uma valsa; depois da valsa uma polca; e então aconteceu uma coisa terrível; a música, que tocava regularmente com pausas de cinco minutos, parou repentinamente. A senhora de grandes olhos escuros começou a embrulhar o violino em seda, e o cavalheiro colocou cuidadosamente a trompa no estojo. Estavam rodeados de casais que lhes imploravam em inglês, em francês, em espanhol, mais uma dança, uma só; ainda era cedo. Mas o velho ao piano apenas exibiu o relógio e balançou a cabeça. Ele levantou a gola do casaco e tirou um cachecol de seda vermelha, que desfez completamente sua aparência festiva. Por mais estranho que parecesse, os músicos eram pálidos e tinham olhos pesados; pareciam entediados e prosaicos, como se o ápice de seu desejo fosse carne fria e

cerveja, seguida imediatamente pela cama.

Rachel foi uma das que implorou para que continuassem. Quando eles recusaram, ela começou a folhear as partituras de música dançante que estavam sobre o piano. As peças eram geralmente encadernadas em capas coloridas, com imagens de cenas românticas - gondoleiros montados no crescente da lua, freiras espiando pelas grades da janela de um convento ou jovens com os cabelos soltos apontando uma arma para as estrelas. Ela lembrou que o efeito geral da música com a qual dançaram tão alegremente era o de um arrependimento apaixonado pelo amor morto e pelos anos inocentes da juventude; tristezas terríveis sempre separaram os dançarinos de sua felicidade passada.

"Não admira que eles fiquem cansados de tocar coisas assim", ela comentou, lendo um ou dois compassos; "são realmente hinos, tocados muito rápido, com trechos de Wagner e Beethoven".

"Você toca? Você tocaria? Qualquer coisa, desde que possamos dançar!" De todos os lados insistiram em seu dom para tocar piano e ela teve que consentir. Assim que ela tocou as únicas peças de música dançante de que conseguia se lembrar, ela passou a tocar uma ária de uma sonata de Mozart.

"Mas isso não é uma dança", disse alguém parando perto do piano.

"É", ela respondeu, balançando a cabeça enfaticamente. "Invente os passos." Segura da sua melodia marcava o ritmo com ousadia para simplificar o caminho. Helen captou a ideia; agarrou Miss Allan pelo braço e girou pela sala, ora fazendo uma reverência, ora girando, ora tropeçando para um lado e para o outro como uma criança saltando em uma campina.

“Esta é a dança para quem não sabe dançar!” ela chorou. A melodia mudou para um minueto; São João saltou com incrível rapidez, primeiro com a perna esquerda, depois com a direita; a melodia fluía melodiosamente; Hewet, balançando os braços e estendendo as abas do casaco, nadou pela sala imitando a dança voluptuosa e sonhadora de uma donzela indiana dançando diante de seu rajá. A melodia marchou; e Miss Allan avançou com as saias estendidas e curvou-se profundamente diante dos noivos. Assim que seus pés acompanharam o ritmo, eles mostraram uma completa falta de autoconsciência. De Mozart, Rachel passou sem parar para antigas canções de caça, canções de natal e hinos ingleses, pois, como ela observara, qualquer boa melodia, com um pouco de manejo, tornava-se uma melodia que se podia dançar. Aos poucos, todas as pessoas na sala tropeçavam e se viravam em pares ou sozinhas. Pepper executou um passo engenhoso e pontiagudo derivado da patinação artística, pela qual já conquistou algum campeonato local; enquanto a Sra. Thornbury tentava se lembrar de uma antiga dança campestre que ela vira dançada pelos arrendatários de seu pai em Dorsetshire nos velhos tempos. Quanto ao Sr. e à Sra. Elliot, eles galoparam ao redor da sala com tal impetuosidade que os outros dançarinos estremeceram com sua aproximação. Algumas pessoas foram ouvidas criticando a performance como uma brincadeira; para outros, foi a parte mais agradável da noite.

"Agora vamos à grande dança redonda!" Hewet gritou. Instantaneamente formou-se um círculo gigantesco, os dançarinos de mãos dadas e gritando: "Você conhece John Peel", enquanto balançavam cada vez mais rápido e mais rápido, até que a tensão fosse muito grande e um elo da corrente - a Sra. Thornbury cedeu, e os demais saíram voando pela sala em todas as direções, para pousar no chão, nas cadeiras ou nos braços uns dos outros, conforme

parecesse mais conveniente.

Levantando-se daquelas posições, sem fôlego e desleixados, ocorreu-lhes pela primeira vez que as luzes elétricas picavam o ar em vão, e instintivamente muitos olhos se voltaram para as janelas. Sim, houve o amanhecer. Enquanto eles dançavam, a noite passou e chegou. Lá fora, as montanhas pareciam muito puras e remotas; o orvalho brilhava na grama e o céu estava azulado, exceto pelos amarelos e rosas claros do Leste. Os dançarinos aproximaram-se das janelas, abriram-nas e, aqui e ali, arriscaram um pé na grama.

"Como as pobres luzes velhas parecem tolas!" — disse Evelyn M. num tom de voz curiosamente contido. "E nós mesmos; não é adequado." Era verdade; o cabelo despenteado e as joias verdes e amarelas, que pareciam tão festivas meia hora atrás, agora pareciam vulgares e desleixados. A tez das senhoras mais velhas sofreu terrivelmente e, como se conscientes de que um olhar frio estava voltado para elas, começaram a dizer boa-noite e a subir para a cama.

Rachel, embora privada de seu público, continuou tocando sozinha. De John Peel ela passou para Bach, que naquela época era objeto de seu intenso entusiasmo, e um por um alguns dos dançarinos mais jovens vieram do jardim e sentaram-se nas cadeiras douradas desertas ao redor do piano, a sala agora tão clara que apagaram as luzes. Enquanto se sentavam e ouviam, seus nervos se acalmaram; o calor e a dor em seus lábios, resultado de conversas e risadas incessantes, foram atenuados. Eles ficaram sentados muito imóveis, como se vissem um prédio com espaços e colunas se sucedendo, erguendo-se no espaço vazio. Então eles começaram a ver a si mesmos e às suas vidas, e a toda a vida humana avançando muito nobremente sob a direção da música. Eles se sentiram enobrecidos e, quando

Rachel parou de brincar, não desejaram nada além de dormir.

Susan levantou-se. "Acho que esta foi a noite mais feliz da minha vida!" ela exclamou. "Eu adoro música", disse ela, enquanto agradecia a Rachel. "Parece dizer todas as coisas que alguém não consegue dizer." Ela deu uma risadinha nervosa e olhou de um para outro com grande benignidade, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não conseguisse encontrar palavras para expressá-lo. "Todos foram tão gentis - muito gentis", disse ela. Então ela também foi para a cama.

Tendo a festa terminado da maneira muito abrupta como as festas terminam, Helen e Rachel ficaram na porta, de capa, procurando uma carruagem.

"Suponho que você percebeu que não há mais carruagens?" disse St. John, que tinha saído para olhar. "Você deve dormir aqui."

"Ah, não", disse Helen; "vamos caminhar."

"Podemos ir também?" Hewet perguntou. "Não podemos ir para a cama. Imagine-se deitado entre travesseiros e olhando para o lavatório numa manhã como esta... É onde você mora?"

Começaram a descer a avenida e ele virou-se e apontou para a villa branca e verde na encosta, que parecia estar de olhos fechados.

"Isso não é uma luz acesa, é?" Helen perguntou ansiosamente.

"É o sol", disse St. John. As janelas superiores tinham, cada uma, uma mancha dourada.

"Tive medo de que fosse meu marido, ainda lendo grego", disse ela. "Todo esse tempo ele editou Píndaro."

Atravessaram a cidade e subiram a estrada íngreme, que estava perfeitamente limpa, embora ainda sem sombras. Em parte porque estavam cansados, e em parte porque a luz da manhã os subjugava, mal falavam, mas respiravam o delicioso ar fresco, que parecia pertencer a um estado de vida diferente do ar do meio-dia. Quando chegaram ao alto muro amarelo, onde o caminho saía da estrada, Helen foi a favor de dispensar os dois jovens.

"Você já chegou longe o suficiente", disse ela. "Volte para a cama."

Mas eles pareciam não querer se mover.

"Vamos sentar um pouco", disse Hewet. Ele estendeu o casaco no chão. "Vamos sentar e considerar." Sentaram-se e olharam para a baía; estava muito calmo, o mar ondulava levemente e linhas verdes e azuis começavam a listrá-lo. Ainda não havia barcos à vela, mas um navio a vapor estava ancorado na baía, parecendo muito fantasmagórico na neblina; deu um grito sobrenatural e então tudo ficou em silêncio.

Rachel se ocupou em coletar uma pedra cinzenta após a outra e transformá-las em um pequeno monte de pedras; ela fez isso com muito silêncio e cuidado.

"E então você mudou sua visão da vida, Rachel?" disse Helena.

Rachel acrescentou outra pedra e bocejou. "Não me lembro", disse ela, "sinto-me como um peixe no fundo do mar". Ela bocejou novamente. Nenhuma daquelas pessoas possuía qualquer poder para assustá-la ali de madrugada, e ela se sentia perfeitamente familiarizada até com o Sr. Hirst.

"Meu cérebro, pelo contrário", disse Hirst, "está numa condição de atividade anormal." Ele sentou-se em sua posição favorita, com os braços unindo as

pernas e o queixo apoiado no topo dos joelhos. "Eu vejo através de tudo - absolutamente tudo. A vida não tem mais mistérios para mim." Ele falou com convicção, mas não parecia desejar uma resposta. Por mais próximos que estivessem sentados e por mais familiares que parecessem, pareciam meras sombras um para o outro.

"E todas aquelas pessoas lá embaixo indo dormir", começou Hewet sonhadoramente, "pensando coisas tão diferentes, - a Srta. Warrington, suponho, está agora de joelhos; os Elliots estão um pouco assustados, não é sempre que eles ficam sem fôlego, e eles querem dormir o mais rápido possível; depois há o pobre jovem magro que dançou a noite toda com Evelyn; ele está colocando sua flor na água e se perguntando: 'Isso é amor?' Perrott, ousou dizer, não consegue dormir e está lendo seu livro grego favorito para consolar a si mesmo - e aos outros - não, Hirst", concluiu ele, "não acho nada simples."

"Eu tenho uma chave", disse Hirst enigmaticamente. Seu queixo ainda estava sobre os joelhos e os olhos fixos na frente dele.

Seguiu-se um silêncio. Então Helen levantou-se e desejou-lhes boa noite. "Mas", disse ela, "lembre-se de que você precisa vir nos ver."

Acenaram boa-noite e despediram-se, mas os dois jovens não voltaram para o hotel; deram um passeio, durante o qual quase não se falaram, e nunca mencionaram os nomes das duas mulheres, que eram, em grande medida, o objecto dos seus pensamentos. Eles não quiseram compartilhar suas impressões. Voltaram ao hotel a tempo do café da manhã.

## 13. Capítulo Treze

Passeios, cartas e hesitações revelam a educação sentimental em andamento.

Havia muitos quartos na vila, mas um quarto tinha características próprias porque a porta estava sempre fechada e nenhum som de música ou riso saía dela. Todos na casa tinham uma vaga consciência de que alguma coisa acontecia por trás daquela porta e, sem saberem o que era, eram influenciados em seus próprios pensamentos pelo conhecimento de que, se passassem por ali, a porta seria fechada e, se fizessem barulho, o Sr. Ambrose, lá dentro, seria perturbado. Certos atos, portanto, possuíam mérito, e outros eram ruins, de modo que a vida se tornou mais harmoniosa e menos desconectada do que teria sido se o Sr. Ambrose desistiu de editar Píndaro e passou a uma existência nômade, entrando e saindo de todos os cômodos da casa. Do jeito que estava, todos tinham consciência de que, ao observar certas regras, como a pontualidade e o silêncio, ao cozinhar bem e ao cumprir outras pequenas tarefas, uma ode após a outra era restaurada satisfatoriamente e eles próprios compartilhavam a continuidade da vida do estudioso. Infelizmente, como a idade coloca uma barreira entre os seres humanos, e a aprendizagem outra, e o sexo uma terceira, o Sr. Ambrose, no seu escritório, estava a alguns milhares de quilômetros de distância do ser humano mais próximo, que nesta casa era inevitavelmente uma mulher. Ele ficava sentado hora após hora entre livros de folhas brancas, sozinho como um ídolo em uma igreja vazia, imóvel, exceto pela passagem da mão de um lado a outro da folha, silencioso, exceto por um engasgo ocasional, que o levava a estender o cachimbo por um momento no ar. À medida que avançava cada vez mais no coração do poeta, sua cadeira foi ficando cada vez mais rodeada de livros, que ficavam abertos no chão, e só podiam ser atravessados por um cuidadoso processo de passos, tão delicado que seus

visitantes geralmente paravam e se dirigiam a ele da periferia.

Na manhã seguinte ao baile, porém, Rachel entrou no quarto do tio e o chamou duas vezes de "Tio Ridley", antes que ele prestasse atenção nela.

Por fim, ele olhou por cima dos óculos.

"Bem?" ele perguntou.

"Eu quero um livro", ela respondeu. "História do Império Romano de Gibbon. Posso ficar com ela?"

Ela observou as rugas no rosto de seu tio gradualmente se reorganizarem com sua pergunta. Estava suave como uma máscara antes de ela falar.

"Por favor, diga isso de novo", disse o tio, ou porque não tinha ouvido ou porque não tinha entendido.

Ela repetiu as mesmas palavras e ficou ligeiramente vermelha ao fazê-lo.

"Gibbon! Por que diabos você o quer?" ele perguntou.

"Alguém me aconselhou a ler", Rachel gaguejou.

"Mas eu não viajo com uma coleção diversa de historiadores do século XVIII!" seu tio exclamou. "Gibbon! Pelo menos dez grandes volumes."

Rachel pediu desculpas por interromper e estava se virando para ir embora.

"Pare!" gritou seu tio. Ele largou o cachimbo, colocou o livro de lado, levantou-se e conduziu-a lentamente pela sala, segurando-a pelo braço. "Platão", disse ele, colocando um dedo no primeiro de uma fileira de pequenos livros escuros, "e Jorrock, do vizinho, o que está errado. Sófocles, Swift. Vocês não gostam de comentaristas alemães, presumo. Francês, então.

Você lê francês? Você deveria ler Balzac. Então chegamos a Wordsworth e Coleridge. Pope, Johnson, Addison, Wordsworth, Shelley, Keats. Uma coisa leva a outra. Por que Marlowe está aqui? Sra. Chailey, presumo. Mas de que adianta ler se você não lê grego? Afinal, se você lê grego, nunca precisa ler mais nada, pura perda de tempo - pura perda de tempo", falando assim meio para si mesmo, com movimentos rápidos das mãos; eles haviam voltado novamente para o círculo de livros no chão, e seu progresso foi interrompido.

"Bem", ele exigiu, "qual será?"

"Balzac", disse Rachel, "ou você tem o Discurso sobre a Revolução Americana, tio Ridley?"

"O discurso sobre a Revolução Americana?" ele perguntou. Ele olhou para ela com muita atenção novamente. "Outro jovem no baile?"

"Não. Esse era o Sr. Dalloway", ela confessou.

"Bom Senhor!" ele jogou a cabeça para trás lembrando-se do Sr. Dalloway.

Ela escolheu para si um volume ao acaso, entregou-o ao tio, que, vendo que era *La Cousine Bette*, ordenou-lhe que o jogasse fora se o achasse horrível demais, e estava prestes a deixá-lo quando perguntou se ela havia gostado da dança.

Quis então saber o que as pessoas faziam nos bailes, visto que só tinha ido a um há trinta e cinco anos, quando nada lhe parecia mais sem sentido e idiota. Eles gostavam de girar e girar ao som de um violino? Eles conversaram e disseram coisas bonitas e, se sim, por que não o fizeram em condições razoáveis? Quanto a si mesmo, suspirou e apontou para os sinais de diligência espalhados ao seu redor, os quais, apesar do suspiro, encheram

seu rosto de tal satisfação que sua sobrinha achou por bem partir. Ao dar-lhe um beijo, ela foi autorizada a ir, mas só depois de se comprometer a aprender pelo menos o alfabeto grego e a devolver seu romance francês quando terminasse, no qual encontraria algo mais adequado para ela.

Como os quartos em que as pessoas vivem tendem a emitir algo do mesmo choque que seus rostos quando vistos pela primeira vez, Rachel desceu muito lentamente as escadas, maravilhada com o tio, e seus livros, e sua negligência com as danças, e sua visão estranha, totalmente inexplicável, mas aparentemente satisfatória da vida, quando seu olhar foi atraído por um bilhete com o nome dela, caído no corredor. O endereço estava escrito com uma caligrafia pequena e forte que ela desconhecia, e o bilhete, que não tinha começo, dizia:

Envio o primeiro volume do Gibbon como prometi. Pessoalmente, acho pouco a dizer sobre os modernos, mas vou enviar-lhe Wedekind quando o tiver feito. Donne? Você leu Webster e todo esse conjunto? Tenho inveja de você lê-lo pela primeira vez. Completamente exausto depois da noite passada. E você?

O floreio de iniciais que ela supôs ser St. J. A. H. encerrava a carta. Ela ficou muito lisonjeada pelo fato de o Sr. Hirst ter se lembrado dela e cumprido sua promessa tão rapidamente.

Ainda faltava uma hora para o almoço e, com Gibbon numa mão e Balzac na outra, ela saiu pelo portão e desceu o pequeno caminho de lama batida entre as oliveiras na encosta da colina. Estava quente demais para subir colinas, mas ao longo do vale havia árvores e um caminho gramado ao lado do leito do rio. Nesta terra onde a população se concentrava nas cidades era possível perder de vista a civilização em muito pouco tempo, passando apenas ocasionalmente por uma quinta, onde as mulheres manuseavam raízes

vermelhas no pátio; ou um garotinho deitado sobre os cotovelos na encosta, cercado por um rebanho de cabras pretas de cheiro forte. Com exceção de um fio de água no fundo, o rio era apenas um canal profundo de pedras secas e amarelas. Na margem cresciam aquelas árvores que Helen dissera que valia a pena viajar apenas para ver. Abril havia estourado seus botões, e eles deram grandes flores entre suas folhas verdes brilhantes com pétalas de uma substância espessa semelhante a cera, colorida em um creme requintado ou rosa ou carmesim profundo. Mas cheia de uma daquelas exultações irracionais que geralmente partem de uma causa desconhecida e envolvem países e céus inteiros em seus braços, ela caminhou sem ver. A noite estava invadindo o dia. Seus ouvidos zumbiam com as músicas que ela tocara na noite anterior; ela cantou, e o canto a fez andar cada vez mais rápido. Ela não via claramente para onde estava indo, as árvores e a paisagem apareciam apenas como massas de verde e azul, com um espaço ocasional de céu de cores diferentes. Rostos de pessoas que ela tinha visto na noite anterior surgiram diante dela; ela ouviu suas vozes; ela parou de cantar e começou a repetir as coisas ou a dizer as coisas de maneira diferente, ou a inventar coisas que poderiam ter sido ditas. O constrangimento de estar entre estranhos, num longo vestido de seda, tornava extraordinariamente excitante caminhar assim sozinho. Hewet, Hirst, Sr. Venning, Miss Allan, a música, a luz, as árvores escuras no jardim, o amanhecer - enquanto ela caminhava, eles iam surgindo em sua cabeça, um fundo tumultuado do qual o momento presente, com sua oportunidade de fazer exatamente o que ela queria, surgiu ainda mais maravilhosamente vívido do que na noite anterior.

Assim, ela poderia ter caminhado até perder todo o conhecimento do caminho, se não fosse pela interrupção de uma árvore que, embora não crescesse em seu caminho, a deteve tão eficazmente como se os galhos a

tivessem atingido no rosto. Era uma árvore comum, mas para ela parecia tão estranha que poderia ser a única árvore do mundo. Escuro era o tronco no meio, e os galhos saltavam aqui e ali, deixando intervalos irregulares de luz entre eles, tão distintos como se tivessem surgido do chão naquele segundo. Tendo visto uma visão que duraria a vida toda, e que a vida toda preservaria aquele segundo, a árvore mais uma vez afundou nas fileiras comuns de árvores, e ela foi capaz de sentar-se à sua sombra e colher as flores vermelhas com as finas folhas verdes que cresciam abaixo dela. Ela as colocou lado a lado, flor com flor e talo com talo, acariciando-as pois, andando sozinhas, as flores e até mesmo as pedrinhas na terra tinham vida e disposição próprias, e trazia de volta os sentimentos de uma criança de quem eram companheiras. Olhando para cima, seu olhar foi atraído pela linha das montanhas voando energicamente pelo céu como o chicote de um chicote. Ela olhou para o céu pálido e distante e para os lugares altos e nus nos topos das montanhas expostos ao sol. Quando ela se sentou, deixou cair os livros no chão, a seus pés, e agora olhava para eles ali caídos, tão quadrados na grama, um caule alto curvando-se e fazendo cócegas na capa marrom e macia do Gibbon, enquanto o Balzac azul mosqueado jazia nu ao sol. Com a sensação de que abrir e ler certamente seria uma experiência surpreendente, ela virou a página do historiador e leu que—

Seus generais, no início de seu reinado, tentaram a redução da Etiópia e da Arábia Félix. Eles marcharam cerca de mil milhas ao sul do trópico; mas o calor do clima logo repeliu os invasores e protegeu os nativos nada guerreiros daquelas regiões sequestradas.... Os países do norte da Europa dificilmente mereciam as despesas e o trabalho da conquista. As florestas e pântanos da Alemanha estavam repletos de uma raça resistente de bárbaros, que desprezavam a vida quando esta estava separada da liberdade.

Nunca palavras foram tão vívidas e tão belas - Arábia Félix - Etiópia. Mas esses não eram mais nobres que os outros, bárbaros resistentes, florestas e pântanos. Eles pareciam abrir estradas de volta ao início do mundo, em ambos os lados das quais as populações de todos os tempos e países se posicionavam em avenidas, e ao transmiti-las todo o conhecimento seria dela, e o livro do mundo voltaria para a primeira página. Tamanha era sua excitação com as possibilidades de conhecimento que agora se abriam diante dela que ela parou de ler e uma brisa virou a página, as capas de Gibbon suavemente franzidas e fechadas. Ela então se levantou novamente e seguiu em frente. Lentamente, sua mente tornou-se menos confusa e procurou as origens de sua exaltação, que eram duplas e poderiam ser limitadas por um esforço às pessoas do Sr. Hirst e do Sr. Hewet. Qualquer análise clara deles era impossível devido à névoa de admiração em que estavam envolvidos. Ela não conseguia raciocinar sobre eles como sobre pessoas cujos sentimentos seguiam as mesmas regras que os seus, e sua mente demorava-se neles com uma espécie de prazer físico, como o causado pela contemplação de coisas brilhantes penduradas ao sol. Deles toda a vida parecia irradiar; as próprias palavras dos livros estavam impregnadas de brilho. Ela então foi assombrada por uma suspeita que ela estava tão relutante em enfrentar que ela gostou da viagem e tropeçou na grama porque assim sua atenção foi dispersada, mas em um segundo ela se recompôs novamente. Inconscientemente ela caminhava cada vez mais rápido, seu corpo tentando fugir de sua mente; mas ela estava agora no cume de um pequeno outeiro de terra que se erguia acima do rio e exibia o vale. Ela não conseguia mais lidar com diversas ideias, mas precisava lidar com as mais persistentes, e uma espécie de melancolia substituiu sua excitação. Ela caiu no chão, juntando os joelhos e olhando fixamente para a frente. Durante algum tempo ela observou uma

grande borboleta amarela, que abria e fechava as asas muito lentamente sobre uma pedrinha chata.

"O que é estar apaixonado?" ela exigiu, depois de um longo silêncio; cada palavra, à medida que surgia, parecia lançar-se num mar desconhecido. Hipnotizada pelas asas da borboleta e maravilhada pela descoberta de uma terrível possibilidade na vida, ela ficou sentada por mais algum tempo. Quando a borboleta voou para longe, ela se levantou e, com os dois livros debaixo do braço, voltou para casa, como um soldado preparado para a batalha.

## 14. Capítulo Quatorze

Noite, hotel, cartas e o coro social dos hóspedes antes de novas decisões.

Ao pôr-se o sol daquele mesmo dia, o crepúsculo foi saudado como sempre no hotel por um brilho instantâneo de luzes elétricas. As horas entre o jantar e a hora de dormir eram sempre difíceis de matar, e na noite seguinte ao baile eram ainda mais manchadas pela rabugice da dissipação. Certamente, na opinião de Hirst e Hewet, que estavam recostados em poltronas compridas no meio do corredor, com as xícaras de café ao lado e os cigarros nas mãos, a noite foi extraordinariamente monótona, as mulheres extraordinariamente mal vestidas, os homens extraordinariamente tolos. Além disso, quando a correspondência foi distribuída, há meia hora, não havia cartas para nenhum dos dois jovens. Como praticamente todas as outras pessoas haviam recebido duas ou três cartas rechonchudas da Inglaterra, que agora estavam lendo, isso pareceu difícil e levou Hirst a fazer o comentário cáustico de que os animais haviam sido alimentados. O silêncio deles, disse ele, lembrou-lhe o silêncio na casa dos leões, quando cada animal segura um pedaço de carne crua nas patas. Ele continuou, estimulado por essa comparação, a comparar alguns a hipopótamos, alguns a canários, alguns a suínos, alguns a papagaios e alguns a répteis repugnantes enrolados em corpos semi-decompostos de ovelhas. Os sons intermitentes — ora uma tosse, ora um horrível chiado ou pigarro, ora um pequeno ruído de conversa — eram apenas, declarou ele, o que você ouve quando está na casa dos leões quando os ossos estão sendo destroçados. Mas essas comparações não despertaram Hewet, que, depois de uma olhada descuidada ao redor da sala, fixou os olhos em um emaranhado de lanças nativas que estavam tão engenhosamente dispostas que apontavam suas pontas para qualquer pessoa que se aproximasse delas. Ele estava claramente alheio ao que estava ao seu redor; então Hirst, percebendo que a

mente de Hewet estava completamente vazia, fixou sua atenção mais de perto em seus semelhantes. Ele estava muito longe deles, porém, para ouvir o que diziam, mas agradou-lhe construir pequenas teorias sobre eles a partir de seus gestos e aparência.

A Sra. Thornbury recebera muitas cartas. Ela estava completamente absorta neles. Quando terminava uma página, entregava-a ao marido ou dava-lhe a ideia do que estava a ler através de uma série de pequenas citações ligadas entre si por um som no fundo da sua garganta. "Evie escreve que George foi para Glasgow. 'Ele acha o Sr. Chadbourne muito bom para trabalhar, e esperamos passar o Natal juntos, mas eu não gostaria de mover Betty e Alfred para uma grande distância (não, certo), embora seja difícil imaginar um tempo frio com este calor... Eleanor e Roger dirigiram na nova armadilha... Eleanor certamente parecia mais consigo mesma do que eu a vi desde o inverno. Ela já deu três mamadeiras para Baby, o que tenho certeza de que é sensato (tenho certeza de que também é), e assim as noites ficam melhores... Meu cabelo ainda cai. Eu encontro no travesseiro! Mas estou animado com notícias de Tottie Hall Green.... Muriel está em Torquay se divertindo muito nos bailes. Afinal, ela vai mostrar seu pug preto.'... Uma frase de Herbert - tão ocupado, coitado! Ah! Margaret diz: 'Pobre velha Sra. Fairbank morreu no dia oito, de repente, na estufa, apenas uma empregada da casa, que não teve a presença de espírito de levantá-la, o que eles acham que pode tê-la salvado, mas o médico diz que pode ter acontecido a qualquer momento, e só podemos ficar gratos por ter sido na casa dela e não na rua (acho que sim!). Os pombos aumentaram terrivelmente, assim como os coelhos cresceram há cinco anos..." Enquanto ela lia, seu marido balançava a cabeça levemente, mas com firmeza em sinal de aprovação.

Perto dali, Miss Allan também lia suas cartas. Não eram de todo agradáveis, como podia ser visto pela ligeira rigidez que tomou conta de seu rosto grande e bonito quando ela terminou de lê-los e os recolocou cuidadosamente em seus envelopes. As linhas de cuidado e responsabilidade em seu rosto faziam com que ela se parecesse mais com um homem idoso do que com uma mulher. As cartas traziam-lhe a notícia do fracasso da colheita de fruta do ano passado na Nova Zelândia, o que era um assunto sério, pois Hubert, o seu único irmão, ganhava a vida numa quinta de fruta e, se a colheita de fruta falhasse novamente, é claro que ele abandonaria a sua casa e voltaria para Inglaterra, e o que fariam com ele desta vez? A viagem até aqui, que significou a perda de um semestre de trabalho, tornou-se uma extravagância e não as férias justas e maravilhosas que lhe eram devidas depois de quinze anos de aulas pontuais e correção de ensaios sobre literatura inglesa. Emily, sua irmã, que também era professora, escreveu: "Devemos estar preparados, embora não tenha dúvidas de que Hubert será mais razoável desta vez". E então continuou, com seu jeito sensato, a dizer que estava se divertindo muito nos Lagos. "Eles estão extremamente bonitos agora. Poucas vezes vi as árvores tão ousadas nesta época do ano. Almoçamos fora há vários dias. A velha Alice está tão jovem como sempre e pergunta por cada uma delas afetosamente. Os dias passam muito rápido e o prazo chegará em breve. As perspectivas políticas não são boas, penso eu pessoalmente, mas não gosto de diminuir o entusiasmo de Ellen. Lloyd George aceitou o projeto de lei, mas muitos também o fizeram antes, e estamos onde estamos; mas confio para me encontrar enganado. De qualquer forma, temos muito trabalho pela frente... Certamente Meredith não tem a nota humana que gostamos em W. W.?" ela concluiu e passou a discutir algumas questões da literatura inglesa que a Srta. Allan havia levantado em

sua última carta.

A pouca distância da senhorita Allan, num assento sombreado e semiprivado por um denso bosque de palmeiras, Arthur e Susan liam as cartas um do outro. Os grandes manuscritos de jovens jogadoras de hóquei em Wiltshire estavam nos joelhos de Arthur, enquanto Susan decifrava pequenas mãos legais que raramente ocupavam mais de uma página e sempre transmitiam a mesma impressão de boa vontade jocosa e jovial.

"Espero que o Sr. Hutchinson goste de mim, Arthur", disse ela, olhando para cima.

"Quem é sua querida Flo?" perguntou Artur.

"Flo Graves, a garota de quem lhe falei, que estava noiva daquele terrível Sr. Vincent", disse Susan. "O Sr. Hutchinson é casado?" ela perguntou.

Sua mente já estava ocupada com planos benevolentes para seus amigos, ou melhor, com um plano magnífico - que também era simples - todos eles se casariam - de uma vez - assim que ela voltasse. Casamento, casamento, essa era a coisa certa, a única coisa, a solução exigida por todos que ela conhecia, e uma grande parte de suas meditações foi gasta em rastrear todos os casos de desconforto, solidão, problemas de saúde, ambição insatisfeita, inquietação, excentricidade, pegar as coisas e largá-las novamente, falar em público e atividade filantrópica por parte dos homens e particularmente por parte das mulheres até o fato de que eles queriam se casar, estavam tentando se casar, e não tinham conseguido conseguir. casado. Se, como ela era obrigada a admitir, esses sintomas às vezes persistiam depois do casamento, ela só poderia atribuí-los à infeliz lei da natureza que decretava que só havia um Arthur Venning, e apenas uma Susan, que poderia se casar

com ele. A sua teoria, claro, teve o mérito de ser totalmente apoiada pelo seu próprio caso. Há dois ou três anos que se sentia ligeiramente desconfortável em casa, e uma viagem como esta com a sua velha tia egoísta, que lhe pagava a passagem mas a tratava como serva e companheira ao mesmo tempo, era típica do tipo de coisas que as pessoas esperavam dela. Assim que ela ficou noiva, a Sra. Paley comportou-se com respeito instintivo, protestou positivamente quando Susan, como sempre, se ajoelhou para amarrar os sapatos e pareceu muito grato por uma hora de companhia de Susan, onde ela estava acostumada a exigir dois ou três como seu direito. Ela previu, portanto, uma vida de muito mais conforto do que estava acostumada, e a mudança já havia produzido um grande aumento de afeto em seus sentimentos para com as outras pessoas.

Já se passaram quase vinte anos desde que a Sra. Paley conseguiu amarrar os próprios sapatos ou mesmo vê-los, tendo o desaparecimento de seus pés coincidido mais ou menos exatamente com a morte de seu marido, um homem de negócios, logo após o que a Sra. Ela era uma velha egoísta e independente, possuidora de uma renda considerável, que gastava na manutenção de uma casa que precisava de sete empregados e uma faxineira em Lancaster Gate, e outra com jardim e cavalos de carruagem em Surrey. O noivado de Susan aliviou-a da única grande ansiedade de sua vida: que seu filho Christopher "se envolvesse" com o primo. Agora que essa fonte familiar de interesse foi removida, ela se sentiu um pouco deprimida e inclinada a ver mais em Susan do que antes. Ela havia decidido dar-lhe um lindo presente de casamento, um cheque de duzentos, duzentos e cinquenta, ou possivelmente, concebivelmente — dependia do ajudante de jardinagem e da conta de Huths para arrumar a sala de estar — trezentas libras esterlinas.

Ela estava pensando exatamente nessa questão, girando as figuras, enquanto estava sentada em sua cadeira de rodas com uma mesa cheia de cartas ao seu lado. A Patience de alguma forma se meteu em confusão e ela não gostou de chamar Susan para ajudá-la, pois Susan parecia estar ocupada com Arthur.

"Ela tem todo o direito de esperar um belo presente de mim, é claro", pensou ela, olhando vagamente para o leopardo nas patas traseiras, "e não tenho dúvidas de que sim! O dinheiro vale muito para todos. Os jovens são muito egoístas. Se eu morresse, ninguém sentiria minha falta, exceto Dakyns, e ela será consolada pela vontade! No entanto, não tenho motivos para reclamar... Ainda posso me divertir. Não sou um fardo para ninguém... Gosto de muitas coisas. um bom negócio, apesar das minhas pernas."

Estando um pouco deprimida, porém, ela passou a pensar nas únicas pessoas que conhecera que não lhe pareciam nem um pouco egoístas ou que gostavam de dinheiro, que lhe pareciam de alguma forma um pouco mais refinadas do que a maioria; pessoas, ela reconheceu de bom grado, que eram melhores do que ela. Havia apenas dois deles. Um era seu irmão, que se afogou diante de seus olhos, o outro era uma menina, sua maior amiga, que morreu ao dar à luz seu primeiro filho. Essas coisas aconteceram há cerca de cinquenta anos.

"Eles não deveriam ter morrido", pensou ela. "No entanto, eles fizeram isso - e nós, velhas criaturas egoístas, continuamos." As lágrimas vieram aos seus olhos; ela sentia um arrependimento genuíno por eles, uma espécie de respeito pela sua juventude e beleza, e uma espécie de vergonha por si mesma; mas as lágrimas não caíram; e ela abriu um daqueles inúmeros romances que ela costumava chamar de bons, ruins, medianos ou realmente

maravilhosos. “Não consigo imaginar como as pessoas conseguem imaginar essas coisas”, dizia ela, tirando os óculos e olhando para cima com aqueles velhos olhos desbotados, que estavam ficando rodeados de branco.

Logo atrás do leopardo de pelúcia, o Sr. Elliot estava jogando xadrez com o Sr. Pepper. Ele estava sendo derrotado, naturalmente, pois o Sr. Pepper mal tirava os olhos do tabuleiro, e o Sr. Depois de alguns comentários de natureza geral, eles descobriram que conheciam algumas das mesmas pessoas, como de fato era óbvio pela aparência deles quando se viram.

“Ah, sim, velho Truefit”, disse o Sr. Elliot. “Ele tem um filho em Oxford. Muitas vezes fiquei com eles. É uma linda e antiga casa jacobina. Alguns Greuzes requintados - uma ou duas fotos holandesas que o velho guardava nos porões. Depois, havia pilhas e mais pilhas de gravuras. Oh, a sujeira naquela casa! Ele era um avarento, você sabe. O menino se casou com uma filha de Lord Pinwells. Eu também os conheço. A mania de colecionar tende a ser familiar. Esse sujeito coleciona fivelas - masculinas devem ser fivelas de sapato, em uso entre os anos de 1580 e 1660; as datas podem não estar corretas, mas o fato é que, como eu disse, seu verdadeiro colecionador sempre tem alguma moda inexplicável desse tipo. Em outros pontos ele é tão sensato quanto um criador de chifres curtos, que é o que ele é. Então os Pinwells, como você provavelmente sabe, também têm sua cota de excentricidade. Lady Maud, por exemplo — — ele foi interrompido aqui pela necessidade de considerar sua atitude — — Lady Maud tem horror a gatos, clérigos e pessoas com dentes frontais grandes. Já a ouvi gritar do outro lado da mesa: ‘Mantenha a boca fechada. Senhorita Smith; eles são amarelos como cenouras! sobre uma mesa, veja bem. Para mim ela sempre foi a própria civilidade. Ela se interessa por literatura, gosta de reunir alguns de nós em sua sala de estar, mas menciona um clérigo, até um bispo, ou

melhor, o próprio arcebispo, e ela engole como um peru. Disseram-me que é uma briga de família, algo relacionado com um ancestral do reinado de Carlos I. Sim", continuou ele, sofrendo verificação após verificação, "sempre gosto de saber algo sobre as avós de nossos jovens elegantes. Na minha opinião preservam tudo o que admiramos no século XVIII, com a vantagem, na maioria dos casos, de serem pessoalmente limpos. Não que alguém insultasse a velha Lady Barborough chamando-a de limpa. Quantas vezes você acha, Hilda", ele gritou para a esposa, "sua senhoria toma banho?"

- Não gostaria de dizer isso, Hugh - disse a Sra. Elliot com uma risadinha -, mas usar veludo vermelho-púrpura, como faz mesmo no dia mais quente de agosto, de alguma forma não transparece.

"Pepper, você me pegou", disse o Sr. Elliot. "Meu xadrez é ainda pior do que me lembro." Aceitou a derrota com grande serenidade, pois desejava muito conversar.

Ele puxou sua cadeira ao lado do Sr. Wilfred Flushing, o recém-chegado.

"Isso está na sua linha?" — perguntou ele, apontando para uma vitrine à frente deles, onde cruces altamente polidas, joias e pedaços de bordado, obra dos nativos, eram exibidos para seduzir os visitantes.

"Shams, todos eles", disse o Sr. Flushing brevemente. "Este tapete, agora, não é nada ruim." Ele se abaixou e pegou um pedaço do tapete que estava aos pés deles. "Não é antigo, é claro, mas o design segue a tradição correta. Alice, empreste-me seu broche. Veja a diferença entre o trabalho antigo e o novo."

Uma senhora, que lia com grande concentração, desabotoou o broche e entregou-o ao marido sem olhar para ele ou reconhecer a reverência

hesitante que o Sr. Elliot desejava fazer-lhe. Se ela tivesse escutado, poderia ter se divertido com a referência à velha Lady Barborough, sua tia-avó, mas, alheia ao que estava ao seu redor, continuou lendo.

O relógio, que há alguns minutos chiava como um velho que se prepara para tossir, agora marcava nove horas. O som perturbou ligeiramente alguns comerciantes sonolentos, funcionários do governo e homens de posses independentes, que estavam recostados nas cadeiras, conversando, fumando, ruminando sobre seus negócios, com os olhos semicerrados; eles levantaram as pálpebras por um instante ao ouvir o som e depois as fecharam novamente. Eles tinham a aparência de crocodilos tão empanturrados pela última refeição que o futuro do mundo não lhes causa qualquer ansiedade. A única perturbação na sala plácida e iluminada foi causada por uma grande mariposa que disparou de luz em luz, zunindo sobre cabelos elaborados e fazendo com que várias jovens levantassem as mãos nervosamente e exclamassem: "Alguém deveria matá-la!"

Absortos em seus próprios pensamentos, Hewet e Hirst não se falavam há muito tempo. Quando o relógio bateu. Hirst disse:

"Ah, as criaturas começam a se mexer..." Ele os observou se levantarem, olharem ao redor e se acomodarem novamente. "O que mais abomino", concluiu ele, "são os seios femininos. Imagine ser Venning e ter que ir para a cama com Susan! Mas o que é realmente repulsivo é que eles não sentem absolutamente nada - sobre o que eu faço quando tomo um banho quente. Eles são nojentos, são absurdos, são totalmente intoleráveis!"

Dizendo isso, e sem obter resposta de Hewet, ele começou a pensar em si mesmo, na ciência, em Cambridge, na Ordem dos Advogados, em Helen e no que ela pensava dele, até que, estando muito cansado, ele adormeceu.

De repente, Hewet o acordou.

"Como você sabe o que sente, Hirst?"

"Você está apaixonado?" perguntou Hirst. Ele colocou o óculos.

"Não seja tolo", disse Hewet.

"Bem, vou sentar e pensar sobre isso", disse Hirst. "É realmente necessário. Se essas pessoas apenas pensassem nas coisas, o mundo seria um lugar muito melhor para todos nós vivermos. Você está tentando pensar?"

Era exatamente isso que Hewet vinha fazendo durante a última meia hora, mas não achou Hirst solidário no momento.

"Vou dar um passeio", disse ele.

"Lembre-se de que não estávamos mal ontem à noite", disse Hirst com um bocejo prodigioso.

Hewet levantou-se e espreguiçou-se.

"Quero ir tomar um pouco de ar", disse ele.

Uma sensação incomum o incomodou durante toda a noite e o proibiu de se concentrar em qualquer linha de pensamento. Foi precisamente como se estivesse no meio de uma conversa que o interessava profundamente quando alguém se aproximou e o interrompeu. Ele não conseguiu terminar o discurso, e quanto mais tempo ficava ali sentado, mais queria terminá-lo. Como a conversa interrompida era uma conversa com Rachel, ele teve que se perguntar por que sentia isso e por que queria continuar conversando com ela. Hirst apenas diria que estava apaixonado por ela. Mas ele não estava apaixonado por ela. O amor começou assim, com a vontade de continuar

falando? Não. No seu caso, sempre começava com sensações físicas definidas, e estas agora estavam ausentes; ele nem mesmo a achava fisicamente atraente. É claro que havia algo incomum nela: ela era jovem, inexperiente e curiosa; eles tinham sido mais abertos um com o outro do que normalmente era possível. Ele sempre achou as garotas interessantes para conversar, e certamente essas eram boas razões pelas quais ele desejaria continuar conversando com ela; e na noite passada, com a multidão e a confusão, ele só conseguiu começar a falar com ela. O que ela estava fazendo agora? Deitado num sofá e olhando para o teto, talvez. Ele podia imaginá-la fazendo isso, e Helen numa poltrona, com as mãos no braço dela, então - olhando para frente, com seus grandes olhos - ah, não, eles estariam conversando, é claro, sobre o baile. Mas suponhamos que Rachel partisse dentro de um ou dois dias, suponhamos que este fosse o fim da sua visita e que o seu pai tivesse chegado num dos navios a vapor ancorados na baía - era intolerável saber tão pouco. Portanto, ele exclamou: "Como você sabe o que sente, Hirst?" para parar de pensar.

Mas Hirst não o ajudou, e as outras pessoas com seus movimentos sem objetivo e suas vidas desconhecidas eram perturbadoras, de modo que ele ansiava pela escuridão vazia. A primeira coisa que procurou ao sair pela porta do corredor foi a luz da villa dos Ambrose. Quando ele decidiu definitivamente que uma certa luz, separada das outras mais acima na colina, era a luz deles, ele ficou consideravelmente tranqüilizado. Parecia haver imediatamente um pouco de estabilidade em toda essa incoerência. Sem nenhum plano definido na cabeça, virou à direita e atravessou a cidade e chegou à muralha no encontro das estradas, onde parou. O barulho do mar era audível. A massa azul-escura das montanhas erguia-se contra o azul mais claro do céu. Não havia lua, mas miríades de estrelas, e as luzes estavam

ancoradas para cima e para baixo nas ondas escuras da terra ao seu redor. Ele pretendia voltar, mas a única luz da vila de Ambrose agora se transformara em três luzes separadas, e ele ficou tentado a continuar. Ele poderia muito bem ter certeza de que Rachel ainda estava lá. Andando rápido, ele logo chegou ao portão de ferro do jardim e o abriu; o contorno da casa apareceu subitamente nitidamente diante de seus olhos, e a fina coluna da varanda cortava o cascalho mal iluminado do terraço. Ele hesitou. Nos fundos da casa alguém sacudia latas. Ele se aproximou da frente; a luz do terraço mostrou-lhe que as salas ficavam daquele lado. Ele ficou o mais próximo possível da luz no canto da casa, as folhas de uma trepadeira roçando seu rosto. Depois de um momento ele ouviu uma voz. A voz continuou firme; não estava falando, mas pela continuidade do som era uma voz lendo em voz alta. Ele se aproximou um pouco mais; ele amassou as folhas para evitar que farfalhassem em suas orelhas. Pode ser a voz de Rachel. Ele deixou a sombra e entrou no raio da luz, e então ouviu uma frase pronunciada com bastante clareza.

“E lá vivemos do ano de 1860 a 1895, os anos mais felizes da vida dos meus pais, e lá em 1862 nasceu meu irmão Maurice, para alegria de seus pais, pois estava destinado a ser a alegria de todos que o conheciam.”

A voz acelerou e o tom tornou-se conclusivo, aumentando ligeiramente de tom, como se essas palavras estivessem no final do capítulo. Hewet recuou novamente para a sombra. Houve um longo silêncio. Ele podia apenas ouvir cadeiras sendo movidas lá dentro. Ele estava quase decidido a voltar, quando de repente duas figuras apareceram na janela, a menos de dois metros dele.

“Era Maurice Fielding, claro, de quem sua mãe estava noiva”, disse a voz de Helen. Ela falou pensativamente, olhando para o jardim escuro e

evidentemente pensando tanto na aparência da noite quanto no que estava dizendo.

"Mãe?" disse Raquel. O coração de Hewet deu um pulo e ele percebeu o fato. Sua voz, embora baixa, estava cheia de surpresa.

"Você não sabia disso?" disse Helena.

"Eu nunca soube que havia mais alguém", disse Rachel. Ela ficou claramente surpresa, mas tudo o que disseram foi em voz baixa e inexpressiva, porque estavam falando na noite fria e escura.

"Mais pessoas estavam apaixonadas por ela do que por qualquer pessoa que eu já conheci", afirmou Helen. "Ela tinha esse poder - ela gostava das coisas. Ela não era bonita, mas - eu estava pensando nela ontem à noite no baile. Ela se dava com todo tipo de pessoa, e então ela tornou tudo tão incrivelmente - engraçado."

Parecia que Helen estava a regressar ao passado, escolhendo deliberadamente as palavras, comparando Theresa com as pessoas que conhecia desde a morte de Theresa.

"Não sei como ela fez isso", ela continuou, e parou, e houve uma longa pausa, durante a qual uma pequena coruja gritou primeiro aqui, depois ali, enquanto se movia de árvore em árvore no jardim.

"Isso é muito típico da tia Lucy e da tia Katie", disse Rachel finalmente. "Eles sempre dizem que ela estava muito triste e muito bem."

"Então por que, pelo amor de Deus, eles não fizeram nada além de criticá-la quando ela estava viva?" disse Helena. Suas vozes soavam muito gentis, como se caíssem nas ondas do mar.

"Se eu morresse amanhã..." ela começou.

As frases quebradas tinham uma beleza e um distanciamento extraordinários aos ouvidos de Hewet, e também uma espécie de mistério, como se fossem ditas por pessoas durante o sono.

"Não, Rachel", continuou a voz de Helen, "não vou passear no jardim; está úmido - com certeza estará úmido; além disso, vejo pelo menos uma dúzia de sapos."

"Sapos? São pedras, Helen. Saia. É melhor lá fora. As flores cheiram", respondeu Rachel.

Hewet recuou ainda mais. Seu coração batia muito rápido. Aparentemente Rachel tentou puxar Helen para o terraço e Helen resistiu. Houve uma certa briga, súplica, resistência e risadas de ambos. Então apareceu a forma de um homem. Hewet não conseguia ouvir o que todos diziam. Num minuto eles entraram; ele pôde ouvir os ferrolhos rangendo; houve um silêncio mortal e todas as luzes se apagaram.

Ele se virou, ainda amassando e desamassando um punhado de folhas que havia arrancado da parede. Uma extraordinária sensação de prazer e alívio tomou conta dele; tudo ficou tão sólido e tranquilo depois do baile no hotel, quer ele estivesse apaixonado por eles ou não, e ele não estava apaixonado por eles; não, mas era bom que eles estivessem vivos.

Depois de ficar parado por um ou dois minutos, ele se virou e começou a caminhar em direção ao portão. Com o movimento de seu corpo, a excitação, o romance e a riqueza da vida invadiram seu cérebro. Ele gritou um verso de poesia, mas as palavras lhe escaparam, e ele tropeçou entre versos e fragmentos de versos que não tinham nenhum significado, exceto pela beleza

das palavras. Ele fechou o portão e correu colina abaixo, balançando de um lado para o outro, gritando qualquer bobagem que lhe veio à cabeça. "Aqui estou eu", gritou ele ritmicamente, enquanto seus pés batiam para a esquerda e para a direita, "mergulhando, como um elefante na selva, arrancando os galhos enquanto ando (ele agarrou os galhos de um arbusto à beira da estrada), rugindo inúmeras palavras, palavras encantadoras sobre inúmeras coisas, correndo colina abaixo e falando bobagens em voz alta para mim mesmo sobre estradas e folhas e luzes e mulheres saindo para a escuridão - sobre mulheres - sobre Rachel, sobre Rachel." Ele parou e respirou fundo. A noite parecia imensa e hospitaleira e, embora estivesse tão escura, parecia haver coisas se movendo lá embaixo no porto e no mar. Ele olhou até que a escuridão o entorpeceu e então seguiu em frente rapidamente, ainda murmurando para si mesmo. "E eu deveria estar na cama, roncando e sonhando, sonhando, sonhando. Sonhos e realidades, sonhos e realidades, sonhos e realidades", repetiu durante toda a avenida, mal sabendo o que dizia, até chegar à porta da frente. Aqui ele parou por um segundo e se recompôs antes de abrir a porta.

Seus olhos estavam atordoados, suas mãos muito frias e seu cérebro excitado, mas meio adormecido. Dentro da porta tudo estava como ele havia deixado, exceto que o corredor estava agora vazio. Lá estavam as cadeiras viradas umas para as outras onde as pessoas conversavam, os copos vazios nas mesinhas e os jornais espalhados pelo chão. Ao fechar a porta, sentiu-se como se estivesse encerrado numa caixa quadrada e instantaneamente encolheu. Era tudo muito claro e muito pequeno. Parou por um minuto junto à longa mesa para encontrar um jornal que pretendia ler, mas ainda estava demasiado sob a influência da escuridão e do ar fresco para considerar cuidadosamente que papel era ou onde o tinha visto.

Enquanto ele remexeu vagamente entre os papéis, ele viu uma figura cruzar o olho, descendo as escadas. Ele ouviu o farfalhar de saias e, para sua grande surpresa, Evelyn M. aproximou-se dele, colocou a mão sobre a mesa, como se quisesse impedi-lo de pegar um papel, e disse:

"Você é exatamente a pessoa com quem eu queria conversar." Sua voz era um pouco desagradável e metálica, seus olhos eram muito brilhantes e ela os mantinha fixos nele.

"Para falar comigo?" ele repetiu. "Mas estou meio adormecido."

"Mas acho que você entende melhor do que a maioria das pessoas", respondeu ela, e sentou-se numa cadeirinha colocada ao lado de uma grande cadeira de couro, de modo que Hewet teve que se sentar ao lado dela.

"Bem?" ele disse. Ele bocejou abertamente e acendeu um cigarro. Ele não conseguia acreditar que isso realmente estava acontecendo com ele. "O que é?"

"Você é realmente simpático ou é apenas uma pose?" ela exigiu.

"É você quem diz", ele respondeu. "Estou interessado, eu acho." Ele ainda se sentia todo entorpecido e como se ela estivesse muito perto dele.

"Qualquer um pode estar interessado!" ela gritou impacientemente. "Seu amigo, o Sr. Hirst, está interessado, ousou dizer. No entanto, acredito em você. Parece que você tem uma boa irmã, de alguma forma." Ela fez uma pausa, pegando algumas lantejoulas nos joelhos e então, como se já tivesse se decidido, começou: "De qualquer forma, vou pedir seu conselho. Você já chegou a um estado em que não sabe o que pensa? Esse é o estado em que estou agora. Veja, ontem à noite no baile, Raymond Oliver - ele é o garoto

alto e moreno que parece ter sangue indiano, mas ele diz que não é realmente, - bem, nós estávamos sentados juntos, e ele me contou tudo sobre si mesmo, como ele está infeliz em casa e como ele odeia estar aqui. Eles o colocaram em um negócio de mineração bestial. Ele diz que é horrível — eu gostaria, eu sei, mas isso não é aqui nem ali. E eu senti muita pena dele, era impossível não sentir pena dele, e quando ele me pediu para deixá-lo me beijar, eu deixei. Não vejo mal nenhum nisso, e você? E então, esta manhã, ele disse que achava que eu queria dizer algo mais, e que eu não era do tipo que deixava ninguém me beijar. E conversamos e conversamos. Ouso dizer que fui muito bobo, mas não podemos deixar de gostar das pessoas quando sentimos pena delas. Eu gosto muito dele... — Ela fez uma pausa. "Então eu fiz uma meia promessa a ele, e então, você vê, lá está Alfred Perrott."

"Ah, Perrott", disse Hewet.

"Nós nos conhecemos naquele piquenique outro dia", ela continuou. "Ele parecia tão solitário, especialmente porque Arthur tinha saído com Susan, e não podíamos deixar de adivinhar o que se passava em sua mente. Então tivemos uma longa conversa enquanto você estava olhando para as ruínas, e ele me contou tudo sobre sua vida, e suas lutas, e como tinha sido terrivelmente difícil. Você sabe, ele era um menino em uma mercearia e levava pacotes para a casa das pessoas em uma cesta? Isso me interessou muito, porque eu sempre digo que não importa como você nasceu se você tem as coisas certas em você. E ele me contou sobre sua irmã que está parálitica, pobre menina, e podemos ver que ela é uma grande provação, embora ele seja evidentemente muito dedicado a ela. Devo dizer que admiro pessoas assim! Não espero que você faça isso porque você é muito inteligente. Bem, ontem à noite nós sentamos juntos no jardim, e eu não pude deixar de ver o que ele queria dizer, e confortá-lo um pouco, e dizer-lhe que

eu me importava - eu realmente me importo - só que, então, lá está Raymond Oliver. O que eu quero que você me diga é: alguém pode estar apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo ou não?

Ela ficou em silêncio e sentou-se com o queixo apoiado nas mãos, parecendo muito concentrada, como se estivesse enfrentando um problema real que precisava ser discutido entre eles.

"Acho que depende do tipo de pessoa que você é", disse Hewet. Ele olhou para ela. Ela era pequena e bonita, talvez com vinte e oito ou vinte e nove anos, mas embora arrojada e bem-feita, suas feições não expressavam nada com muita clareza, exceto muito espírito e boa saúde.

"Quem é você, o que é você; veja, não sei nada sobre você", continuou ele.

"Bem, eu já estava chegando a esse ponto", disse Evelyn M. Ela continuou apoiando o queixo nas mãos e olhando atentamente para a frente.

"Sou filha de mãe e não de pai, se isso lhe interessa", disse ela. "Não é uma coisa muito legal de se ser. É o que muitas vezes acontece no campo. Ela era filha de um fazendeiro, e ele era um cara legal - o jovem da casa grande. Ele nunca acertou as coisas - nunca se casou com ela - embora nos permitisse muito dinheiro. Seu povo não deixou. Pobre pai! Não posso deixar de gostar dele. Minha mãe não era o tipo de mulher que poderia mantê-lo correto, de qualquer maneira. Ele foi morto na guerra. Eu acredito seus homens o adoravam. Dizem que grandes soldados desabaram e choraram sobre seu corpo no campo de batalha. Eu gostaria de ter conhecido toda a vida dele. O mundo..." Ela cerrou o punho. "Oh, as pessoas podem ser horríveis com uma mulher assim!" Ela se voltou para Hewet.

"Bem", ela disse, "você quer saber mais alguma coisa sobre mim?"

"Mas você?" ele perguntou. "Quem cuidou de você?"

"Eu cuidei principalmente de mim mesma", ela riu. "Tive amigos esplêndidos. Gosto de pessoas! Esse é o problema. O que você faria se gostasse tremendamente de duas pessoas, e não soubesse qual delas gosta mais?"

"Eu deveria continuar gostando deles — deveria esperar para ver. Por que não?"

"Mas é preciso tomar uma decisão", disse Evelyn. "Ou você é uma daquelas pessoas que não acredita em casamento e tudo mais? Olhe aqui - isso não é justo, eu conto tudo e você não conta nada. Talvez você seja igual ao seu amigo" - ela olhou para ele com desconfiança; "talvez você não goste de mim?"

"Eu não conheço você", disse Hewet.

"Eu sei que quando gosto de uma pessoa diretamente, eu a vejo! Eu sabia que gostava de você logo na primeira noite no jantar. Oh, querido", ela continuou impacientemente, "que muitos problemas seriam evitados se as pessoas dissessem as coisas que pensam diretamente! Sou feita assim. Não posso evitar."

"Mas você não acha que isso leva a dificuldades?" Hewet perguntou.

"Isso é culpa dos homens", ela respondeu. "Eles sempre arrastam isso - amor, quero dizer."

"E então você continuou recebendo uma proposta após a outra", disse Hewet.

"Não creio que tenha recebido mais propostas do que a maioria das mulheres", disse Evelyn, mas falou sem convicção.

"Cinco, seis, dez?" Hewet aventurou-se.

Evelyn pareceu insinuar que talvez dez fosse o número certo, mas que na verdade não era um número alto.

"Acredito que você está pensando que sou uma paqueradora sem coração", ela protestou. "Mas eu não me importo se você é. Eu não me importo com o que alguém pensa de mim. Só porque alguém está interessado e gosta de ser amigo de homens, e falar com eles como se fala com mulheres, isso é chamado de flerte."

"Mas senhorita Murgatroyd —"

"Eu gostaria que você me chamasse de Evelyn", ela interrompeu.

"Depois de dez propostas você honestamente acha que os homens são iguais às mulheres?"

"Honestamente, honestamente, como odeio essa palavra! É sempre usada por pedantes", exclamou Evelyn. "Honestamente, acho que deveriam ser. Isso é o que é tão decepcionante. Toda vez que alguém pensa que isso não vai acontecer, e toda vez que acontece."

"A busca pela amizade", disse Hewet. "O título de uma comédia."

"Você é horrível", ela gritou. "Você não se importa nem um pouco. Você pode ser o Sr. Hirst."

"Bem", disse Hewet, "vamos considerar. Vamos considerar..." Ele fez uma pausa, porque no momento não conseguia lembrar o que eles tinham que

considerar. Ele estava muito mais interessado nela do que na sua história, pois enquanto ela continuava a falar, o seu entorpecimento desapareceu e ele sentiu uma mistura de simpatia, pena e desconfiança. "Você prometeu se casar com Oliver e Perrott?" ele concluiu.

"Não exatamente prometido", disse Evelyn. "Não consigo decidir o que realmente gosto mais. Ah, como detesto a vida moderna!" ela se livrou. "Deve ter sido muito mais fácil para os elisabetanos! Outro dia pensei naquela montanha como eu gostaria de ser um daqueles colonos, de derrubar árvores e fazer leis e tudo mais, em vez de brincar com todas essas pessoas que pensam que alguém é apenas uma jovem bonita. Embora eu não seja. Eu realmente poderia fazer alguma coisa." Ela refletiu em silêncio por um minuto. Então ela disse:

"Temo no fundo do meu coração que Alfred Perrott não servirá. Ele não é forte, não é?"

"Talvez ele não tenha conseguido derrubar uma árvore", disse Hewet. "Você nunca se importou com ninguém?" ele perguntou.

"Já cuidei de muitas pessoas, mas não para casar com elas", disse ela. "Suponho que sou muito meticuloso. Durante toda a minha vida desejei alguém que pudesse admirar, alguém grande, grande e esplêndido. A maioria dos homens é tão pequena."

"O que você quer dizer com esplêndido?" Hewet perguntou. "As pessoas são - nada mais."

Evelyn ficou intrigada.

"Não nos importamos com as pessoas pelas suas qualidades", tentou explicar. "É só deles que nos importamos" - ele riscou um fósforo - "só isso", disse ele, apontando para as chamas.

"Entendo o que você quer dizer", disse ela, "mas não concordo. Sei por que me importo com as pessoas e acho que quase nunca estou errada. Vejo imediatamente o que elas têm nelas. Agora acho que você deve ser bastante esplêndido; mas não o Sr. Hirst."

Hewet balançou a cabeça.

"Ele não é tão altruísta, nem tão simpático, nem tão grande, nem tão compreensivo", continuou Evelyn. Hewet ficou sentado em silêncio, fumando seu cigarro.

"Eu odiaria cortar árvores", observou ele.

"Não estou tentando flertar com você, embora suponha que você pense que estou!" Evelyn disparou. "Eu nunca teria vindo até você se pensasse que você simplesmente pensaria coisas odiosas de mim!" As lágrimas vieram aos seus olhos.

"Você nunca flerta?" ele perguntou.

"Claro que não", ela protestou. "Eu não te contei? Eu quero amizade; quero cuidar de alguém maior e mais nobre do que eu, e se eles se apaixonarem por mim não é minha culpa; eu não quero isso; eu positivamente odeio isso."

Hewet percebeu que não adiantava muito continuar a conversa, pois era óbvio que Evelyn não queria dizer nada em particular, mas sim imprimir nele uma imagem de si mesma, sendo, por algum motivo que não revelaria, infeliz ou insegura. Ele estava muito cansado e um garçom pálido continuava

andando ostensivamente até o meio da sala e olhando para eles de forma significativa.

"Eles querem calar a boca", disse ele. "Meu conselho é que você diga a Oliver e Perrott amanhã que você decidiu que não pretende se casar com nenhum deles. Ele se levantou.

Mas Evelyn não se mexeu. Ela sentou-se olhando para ele com seus olhos brilhantes e ansiosos, em cujas profundezas ele pensou ter detectado alguma decepção ou insatisfação.

"Boa noite", disse ele.

"Ainda há muitas coisas que quero dizer a você", disse ela. "E eu irei, algum dia. Suponho que você deva ir para a cama agora?"

"Sim", disse Hewet. "Estou meio adormecido." Ele a deixou ainda sentada sozinha no corredor vazio.

## 15. Capítulo Quinze

Excursões, paisagem e o grupo inglês diante da natureza sul-americana.

Se os laços são muito leves ou muito vagos, os que unem as pessoas que se encontram casualmente num hotel à meia-noite, eles possuem pelo menos uma vantagem sobre os laços que unem os idosos, que viveram juntos uma vez e, portanto, devem viver para sempre. Podem ser leves, mas vívidos e genuínos, simplesmente porque o poder de quebrá-los está ao alcance de cada um, e não há razão para continuar, exceto um desejo verdadeiro de que continuem. Quando duas pessoas estão casadas há anos, parecem tornar-se inconscientes da presença corporal um do outro, de modo que se movem como se estivessem sozinhos, falam em voz alta coisas que não esperam que sejam respondidas e, em geral, parecem experimentar todo o conforto da solidão sem a sua solidão. A vida conjunta de Ridley e Helen havia chegado a esse estágio de comunidade, e muitas vezes era necessário que um ou outro lembrasse com esforço se algo havia sido dito ou apenas pensado, compartilhado ou sonhado em particular. Às quatro horas da tarde, dois ou três dias depois, a Sra. Ambrose estava escovando o cabelo dela, enquanto o marido estava no camarim que dava para o quarto dela, e ocasionalmente, através da cascata de água - ele estava lavando o rosto - ela ouvia exclamações: "Assim continua ano após ano; eu gostaria, eu gostaria, eu gostaria de poder acabar com isso", às quais ela não prestou atenção.

"É branco? Ou apenas marrom?" Assim ela mesma murmurou, examinando um cabelo que brilhava desconfiado entre os castanhos. Ela puxou-o e colocou-o sobre a penteadeira. Ela estava criticando a própria aparência, ou melhor, aprovando-a, afastando-se um pouco do vidro e olhando para o próprio rosto com soberbo orgulho e melancolia, quando o marido apareceu

na porta em mangas de camisa, o rosto meio obscurecido por uma toalha.

"Você costuma me dizer que não percebo as coisas", observou ele.

"Diga-me se isso é um cabelo branco, então?" ela respondeu. Ela colocou o cabelo na mão dele.

"Não há um fio de cabelo branco na sua cabeça", ele exclamou.

"Ah, Ridley, começo a duvidar", ela suspirou; e inclinou a cabeça sob seus olhos para que ele pudesse julgar, mas a inspeção produziu apenas um beijo onde corria a linha de separação, e marido e mulher então começaram a se movimentar pela sala, murmurando casualmente.

"O que foi que você estava dizendo?" Helen comentou, após um intervalo de conversa que nenhuma terceira pessoa poderia ter entendido.

"Rachel, você deveria ficar de olho em Rachel", ele observou significativamente, e Helen, embora continuasse escovando o cabelo, olhou para ele. Suas observações podiam ser verdadeiras.

"Os jovens cavalheiros não se interessam pela educação das jovens sem um motivo", observou ele.

"Ah, Hirst", disse Helen.

"Hirst e Hewet são todos iguais para mim — todos cobertos de manchas", respondeu ele. "Ele a aconselha a ler Gibbon. Você sabia disso?"

Helen não sabia disso, mas não se permitiria ser inferior ao marido em termos de capacidade de observação. Ela apenas disse:

"Nada me surpreenderia. Até aquele terrível homem voador que conhecemos no baile... até mesmo o Sr. Dalloway... até..."

"Aconselho você a ser cauteloso", disse Ridley. "Lá está Willoughby, lembre-se - Willoughby"; ele apontou para uma carta.

Helen olhou com um suspiro para um envelope que estava sobre sua penteadeira. Sim, lá estava Willoughby, brusco, inexpressivo, perpetuamente jocosos, roubando todo um continente de mistério, perguntando sobre os modos e a moral de sua filha - esperando que ela não fosse uma chata, e ordenando que eles a levassem para ele a bordo do próximo navio, se ela fosse - e depois grato e afetuoso com emoção reprimida, e depois meia página sobre seus próprios triunfos sobre pequenos nativos miseráveis que entraram em greve e se recusaram a carregar seus navios, até que ele rugiu Inglês xingamentos contra eles, "colocando minha cabeça para fora da janela exatamente como estava, em mangas de camisa. Os mendigos tiveram o bom senso de se espalhar".

"Se Theresa se casou com Willoughby", ela comentou, virando a página com um grampo, "não se vê o que pode impedir Rachel..."

Mas Ridley agora estava ausente por causa de suas próprias queixas relacionadas à lavagem de suas camisas, o que de alguma forma levou às visitas frequentes de Hughling Elliot, que era um chato, um pedante, um homem seco, mas Ridley não podia simplesmente apontar para a porta e mandá-lo ir. A verdade é que eles viram muitas pessoas. E assim por diante, mais conversas conjugais ecoando de forma suave e ininteligível, até que ambos estavam prontos para descer para tomar chá.

A primeira coisa que chamou a atenção de Helen quando ela desceu foi uma carruagem na porta, cheia de saias e penas balançando no topo dos chapéus. Só teve tempo de chegar à sala de estar antes que dois nomes fossem estranhamente mal pronunciados pela criada espanhola e a senhora Thornbury chegasse um pouco antes da senhora Wilfrid Flushing.

"Sra. Wilfrid Flushing", disse a Sra. Thornbury, com um aceno de mão. "Uma amiga de nossa amiga comum, a Sra. Raymond Parry."

A Sra. Flushing apertou a mão energicamente. Ela era uma mulher de quarenta anos, talvez, muito bem constituída e ereta, esplendidamente robusta, embora não tão alta quanto a postura ereta de seu corpo a fazia parecer.

Ela olhou Helen diretamente no rosto e disse: "Você tem uma casa encantadora."

Ela tinha um rosto fortemente marcado, seus olhos olhavam diretamente para você e, embora naturalmente ela fosse autoritária em seus modos, ela estava nervosa ao mesmo tempo. A Sra. Thornbury atuou como intérprete, suavizando as coisas por meio de uma série de comentários encantadores e comuns.

"Tomei a responsabilidade, Sr. Ambrose", disse ela, "de prometer que o senhor terá a gentileza de dar à Sra. Flushing o benefício de sua experiência. Tenho certeza de que ninguém aqui conhece o país tão bem quanto você. Ninguém faz longas caminhadas tão maravilhosas. Ninguém, tenho certeza, tem seu conhecimento enciclopédico sobre todos os assuntos. O Sr. Wilfrid Flushing é um colecionador. Ele já descobriu coisas realmente lindas. Eu não tinha noção de que os camponeses eram tão artístico - embora, é claro, no

passado — "

"Não são coisas velhas, são coisas novas", interrompeu a Sra. Flushing secamente. "Isto é, se ele seguir meu conselho."

Há muitos anos que os Ambrose não viviam em Londres sem conhecer muitas pessoas, pelo menos pelo nome, e Helen lembrava-se de ter ouvido falar dos Flushing. O Sr. Flushing era um homem que tinha uma loja de móveis antigos; ele sempre disse que não se casaria porque a maioria das mulheres tem bochechas vermelhas, e não alugaria uma casa porque a maioria das casas tem escadas estreitas, e não comeria carne porque a maioria dos animais sangra quando são mortos; e então ele se casou com uma senhora aristocrática excêntrica, que certamente não era pálida, que parecia comer carne, que o forçou a fazer todas as coisas que ele mais detestava - e aqui estava a senhora. Helen olhou para ela com interesse. Tinham-se mudado para o jardim, onde o chá era colocado debaixo de uma árvore, e a Sra. Flushing estava a servir-se de compota de cereja. Ela tinha um movimento peculiar de espasmos no corpo quando falava, o que fazia com que a pluma cor de canário em seu chapéu também se sacudisse. Suas feições pequenas, mas bem definidas e vigorosas, juntamente com o vermelho profundo dos lábios e bochechas, apontavam para muitas gerações de ancestrais bem treinados e bem nutridos atrás dela.

"Nada que tenha mais de vinte anos me interessa", ela continuou. "Fotos velhas e mofadas, livros velhos e sujos, eles os colocam em museus quando só servem para serem queimados."

"Eu concordo", Helen riu. "Mas meu marido passa a vida desenterrando manuscritos que ninguém quer." Ela se divertiu com a expressão de desaprovção assustada de Ridley.

“Há um homem inteligente em Londres chamado John que pinta muito melhor do que os antigos mestres”, continuou a Sra. Flushing. “As fotos dele me emocionam - nada que seja antigo me emociona.

— Mas até as fotos dele ficarão velhas — interveio a Sra. Thornbury.

“Então mandarei queimá-los ou colocarei isso em meu testamento”, disse a Sra. Flushing.

“E a Sra. Flushing morava em uma das mais belas casas antigas da Inglaterra, Chillingley”, explicou a Sra. Thornbury aos demais.

“Se eu quisesse, queimaria isso amanhã”, riu a Sra. Flushing. Ela riu como o grito de um gaio, ao mesmo tempo surpreendente e triste.

“O que qualquer pessoa sã quer com essas grandes casas?” ela exigiu. “Se você descer depois de escurecer, estará coberto de besouros pretos e a luz elétrica sempre se apagará. O que você faria se saíssem aranhas da torneira quando você ligasse a água quente?” ela exigiu, fixando os olhos em Helen.

A Sra. Ambrose encolheu os ombros com um sorriso.

“É disso que eu gosto”, disse a Sra. Flushing. Ela apontou a cabeça para a Villa. “Uma casinha num jardim. Eu tive um uma vez na Irlanda. Alguém poderia deitar na cama de manhã e colher as rosas do lado de fora da janela com os dedos dos pés.”

“E os jardineiros, não ficaram surpresos?” — perguntou a Sra. Thornbury.

“Não havia jardineiros”, a Sra. Flushing riu. “Ninguém além de mim e uma velha sem dentes. Você sabe que os pobres na Irlanda perdem os dentes depois dos vinte anos. Mas você não esperaria que um político entendesse

isso - Arthur Balfour não entenderia isso."

Ridley suspirou porque nunca esperou que ninguém entendesse alguma coisa, muito menos os políticos.

"No entanto", concluiu ele, "há uma vantagem que encontro na velhice extrema - nada importa, exceto a comida e a digestão. Tudo o que peço é que seja deixado sozinho para morrer na solidão. É óbvio que o mundo está indo o mais rápido que pode para - o Poço Mais Profundo, e tudo que posso fazer é ficar sentado quieto e consumir o máximo possível da minha própria fumaça. " Ele gemeu e, com um olhar melancólico, colocou a geleia no pão, pois sentiu a atmosfera daquela senhora abrupta claramente antipática.

"Sempre contradigo meu marido quando ele diz isso", disse a Sra. Thornbury docemente. "Vocês, homens! Onde vocês estariam se não fosse pelas mulheres!"

"Leia o Simpósio", disse Ridley severamente.

"Simpósio?", gritou a Sra. Flushing. "Isso é latim ou grego? Diga-me, há uma boa tradução?"

"Não", disse Ridley. "Você terá que aprender grego",

A Sra.

Aqui Rachel veio do jardim inferior com um livro na mão.

"O que é esse livro?" - disse Ridley, depois de apertar a mão.

"É Gibbon," disse Rachel enquanto se sentava.

"O Declínio e Queda do Império Romano?" disse a Sra. Thornbury. "Um livro maravilhoso, eu sei. Meu querido pai sempre o citava para nós, e por isso decidimos nunca ler uma linha."

"Gibbon, o historiador?" - perguntou a Sra. Flushing. "Eu o relaciono com algumas das horas mais felizes da minha vida. Costumávamos deitar na cama e ler Gibbon - sobre os massacres dos cristãos, eu me lembro - quando deveríamos estar dormindo. Não é brincadeira, posso lhe dizer, lendo um grande livro, em colunas duplas, à luz noturna, e a luz que entra por uma fresta na porta. Depois havia as mariposas - mariposas tigre, mariposas amarelas e horríveis besouros. Louisa, minha irmã, teria a janela aberta. Eu queria que ela fosse fechada. Nós brigamos todas as noites de nossas vidas por causa daquela janela. Você já viu uma mariposa morrendo sob uma luz noturna? ela perguntou."

Novamente houve uma interrupção. Hewet e Hirst apareceram à janela da sala e foram até a mesa de chá.

O coração de Rachel bateu forte. Ela tinha consciência de uma intensidade extraordinária em tudo, como se a presença deles arrancasse alguma cobertura da superfície das coisas; mas as saudações eram notavelmente comuns.

"Com licença", disse Hirst, levantando-se da cadeira assim que se sentou. Entrou na sala e voltou com uma almofada que colocou cuidadosamente sobre o assento.

"Reumatismo", comentou ele, sentando-se pela segunda vez.

"O resultado da dança?" Helen perguntou.

“Sempre que fico abatido, tenho tendência a ficar reumático”, afirmou Hirst. Ele dobrou o pulso para trás bruscamente. “Eu ouço pequenos pedaços de giz se misturando!”

Raquel olhou para ele. Ela se divertiu e, ainda assim, foi respeitosa; se isso pudesse acontecer, a parte superior de seu rosto parecia rir, e a parte inferior, para conter o riso.

Hewet pegou o livro que estava no chão.

“Você gosta disso?” ele perguntou em voz baixa.

“Não, eu não gosto disso”, ela respondeu. Na verdade, ela havia tentado lê-lo durante toda a tarde e, por alguma razão, a glória que ela percebera a princípio havia desaparecido e, por mais que lesse, ela não conseguia compreender o significado com sua mente.

“Ele dá voltas, voltas, voltas, como um rolo de oleado”, ela arriscou. Evidentemente, ela queria dizer que apenas Hewet ouvisse suas palavras, mas Hirst perguntou: “O que você quer dizer?”

Ela ficou instantaneamente envergonhada de sua figura de linguagem, pois não conseguia explicá-la em palavras de crítica sóbria.

“Certamente é o estilo mais perfeito, no que diz respeito ao estilo, que já foi inventado”, continuou ele. “Cada frase é praticamente perfeita, e a inteligência —”

“Feio no corpo, repulsivo na mente”, pensou ela, em vez de pensar no estilo de Gibbon. “Sim, mas forte, perspicaz e inflexível de mente”, ela foi forçada a acrescentar. Ela olhou para a cabeça grande, cuja parte desproporcional estava ocupada pela testa, e para os olhos diretos e severos.

"Eu desisto de você em desespero", disse ele. Ele quis dizer isso levemente, mas ela levou a sério e acreditou que seu valor como ser humano foi diminuído porque ela não admirava o estilo de Gibbon. Os outros conversavam agora em grupo sobre as aldeias indígenas que a Sra. Flushing deveria visitar.

"Eu também me desespero", disse ela impetuosamente. "Como você vai julgar as pessoas apenas por suas mentes?"

"Você concorda com minha tia solteirona, eu imagino", disse St. John com seu jeito alegre, o que era sempre irritante porque fazia a pessoa com quem ele conversava parecer excessivamente desajeitada e séria. "'Seja boazinha, doce donzela' - pensei que o Sr. Kingsley e minha tia estavam obsoletos."

"Pode-se ser muito simpático sem ter lido um livro", afirmou ela. Suas palavras soaram muito tolas e simples e a expuseram ao escárnio.

"Eu alguma vez neguei?" Hirst perguntou, erguendo as sobrancelhas.

Mais inesperadamente, a Sra. Thornbury interveio aqui, ou porque era sua missão manter as coisas tranquilas ou porque há muito desejava falar com o Sr. Hirst, sentindo que todos os rapazes eram seus filhos.

"Vivi toda a minha vida com pessoas como a sua tia, Sr. Hirst", disse ela, inclinando-se para a frente na cadeira. Seus olhos castanhos de esquilo ficaram ainda mais brilhantes que o normal. "Eles nunca ouviram falar de Gibbon. Eles só se preocupam com seus faisões e seus camponeses. Eles são grandes homens que ficam tão bem a cavalo, como as pessoas devem ter feito, eu acho, nos dias das grandes guerras. Diga o que quiser contra eles - eles são animais, não são intelectuais; eles não leem e não querem que outros leiam, mas são alguns dos melhores e mais gentis seres humanos da

face da terra! Você ficaria surpreso se algumas das histórias que eu poderia contar. Talvez você nunca tenha adivinhado todos os romances que acontecem no coração do país. Essas são as pessoas, creio eu, entre as quais Shakespeare nascerá se algum dia nascer de novo. Naquelas casas antigas, no meio dos Downs — "

"Minha tia", interrompeu Hirst, "passa a vida em East Lambeth, entre os pobres degradados. Só citei minha tia porque ela tende a perseguir pessoas que chama de 'intelectuais', que é o que suspeito que a senhorita Vinrace esteja fazendo. Está na moda agora. Se você é inteligente, é sempre dado como certo que você é completamente desprovido de simpatia, compreensão, afeto - todas as coisas que realmente importam. Oh, vocês, cristãos! Vocês são os mais um conjunto presunçoso, paternalista e hipócrita de velhos farsantes no reino! É claro", continuou ele, "sou o primeiro a conceder grandes méritos aos cavalheiros do seu país. Por um lado, eles provavelmente são bastante francos sobre suas paixões, o que nós não somos. Meu pai, que é clérigo em Norfolk, diz que dificilmente há um escudeiro no condado que não... "

"Mas sobre Gibbon?" Hewet interrompeu. A expressão de tensão nervosa que tomava conta de todos os rostos foi relaxada pela interrupção.

"Você o acha monótono, suponho. Mas você sabe..." Ele abriu o livro e começou a procurar passagens para ler em voz alta, e em pouco tempo encontrou uma boa que considerou adequada. Mas não havia nada no mundo que aborresse mais Ridley do que ouvir uma leitura em voz alta, e ele era, além disso, escrupulosamente meticuloso quanto ao vestuário e ao comportamento das damas. No espaço de quinze minutos, ele decidiu contra a Sra. Flushing, alegando que sua pluma laranja não combinava com sua

pele, que ela falava alto demais, que cruzava as pernas e, finalmente, quando a viu aceitar um cigarro que Hewet lhe ofereceu, ele deu um pulo, exclamando algo sobre “salões de bar”, e os deixou. Sra. Flushing ficou evidentemente aliviado com sua partida. Ela fumou o cigarro, esticou as pernas e examinou Helen atentamente quanto ao caráter e à reputação de sua amiga comum, a Sra. Raymond Parry. Por meio de uma série de pequenos estratagemas, ela a levou a definir a Sra. Parry como um tanto idosa, nada bonita, muito maquiada — em suma, uma velha megera insolente, cujas festas eram divertidas porque se encontravam pessoas estranhas; mas a própria Helen sempre teve pena do pobre Sr. Parry, que era conhecido por estar trancado lá embaixo com caixas cheias de pedras preciosas, enquanto sua esposa se divertia na sala de estar. “Não que eu acredite no que as pessoas dizem contra ela - embora ela insinue, é claro -” Ao que a Sra. Flushing gritou de alegria:

"Ela é minha prima! Vá em frente!"

Quando a Sra. Flushing se levantou para ir embora, ficou obviamente encantada com seus novos conhecidos. Ela fez três ou quatro planos diferentes para um encontro ou uma expedição, ou para mostrar a Helen as coisas que haviam comprado, no caminho para a carruagem. Ela incluiu todos eles num convite vago, mas magnífico.

Quando Helen voltou ao jardim, as palavras de advertência de Ridley vieram à sua cabeça e ela hesitou por um momento e olhou para Rachel sentada entre Hirst e Hewet. Mas ela não conseguia tirar conclusões, pois Hewet ainda estava lendo Gibbon em voz alta, e Rachel, apesar de toda a expressão que tinha, poderia ter sido uma concha, e as palavras dele roçavam suas orelhas, como a água roça uma concha na borda de uma rocha.

A voz de Hewet era muito agradável. Quando chegou ao fim do período, Hewet parou e ninguém fez qualquer crítica voluntária.

"Eu adoro a aristocracia!" Hirst exclamou após uma pausa momentânea. "Eles são incrivelmente inescrupulosos. Nenhum de nós ousaria se comportar como aquela mulher."

"O que eu gosto neles", disse Helen ao se sentar, "é que estão tão bem montados. Nua, a Sra. Flushing ficaria soberba. Vestida como ela se veste, é um absurdo, claro."

"Sim", disse Hirst. Uma sombra de depressão cruzou seu rosto. "Nunca pesei mais de dez quilos em minha vida", disse ele, "o que é ridículo, considerando minha altura, e na verdade perdi peso desde que viemos para cá. Atrevo-me a dizer que isso explica o reumatismo." Novamente ele puxou o pulso para trás bruscamente, para que Helen pudesse ouvir o ranger das pedras de giz. Ela não pôde deixar de sorrir.

"Não é motivo de riso para mim, garanto-lhe", protestou ele. "Minha mãe é uma inválida crônica e sempre espero que me digam que também tenho uma doença cardíaca. No final, o reumatismo sempre atinge o coração."

"Pelo amor de Deus, Hirst", protestou Hewet; "alguém poderia pensar que você era um velho aleijado de oitenta anos. Se for esse o caso, eu também tive uma tia que morreu de câncer, mas coloquei uma cara ousada nisso..." Ele se levantou e começou a inclinar a cadeira para trás e para a frente sobre as patas traseiras. "Alguém aqui está disposto a passear?" ele disse. "Há um passeio magnífico, atrás da casa. Você chega a um penhasco e olha direto para o mar. As pedras são todas vermelhas; você pode vê-las através da água. Outro dia eu vi uma visão que me deixou sem fôlego - cerca de vinte

águas-vivas, semitransparentes, rosadas, com longas serpentinas, flutuando no topo das ondas."

"Tem certeza que não eram sereias?" disse Hirst. "Está muito quente para subir a colina." Ele olhou para Helen, que não deu sinais de se mover.

"Sim, está muito quente", decidiu Helen.

Houve um breve silêncio.

"Eu gostaria de ir", disse Rachel.

"Mas ela poderia ter dito isso de qualquer maneira", Helen pensou consigo mesma enquanto Hewet e Rachel partiam juntos, e Helen ficou sozinha com St. John, para óbvia satisfação de St. John.

Ele pode ter ficado satisfeito, mas sua dificuldade habitual em decidir que um assunto merecia mais atenção do que outro o impediu de falar por algum tempo. Ele ficou sentado olhando atentamente para a ponta de um fósforo apagado, enquanto Helen considerava - assim parecia pela expressão de seus olhos - algo que não estava intimamente ligado ao momento presente.

Por fim, São João exclamou: "Droga! Maldito seja tudo! Maldito seja todo mundo!" ele acrescentou. "Em Cambridge há pessoas com quem conversar."

"Em Cambridge há pessoas com quem conversar", repetiu Helen, ritmada e distraidamente. Então ela acordou.

"A propósito, você já decidiu o que vai fazer: será em Cambridge ou na Ordem dos Advogados?"

Ele franziu os lábios, mas não respondeu imediatamente, pois Helen ainda estava um pouco desatenta. Ela estava pensando em Rachel e por qual dos

dois jovens provavelmente se apaixonaria, e agora, sentada em frente a Hirst, pensou: "Ele é feio. É uma pena que sejam tão feios".

Ela não incluiu Hewet nesta crítica; ela estava pensando nos jovens inteligentes, honestos e interessantes que conhecia, dos quais Hirst era um bom exemplo, e imaginando se seria necessário que o pensamento e a erudição maltratassem assim seus corpos e elevassem suas mentes a uma torre muito alta, de onde a raça humana lhes aparecia como ratos e camundongos se contorcendo no chão.

"E o futuro?" ela refletiu, imaginando vagamente uma raça de homens se tornando cada vez mais parecida com Hirst, e uma raça de mulheres se tornando cada vez mais parecida com Rachel. "Ah, não", concluiu ela, olhando para ele, "ninguém se casaria com você. Bem, então, o futuro da raça está nas mãos de Susan e Arthur; não, isso é terrível. Dos trabalhadores agrícolas; não, não dos ingleses, mas dos russos e chineses." Esta linha de pensamento não a satisfaz e foi interrompida por São João, que recomeçou:

"Eu gostaria que você conhecesse Bennett. Ele é o maior homem do mundo."

"Bennett?" ela perguntou. Ficando mais à vontade, St. John abandonou a brusquidão concentrada de seus modos e explicou que Bennett era um homem que morava em um velho moinho de vento a seis milhas de Cambridge. Ele viveu uma vida perfeita, segundo São João, muito solitário, muito simples, preocupando-se apenas com a verdade das coisas, sempre pronto para conversar e extraordinariamente modesto, embora sua mente fosse excelente.

"Você não acha", disse St. John, quando terminou de descrevê-lo, "que esse tipo de coisa torna esse tipo de coisa um tanto frágil? Você notou durante o

chá como o pobre e velho Hewet teve que mudar a conversa? Como eles estavam todos prontos para me atacar porque pensaram que eu ia dizer algo impróprio? Na verdade, não era nada. Se Bennett estivesse lá, ele teria dito exatamente o que queria dizer, ou teria se levantado e ido embora. Mas há algo bastante ruim para o personagem nisso - quero dizer, se alguém não tem o personagem de Bennett, isso tende a deixar alguém amargo.

Helen não respondeu e ele continuou:

"Claro que sou, repugnantemente amargo, e é uma coisa horrível de ser. Mas o pior de mim é que tenho tanta inveja. Invejo todo mundo. Não suporto pessoas que fazem coisas melhor do que eu - coisas perfeitamente absurdas também - garçons equilibrando pilhas de pratos - até mesmo Arthur, porque Susan está apaixonada por ele. Quero que as pessoas gostem de mim, e elas não gostam. É em parte minha aparência, eu acho", continuou ele, "embora seja um É uma mentira absoluta dizer que tenho sangue judeu em mim - na verdade, estamos em Norfolk, Hirst de Hirstbourne Hall, há pelo menos três séculos. Deve ser muito reconfortante ser como você - todos gostando de um ao mesmo tempo.

"Garanto que não", Helen riu.

"Eles fazem", disse Hirst com convicção. "Em primeiro lugar, você é a mulher mais linda que já vi; em segundo, você tem uma natureza excepcionalmente agradável."

Se Hirst tivesse olhado para ela em vez de olhar atentamente para sua xícara de chá, teria visto Helen corar, em parte de prazer, em parte por um impulso de afeição pelo jovem que parecia, e voltaria a parecer, tão feio e tão limitado. Ela teve pena dele, pois suspeitava que ele sofria, e estava

interessada nele, pois muitas das coisas que ele dizia lhe pareciam verdadeiras; ela admirava a moralidade da juventude e, ainda assim, sentia-se aprisionada. Como se o seu instinto fosse fugir para algo colorido e impessoal, que pudesse segurar nas mãos, ela entrou em casa e voltou com o seu bordado. Mas ele não estava interessado nos bordados dela; ele nem sequer olhou para isso.

"Sobre a senhorita Vinrace", ele começou, "oh, olhe aqui, vamos ser St. John e Helen, e Rachel e Terence - como ela é? Ela raciocina, ela sente, ou é apenas uma espécie de escabelo?"

"Oh, não", disse Helen, com grande decisão. Pelas suas observações durante o chá, ela estava inclinada a duvidar se Hirst seria a pessoa que educaria Rachel. Ela gradualmente passou a se interessar pela sobrinha e a gostar dela; ela não gostava muito de algumas coisas nela, ela se divertia com outras; mas ela a sentia, no geral, como um ser humano vivo, ainda que informe, experimental, e nem sempre afortunado em seus experimentos, mas com algum tipo de poder e capacidade de sentir. Em algum lugar nas profundezas dela, também, ela estava ligada a Rachel pelos laços indestrutíveis, embora inexplicáveis, do sexo. "Ela parece vaga, mas tem vontade própria", disse ela, como se no intervalo tivesse repassado suas qualidades.

O bordado, que era assunto para reflexão, o desenho sendo difícil e as cores carentes de consideração, provocava lapsos no diálogo quando ela parecia absorta, em suas meadas de seda, ou, com a cabeça um pouco recuada e os olhos estreitados, considerava o efeito do todo. Assim, ela apenas disse: "Hum-m-m", ao comentário seguinte de St. John: "Vou convidá-la para dar um passeio comigo".

Talvez ele se ressentisse dessa divisão de atenção. Ele ficou sentado em silêncio observando Helen de perto.

"Você está absolutamente feliz", ele proclamou finalmente.

"Sim?" Helen perguntou, enfiando a agulha.

"Casamento, suponho", disse St. John.

"Sim", disse Helen, puxando delicadamente a agulha.

"Crianças?" — perguntou São João.

"Sim", disse Helen, enfiando a agulha novamente. "Não sei por que estou feliz", ela riu de repente, olhando-o bem no rosto. Houve uma pausa considerável.

"Há um abismo entre nós", disse St. John. Sua voz soava como se viesse das profundezas de uma caverna nas rochas. "Você é infinitamente mais simples do que eu. As mulheres sempre são, é claro. Essa é a dificuldade. Nunca se sabe como uma mulher chega lá. Suponhamos que o tempo todo você esteja pensando: 'Oh, que jovem mórbido!'"

Helen sentou-se e olhou para ele com a agulha na mão. Da sua posição ela viu a cabeça dele em frente à pirâmide escura de uma árvore de magnólia. Com um pé levantado no degrau de uma cadeira e o cotovelo estendido em atitude para costurar, sua própria figura possuía a sublimidade de uma mulher do mundo primitivo, tecendo o fio do destino - a sublimidade possuída por muitas mulheres dos dias atuais que caem na atitude exigida para esfregar ou costurar. São João olhou para ela.

"Suponho que você nunca tenha feito um elogio a ninguém em toda a sua vida", disse ele, de forma irrelevante.

"Eu estrago bastante Ridley", considerou Helen.

"Vou perguntar diretamente: você gosta de mim?"

Após uma certa pausa, ela respondeu: "Sim, certamente".

"Graças a Deus!" ele exclamou. "Isso é uma misericórdia. Veja", ele continuou emocionado, "prefiro que você goste de mim do que de qualquer pessoa que já conheci."

"E os cinco filósofos?" disse Helen, rindo, costurando firme e rapidamente sua tela. "Eu gostaria que você os descrevesse."

Hirst não tinha nenhum desejo particular de descrevê-los, mas quando começou a considerá-los sentiu-se acalmado e fortalecido. Longe, do outro lado do mundo, em quartos enfumaçados e cortes medievais cinzentas, eles pareciam figuras notáveis, homens de fala livre com os quais se podia sentir-se à vontade; incomparavelmente mais sutil em emoções do que as pessoas aqui. Eles deram a ele, certamente, o que nenhuma mulher poderia lhe dar, nem mesmo Helen. Animado ao pensar neles, ele apresentou seu próprio caso à Sra. Ambrose. Ele deveria continuar em Cambridge ou deveria ir para a Ordem dos Advogados? Um dia ele pensava uma coisa, outro dia outra. Helen ouviu atentamente. Por fim, sem qualquer prefácio, ela pronunciou a sua decisão.

"Saia de Cambridge e vá para a Ordem dos Advogados", disse ela. Ele a pressionou por seus motivos.

"Acho que você gostaria mais de Londres", disse ela. Não parecia uma razão muito sutil, mas ela parecia considerá-la suficiente. Ela olhou para ele contra o fundo da magnólia em flor. Havia algo curioso na visão. Talvez fosse porque as pesadas flores parecidas com cera eram tão lisas e inarticuladas, e seu rosto - ele havia jogado fora o chapéu, seu cabelo estava desgrenhado, ele segurava os óculos na mão, de modo que uma marca vermelha apareceu em cada lado do nariz - estava tão preocupado e tagarela. Era um lindo arbusto, espalhando-se muito, e durante todo o tempo em que ela ficou ali conversando, ela notou as manchas de sombra e o formato das folhas, e a forma como as grandes flores brancas ficavam no meio do verde. Ela percebeu isso meio conscientemente, mas mesmo assim o padrão se tornou parte da conversa deles. Ela largou a costura e começou a andar para cima e para baixo no jardim, e Hirst levantou-se também e caminhou ao seu lado. Ele estava bastante perturbado, desconfortável e cheio de pensamentos. Nenhum deles falou.

O sol estava começando a se pôr e uma mudança ocorrera nas montanhas, como se elas tivessem sido roubadas de sua substância terrena e compostas apenas por intensa névoa azul. Longas e finas nuvens de cor vermelho flamingo, com bordas como as de penas enroladas de avestruz, espalhavam-se pelo céu em diferentes altitudes. Os telhados da cidade pareciam ter afundado mais do que o normal; os ciprestes pareciam muito pretos entre os telhados, e os próprios telhados eram marrons e brancos. Como de costume à noite, gritos únicos e sinos únicos tornaram-se audíveis vindo de baixo.

São João parou de repente.

"Bem, você deve assumir a responsabilidade", disse ele. "Já me decidi; irei ao Bar."

Suas palavras foram muito sérias, quase emocionantes; eles chamaram Helen de volta depois de um segundo de hesitação em seu sonho.

"Tenho certeza que você está certo", ela disse calorosamente, e apertou a mão que ele estendeu. "Você será um grande homem, tenho certeza."

Então, como que para fazê-lo observar a cena, ela passou a mão pela imensa circunferência da paisagem. Do mar, sobre os telhados da cidade, através dos cumes das montanhas, sobre o rio e a planície, e novamente através dos cumes das montanhas, ele varreu até chegar à villa, ao jardim, à magnólia e às figuras dela e de Hirst juntas, quando caiu para o seu lado.

## 16. Capítulo Dezesseis

Rachel e Terence conversam sobre literatura, vida e possibilidades de amor.

H EWET e Rachel já haviam chegado há muito tempo ao local específico na beira do penhasco onde, olhando para o mar, você poderia encontrar águas-vivas e golfinhos. Olhando para o outro lado, a vasta extensão de terra deu-lhes uma sensação que não é proporcionada por nenhuma vista, por mais extensa que seja, da Inglaterra; as aldeias e as colinas ali têm nomes, e o horizonte mais distante das colinas muitas vezes mergulha e mostra uma linha de névoa que é o mar; aqui a vista era de uma terra infinita seca pelo sol, terra pontiaguda em pináculos, amontoada em vastas barreiras, terra alargando-se e espalhando-se cada vez mais como o imenso fundo do mar, terra quadriculada de dia e de noite, e dividida em diferentes terras, onde cidades famosas foram fundadas, e as raças de homens mudaram de selvagens sombrios para homens civilizados brancos, e novamente para selvagens sombrios. Talvez o seu sangue inglês tornasse esta perspectiva desconfortavelmente impessoal e hostil para eles, pois depois de terem virado os rostos para aquele lado, viraram-nos em seguida para o mar, e durante o resto do tempo ficaram sentados olhando para o mar. O mar, embora aqui fosse uma água fina e cintilante, que parecia incapaz de agitação ou raiva, acabou por se estreitar, nublando a sua tonalidade pura com cinzento, e rodopiando através de canais estreitos e precipitando-se num tremor de águas quebradas contra enormes rochas de granito. Foi este mar que fluiu até a foz do Tâmis; e o Tâmis lavou as raízes da cidade de Londres.

Os pensamentos de Hewet seguiram um rumo como esse, pois a primeira coisa que ele disse quando estavam na beira do penhasco foi...

"Eu gostaria de estar na Inglaterra!"

Rachel deitou-se sobre um cotovelo e separou a grama alta que crescia na beirada, para poder ter uma visão clara. A água estava muito calma; balançando para cima e para baixo na base do penhasco, e tão claro que se podia ver o vermelho das pedras no fundo. Assim foi no nascimento do mundo e assim permaneceu desde então. Provavelmente nenhum ser humano alguma vez rompeu aquela água com barco ou com corpo. Obedecendo a algum impulso, ela decidiu estragar aquela eternidade de paz e jogou a maior pedra que encontrou. Atingiu a água e as ondulações se espalharam. Hewet também olhou para baixo.

"É maravilhoso", disse ele, enquanto eles se alargavam e paravam. O frescor e a novidade pareciam-lhe maravilhosos. Ele jogou uma pedra em seguida. Quase não havia nenhum som.

"Mas Inglaterra", Rachel murmurou no tom absorto de alguém cujos olhos estão concentrados em alguma visão. "O que você quer com a Inglaterra?"

"Meus amigos principalmente", disse ele, "e todas as coisas que fazemos." Ele poderia olhar para Rachel sem que ela percebesse. Ela ainda estava absorta na água e nas sensações deliciosamente agradáveis que uma pequena profundidade do mar batendo nas rochas sugere. Ele notou que ela usava um vestido de cor azul profundo, feito de um tecido macio e fino de algodão, que se ajustava ao formato de seu corpo. Era um corpo com os ângulos e cavidades do corpo de uma jovem ainda não desenvolvido, mas de forma alguma distorcido e, portanto, interessante e até adorável. Erguendo os olhos, Hewet observou a cabeça dela; ela havia tirado o chapéu e o rosto descansava em sua mão. Quando ela olhou para o mar, seus lábios estavam ligeiramente entreabertos. A expressão era de uma atenção infantil, como se

ela estivesse esperando um peixe passar nadando sobre as rochas vermelhas e claras. No entanto, os seus vinte e quatro anos de vida deram-lhe um ar reservado. A mão dela, que estava no chão, com os dedos ligeiramente curvados para dentro, era bem formada e competente; os dedos nervosos e de pontas quadradas eram dedos de músico. Com algo parecido com angústia, Hewet percebeu que, longe de ser pouco atraente, o corpo dela era muito atraente para ele. Ela olhou para cima de repente. Seus olhos estavam cheios de ansiedade e interesse.

"Você escreve romances?" ela perguntou.

No momento ele não conseguia pensar no que estava dizendo. Ele foi dominado pelo desejo de segurá-la em seus braços.

"Ah, sim", disse ele. "Isto é, quero escrevê-los."

Ela não tirava os grandes olhos cinzentos do rosto dele.

"Romances", ela repetiu. "Por que você escreve romances? Você deveria escrever música. Música, você vê" - ela mudou os olhos, e tornou-se menos desejável quando seu cérebro começou a funcionar, infligindo uma certa mudança em seu rosto - "a música vai direto para as coisas. Ela diz tudo o que há para dizer de uma vez. Com a escrita parece-me que há muito" - ela fez uma pausa para uma expressão, e esfregou os dedos na terra - "arranhando a caixa de fósforos. Na maior parte do tempo quando eu estava lendo Gibbon esta tarde Eu estava terrivelmente, oh, infernalmente, terrivelmente entediado!" Ela deu uma risada, olhando para Hewet, que riu também.

"Não vou lhe emprestar livros", observou ele.

"Por que é que", Rachel continuou, "eu posso rir do Sr. Hirst para você, mas não na cara dele? No chá, fiquei completamente impressionada, não por sua feiúra, mas por sua mente." Ela fechou um círculo no ar com as mãos. Ela percebeu com uma grande sensação de conforto quão facilmente ela poderia conversar com Hewet, aqueles espinhos ou cantos irregulares que rasgam a superfície de alguns relacionamentos sendo suavizados.

"Foi o que observei", disse Hewet. "Isso é uma coisa que nunca deixa de me surpreender." Ele havia recuperado a compostura a tal ponto que podia acender e fumar um cigarro e, sentindo a tranquilidade dela, tornou-se ele próprio feliz e tranquilo.

"O respeito que as mulheres, mesmo as mulheres com boa formação e muito capazes, têm pelos homens", continuou ele. "Acredito que devemos ter sobre você o tipo de poder que dizem ter sobre os cavalos. Eles nos veem três vezes maiores do que somos ou nunca nos obedeceriam. Por essa mesma razão, estou inclinado a duvidar que você faça alguma coisa, mesmo quando tiver direito a voto." Ele olhou para ela pensativamente. Ela parecia muito suave, sensível e jovem. "Serão necessárias pelo menos seis gerações até que você tenha a pele dura o suficiente para ir a tribunais e escritórios comerciais. Consideremos o valentão que o homem comum é", continuou ele, "o advogado comum, trabalhador e bastante ambicioso, ou o homem de negócios, com uma família para criar e uma certa posição para manter. E então, é claro, as filhas têm que dar lugar aos filhos; os filhos têm de ser educados; eles têm que intimidar e empurrar suas esposas e famílias, e então tudo acontece novamente. E enquanto isso há as mulheres no fundo.... Você realmente acha que a votação lhe fará algum bem?"

"A votação?" Repetiu Raquel. Ela teve que visualizá-lo como um pedacinho de papel que colocou em uma caixa antes de entender a pergunta, e olhando um para o outro eles sorriram diante de algo absurdo na pergunta.

"Não para mim", disse ela. "Mas eu toco piano... Os homens são realmente assim?" ela perguntou, voltando à questão que a interessava. "Eu não tenho medo de você." Ela olhou para ele facilmente.

"Oh, sou diferente", respondeu Hewet. "Eu tenho entre seiscentos e setecentos por ano. E então ninguém leva um romancista a sério, graças a Deus. Não há dúvida de que ajuda a compensar o trabalho enfadonho de uma profissão se um homem for levado muito, muito a sério por todos - se ele conseguir compromissos, e tiver cargos e um título, e muitas letras depois de seu nome, e pedaços de fita e diplomas. Não me incomoda com isso, embora às vezes isso aconteça comigo - que mistura incrível! Que milagre é a concepção masculina da vida - juízes, funcionários públicos, exército, marinha. Casas do Parlamento, senhores prefeitos - que mundo fizemos disso! Olhe para Hirst agora. Garanto-lhe", disse ele, "não se passou um dia desde que chegamos aqui sem discutir se ele deveria permanecer em Cambridge ou ir para a Ordem dos Advogados. É a carreira dele - sua carreira sagrada. E se já ouvi isso vinte vezes, tenho certeza de que a mãe e a irmã dele já ouviram quinhentas vezes. Você não consegue imaginar os conclaves de família, e a irmã mandada sair correndo e alimentar os coelhos porque St. John deve ter a sala de aula só para ele - 'St. John está trabalhando', 'St. John quer que lhe levem o chá. Você não sabe que tipo de coisa? Não é de admirar que São João considere isso um assunto de considerável importância. É também. Ele tem que ganhar a vida. Mas a irmã de St. John... Hewet bufou em silêncio. "Ninguém a leva a sério, pobre querido. Ela alimenta os coelhos."

"Sim," disse Raquel. "Eu alimento coelhos há vinte e quatro anos; parece estranho agora." Ela parecia meditativa, e Hewet, que vinha falando muito ao acaso e adotando instintivamente o ponto de vista feminino, percebeu que ela agora falaria sobre si mesma, que era o que ele queria, para que assim pudessem se conhecer.

Ela olhou meditativamente para sua vida passada.

"Como você passa o seu dia?" ele perguntou.

Ela ainda meditava. Quando ela pensava no dia deles, parecia-lhe que ele era cortado em quatro pedaços pelas refeições. Estas divisões eram absolutamente rígidas, devendo os conteúdos do dia acomodar-se dentro das quatro barras rígidas. Olhando para trás, para sua vida, foi isso que ela viu.

"Café da manhã às nove; almoço um; chá cinco; jantar oito", disse ela.

"Bem", disse Hewet, "o que você faz de manhã?"

"Eu costumava tocar piano por horas e horas."

"E depois do almoço?"

Ela convocou diante de si um dia típico de vida e, ao descrevê-lo, interessou-se muito por sua narrativa; não apenas os incidentes reais de sua vida se apresentavam vividamente diante dela, mas ao descrevê-los para Hewet ela estava, inconscientemente, revendo seu passado sob a influência dos olhos dele. Por fim ela parou.

"Mas isso não é muito interessante para você."

"Bom Senhor!" Hewet exclamou: "Nunca estive tão interessado em minha vida". Ela então percebeu que enquanto pensava em Richmond, os olhos dele

nunca deixaram seu rosto. Saber disso a excitou.

"Vá em frente, por favor, vá em frente", ele insistiu. "Vamos imaginar que é quarta-feira. Vocês estão todos almoçando. Vocês sentam aí, e tia Lucy está lá, e tia Clara aqui;" ele arrumou três pedrinhas na grama entre eles.

"Tia Clara esculpe pescoço de cordeiro", continuou Rachel, fixando os olhos nas pedras e sorrindo ao conceber naquelas pedras alguma semelhança com suas tias. Sobre o que eles conversaram? Ela se lembrou de uma história sobre uma Sra. Hunt cujo filho foi abraçado até a morte por um urso. Suas tias não viam motivo para rir naquela catástrofe, ela se lembrava, e agora ela olhava para Hewet para ver se ele compartilhava de sua disposição de achar divertida aquela forma de morte do filho da Sra. Hunt. Ela ficou tranquila. Mas ela achou necessário pedir desculpas novamente; ela estava falando demais.

"Você não pode imaginar como isso me interessa", disse ele. Na verdade, seu cigarro havia apagado e ele teve que acender outro.

"Por que isso lhe interessa?" ela perguntou.

"Em parte porque você é mulher", respondeu ele. Quando ele disse isso, Rachel, que havia se esquecido de tudo e voltado a um estado infantil de interesse e prazer, perdeu a liberdade e ficou constrangida. Ela se sentia ao mesmo tempo singular e sob observação, como se sentia com St. John Hirst. Ela estava prestes a iniciar uma discussão que faria com que ambos se sentissem amargurados um contra o outro, e a definir sensações que não tinham a importância que as palavras deveriam lhes dar, quando Hewet conduziu seus pensamentos em uma direção diferente.

“Muitas vezes andei pelas ruas onde as pessoas vivem todas enfileiradas, e uma casa é exatamente igual a outra casa, e me perguntei o que diabos as mulheres estavam fazendo lá dentro”, ele refletiu. “Isso não faz seu sangue ferver?” ele perguntou de repente virando-se para ela. “Tenho certeza de que, se eu fosse mulher, estouraria os miolos de alguém. Mas você, quero dizer... o que você acha de tudo isso? Você está feliz?”

Sua determinação em saber fazia com que parecesse importante que ela lhe respondesse com estrita exatidão; mas em vez de ler uma resposta clara em sua mente, ideias de natureza incongruente passaram por ela. Por que ele fez essas exigências a ela? Por que ele se sentou tão perto e ficou de olho nela? Não, ela não consentiria em ser imobilizada por qualquer segunda pessoa no mundo inteiro. Ela mudou de posição, suspirou e acenou com a mão quase num gesto de cansaço em direção ao mar. Ela só estava cansada dele e de suas perguntas, adivinhou Hewet, e não do que via lá fora.

Uma sensação de extrema depressão tomou conta dele. Parecia claro que ela nunca se importaria mais com uma pessoa do que com outra; ela era evidentemente indiferente a ele; por mais próximos que ele os tivesse pensado, agora estavam distantes; e o gesto com que ela se afastou dele foi estranhamente belo.

“Gosto de caminhar sozinha e saber que não importo nada para ninguém”, disse ela. “Gosto da liberdade disso... gosto...” Ela não terminou a frase como se achasse que não valia a pena.

“Bobagem”, respondeu Hewet abruptamente. “Você gosta de pessoas. Você gosta de admiração. Seu verdadeiro rancor contra Hirst é que ele não admira você.”

Ela não respondeu por algum tempo. Então ela disse:

"Isso provavelmente é verdade. Claro que gosto de pessoas - gosto de quase todas que conheci."

Ela virou as costas para o mar e olhou para Hewet com olhos amigáveis, embora críticos. Ele era bonito no sentido de que sempre tivera carne suficiente para comer e ar fresco para respirar. Sua cabeça era grande; os olhos também eram grandes; embora geralmente vagos, eles poderiam ser forçados; e os lábios eram sensíveis. Poderíamos considerá-lo um homem de considerável paixão e energia instável, provavelmente à mercê de estados de espírito que tinham pouca relação com os fatos; ao mesmo tempo tolerante e meticuloso. A largura de sua testa mostrava capacidade de pensamento. O interesse com que Rachel olhou para ele foi percebido em sua voz.

"Que romances você escreve?" ela perguntou.

"Quero escrever um romance sobre o Silêncio", disse ele; "as coisas que as pessoas não dizem. Mas a dificuldade é imensa." Ele suspirou. "No entanto, você não se importa", ele continuou. Ele olhou para ela quase severamente. "Ninguém se importa. Deixa para lá. É a única coisa que vale a pena fazer." Quer ele achasse ou não a contemplação da arte da ficção tão satisfatória a ponto de afastar todos os outros desejos de sua mente, ele olhou para Rachel como se tivesse esquecido sua presença, ou estivesse irritado com isso. Por sua vez, ele olhou para o mar. Ela ficou instantaneamente deprimida. Enquanto ele falava sobre escrever, ele se tornou subitamente impessoal. Ele poderia nunca se importar com ninguém; todo aquele desejo de conhecê-la e chegar até ela, que ela sentia pressionando-a quase dolorosamente, havia desaparecido completamente.

"Você é um bom escritor?" ela perguntou timidamente.

"Sim", ele disse. "Não sou de primeira categoria, é claro; sou de segunda categoria; quase tão bom quanto Thackeray, devo dizer."

Raquel ficou maravilhada. Por um lado, ficou surpresa ao ouvir Thackeray ser chamado de segunda categoria; e então ela não poderia ampliar seu ponto de vista para acreditar que poderiam existir grandes escritores nos dias de hoje, ou, se existissem, que qualquer um que ela conhecesse pudesse ser um grande escritor; e sua autoconfiança a surpreendeu, e ele se tornou cada vez mais distante.

"Meu outro romance", continuou Hewet, "é sobre um jovem obcecado por uma ideia - a ideia de ser um cavalheiro. Ele consegue sobreviver em Cambridge com cem libras por ano. Ele tem um casaco! já foi um casaco muito bom. Mas as calças não são tão boas. Pois bem, ele vai para Londres, entra na boa sociedade, devido a uma aventura matinal nas margens do Serpentine. Ele é levado a contar mentiras - minha idéia, você vê, é mostrar a corrupção gradual da alma - e se autodenomina filho de algum grande proprietário de terras em Devonshire. Enquanto isso, o casaco fica cada vez mais velho e ele quase não se atreve a usar as calças. Você não consegue imaginar o infeliz homem, depois de uma esplêndida noite de libertinagem, contemplando essas roupas - pendurando-as na ponta da cama, arrumando-as ora em plena luz, ora na sombra, e se perguntando se elas sobreviverão a ele ou ele sobreviverá a elas? Pensamentos de suicídio passam por sua cabeça. Ele também tem um amigo, um homem que de alguma forma sobrevive vendendo pequenos pássaros, para os quais monta armadilhas nos campos perto de Uxbridge. Eles são estudiosos, ambos. Conheço uma ou duas criaturas miseráveis e famintas como essa que citam Aristóteles para

você enquanto comem um arenque frito e um litro de cerveja preta. A vida elegante também tenho que representar com certa extensão, a fim de mostrar meu herói em todas as circunstâncias. Lady Theo Bingham Bingley, cuja égua baia ele teve a sorte de parar, é filha de um excelente e velho nobre conservador. Vou descrever o tipo de festa a que fui uma vez — os intelectuais da moda, você sabe, que gostam de ter os livros mais recentes em suas mesas. Eles dão festas, festas no rio, festas onde você joga. Não há dificuldade em conceber incidentes; a dificuldade é colocá-los em forma — e não fugir deles, como aconteceu com Lady Theo. Terminou desastrosamente para ela, pobre mulher — "Ele mastigou um pedaço de grama e talvez continuou a sorte de Lady Theo Bingham Bingley em silêncio. Nesse caso, ele logo se livrou dela; pois seu próximo comentário referia-se a si mesmo. "Não sou como Hirst", disse ele meditativamente.

Rachel ouviu tudo isso com atenção, mas com certa perplexidade. Ambos ficaram sentados pensando em seus próprios pensamentos.

"Não sou como Hirst", disse Hewet, após uma pausa; ele falou meditativamente; "Não vejo círculos de giz entre os pés das pessoas. Às vezes gostaria de ver. Parece-me tremendamente complicado e confuso. Não se pode chegar a nenhuma decisão; somos cada vez menos capazes de fazer julgamentos. Você acha isso? E então nunca se sabe o que alguém sente. Estamos todos no escuro. Tentamos descobrir, mas você pode imaginar algo mais ridículo do que a opinião de uma pessoa sobre outra pessoa?"

Ao dizer isso, apoiava-se no cotovelo, arrumando e reorganizando na grama as pedras que representavam Raquel e suas tias no almoço. Ele estava falando tanto consigo mesmo quanto com Rachel. Ele raciocinava contra o desejo, que retornara com intensidade, de tomá-la nos braços; acabar com a

indireta; para explicar exatamente o que ele sentia. O que ele disse foi contra a sua crença; todas as coisas que eram importantes sobre ela ele sabia. Ao mesmo tempo, estava extremamente ansioso para saber qual seria a opinião de Rachel sobre ele. Ela gostava dele? Como se o tivesse ouvido fazer a pergunta, ela disse: "Eu gosto de você ——" Ela hesitou. "Você gosta de mim?" ela perguntou.

"Gosto imensamente de você", respondeu Hewet, falando com o alívio de uma pessoa que inesperadamente tem a oportunidade de dizer o que quer dizer. Ele parou de mover as pedras.

"Não poderíamos nos chamar de Rachel e Terence?" ele perguntou.

"Terence," Rachel repetiu. "Terence, isso é como o grito de uma coruja."

Ela ergueu os olhos com uma súbita onda de alegria e, ao olhar para Terence com os olhos arregalados de prazer, ficou impressionada com a mudança que ocorrera no céu atrás deles. O dia azul substancial havia desbotado para um azul mais pálido e etéreo; as nuvens eram rosadas, distantes e compactadas; e a paz da noite substituiu o calor da tarde do sul, na qual iniciaram a caminhada.

"Deve ser tarde!" ela exclamou.

Eram quase oito horas.

## 17. Capítulo Dezesete

A aproximação amorosa ganha forma entre humor, estranhamento e descoberta.

Era o auge da temporada e cada navio que vinha da Inglaterra deixava algumas pessoas nas margens de Santa Marina que iam de carro até o hotel. O fato de os Ambrose terem uma casa onde se pudesse escapar momentaneamente da atmosfera ligeiramente desumana de um hotel era uma fonte de prazer genuíno não apenas para Hirst e Hewet, mas também para os Elliot, os Thornbury, os Flushing, Miss Allan, Evelyn M., juntamente com outras pessoas cuja identidade era tão pouco desenvolvida que os Ambrose não descobriram que possuíam nomes. Aos poucos foi-se estabelecendo uma espécie de correspondência entre as duas casas, a grande e a pequena, de modo que, na maior parte das horas do dia, uma casa podia adivinhar o que se passava na outra, e as palavras “a villa” e “o hotel” evocavam a ideia de dois sistemas de vida separados. Os conhecidos davam sinais de se transformarem em amigos, pois aquele vínculo com a sala de estar da Sra. Parry tinha inevitavelmente dividido-se em muitos outros laços ligados a diferentes partes da Inglaterra, e por vezes estas alianças pareciam cinicamente frágeis, e por vezes dolorosamente agudas, faltando como o fizeram o pano de fundo de apoio da vida inglesa organizada. Certa noite, quando a lua estava redonda entre as árvores, Evelyn M. contou a Helen a história de sua vida e reivindicou sua amizade eterna; em outra ocasião, apenas por causa de um suspiro, ou de uma pausa, ou de uma palavra pronunciada impensadamente, a pobre Sra. Elliot deixou a vila meio aos prantos, jurando nunca mais encontrar a mulher fria e desdenhosa que a insultara, e na verdade, nunca mais se encontraram. Não parecia valer a pena juntar as peças de uma amizade tão leve.

Hewet, de fato, poderia ter encontrado material excelente naquela época na villa para alguns capítulos do romance que se chamaria "Silêncio, ou as coisas que as pessoas não dizem". Helen e Rachel ficaram muito silenciosas. Tendo descoberto, como ela pensava, um segredo, e julgando que Rachel pretendia escondê-lo dela, a Sra. Ambrose respeitou-o cuidadosamente, mas por essa causa, embora involuntariamente, uma curiosa atmosfera de reserva cresceu entre eles. Em vez de partilharem os seus pontos de vista sobre todos os assuntos e de se lançarem atrás de uma ideia onde quer que ela os levasse, falavam principalmente em comentários sobre as pessoas que viam, e o segredo entre eles fazia-se sentir no que diziam até dos Thornburys e dos Elliots. Sempre calma e sem emoção em seus julgamentos, a Sra. Ambrose agora estava inclinada a ser definitivamente pessimista. Ela não era tão severa com os indivíduos, mas sim incrédula quanto à bondade do destino, do destino, do que acontece no longo prazo, e propensa a insistir que isso geralmente era adverso para as pessoas na proporção em que elas mereciam o bem. Ela estava pronta a descartar até mesmo essa teoria em favor de uma que tornasse o caos triunfante, as coisas acontecendo sem motivo algum e todos tateando na ilusão e na ignorância. Com certo prazer ela expôs essas opiniões à sobrinha, tomando como texto uma carta de casa: que trazia boas notícias, mas poderia muito bem ter dado más notícias. Como ela sabia que naquele exato momento seus dois filhos não estavam mortos, esmagados por ônibus motorizados? "Está acontecendo com alguém: por que não deveria acontecer comigo?" ela argumentava, seu rosto assumindo a expressão estoíca da tristeza antecipada. Por mais sinceras que essas opiniões possam ter sido, foram sem dúvida evocadas pelo estado irracional da mente de sua sobrinha. Era tão flutuante, e passava tão rapidamente da alegria ao desespero, que parecia necessário confrontá-lo com alguma opinião estável

que naturalmente se tornava sombria e também estável. Talvez a Sra. Ambrose tinha alguma ideia de que, ao conduzir a conversa para aqueles lugares, ela poderia descobrir o que se passava na mente de Rachel, mas era difícil julgar, pois às vezes ela concordava com a coisa mais sombria que era dita, outras vezes ela se recusava a ouvir, e enfiou as teorias de Helen goela abaixo com risadas, tagarelice, ridicularização dos mais selvagens, e violentas explosões de raiva, mesmo com o que ela chamava de "coaxar de um corvo na lama".

"Já é bastante difícil sem isso", afirmou ela.

"O que é difícil?" Helen exigiu.

"Vida", ela respondeu, e então os dois ficaram em silêncio. Helen poderia tirar suas próprias conclusões sobre por que a vida era difícil, sobre por que uma hora depois, talvez, a vida era algo tão maravilhoso e vívido que os olhos de Rachel, ao contemplá-la, eram positivamente estimulantes para o espectador. Fiel à sua crença, ela não tentou interferir, embora houvesse momentos de fraqueza suficientes para tornar perfeitamente fácil para uma pessoa menos escrupulosa avançar e saber tudo, e talvez Rachel lamentasse não ter escolhido. Todos esses estados de espírito se transformaram em um efeito geral, que Helen comparou ao deslizamento de um rio, rápido, mais rápido, mais rápido ainda, enquanto corre em direção a uma cachoeira. Seu instinto foi gritar Pare! mas mesmo que houvesse alguma utilidade em chorar Pare! ela teria se contido, pensando que seria melhor que as coisas seguissem seu caminho, a água correndo porque a terra foi moldada para fazê-la correr.

Parecia que a própria Rachel não suspeitava que estava sendo observada ou que havia algo em seus modos que pudesse chamar a atenção para ela. O que

havia acontecido com ela ela não sabia. Sua mente estava na mesma condição da água corrente com a qual Helen a comparou. Ela queria ver Terence; ela desejava perpetuamente vê-lo quando ele não estava lá; foi uma agonia não vê-lo; agonias estavam espalhadas por todo o seu dia por causa dele, mas ela nunca se perguntou de onde surgia essa força que impulsionava sua vida. Ela não pensava em nenhum resultado, assim como uma árvore perpetuamente pressionada para baixo pelo vento não considera o resultado de ser pressionada para baixo pelo vento.

Durante as duas ou três semanas que se passaram desde a caminhada, meia dúzia de bilhetes dele acumularam-se na gaveta dela. Ela os lia e passava a manhã inteira num torpor de felicidade; a terra ensolarada do lado de fora da janela não era menos capaz de analisar sua própria cor e calor do que ela era de analisar os dela. Nesse estado de espírito, ela achava impossível ler ou tocar piano, e até mesmo se movimentar, estando além de sua inclinação. O tempo passou sem que ela percebesse. Quando escureceu, ela foi atraída para a janela pelas luzes do hotel. Uma luz que entrava e apagava era a luz da janela de Terêncio: lá estava ele, lendo talvez, ou agora andando de um lado para outro tirando um livro após o outro; e agora ele estava sentado novamente em sua cadeira, e ela tentou imaginar o que ele estava pensando. As luzes fixas marcavam as salas onde Terence estava sentado, com as pessoas circulando ao seu redor. Cada um que se hospedou no hotel tinha um romance e um interesse peculiares. Eles não eram pessoas comuns. Ela atribuiria sabedoria à Sra. Elliot, beleza a Susan Warrington, uma esplêndida vitalidade a Evelyn M., porque Terence falava com eles. Tão irrefletidos e generalizados eram os humores de depressão. Sua mente era como a paisagem lá fora quando escura sob as nuvens e fortemente fustigada pelo vento e pelo granizo. Novamente ela ficava sentada passivamente em sua

cadeira, exposta à dor, e as palavras fantásticas ou sombrias de Helen eram como dardos incitando-a a gritar contra a dureza da vida. O melhor de tudo eram os estados de ânimo em que, sem motivo algum, novamente esse estresse de sentimento diminuía, e a vida continuava como sempre, apenas com uma alegria e um colorido em seus acontecimentos até então desconhecidos; tinham um significado semelhante ao que ela vira na árvore: as noites eram barras pretas que a separavam dos dias; ela teria gostado de passar as noites e os dias numa longa continuidade de sensações. Embora esses estados de espírito fossem direta ou indiretamente causados pela presença de Terêncio ou pelo pensamento nele, ela nunca disse para si mesma que estava apaixonada por ele, ou considerou o que aconteceria se continuasse a sentir tais coisas, de modo que a imagem de Helen do rio deslizando para a cachoeira tinha uma grande semelhança com os fatos, e o alarme que Helen às vezes sentia era justificado.

Na sua curiosa condição de sensações não analisadas, ela era incapaz de traçar um plano que pudesse ter qualquer efeito sobre o seu estado de espírito. Ela se abandonou à mercê dos acidentes, sentindo falta de Terence num dia, encontrando-o no outro, recebendo suas cartas sempre com um sobressalto de surpresa. Qualquer mulher experiente no progresso do namoro teria obtido certas opiniões de tudo isso que lhe teriam dado pelo menos uma teoria em que se basear; mas ninguém jamais se apaixonou por Rachel, e ela nunca se apaixonou por ninguém. Além disso, nenhum dos livros que leu, desde O Morro dos Ventos Uivantes até O Homem e o Super-Homem, e as peças de Ibsen, sugeriam, a partir da sua análise do amor, que o que as suas heroínas sentiam era o que ela sentia agora. Parecia-lhe que as suas sensações não tinham nome.

Ela encontrava Terence com frequência. Quando não se encontravam, ele costumava enviar um bilhete junto com um livro ou sobre um livro, pois, afinal de contas, não fora capaz de negligenciar essa abordagem da intimidade. Mas às vezes ele não vinha ou não escrevia por vários dias seguidos. Novamente, quando eles se conheceram, o encontro pode ser de alegria inspiradora ou de desespero perturbador. Sobre todas as suas separações pairava a sensação de interrupção, deixando-os ambos insatisfeitos, embora ignorassem que o outro partilhava o sentimento.

Se Rachel ignorava seus próprios sentimentos, ignorava ainda mais os dele. A princípio ele agiu como um deus; à medida que ela o conheceu melhor, ele ainda era o centro da luz, mas combinava com essa beleza um poder maravilhoso de torná-la ousada e confiante de si mesma. Ela estava consciente de emoções e poderes dos quais nunca suspeitara em si mesma, e de uma profundidade no mundo até então desconhecida. Quando ela pensava no relacionamento deles, ela via, em vez de raciocinar, representando sua visão do que Terence sentia por meio de uma imagem dele desenhada do outro lado da sala para ficar ao seu lado. Essa passagem pela sala equivalia a uma sensação física, mas ela não sabia o que significava.

Assim o tempo passou, exibindo uma aparência calma e brilhante em sua superfície. Chegavam cartas da Inglaterra, cartas vinham de Willoughby, e os dias acumulavam pequenos acontecimentos que moldavam o ano. Superficialmente, três odes de Píndaro foram remendadas, Helena cobriu cerca de quinze centímetros de seu bordado e São João completou os dois primeiros atos de uma peça. Sendo ele e Rachel agora muito bons amigos, ele os leu em voz alta para ela, e ela ficou tão genuinamente impressionada com a habilidade de seus ritmos e a variedade de seus adjetivos, bem como com o fato de ele ser amigo de Terence, que começou a se perguntar se ele

não estava destinado à literatura e não ao direito. Foi um momento de profunda reflexão e revelações repentinas para mais de um casal e para vários solteiros.

Chegou um domingo que ninguém na vila, com exceção de Rachel e da empregada espanhola, se propôs a reconhecer. Rachel ainda ia à igreja porque, segundo Helen, nunca se dera ao trabalho de pensar nisso. Como haviam celebrado o serviço religioso no hotel, ela foi até lá esperando sentir algum prazer em sua passagem pelo jardim e pelo hall do hotel, embora fosse muito duvidoso que ela visse Terence, ou pelo menos tivesse a chance de falar com ele.

Como o maior número de visitantes do hotel eram ingleses, havia quase tanta diferença entre domingo e quarta-feira quanto na Inglaterra, e o domingo aparecia aqui como ali, o mudo fantasma negro ou espírito penitente do agitado dia de semana. Os ingleses não conseguiam empalidecer o sol, mas podiam, de alguma forma milagrosa, retardar as horas, entorpecer os incidentes, prolongar as refeições e fazer com que até os criados e pajens tivessem uma expressão de tédio e decoro. As melhores roupas que cada um vestiu ajudaram no efeito geral; parecia que nenhuma dama conseguia sentar-se sem dobrar uma anágua limpa e engomada, e nenhum cavalheiro conseguia respirar sem ouvir um súbito estalo na frente de uma camisa rígida.

À medida que os ponteiros do relógio se aproximavam das onze, naquele domingo em particular, várias pessoas tendiam a reunir-se no salão, segurando pequenos livros de folhas vermelhas nas mãos. O relógio marcava alguns minutos para a hora em que uma figura negra e corpulenta passou pelo salão com uma expressão preocupada, como se preferisse não

reconhecer as saudações, embora consciente delas, e desapareceu pelo corredor que saía dele.

— Sr. Bax — sussurrou a Sra. Thornbury.

O pequeno grupo de pessoas começou então a se mover na mesma direção da robusta figura negra. Observados de maneira estranha por pessoas que não faziam nenhum esforço para se juntar a eles, eles se moviam, com uma exceção, lenta e conscientemente em direção às escadas. A Sra. Flushing era a exceção. Ela desceu correndo, atravessou o corredor, juntou-se à procissão sem fôlego, perguntando à Sra. Thornbury num sussurro agitado: "Onde, onde?"

"Estamos todos indo", disse a Sra. Thornbury gentilmente, e logo eles estavam descendo as escadas de dois em dois. Rachel foi uma das primeiras a descer. Ela não viu que Terence e Hirst entraram no final não possuindo nenhum volume preto, mas um livro fino encadernado em tecido azul-claro, que St. John carregava debaixo do braço.

A capela era a antiga capela dos monges. Era um lugar profundo e fresco onde eles celebravam missas há centenas de anos, faziam penitência ao luar frio e adoravam velhas imagens marrons e santos esculpido que ficavam com as mãos erguidas em bênção nas cavidades das paredes. A transição do culto católico para o protestante foi superada por um período de desuso, quando não havia cultos e o local era usado para guardar potes de azeite, licor e espreguiçadeiras; com o hotel florescendo, alguma entidade religiosa havia tomado o lugar, e agora estava equipado com vários bancos amarelos envidraçados e escabelos cor de vinho; tinha um pequeno púlpito e uma águia de latão carregando a Bíblia nas costas, enquanto a piedade de diferentes mulheres fornecia feios quadrados de tapete e longas tiras de

bordado fortemente trabalhadas com monogramas em ouro.

Quando a congregação entrou, foram recebidos por acordes suaves e doces emitidos por um harmônio, sentado ao qual a Srta. Willett tocava acordes enfáticos com dedos incertos. O som se espalhou pela capela assim como os anéis de água se espalharam por uma pedra caída. As vinte ou vinte e cinco pessoas que compunham a congregação primeiro inclinaram a cabeça e depois sentaram-se e olharam ao redor. Estava muito silencioso e a luz aqui embaixo parecia mais pálida do que a luz acima. As reverências e sorrisos habituais foram dispensados, mas eles se reconheceram. A oração do Pai Nosso foi lida sobre eles. À medida que o burburinho infantil de vozes aumentava, a congregação, muitos dos quais só se conheciam na escadaria, sentiu-se pateticamente unida e bem disposta uns com os outros. Como se a oração fosse uma tocha aplicada ao combustível, uma fumaça parecia subir automaticamente e encher o local com os fantasmas dos inúmeros cultos das inúmeras manhãs de domingo em casa. Susan Warrington, em particular, estava consciente do mais doce sentimento de irmandade, ao cobrir o rosto com as mãos e ver pedaços de costas curvadas através das fendas entre os dedos. Suas emoções aumentaram com calma e uniformidade, aprovando a si mesma e à vida ao mesmo tempo. Foi tudo tão tranquilo e tão bom. Mas tendo criado esta atmosfera pacífica, o Sr. Bax de repente virou a página e leu um salmo. Embora ele tenha lido sem mudar de voz, o clima estava quebrado.

"Tem misericórdia de mim, ó Deus", leu ele, "pois o homem está prestes a me devorar: ele está diariamente lutando e me perturbando... Eles confundem diariamente minhas palavras: tudo o que eles imaginam é me fazer mal. Eles mantêm todos juntos e se mantêm próximos... Quebre seus dentes, ó Deus, em suas bocas; golpeie as mandíbulas dos leões, ó Senhor: deixe-os cair

como a água que corre rapidamente; e quando eles atirarem suas flechas, deixe-os ser erradicado."

Nada na experiência de Susan correspondia a isto, e como ela não gostava da linguagem, há muito que deixara de prestar atenção a tais comentários, embora os seguisse com o mesmo tipo de respeito mecânico com que ouvia muitos dos discursos de Lear lidos em voz alta. Sua mente ainda estava serena e realmente ocupada com louvor à sua própria natureza e louvor a Deus - isto é, da ordem solene e satisfatória do mundo.

Mas podia-se ver, olhando para seus rostos, que a maioria dos outros, os homens em particular, sentiam a inconveniência da súbita intrusão daquele velho selvagem. Eles pareciam mais seculares e críticos enquanto ouviam os delírios do velho negro com um pano na cintura, xingando com gesto veemente perto de uma fogueira no deserto. Depois disso, houve um som geral de páginas sendo viradas, como se estivessem em aula, e então eles leram um pouco do Antigo Testamento sobre como fazer um poço, da mesma forma que os meninos da escola traduzem uma passagem fácil do Anábase quando fecham a gramática francesa. Depois voltaram ao Novo Testamento e à triste e bela figura de Cristo. Enquanto Cristo falava, eles fizeram outro esforço para ajustar a sua interpretação da vida às vidas que viviam, mas como eram todos muito diferentes, alguns práticos, alguns ambiciosos, alguns estúpidos, alguns selvagens e experimentais, alguns apaixonados, e outros que já tinham passado de qualquer sentimento, exceto um sentimento de conforto, eles fizeram coisas muito diferentes com as palavras de Cristo.

Pelos seus rostos, parecia que na maior parte do tempo não faziam qualquer esforço e, por assim dizer, reclinadas, aceitavam as ideias que as palavras transmitiam como representando a bondade, da mesma forma, sem dúvida,

como uma daquelas diligentes costureiras aceitara o padrão feio e brilhante no seu tapete como representando a beleza.

Qualquer que fosse o motivo, pela primeira vez em sua vida, em vez de cair imediatamente em alguma curiosa e agradável nuvem de emoção, familiar demais para ser considerada, Rachel ouviu criticamente o que estava sendo dito. Quando eles passaram de maneira irregular da oração para o salmo, do salmo para a história, da história para a poesia, e o Sr. Bax estava distribuindo seu texto, ela estava em um estado de agudo desconforto. Tamanho era o desconforto que ela sentia quando era forçada a ficar sentada ouvindo uma peça musical insatisfatória e mal tocada. Tentada, enfurecida pela insensibilidade desajeitada do maestro, que colocava a ênfase nos lugares errados, e irritada pelo vasto rebanho do público elogiando e aquiescendo mansamente, sem saber ou se importar, então ela estava agora atormentada e enfurecida, só que aqui, com os olhos semicerrados e os lábios franzidos, a atmosfera de solenidade forçada aumentava sua raiva. Ao seu redor havia pessoas fingindo sentir o que não sentiam, enquanto em algum lugar acima dela flutuava a ideia que nenhum deles conseguia compreender, que fingiam compreender, sempre escapando ao alcance, uma bela ideia, uma ideia como uma borboleta. Uma após a outra, vastas, duras e frias, apareceram-lhe as igrejas em todo o mundo onde este esforço desajeitado e mal-entendido aconteciam perpetuamente, grandes edifícios, cheios de inúmeros homens e mulheres, que não viam claramente, que finalmente desistiram do esforço para ver, e recaíram mansamente no louvor e na aquiescência, semicerrando os olhos e franzindo os lábios. O pensamento trazia o mesmo tipo de desconforto físico causado por uma película de névoa que sempre fica entre os olhos e a página impressa. Ela fez o possível para afastar o filme e conceber algo para ser adorado durante o

culto, mas falhou, sempre enganada pela voz do Sr. Bax dizendo coisas que deturpavam a ideia, e pelo barulho de vozes humanas inexpressivas caindo ao seu redor como folhas úmidas. O esforço foi cansativo e desanimador. Ela parou de ouvir e fixou os olhos no rosto de uma mulher perto dela, uma enfermeira de hospital, cuja expressão de devota atenção parecia provar que ela estava, de qualquer forma, recebendo satisfação. Mas, olhando-a cuidadosamente, ela chegou à conclusão de que a enfermeira do hospital era apenas servilmente aquiescente e que o olhar de satisfação não era produzido por nenhuma concepção esplêndida de Deus dentro dela. Na verdade, como ela poderia conceber algo muito diferente de sua própria experiência, uma mulher com um rosto comum como o dela, um rostinho redondo e vermelho, sobre o qual deveres triviais e despeitos triviais haviam traçado linhas, cujos fracos olhos azuis viam sem intensidade ou individualidade, cujas feições eram borradas, insensíveis e insensíveis? Ela adorava algo superficial e presunçoso, agarrando-se a ele, assim testemunhou a boca obstinada, com a assiduidade de uma lapa; nada a afastaria de sua crença recatada em sua própria virtude e nas virtudes de sua religião. Ela era uma lapa, com o lado sensível preso a uma pedra, para sempre morta à onda de coisas frescas e bonitas que passavam por ela. O rosto desse único adorador ficou impresso na mente de Raquel com uma impressão de agudo horror, e ela subitamente lhe revelou o que Helena e São João queriam dizer quando proclamaram seu ódio ao Cristianismo. Com a violência que agora marcava seus sentimentos, ela rejeitou tudo em que antes acreditava implicitamente.

Enquanto isso, o Sr. Bax estava na metade da segunda lição. Ela olhou para ele. Ele era um homem mundano, com lábios flexíveis e maneiras agradáveis, era de fato um homem de muita bondade e simplicidade, embora de modo

algun inteligente, mas ela não estava com disposição para dar crédito a ninguém por tais qualidades, e examinou-o como se ele fosse um epítome de todos os vícios de seu serviço.

Bem no fundo da capela, a Sra. Flushing, Hirst e Hewet estavam sentados em fila, com um estado de espírito muito diferente. Hewet estava olhando para o telhado com as pernas estendidas à sua frente, pois como nunca havia tentado fazer com que o serviço se ajustasse a qualquer sentimento ou ideia sua, ele foi capaz de apreciar a beleza da língua sem impedimentos. Sua mente estava ocupada primeiro com coisas acidentais, como os cabelos das mulheres à sua frente e a luz nos rostos; depois com as palavras que lhe pareciam magníficas, e depois mais vagamente com o caráter dos outros fiéis. Mas quando de repente ele percebeu Rachel, todos esses pensamentos foram expulsos de sua cabeça, e ele pensou apenas nela. Os salmos, as orações, a Ladainha e o sermão foram todos reduzidos a um som de canto que fez uma pausa e depois se renovou, um pouco mais alto ou um pouco mais baixo. Ele olhava alternadamente para Rachel e para o teto, mas sua expressão agora era produzida não pelo que via, mas por algo em sua mente. Ele estava quase tão dolorosamente perturbado por seus pensamentos quanto ela pelos dela.

No início do culto, a Sra. Flushing descobriu que havia pegado uma Bíblia em vez de um livro de orações e, quando estava sentada ao lado de Hirst, deu uma olhada por cima do ombro dele. Ele lia continuamente no fino volume azul-claro. Incapaz de entender, ela olhou mais de perto, e Hirst educadamente colocou o livro diante dela, apontando para o primeiro verso de um poema grego e depois para a tradução ao lado.

"O que é isso?" ela sussurrou curiosamente.

“Safo”, ele respondeu. “Aquele que Swinburne fez - a melhor coisa que já foi escrita.”

A Sra. Flushing não resistiu a tal oportunidade. Ela engoliu a Ode a Afrodite durante a Ladainha, evitando com dificuldade perguntar quando Safo viveu e o que mais ela escreveu que valesse a pena ler, e conseguindo chegar pontualmente no final com “o perdão dos pecados, a ressurreição do corpo, e a vida eterna. Amém”.

Enquanto isso, Hirst pegou um envelope e começou a rabiscar no verso. Quando o Sr. Bax subiu ao púlpito, ele fechou Safo com seu envelope entre as páginas, ajeitou os óculos e fixou seu olhar atentamente no clérigo. De pé no púlpito ele parecia muito grande e gordo; a luz que entrava pelo vidro esverdeado e imaculado da janela fazia seu rosto parecer liso e branco como um ovo muito grande.

Ele olhou em volta para todos os rostos que olhavam suavemente para ele, embora alguns deles fossem rostos de homens e mulheres com idade suficiente para serem seus avós, e distribuiu seu texto com grande significado. O argumento do sermão era que os visitantes desta bela terra, embora estivessem de férias, tinham um dever para com os nativos. Na verdade, não diferia muito de um artigo de destaque sobre temas de interesse geral nos jornais semanais. Ele divagava com uma espécie de verbosidade amigável de um título para outro, sugerindo que todos os seres humanos são praticamente iguais sob suas peles, ilustrando isso pela semelhança dos jogos que os meninos espanhóis brincam com os jogos que os meninos brincam nas ruas de Londres, observando que coisas muito pequenas influenciam as pessoas, especialmente os nativos; na verdade, um amigo muito querido do Sr. Bax lhe dissera que o sucesso de nosso governo

na Índia, aquele vasto país, dependia em grande parte do estrito código de polidez que os ingleses adotavam para com os nativos, o que levou à observação de que as coisas pequenas não eram necessariamente pequenas, e isso de alguma forma à virtude da simpatia, que foi uma virtude nunca mais necessária do que hoje, quando vivíamos em uma época de experimentação e convulsão - como exemplo o avião e o telégrafo sem fio, e havia outros problemas que dificilmente se apresentavam aos nossos pais, mas que não um homem que se autodenominava homem poderia sair inquieto. Aqui Sr. Bax tornou-se definitivamente mais clerical e parecia falar com certa astúcia inocente, ao salientar que tudo isso impunha um dever especial aos cristãos sinceros. O que os homens estavam inclinados a dizer agora era: "Oh, aquele sujeito - ele é um pároco." O que queremos que digam é: "Ele é um bom sujeito" — em outras palavras, "Ele é meu irmão". Ele os exortou a manterem contato com homens do tipo moderno; eles devem simpatizar com seus interesses múltiplos, a fim de manter diante de seus olhos que, quaisquer que fossem as descobertas feitas, havia uma descoberta que não poderia ser substituída, o que era na verdade uma necessidade tão grande para os mais bem-sucedidos e mais brilhantes de todos eles quanto tinha sido para seus pais. Os mais humildes poderiam ajudar; as coisas menos importantes tiveram influência (aqui os seus modos tornaram-se definitivamente sacerdotais e as suas observações pareciam ser dirigidas às mulheres, pois de fato as congregações do Sr. Bax eram compostas principalmente por mulheres, e ele estava habituado a atribuir-lhes os seus deveres nas suas inocentes campanhas clericais). Deixando instruções mais definidas, ele prosseguiu, e seu tema se ampliou em uma peroração para a qual ele respirou fundo e ficou muito ereto: "Como uma gota d'água, destacada, sozinha, separada das outras, caindo da nuvem e entrando no grande oceano,

altera, assim nos dizem os cientistas, não apenas o local imediato no oceano onde ela cai, mas todas as miríades de gotas que juntas compõem o grande universo das águas e, por esse meio, altera a configuração do globo e a vida de milhões de criaturas marinhas e, finalmente, a vida dos homens e mulheres que buscam a vida nas praias - como tudo isso está dentro do alcance de uma única gota d'água, como qualquer chuva faz com que milhões se percam na terra, se percam, dizemos, mas sabemos muito bem que os frutos da terra não poderiam florescer sem eles - também uma maravilha comparável a esta está ao alcance de cada um de nós, que lançar uma pequena palavra ou uma pequena ação no grande universo o altera; sim, é um pensamento solene que o altera, para o bem ou para o mal, não por um instante, ou em uma vizinhança, mas durante toda a raça, e por toda a eternidade. Virando-se como se quisesse evitar aplausos, ele continuou com o mesmo fôlego, mas em um tom de voz diferente: "E agora a Deus Pai..."

Ele deu sua bênção e então, enquanto os acordes solenes saíam novamente do harmônio por trás da cortina, as diferentes pessoas começaram a se arrastar, a se atrapalhar e a se mover de maneira muito desajeitada e consciente em direção à porta. No meio do caminho, em um ponto onde as luzes e os sons do mundo superior entravam em conflito com a penumbra e a melodia moribunda do hino do mundo inferior, Rachel sentiu uma mão pousar em seu ombro.

"Senhorita Vinrace", a Sra. Flushing sussurrou peremptoriamente, "fique para o almoço. Está um dia tão sombrio. Eles não dão nem um bife para o almoço. Por favor, fique."

Aqui eles saíram para o salão, onde mais uma vez o pequeno grupo foi saudado com olhares curiosos e respeitosos pelas pessoas que não tinham

ido à igreja, embora suas roupas deixassem claro que eles aprovavam o domingo até a iminência de ir à igreja. Rachel sentiu-se incapaz de suportar mais aquela atmosfera particular, e estava prestes a dizer que deveria voltar, quando Terence passou por eles, atraído pela conversa com Evelyn M. Rachel então se contentou em dizer que as pessoas pareciam muito respeitáveis, comentário negativo que a Sra.

"Inglês no exterior!" ela voltou com um vívido lampejo de malícia. "Eles não são horríveis! Mas não vamos ficar aqui," ela continuou, puxando o braço de Rachel. "Venha para o meu quarto."

Ela passou por Hewet, Evelyn, pelos Thornbury e pelos Elliot. Hewet deu um passo à frente.

"Almoço —", ele começou.

"A senhorita Vinrace prometeu almoçar comigo", disse a senhora Flushing, e começou a subir energicamente a escada, como se a classe média da Inglaterra estivesse em seu encalço. Ela não parou até bater a porta do quarto atrás deles.

"Bem, o que você achou disso?" ela exigiu, ofegante ligeiramente.

Todo o desgosto e horror que Rachel vinha acumulando explodiram fora de seu controle.

"Achei que foi a exposição mais repugnante que já vi!" ela explodiu. "Como eles podem... como eles ousam... o que eles querem dizer com isso... Sr. Bax, enfermeiras de hospital, velhos, prostitutas, nojentos..."

Ela acertou os pontos de que se lembrava o mais rápido que pôde, mas estava indignada demais para parar e analisar seus sentimentos. A Sra.

Flushing observou-a com grande entusiasmo enquanto ela ejaculava com movimentos enfáticos da cabeça e das mãos no meio da sala.

"Vá em frente, vá em frente", ela riu, batendo palmas. "É um prazer ouvir você!"

"Mas por que você vai?" Rachel exigiu.

"Tenho ido todos os domingos da minha vida, desde que me lembro", a Sra. Flushing riu, como se isso fosse uma razão por si só.

Rachel virou-se abruptamente para a janela. Ela não sabia agora o que a deixara tão apaixonada; a visão de Terence no corredor confundiu seus pensamentos, deixando-a apenas indignada. Ela olhou diretamente para a vila deles, no meio da encosta da montanha. A visão mais familiar vista emoldurada por vidro tem uma certa distinção desconhecida, e ela ficou calma enquanto olhava. Então lembrou-se de que estava na presença de alguém que não conhecia bem, virou-se e olhou para a Sra. Flushing. A Sra. Flushing ainda estava sentada na beira da cama, olhando para cima, com os lábios entreabertos, de modo que seus fortes dentes brancos apareciam em duas fileiras.

"Diga-me", disse ela, "de qual você gosta mais, Sr. Hewet ou Sr. Hirst?"

"Sr. Hewet", Rachel respondeu, mas sua voz não parecia natural.

"Qual é aquele que lê grego na igreja?" — perguntou a Sra. Flushing.

Poderia ter sido qualquer um deles, e enquanto a Sra. Flushing descrevia os dois e dizia que ambos a assustavam, mas um a assustava mais que o outro, Rachel procurou uma cadeira. O quarto, claro, era um dos maiores e mais luxuosos do hotel. Havia um grande número de poltronas e sofás cobertos

com papel holandês marrom, mas cada um deles era ocupado por um grande pedaço quadrado de papelão amarelo, e todos os pedaços de papelão estavam pontilhados ou revestidos com manchas ou traços de tinta a óleo brilhante.

"Mas você não deve olhar para isso," disse a Sra. Flushing ao ver o olhar de Rachel vagar. Ela deu um pulo e virou o máximo que pôde, de braços, no chão. Rachel, porém, conseguiu possuir um deles e, com a vaidade de uma artista, a Sra. Flushing perguntou ansiosamente: "Bem, bem?"

"É uma colina", respondeu Rachel. Não havia dúvida de que a Sra. Flushing representava o lançamento vigoroso e abrupto da terra no ar; você quase podia ver os torrões voando enquanto ele girava.

Rachel passou de um para outro. Todos foram marcados por algo do idiota e da decisão de seu criador; eram todos ataques de mato perfeitamente destreinados contra alguma ideia semi-realizada sugerida por uma colina ou árvore; e todos eram, de alguma forma, característicos da Sra. Flushing.

"Vejo coisas se movendo", explicou a Sra. Flushing. "Então" - ela passou a mão por um metro de altura. Ela então pegou um dos cartões que Rachel havia deixado de lado, sentou-se em um banquinho e começou a fazer um toco de carvão. Enquanto ela se ocupava com golpes que pareciam servir para ela como a fala serve aos outros, Rachel, que estava muito inquieta, olhou ao seu redor.

"Abra o guarda-roupa", disse a Sra. Flushing após uma pausa, falando indistintamente por causa de um pincel na boca, "e olhe as coisas."

Enquanto Rachel hesitava, a Sra. Flushing avançou, ainda com um pincel na boca, abriu as asas do guarda-roupa e jogou na cama uma quantidade de

xales, estofados, capas e bordados. Rachel começou a tocá-los. A Sra. Flushing apareceu mais uma vez e deixou cair uma quantidade de contas, broches, brincos, pulseiras, borlas e pentes entre as cortinas. Depois voltou para o seu banco e começou a pintar em silêncio. As coisas eram coloridas, escuras e claras; formavam um curioso enxame de linhas e cores sobre a colcha, com pedaços avermelhados de pedra e penas de pavão e favos de carapaça de tartaruga claros e claros espalhados entre eles.

"As mulheres os usavam há centenas de anos e ainda os usam", observou a Sra. Flushing. "Meu marido anda por aí e os encontra; eles não sabem quanto valem, então nós os compramos barato. E vamos vendê-los para mulheres inteligentes em Londres", ela riu, como se a ideia dessas senhoras e sua aparência absurda a divertisse. Depois de pintar por alguns minutos, ela de repente largou o pincel e fixou os olhos em Rachel.

"Eu lhe digo o que quero fazer", disse ela. "Quero ir até lá e ver as coisas com meus próprios olhos. É uma bobagem ficar aqui com um bando de solteironas, como se estivéssemos à beira-mar na Inglaterra. Quero subir o rio e ver os nativos em seus acampamentos. É apenas uma questão de dez dias debaixo de uma lona. Meu marido fez isso. Alguém deitaria sob as árvores à noite e seria rebocado rio abaixo durante o dia, e se víssemos alguma coisa boa, gritaríamos e diríamos para eles pararem. " Ela se levantou e começou a perfurar a cama repetidas vezes com um longo alfinete dourado, enquanto observava o efeito que sua sugestão teria sobre Rachel.

"Precisamos inventar uma festa", ela continuou. "Dez pessoas poderiam alugar uma lancha. Agora você virá, e a Sra. Ambrose virá, e o Sr. Hirst e o outro cavalheiro virão? Onde está um lápis?"

Ela ficou cada vez mais determinada e entusiasmada à medida que desenvolvia seu plano. Sentou-se na beira da cama e anotou uma lista de sobrenomes, que invariavelmente escrevia errado. Rachel ficou entusiasmada, pois na verdade a ideia era imensamente encantadora para ela. Ela sempre teve um grande desejo de ver o rio, e o nome de Terence lançou um brilho sobre a perspectiva, o que a tornou quase boa demais para se tornar realidade. Ela fez o que pôde para ajudar a Sra. Flushing, sugerindo nomes, ajudando-a a soletrá-los e contando os dias da semana nos dedos. Como a Sra. Flushing queria saber tudo o que ela pudesse lhe contar sobre o nascimento e as atividades de cada pessoa que ela sugerisse, e contou suas próprias histórias malucas sobre os temperamentos e hábitos de artistas e pessoas com o mesmo nome que costumavam vir para Chillingley nos velhos tempos, mas sem dúvida não eram os mesmos, embora também fossem homens muito inteligentes, interessados em egiptologia, o negócio levou algum tempo. Por fim, a Sra. Flushing procurou ajuda em seu diário, pois o método de contar datas pelos dedos se mostrou insatisfatório. Ela abriu e fechou todas as gavetas da escrivaninha e depois gritou furiosamente: "Yarmouth! Yarmouth! Maldita seja a mulher! Ela está sempre fora do caminho quando é desejada!"

Nesse momento, o gongo do almoço começou a atingir o frenesi do meio-dia. A Sra. Flushing tocou a campainha violentamente. A porta foi aberta por uma bela empregada quase tão ereta quanto sua patroa.

"Oh, Yarmouth", disse a Sra. Flushing, "basta encontrar meu diário e ver aonde daqui a dez dias nos levaria, e perguntar ao porteiro quantos homens seriam necessários para remar oito pessoas rio acima por uma semana, e quanto custaria, e colocá-lo em um pedaço de papel e deixá-lo na minha penteadeira.

"Ah, e Yarmouth", a Sra. Flushing gritou por cima do ombro. "Guarde essas coisas e pendure-as nos lugares certos, que boa menina, ou isso irrita o Sr. Flushin'."

A tudo isso Yarmouth apenas respondeu: "Sim, senhora".

Ao entrarem na longa sala de jantar, era óbvio que ainda era domingo, embora o clima estivesse diminuindo um pouco. A mesa dos Flushing estava posta ao lado da janela, para que a Sra. Flushing pudesse examinar cada figura à medida que entrava, e sua curiosidade parecia ser intensa.

"Velha Sra. Paley", ela sussurrou enquanto a cadeira de rodas passava lentamente pela porta, Arthur empurrando atrás. "Thornburys" veio em seguida. "Aquela mulher legal", ela cutucou Rachel para olhar para a Srta. Allan. "Qual o nome dela?" A dama pintada, que sempre chegava atrasada, entrando na sala com um sorriso preparado, como se estivesse em um palco, poderia muito bem ter se acovardado diante do olhar da Sra. Flushing, que expressava sua hostilidade de aço para com toda a tribo de damas pintadas. Em seguida vieram os dois jovens que a Sra. Flushing chamava coletivamente de Hirsts. Sentaram-se do lado oposto, do outro lado da passarela.

O Sr. Flushing tratava a esposa com uma mistura de admiração e indulgência, compensando com a suavidade e fluência de seu discurso a brusquidão dela. Enquanto ela disparava e ejaculava, ele deu a Rachel um esboço da história da arte sul-americana. Ele lidaria com uma das exclamações de sua esposa e depois retornaria ao tema com a mesma suavidade de sempre. Ele sabia muito bem como fazer um almoço passar de forma agradável, sem ser monótono ou íntimo. Ele havia formado a opinião, então disse a Raquel, que tesouros maravilhosos estavam escondidos nas

profundezas da terra; as coisas que Rachel tinha visto eram apenas ninharias recolhidas ao longo de uma curta viagem. Ele pensou que poderia haver deuses gigantes escavados em pedra na encosta da montanha; e figuras colossais isoladas no meio de vastas pastagens verdes, onde ninguém além dos nativos jamais havia pisado. Antes do surgimento da arte europeia, ele acreditava que os caçadores e sacerdotes primitivos construíram templos com enormes lajes de pedra, formaram, a partir das rochas escuras e dos grandes cedros, figuras majestosas de deuses e de animais, e símbolos das grandes forças, da água, do ar e da floresta entre as quais viviam. Poderão existir cidades pré-históricas, como as da Grécia e da Ásia, situadas em espaços abertos entre as árvores, repletas de obras desta raça primitiva. Ninguém esteve lá; quase nada se sabia. Assim falando e exibindo a mais pitoresca de suas teorias, a atenção de Raquel se concentrou nele.

Ela não percebeu que Hewet ficava olhando para ela do outro lado da passarela, entre as figuras de garçons que passavam apressados com pratos. Ele estava desatento e Hirst também o achava muito zangado e desagradável. Eles abordaram todos os tópicos habituais: política e literatura, fofoca e cristianismo. Eles discutiram sobre o serviço religioso, que foi tão bom quanto Safo, segundo Hewet; de modo que o paganismo de Hirst era mera ostentação. Por que ir à igreja, perguntou ele, apenas para ler Safo? Hirst observou que havia ouvido cada palavra do sermão, como poderia provar se Hewet quisesse repeti-lo; e ele foi à igreja para compreender a natureza de seu Criador, o que ele fez de forma muito vívida naquela manhã, graças ao Sr. Bax, que o inspirou a escrever três dos mais magníficos versos da literatura inglesa, uma invocação à Divindade.

“Escrevi-as no verso do envelope da última carta da minha tia”, disse ele, e puxou-a de entre as páginas de Safo.

"Bem, vamos ouvi-los", disse Hewet, ligeiramente apaziguado pela perspectiva de uma discussão literária.

"Meu querido Hewet, você deseja que nós dois sejamos expulsos do hotel por uma multidão enfurecida de Thornburys e Elliots?" Hirst perguntou. "O mais simples sussurro seria suficiente para me incriminar para sempre. Deus!" ele explodiu: "Qual é a utilidade de tentar escrever quando o mundo está povoado por esses idiotas? Sério, Hewet, eu o aconselho a desistir da literatura. Qual a vantagem disso? Aí está o seu público."

Ele acenou com a cabeça nas mesas onde um grupo muito diversificado de europeus estava agora empenhado em comer, em alguns casos, em roer, as pegajosas aves estrangeiras. Hewet olhou e ficou mais irritado do que nunca. Hirst também olhou. Seus olhos pousaram sobre Rachel e ele se curvou diante dela.

"Acho que Rachel está apaixonada por mim", ele comentou, enquanto seus olhos voltavam para o prato. "Essa é a pior das amizades com mulheres jovens - elas tendem a se apaixonar por uma."

A isso Hewet não respondeu e ficou singularmente imóvel. Hirst não pareceu se importar em não receber resposta, pois voltou novamente ao Sr. Bax, citando a peroração sobre a gota d'água; e quando Hewet também mal respondeu a essas observações, ele apenas franziu os lábios, escolheu um figo e recaiu bastante satisfeito em seus próprios pensamentos, dos quais sempre teve um grande suprimento. Quando o almoço terminou eles se separaram, levando suas xícaras de café para diferentes partes do salão.

Da sua cadeira debaixo da palmeira, Hewet viu Rachel sair da sala de jantar com os Flushing; ele os viu procurar cadeiras e escolher três em um canto

onde pudessem continuar conversando em particular. O Sr. Flushing estava agora no auge do seu discurso. Ele pegou uma folha de papel na qual fez desenhos enquanto prosseguia com sua palestra. Ele viu Rachel se inclinar e olhar, apontando para isso e aquilo com o dedo. Hewet comparou rudemente o Sr. Flushing, que estava extremamente bem vestido para um clima quente, e de maneiras bastante elaboradas, a um lojista muito persuasivo. Enquanto isso, enquanto olhava para eles, ele se viu enredado nos Thornburys e na Srta. Allan, que, depois de pairar por ali por um ou dois minutos, instalaram-se em cadeiras ao seu redor, segurando suas xícaras nas mãos. Eles queriam saber se ele poderia contar-lhes alguma coisa sobre o Sr. Bax. O Sr. Thornbury, como sempre, ficou sentado sem dizer nada, olhando vagamente para frente, levantando ocasionalmente os óculos, como se fosse colocá-los, mas sempre pensando melhor no último momento, e deixando-os cair novamente. Depois de alguma discussão, as senhoras deixaram sem sombra de dúvida que o Sr. Bax não era filho do Sr. Houve uma pausa. Então a Sra. Thornbury observou que ela ainda tinha o hábito de dizer Rainha em vez de Rei no Hino Nacional. Houve outra pausa. Então Miss Allan observou reflexivamente que ir à igreja no estrangeiro sempre a fazia sentir-se como se tivesse estado no funeral de um marinheiro. Houve então uma pausa muito longa, que ameaçava ser definitiva, quando, felizmente, um pássaro do tamanho de uma pega, mas de cor azul metálico, apareceu no trecho do terraço que se avistava de onde estavam sentados. A Sra. Thornbury foi levada a perguntar se gostaríamos que todas as nossas gralhas fossem azuis - "O que você acha, William?" ela perguntou, tocando o joelho do marido.

"Se todas as nossas torres fossem azuis", disse ele, ele ergueu os óculos; na verdade, ele os colocou no nariz - "eles não viveriam muito em Wiltshire", concluiu; ele deixou cair os óculos para o lado novamente. Os três idosos

olhavam agora meditativamente para o pássaro, que era tão solícito que ficava no meio da vista por um espaço de tempo considerável, tornando desnecessário que voltassem a falar. Hewet começou a se perguntar se não poderia ir até o canto dos Flushing, quando Hirst apareceu do fundo, sentou-se em uma cadeira ao lado de Rachel e começou a falar com ela com toda a aparência de familiaridade. Hewet não aguentou mais. Ele se levantou, pegou o chapéu e saiu correndo.

## 18. Capítulo Dezoito

Noivado, expectativa, reações sociais e mudança de horizonte para Rachel.

TUDO o que ele viu foi desagradável para ele. Ele odiava o azul e o branco, a intensidade e a definição, o zumbido e o calor do sul; a paisagem lhe parecia tão dura e romântica quanto um fundo de papelão no palco, e a montanha apenas uma tela de madeira contra um lençol pintado de azul. Ele caminhava rápido, apesar do calor do sol.

Duas estradas saíam da cidade pelo lado leste; uma ramificava-se em direção à vila dos Ambroses, a outra seguia para o interior, chegando finalmente a uma aldeia na planície, mas muitas trilhas, que haviam sido marcadas na terra quando estava molhada, saíam dela, através de grandes campos secos, para casas de fazenda espalhadas e vilas de nativos ricos. Hewet saiu da estrada para uma delas, a fim de evitar a dureza e o calor da estrada principal, cuja poeira era sempre levantada em pequenas nuvens por carroças e moscas em ruínas que transportavam grupos de camponeses festivos, ou perus inchando desigualmente como um feixe de bolas de ar debaixo de uma rede, ou pela cama de latão e caixas de madeira preta de algum casal recém-casado.

O exercício de fato serviu para afastar as irritações superficiais da manhã, mas ele continuou infeliz. Parecia provado, sem sombra de dúvida, que Rachel era indiferente a ele, pois mal olhara para ele e conversara com o Sr. Flushing com o mesmo interesse com que conversava com ele. Finalmente, as palavras odiosas de Hirst atingiram sua mente como um chicote, e ele se lembrou de que a havia deixado conversando com Hirst. Ela estava naquele momento conversando com ele, e poderia ser verdade, como ele disse, que ela estava apaixonada por ele. Ele examinou todas as evidências para essa

suposição — o súbito interesse dela pelos escritos de Hirst, a maneira como ela citava as opiniões dele com respeito ou apenas com uma meia risada; o próprio apelido que ela deu a ele, “o grande homem”, pode ter algum significado sério. Supondo que houvesse um entendimento entre eles, o que isso significaria para ele?

"Droga!" ele exigiu, "estou apaixonado por ela?" Para isso ele só poderia dar uma resposta. Ele certamente estava apaixonado por ela, se soubesse o que significava amor. Desde que a vira pela primeira vez, ele se sentira interessado e atraído, cada vez mais interessado e atraído, até que mal conseguia pensar em mais nada além de Rachel. Mas no momento em que estava entrando em um dos longos banquetes de meditação sobre os dois, ele se conteve perguntando se queria se casar com ela. Esse era o verdadeiro problema, pois essas misérias e agonias não podiam ser suportadas e era necessário que ele se decidisse. Ele imediatamente decidiu que não queria se casar com ninguém. Em parte porque estava irritado com Rachel, a ideia do casamento também o irritava. Imediatamente sugeriu a imagem de duas pessoas sentadas sozinhas diante do fogo; o homem estava lendo, a mulher costurando. Havia uma segunda foto. Viu um homem levantar-se de um salto, dar-lhe boa-noite, abandonar a companhia e afastar-se apressadamente com o olhar tranqüilo e secreto de quem está roubando a felicidade certa. Ambas as fotos eram muito desagradáveis, e ainda mais uma terceira foto, de marido, mulher e amigo; e as pessoas casadas olhando umas para as outras como se estivessem satisfeitas em deixar algo passar sem questionar, sendo elas próprias possuidoras da verdade mais profunda. Outras fotos — ele andava muito rápido em sua irritação, e elas surgiram diante dele sem nenhum esforço consciente, como fotos em uma folha — sucederam-nas. Ali estavam o desgastado marido e mulher sentados com os filhos ao seu redor,

muito pacientes, tolerantes e sábios. Mas esse também era um quadro desagradável. Ele tentou todos os tipos de fotos, tirando-as da vida de amigos seus, pois conhecia muitos casais diferentes; mas ele sempre os via, encerrados numa sala quente e iluminada pela lareira. Quando, por outro lado, começou a pensar nas pessoas solteiras, viu-as activas num mundo ilimitado; acima de tudo, estando no mesmo terreno que os demais, sem abrigo ou vantagem. Todos os seus amigos mais individuais e humanos eram solteiros e solteiros; na verdade, ficou surpreso ao descobrir que as mulheres que mais admirava e que melhor conhecia eram as solteiras. O casamento parecia ser pior para eles do que para os homens. Saindo dessas fotos gerais ele considerou as pessoas que vinha observando ultimamente no hotel. Muitas vezes ele girava essas questões em sua mente, enquanto observava Susan e Arthur, ou o Sr. e a Sra. Thornbury, ou o Sr. e a Sra. Elliot. Ele observara como a tímida alegria e a surpresa do casal de noivos foram aos poucos sendo substituídas por um estado de espírito confortável e tolerante, como se já tivessem encerrado a aventura da intimidade e estivessem assumindo seus papéis. Susan costumava perseguir Arthur com um suéter, porque um dia ele deixou escapar que um irmão dele havia morrido de pneumonia. A visão o divertiu, mas não foi agradável se você substituísse Arthur e Susan por Terence e Rachel; e Arthur estava muito menos ansioso para encurralá-lo e falar sobre vôo e mecânica de aviões. Eles iriam se acalmar. Ele então olhou para os casais que estavam casados há vários anos. Era verdade que a Sra. Thornbury tinha um marido e, na maior parte do tempo, ela era maravilhosamente bem-sucedida em trazê-lo para a conversa, mas não se podia imaginar o que diziam um ao outro quando estavam sozinhos. Havia a mesma dificuldade em relação aos Elliot, exceto que eles provavelmente discutiam abertamente em particular. Às vezes brigavam em

público, embora essas divergências fossem dolorosamente encobertas por pequenas insinceridades por parte da esposa, que tinha medo da opinião pública, porque era muito mais estúpida que o marido e tinha de fazer esforços para mantê-lo sob controle. Não poderia haver dúvida, decidiu ele, de que teria sido muito melhor para o mundo se estes casais se tivessem separado. Mesmo os Ambrósios, a quem ele admirava e respeitava profundamente - apesar de todo o amor entre eles, o seu casamento não era também um compromisso? Ela deu lugar a ele; ela o estragou; ela arrumou as coisas para ele; ela, que era totalmente verdadeira para os outros, não era fiel ao marido, não era fiel aos amigos se eles entrassem em conflito com o marido. Era uma falha estranha e lamentável em sua natureza. Talvez Rachel estivesse certa quando disse naquela noite no jardim: "Nós trazemos à tona o que há de pior um no outro - deveríamos viver separados".

Não, Rachel estava completamente errada! Todos os argumentos pareciam ser contra assumir o peso do casamento até chegar ao argumento de Rachel, que era manifestamente absurdo. De perseguido, ele se transformou em perseguidor. Permitindo que o caso contra o casamento caducasse, ele começou a considerar as peculiaridades de caráter que a levaram a dizer isso. Ela quis dizer isso? Certamente devemos conhecer o caráter da pessoa com quem passaremos toda a vida; sendo um romancista, deixe-o tentar descobrir que tipo de pessoa ela era. Quando estava com ela não conseguia analisar suas qualidades, porque parecia conhecê-las instintivamente, mas quando estava longe dela às vezes lhe parecia que não a conhecia de jeito nenhum. Ela era jovem, mas também era velha; ela tinha pouca autoconfiança e, ainda assim, era uma boa avaliadora das pessoas. Ela estava feliz; mas o que a fez feliz? Se eles estivessem sozinhos e a excitação tivesse passado e eles tivessem que lidar com os fatos comuns do dia, o que

aconteceria? Olhando para seu próprio caráter, duas coisas lhe pareceram certas: que ele era muito pouco pontual e que não gostava de responder bilhetes. Pelo que ele sabia, Rachel tendia a ser pontual, mas ele não conseguia se lembrar de tê-la visto alguma vez com uma caneta na mão. Deixe-o então imaginar um jantar, digamos no Crooms, e Wilson, que a havia derrubado, falando sobre a situação do Partido Liberal. Ela diria - é claro que ela era absolutamente ignorante em política. No entanto, ela era certamente inteligente e honesta também. O temperamento dela era incerto - isso ele havia notado - e ela não era doméstica, e não era fácil, e não era quieta, nem bonita, exceto em alguns vestidos e em algumas luzes. Mas o grande dom que ela tinha era compreender o que lhe diziam; nunca houve ninguém como ela com quem conversar. Você poderia dizer qualquer coisa, você poderia dizer tudo, e ainda assim ela nunca foi servil. Aí ele se levantou, pois de repente lhe pareceu que sabia menos sobre ela do que sobre qualquer outra pessoa. Todos esses pensamentos já lhe ocorreram muitas vezes; muitas vezes ele tentou argumentar e raciocinar; e novamente ele atingiu o antigo estado de dúvida. Ele não a conhecia e não sabia o que ela sentia, ou se eles poderiam viver juntos, ou se ele queria se casar com ela, e ainda assim estava apaixonado por ela.

Suponhamos que ele fosse até ela e dissesse (diminuiu o passo e começou a falar em voz alta, como se estivesse falando com Raquel):

"Eu adoro você, mas detesto o casamento, odeio sua presunção, sua segurança, seu compromisso e a ideia de você interferindo em meu trabalho, me atrapalhando; o que você responderia?"

Parou, encostou-se no tronco de uma árvore e olhou, sem vê-los, algumas pedras espalhadas na margem do leito seco do rio. Ele viu claramente o rosto

de Rachel, os olhos cinzentos, o cabelo, a boca; o rosto que podia parecer tantas coisas - simples, vazio, quase insignificante, ou selvagem, apaixonado, quase bonito, mas aos olhos dele era sempre o mesmo por causa da extraordinária liberdade com que ela olhava para ele e falava como sentia. O que ela responderia? O que ela sentiu? Ela o amava ou não sentia absolutamente nada por ele ou por qualquer outro homem, sendo, como dissera outra tarde, livre, como o vento ou o mar?

"Ah, você está livre!" ele exclamou, exultante ao pensar nela, "e eu manteria você livre. Seríamos livres juntos. Compartilharíamos tudo juntos. Nenhuma felicidade seria como a nossa. Nenhuma vida se compararia à nossa." Ele abriu os braços como se quisesse segurá-la e ao mundo em um só abraço.

## 19. Capítulo Dezenove

O grupo se prepara para a viagem pelo interior, com tensões e esperanças.

MAS Hewet não precisava ter aumentado seus tormentos imaginando que Hirst ainda estava conversando com Rachel. A festa logo terminou, os Flushings indo em uma direção, Hirst em outra, e Rachel permanecendo no corredor, puxando os papéis ilustrados, virando-se de um para outro, seus movimentos expressando o desejo informe e inquieto em sua mente. Ela não sabia se deveria ir ou ficar, embora a Sra. Flushing tivesse ordenado que ela aparecesse para o chá. O salão estava vazio, exceto pela senhorita Willett, que tocava escalas com os dedos em uma partitura de música sacra, e pelos Carters, um casal opulento que não gostava da garota porque os cadarços dos sapatos estavam desamarrados e ela não parecia suficientemente alegre, o que por algum processo indireto de pensamento os levou a pensar que ela não gostaria deles. Rachel certamente não teria gostado deles, se os tivesse visto, pela excelente razão de que o Sr. Carter depilava o bigode e a Sra. Carter usava pulseiras, e eles eram evidentemente o tipo de pessoas que não gostariam dela; mas ela estava demasiado absorta na sua própria inquietação para pensar ou olhar.

Ela estava folheando as páginas escorregadias de uma revista americana, quando a porta do corredor se abriu, um raio de luz caiu no chão e uma pequena figura branca, sobre quem a luz parecia focada, atravessou a sala em direção a ela.

"O quê! Você está aqui?" Evelyn exclamou. "Acabei de ver você de relance no almoço; mas você não se dignaria a olhar para mim."

Fazia parte do caráter de Evelyn que, apesar de muitas críticas que recebeu ou imaginou, ela nunca desistiu de procurar pessoas que queria conhecer e, no longo prazo, geralmente conseguiu conhecê-las e até mesmo fazê-las gostar dela.

Como Rachel não tinha vontade de ir ou ficar, Evelyn pegou-a pelo pulso e puxou-a para fora do corredor e subiu as escadas. Enquanto subiam as escadas, dois degraus de cada vez, Evelyn, que ainda segurava a mão de Rachel, ejaculou frases entrecortadas sobre não se importar nem um pouco com o que as pessoas diziam. "Por que deveria, se alguém sabe que está certo? E deixe todos irem para o fogo! Essas são as minhas opiniões!"

Ela estava em um estado de grande excitação e os músculos de seus braços se contraíam nervosamente. Era evidente que ela estava apenas esperando a porta se fechar para contar tudo a Rachel. Na verdade, assim que eles entraram no quarto dela, ela sentou-se na ponta da cama e disse: "Suponho que você acha que estou louca?"

Rachel não estava com vontade de pensar claramente sobre o estado de espírito de ninguém. Ela, no entanto, estava com vontade de dizer diretamente o que lhe ocorreu, sem medo das consequências. "Alguém lhe pediu em casamento", ela comentou.

"Como diabos você adivinhou isso?" — exclamou Evelyn, um pouco de prazer misturado com surpresa. "Pareço que acabei de receber uma proposta?"

"Parece que você os toma todos os dias", respondeu Rachel.

"Mas não creio que tenha bebido mais do que você", Evelyn riu de maneira um tanto insincera.

"Eu nunca tive um."

"Mas você vai... muito... é a coisa mais fácil do mundo... Mas não foi exatamente isso que aconteceu esta tarde. É... Ah, é uma confusão, uma confusão detestável, horrível, nojenta!"

Ela foi até o lavatório e começou a passar água fria no rosto; pois eles estavam queimando. Ainda passando a esponja e tremendo um pouco, ela se virou e explicou com a voz estridente de excitação nervosa: "Alfred Perrott diz que prometi me casar com ele, e digo que nunca o fiz. Sinclair diz que vai se matar se eu não me casar com ele, e eu digo: 'Bem, dê um tiro em si mesmo!' Mas é claro que ele não faz isso - eles nunca fazem isso. E Sinclair entrou em contato comigo esta tarde e começou a me incomodar para que eu desse uma resposta, e me acusou de flertar com Alfred Perrott, e me disse que eu não tinha coração, e que era apenas uma sereia, ah, e muitas coisas agradáveis como essa. Então finalmente eu disse a ele: 'Bem, Sinclair, você já disse o suficiente. Você pode simplesmente me deixar ir. E então ele me pegou e me beijou - o bruto nojento - ainda posso sentir seu rosto peludo e nojento bem ali - como se ele tivesse algum direito, depois do que ele disse!

Ela limpou energicamente uma mancha na bochecha esquerda.

"Nunca conheci um homem que pudesse ser comparado a uma mulher!" ela chorou; "eles não têm dignidade, não têm coragem, não têm nada além de suas paixões bestiais e sua força bruta! Alguma mulher teria se comportado assim - se um homem tivesse dito que não a queria? Temos muito respeito próprio; somos infinitamente melhores do que eles."

Ela caminhou pela sala, enxugando o rosto molhado com uma toalha. As lágrimas agora escorriam junto com as gotas de água fria.

"Isso me deixa com raiva", explicou ela, secando os olhos.

Rachel ficou olhando para ela. Ela não pensou na posição de Evelyn; ela apenas pensava que o mundo estava cheio de pessoas atormentadas.

"Só tem um homem aqui de quem eu realmente gosto", continuou Evelyn; "Terence Hewet. Parece que podemos confiar nele."

Ao ouvir essas palavras, Rachel sentiu um calafrio indescritível; seu coração parecia pressionado por mãos frias.

"Por quê?" ela perguntou. "Por que você pode confiar nele?"

"Não sei", disse Evelyn. "Você não tem sentimentos em relação às pessoas? Sentimentos que você tem certeza absoluta de que estão certos? Tive uma longa conversa com Terence outra noite. Senti que realmente éramos amigos depois disso. Há algo de mulher nele..." Ela fez uma pausa como se estivesse pensando em coisas muito íntimas que Terence havia lhe contado, ou pelo menos assim Rachel interpretou seu olhar.

Ela tentou se forçar a dizer: "Ele pediu você em casamento?" mas a questão era tremenda demais, e em outro momento Evelyn estava dizendo que os melhores homens eram como as mulheres, e as mulheres eram mais nobres que os homens — por exemplo, não se poderia imaginar uma mulher como Lillah Harrison pensando algo ruim ou tendo algo vil sobre ela.

"Como eu gostaria que você a conhecesse!" ela exclamou.

Ela estava ficando muito mais calma e suas bochechas estavam agora bastante secas. Seus olhos haviam recuperado a expressão habitual de vitalidade e ela parecia ter esquecido Alfred e Sinclair e sua emoção.

"Lillah administra um lar para mulheres bêbadas em Deptford Road", ela continuou; "Ela começou, administrou, fez tudo sozinha, e agora é o maior do gênero na Inglaterra. Você não consegue imaginar como são essas mulheres - e suas casas. Mas ela está entre elas a qualquer hora do dia e da noite. Estive com ela muitas vezes... Esse é o problema conosco... Nós não fazemos coisas. O que você faz?" ela exigiu, olhando para Rachel com um sorriso levemente irônico. Rachel mal tinha ouvido nada disso e sua expressão era vazia e infeliz. Ela tinha uma aversão igual por Lillah Harrison e seu trabalho em Deptford Road, e por Evelyn M. e sua profusão de casos amorosos.

"Eu jogo", disse ela com uma afetação de compostura impassível.

"É isso!" Evelyn riu. "Nenhum de nós faz nada além de brincar. E é por isso que mulheres como Lillah Harrison, que vale vinte de você e eu, têm que trabalhar até os ossos. Mas estou cansada de brincar", continuou ela, deitada na cama e levantando os braços acima da cabeça. Assim esticada, ela parecia mais diminuta do que nunca.

"Vou fazer uma coisa. Tive uma ideia esplêndida. Olhe aqui, você deve se juntar. Tenho certeza de que você tem muitas coisas dentro de você, embora pareça... bem, como se tivesse vivido toda a sua vida em um jardim." Ela se sentou e começou a explicar com animação. "Eu pertenço a um clube em Londres. Ele se reúne todos os sábados, por isso é chamado de Saturday Club. Devíamos conversar sobre arte, mas estou cansado de falar sobre arte - qual é a vantagem disso? Com todos os tipos de coisas reais acontecendo na primeira rodada? Não é como se eles tivessem algo a dizer sobre arte também. Então, o que vou dizer a eles é que já conversamos o suficiente sobre arte, e é melhor falarmos sobre a vida, para variar. Questões que realmente importam para a vida das pessoas, o Tráfico de Escravos Brancos,

o Sufrágio Feminino, a Lei do Seguro e assim por diante. E quando tivermos decidido o que queremos fazer, poderemos formar uma sociedade para fazê-lo... Tenho certeza de que se pessoas como nós tomassem as coisas sob controle, em vez de deixá-las para policiais e magistrados, poderíamos acabar com a... prostituição" - ela baixou a voz ao ouvir a palavra feia - "em seis meses. A minha ideia é que homens e mulheres deveriam participar nestas questões. Devíamos ir a Piccadilly, deter um destes pobres coitados e dizer: 'Agora, olhe aqui, não sou melhor do que você, e não pretendo ser melhor, mas você está fazendo o que você sabe ser bestial, e não permitirei que você faça coisas bestiais, porque somos todos iguais sob nossas peles, e se você fizer uma coisa bestial, isso importa para mim.' acredite."

Quando Evelyn começou a falar — um fato do qual muitas vezes se arrependia —, seus pensamentos vinham tão rapidamente que ela nunca tinha tempo para ouvir os pensamentos das outras pessoas. Ela continuou sem mais pausa do que o necessário para respirar.

"Não vejo por que o pessoal do clube de sábado não deveria fazer um ótimo trabalho nesse sentido", ela continuou. "É claro que seria necessária organização, alguém que desse a vida a isso, mas estou pronto para fazer isso. Minha ideia é pensar primeiro nos seres humanos e deixar que as ideias abstratas tomem conta de si mesmas. O que há de errado com Lillah — se é que há alguma coisa errada — é que ela pensa primeiro em Temperança e depois nas mulheres. Agora, há uma coisa que direi para meu crédito", continuou ela; "Não sou intelectual, nem artística, nem nada desse tipo, mas sou muito humana." Ela saiu da cama e sentou-se no chão, olhando para Rachel. Ela olhou para seu rosto como se estivesse tentando ler que tipo de personagem estava escondido atrás do rosto. Ela colocou a mão no joelho de Rachel.

"É ser humano que conta, não é?" ela continuou. "Sendo real, não importa o que o Sr. Hirst possa dizer. Você é real?"

Rachel sentia, da mesma forma que Terence, que Evelyn estava muito perto dela e que havia algo de excitante nessa proximidade, embora também fosse desagradável. Ela foi poupada da necessidade de encontrar uma resposta para a pergunta, pois Evelyn prosseguiu: "Você acredita em alguma coisa?"

Para pôr fim ao escrutínio daqueles olhos azuis brilhantes e para aliviar a sua própria inquietação física, Rachel empurrou a cadeira para trás e exclamou: "Em tudo!" e comecei a mexer em diversos objetos, os livros sobre a mesa, as fotografias, a planta de folhas carnudas e cerdas duras, que ficava num grande pote de barro na janela.

"Eu acredito na cama, nas fotografias, no penico, na varanda, no sol, na Sra. Flushing", ela comentou, ainda falando de forma imprudente, com algo no fundo de sua mente forçando-a a dizer coisas que normalmente não se diz: "Mas eu não acredito em Deus, não acredito no Sr. Bax, não acredito na enfermeira do hospital. Eu não acredito..." Ela pegou uma fotografia e, olhando para ela, não terminou. sentença.

"Essa é minha mãe", disse Evelyn, que permaneceu sentada no chão, unindo os joelhos com os braços, e observando Rachel com curiosidade.

Rachel considerou o retrato. "Bem, eu não acredito muito nela", ela comentou depois de um tempo em tom de voz baixo. A Sra. Murgatroyd realmente parecia ter perdido a vida; ela se ajoelhou em uma cadeira, olhando com pena por trás do corpo de um cachorro da Pomerânia que ela apertou contra o rosto, como se para proteção.

“E esse é meu pai”, disse Evelyn, pois havia duas fotografias em um porta-retratos. A segunda fotografia representava um belo soldado com feições altas e regulares e um grosso bigode preto; sua mão repousava no punho da espada; havia uma nítida semelhança entre ele e Evelyn.

“E é por causa delas”, disse Evelyn, “que vou ajudar as outras mulheres. Você já ouviu falar de mim, suponho?”

Rachel sentou-se na cama, com as duas fotos nas mãos, e comparou-as: o homem e a mulher que, segundo Evelyn disse, se amavam. Esse fato interessava-lhe mais do que a campanha em favor das mulheres infelizes que Evelyn começava mais uma vez a descrever. Ela olhou novamente de um para o outro.

“Como você acha que é”, ela perguntou, enquanto Evelyn parou por um minuto, “estar apaixonado?”

“Você nunca se apaixonou?” Evelyn perguntou. “Ah, não, basta olhar para você para ver isso”, acrescentou ela. Ela considerou. “Eu realmente estive apaixonada uma vez”, disse ela. Ela caiu em reflexão, seus olhos perdendo a vitalidade brilhante e aproximando-se de algo como uma expressão de ternura. “Foi maravilhoso! - enquanto durou. O pior é que não durou, não comigo. Esse é o problema.”

Ela passou a considerar a dificuldade com Alfred e Sinclair sobre a qual fingira pedir conselhos a Rachel. Mas ela não queria conselhos; ela queria intimidade. Ao olhar para Rachel, que ainda olhava as fotos na cama, não pôde deixar de perceber que Rachel não estava pensando nela. O que ela estava pensando então? Evelyn era atormentada pela pequena centelha de vida que havia dentro dela, que sempre tentava transmitir a outras pessoas e

era sempre rejeitada. Calando-se, ela olhou para a visitante, para os sapatos, para as meias, para os pentes no cabelo, para todos os detalhes do vestido, em suma, como se captando cada detalhe pudesse aproximar-se da vida interior.

Rachel finalmente largou as fotografias, foi até a janela e comentou: "É estranho. As pessoas falam tanto de amor quanto de religião".

"Gostaria que você se sentasse e conversasse", disse Evelyn impacientemente. Em vez disso, Rachel abriu a janela, que era formada por duas longas vidraças, e olhou para o jardim abaixo.

"Foi aí que nos perdemos na primeira noite", disse ela. "Deve ter sido naqueles arbustos."

"Eles matam galinhas lá embaixo", disse Evelyn. "Eles cortaram suas cabeças com uma faca... nojento! Mas me diga... o que..."

"Eu gostaria de explorar o hotel," Rachel interrompeu. Ela encolheu a cabeça e olhou para Evelyn, que ainda estava sentada no chão.

"É como outros hotéis", disse Evelyn.

Talvez fosse assim, embora cada cômodo, cada corredor e cada cadeira do lugar tivessem um caráter próprio aos olhos de Rachel; mas ela não conseguia mais ficar no mesmo lugar. Ela se moveu lentamente em direção à porta.

"O que você quer?" disse Evelyn. "Você me faz sentir como se estivesse sempre pensando em algo que não diz... Diga!"

Mas Rachel também não respondeu a esse convite. Ela parou com os dedos na maçaneta da porta, como se lembrasse que algum tipo de pronunciamento lhe era devido.

"Suponho que você vai se casar com um deles", disse ela, e então girou a maçaneta e fechou a porta atrás de si. Ela caminhou lentamente pelo corredor, passando a mão pela parede ao lado dela. Ela não pensou para onde estava indo e, portanto, desceu por um corredor que só levava a uma janela e a uma varanda. Ela olhou para a cozinha, o lado errado da vida do hotel, separado do lado direito por um labirinto de pequenos arbustos. O chão estava descoberto, latas velhas estavam espalhadas e os arbustos usavam toalhas e aventais na cabeça para secar. De vez em quando, um garçom aparecia de avental branco e jogava lixo em uma pilha. Duas mulheres corpulentas com vestidos de algodão estavam sentadas num banco com bandejas de lata manchadas de sangue à sua frente e corpos amarelos apoiados nos joelhos. Eles estavam depenando os pássaros e conversando enquanto depenavam. De repente, uma galinha veio se debatendo, meio voando, meio correndo pelo espaço, perseguida por uma terceira mulher cuja idade dificilmente poderia ser inferior a oitenta anos. Embora enrugada e com as pernas instáveis, ela continuou a perseguição, estimulada pelas risadas dos outros; seu rosto expressava uma raiva furiosa e, enquanto corria, praguejou em espanhol. Assustado com palmas aqui, guardanapos ali, o pássaro correu de um lado para o outro em ângulos agudos, e finalmente voou direto para a velha, que abriu suas escassas saias cinzentas para envolvê-lo, deixou-o cair em um embrulho e então, estendendo-o, cortou-lhe a cabeça com uma expressão de energia vingativa e triunfo combinados. O sangue e o movimento feio fascinaram Rachel, de modo que, embora soubesse que alguém havia chegado por trás e estava parado ao lado dela,

ela não se virou até que a velha se acomodasse no banco ao lado dos outros. Então ela ergueu os olhos bruscamente, por causa da feiúra do que tinha visto. Foi a senhorita Allan quem ficou ao lado dela.

"Não é uma visão bonita", disse Miss Allan, "embora eu ouse dizer que é realmente mais humano do que o nosso método... Não acredito que você já tenha estado no meu quarto", acrescentou ela, e se virou como se quisesse que Rachel a seguisse. Rachel seguiu-a, pois parecia possível que cada nova pessoa pudesse remover o mistério que a pesava.

Os quartos do hotel seguiam todos o mesmo padrão, exceto que alguns eram maiores e outros menores; cada um tinha piso de ladrilho vermelho escuro; cada um tinha uma cama alta, coberta por cortinas mosquiteiras; cada um tinha uma escrivaninha, uma penteadeira e duas poltronas. Mas assim que a caixa foi desempacotada, os quartos tornaram-se muito diferentes, de modo que o quarto da Srta. Allan era muito diferente do quarto de Evelyn. Não havia alfinetes de chapéu de cores variadas na penteadeira; sem frascos de perfume; sem tesouras estreitas e curvas; nenhuma grande variedade de sapatos e botas; nada de anáguas de seda sobre as cadeiras. O quarto era extremamente arrumado. Parecia haver dois pares de tudo. A escrivaninha, porém, estava repleta de manuscritos, e uma mesa foi colocada ao lado da poltrona, sobre a qual havia duas pilhas separadas de livros escuros da biblioteca, nos quais havia muitos pedaços de papel salientes em diferentes graus de espessura. Miss Allan pediu a Rachel que entrasse por gentileza, pensando que ela estava esperando sem nada para fazer. Além disso, ela gostava de mulheres jovens, pois havia ensinado muitas delas, e tendo recebido tanta hospitalidade dos Ambrósios, estava feliz por poder retribuir uma pequena parte dela. Ela olhou em volta em busca de algo para mostrar a ela. A sala não oferecia muito entretenimento. Ela tocou seu manuscrito.

"Era de Chaucer; Idade de Isabel; Era de Dryden", ela refletiu; "Ainda bem que não há muito mais idades. Ainda estou em meados do século XVIII. Não quer se sentar, senhorita Vinrace? A cadeira, embora pequena, é firme... Euphues. O germe do romance inglês", continuou ela, olhando para outra página. "É esse o tipo de coisa que lhe interessa?"

Ela olhou para Rachel com muita gentileza e simplicidade, como se ela fosse fazer o máximo para lhe proporcionar tudo o que desejasse. Essa expressão tinha um encanto notável num rosto muito marcado pelo cuidado e pela reflexão.

"Ah, não, para você é música, não é?" ela continuou, lembrando, "e geralmente acho que eles não combinam. Às vezes, é claro, temos prodígios..." Ela estava procurando alguma coisa ao redor e agora viu um pote sobre a lareira que ela estendeu a mão e deu a Rachel. "Se você colocar o dedo neste pote, poderá extrair um pedaço de gengibre em conserva. Você é um prodígio?"

Mas o gengibre era profundo e não podia ser alcançado.

"Não se preocupe", disse ela, enquanto a Srta. Allan procurava algum outro utensílio. "Atrevo-me a dizer que não gostaria de gengibre em conserva."

"Você nunca tentou?" perguntou a Srta. Allan. "Então considero que é seu dever tentar agora. Ora, você pode acrescentar um novo prazer à vida, e como ainda é jovem..." Ela se perguntou se um gancho de botão serviria. "Eu estabeleço como regra tentar de tudo", disse ela. "Você não acha que seria muito chato se você provasse gengibre pela primeira vez em seu leito de morte e descobrisse que nunca gostou tanto de nada? Eu ficaria tão irritado que acho que deveria ficar bom só por causa disso."

Ela agora teve sucesso e um pedaço de gengibre surgiu na ponta do gancho. Enquanto ia limpar o gancho, Rachel mordeu o gengibre e gritou imediatamente: "Preciso cuspir!"

"Tem certeza de que realmente provou?" Senhorita Allan exigiu.

Como resposta, Rachel jogou-o pela janela.

"De qualquer forma, é uma experiência", disse Miss Allan calmamente. "Deixe-me ver, não tenho mais nada para lhe oferecer, a menos que você queira provar isso." Um pequeno armário estava pendurado acima de sua cama, e ela tirou dele um frasco fino e elegante cheio de um líquido verde brilhante.

"Crème de Menthe", disse ela. "Licor, você sabe. Parece que eu bebi, não é? Na verdade, isso prova que sou uma pessoa excepcionalmente abstinente. Tenho esse pote há vinte e seis anos", acrescentou ela, olhando-o com orgulho, enquanto o virava, e pela altura do líquido era possível ver que a garrafa ainda estava intacta.

"Vinte e seis anos?" Exclamou Raquel.

Miss Allan ficou satisfeita, pois pretendia que Rachel ficasse surpresa.

"Quando fui a Dresden, há vinte e seis anos", disse ela, "uma certa amiga minha anunciou sua intenção de me dar um presente. Ela achava que em caso de naufrágio ou acidente um estimulante poderia ser útil. Embora uma vez eu tenha ficado detido vinte e quatro horas por causa de um acidente no trem à minha frente, nunca sofri nenhum acidente. Sim", continuou ela, agora dirigindo-se à garrafa, "vimos muitos climas e armários juntos, não vimos? Pretendo um dia destes mandar fazer uma etiqueta prateada com

uma inscrição. É um cavalheiro, como você pode observar, e seu nome é Oliver.... Eu não acho que poderia te perdoar. Senhorita Vinrace, se você quebrou meu Oliver," ela disse, tirando firmemente a garrafa das mãos de Rachel e colocando-a no armário.

Rachel estava balançando a garrafa pelo gargalo. Ela se interessou pela senhorita Allan a ponto de esquecer a garrafa. "Bem", ela exclamou, "eu acho isso estranho; ter um amigo há vinte e seis anos, e uma garrafa, e - ter feito todas aquelas viagens."

"De jeito nenhum; eu chamo isso de inverso de estranho", respondeu a Srta. Allan. "Sempre me considerei a pessoa mais comum que conheço. É bastante distinto ser tão comum quanto sou. Esqueci: você é um prodígio ou disse que não era um prodígio?"

Ela sorriu para Rachel muito gentilmente. Ela parecia ter sabido e experimentado tanta coisa, enquanto se movia desajeitadamente pela sala, que certamente deveria haver bálsamo para toda angústia em suas palavras, se alguém pudesse induzi-la a recorrer a elas. Mas Miss Allan, que agora trancava a porta do armário, não dava sinais de quebrar a reticência que a havia dominado durante anos. Uma sensação desconfortável manteve Rachel em silêncio; por um lado, ela queria girar alto e acender uma faísca na carne rosada e fresca; por outro lado, ela percebeu que não havia nada a fazer senão passar um pelo outro em silêncio.

"Não sou um prodígio. Acho muito difícil dizer o que quero dizer..." ela observou longamente.

- Acredito que seja uma questão de temperamento - ajudou-a Miss Allan. "Há algumas pessoas que não têm dificuldade; pessoalmente, acho que há muitas

coisas que simplesmente não consigo dizer. Mas então me considero muito lento. Uma de minhas colegas, agora, sabe se gosta de você ou não - deixe-me ver, como ela faz isso? - pela maneira como você diz bom dia no café da manhã. Às vezes, é uma questão de anos até que eu possa me decidir. Mas a maioria dos jovens parece achar isso fácil?"

"Ah, não", disse Rachel. "É difícil!"

Miss Allan olhou para Rachel calmamente, sem dizer nada; ela suspeitava que houvesse algum tipo de dificuldade. Então ela colocou a mão na nuca e descobriu que um dos cachos de cabelo grisalho havia se soltado.

"Devo pedir-lhe que tenha a gentileza de me desculpar", disse ela, levantando-se, "se eu arrumar meu cabelo. Nunca encontrei um tipo satisfatório de grampo de cabelo. Devo mudar meu vestido também, por falar nisso; e ficaria particularmente feliz com sua ajuda, porque há um conjunto cansativo de ganchos que posso prender sozinha, mas leva de dez a quinze minutos; enquanto que com sua ajuda..."

Ela tirou o casaco, a saia e a blusa e ficou penteando-se diante do vidro, uma figura enorme e caseira, com a anágua tão curta que ela se apoiava sobre um par de pernas grossas e cinza-ardósia.

"As pessoas dizem que a juventude é agradável; eu mesma acho a meia-idade muito mais agradável", observou ela, tirando os grampos de cabelo e os pentes e pegando a escova. Quando caiu, seu cabelo só desceu até o pescoço.

"Quando alguém era jovem", continuou ela, "as coisas poderiam parecer muito sérias se alguém fosse feito dessa maneira... E agora meu vestido."

Em um espaço de tempo maravilhosamente curto, seu cabelo foi reformado em suas habituais voltas. A metade superior de seu corpo agora ficou verde escura com listras pretas; a saia, porém, precisava ser presa em vários ângulos, e Rachel teve que se ajoelhar no chão, encaixando os olhos nos ganchos.

"Nossa senhorita Johnson costumava achar a vida muito insatisfatória, eu me lembro", continuou a senhorita Allan. Ela virou as costas para a luz. "E então ela começou a criar porquinhos-da-índia por causa de suas manchas e ficou absorta nisso. Acabei de ouvir que a porquinho-da-índia amarela teve um bebê preto. Fizemos uma aposta de seis centavos sobre isso. Ela ficará muito triunfante." A saia estava presa. Ela se olhou no espelho com a curiosa rigidez do rosto geralmente causada por olhar no espelho.

"Estou em condições de encontrar meus semelhantes?" ela perguntou. "Esqueci como é - mas eles acham que os animais pretos muito raramente têm bebês coloridos - pode ser o contrário. Já me explicaram isso tantas vezes que é muito estúpido da minha parte ter esquecido de novo."

Ela se movia pela sala, adquirindo pequenos objetos com força silenciosa e fixando-os em torno de si - um medalhão, um relógio e uma corrente, uma pesada pulseira de ouro e o botão multicolorido de uma sociedade sufragista. Finalmente, completamente preparada para o chá de domingo, ela ficou diante de Rachel e sorriu gentilmente para ela. Ela não era uma mulher impulsiva e sua vida a ensinou a conter a língua. Ao mesmo tempo, possuía uma grande boa vontade para com os outros, e em particular para com os jovens, o que muitas vezes a fazia lamentar que o discurso fosse tão difícil.

"Vamos descer?" ela disse.

Ela colocou uma mão no ombro de Rachel e, curvando-se, pegou um par de sapatos de caminhada com a outra e colocou-os cuidadosamente lado a lado do lado de fora da porta. Enquanto caminhavam pelo corredor, passaram por muitos pares de botas e sapatos, alguns pretos e outros marrons, todos lado a lado, e todos diferentes, até mesmo no modo como estavam deitados juntos.

"Sempre achei que as pessoas são tão parecidas com suas botas", disse Miss Allan. "Essa é da Sra. Paley..." mas enquanto ela falava a porta se abriu, e a Sra. Paley rolou em sua cadeira, equipada também para o chá.

Ela cumprimentou a senhorita Allan e Rachel.

"Eu estava dizendo que as pessoas são tão parecidas com suas botas", disse Miss Allan. A Sra. Paley não ouviu. Ela repetiu ainda mais alto. A Sra. Paley não ouviu. Ela repetiu pela terceira vez. A Sra. Paley ouviu, mas não entendeu. Ela aparentemente estava prestes a repetir pela quarta vez, quando Rachel de repente disse algo inarticulado e desapareceu no corredor. Esse mal-entendido, que envolvia um bloqueio total da passagem, parecia-lhe insuportável. Ela caminhou rápida e cegamente na direção oposta e se viu no final de um beco sem saída. Havia uma janela, e uma mesa e uma cadeira na janela, e sobre a mesa havia um tinteiro enferrujado, um cinzeiro, um exemplar velho de um jornal francês e uma caneta com a ponta quebrada. Rachel sentou-se, como se fosse ler o jornal francês, mas uma lágrima caiu na impressão francesa borrada, formando uma mancha suave. Ela ergueu a cabeça bruscamente, exclamando em voz alta: "É intolerável!" Olhando pela janela com olhos que não teriam visto nada mesmo se não estivessem atordoados pelas lágrimas, ela finalmente se entregou aos abusos violentos durante todo o dia. Foi horrível do começo ao fim; primeiro, o serviço religioso na capela; depois almoço; depois Evelyn; então senhorita Allan;

então a velha Sra. Paley bloqueando a passagem. Durante todo o dia ela foi atormentada e adiada. Ela havia chegado agora a uma daquelas eminências, fruto de alguma crise, a partir da qual o mundo finalmente se mostra em suas verdadeiras proporções. Ela não gostava imensamente da aparência daquilo — igrejas, políticos, desajustados e grandes imposturas — homens como o Sr. Dalloway, homens como o Sr. Bax, Evelyn e sua tagarelice, a Sra. Paley bloqueando a passagem. Enquanto isso, a batida constante de sua pulsação representava a corrente quente de sentimentos que descia por baixo; batendo, lutando, se preocupando. Na época, seu próprio corpo era a fonte de toda a vida no mundo, que tentava surgir aqui — ali — e agora era reprimida pelo Sr. Bax, ora por Evelyn, ora pela imposição de uma estupidez pesada — o peso do mundo inteiro. Assim atormentada, ela torcia as mãos, pois todas as coisas estavam erradas, todas as pessoas eram estúpidas. Vendo vagamente que havia pessoas no jardim, ela as representou como massas de matéria sem objetivo, flutuando de um lado para outro, sem objetivo, exceto para impedi-la. O que eles estavam fazendo, aquelas outras pessoas no mundo?

“Ninguém sabe”, disse ela. A força de sua raiva estava começando a se esgotar, e a visão do mundo que era tão vívida tornou-se turva.

“É um sonho”, ela murmurou. Ela considerou o tinteiro enferrujado, a caneta, o cinzeiro e o velho jornal francês. Esses objetos pequenos e sem valor pareciam-lhe representar vidas humanas.

“Estamos dormindo e sonhando”, ela repetiu. Mas a possibilidade que agora se sugeria de que uma das formas pudesse ser a forma de Terence despertou-a da sua letargia melancólica. Ela ficou tão inquieta quanto antes de se sentar. Ela não era mais capaz de ver o mundo como uma cidade

abaixo dela. Em vez disso, estava coberto por uma névoa vermelha febril. Ela havia retornado ao estado em que estivera o dia todo. Pensar não era uma fuga. O movimento físico era o único refúgio, dentro e fora dos quartos, dentro e fora das mentes das pessoas, buscando ela não sabia o quê. Portanto ela se levantou, empurrou a mesa para trás e desceu. Ela saiu pela porta do corredor e, virando a esquina do hotel, encontrou-se entre as pessoas que vira da janela. Mas, devido à ampla luz do sol depois das passagens sombreadas e à substância das pessoas vivas depois dos sonhos, o grupo apareceu com uma intensidade surpreendente, como se a superfície empoeirada tivesse sido arrancada de tudo, deixando apenas a realidade e o instante. Tinha a aparência de uma visão impressa na escuridão da noite. Figuras brancas, cinzentas e roxas estavam espalhadas pelo verde; mesas redondas de vime; no meio, a chama da chaleira fazia o ar oscilar como uma lâmina de vidro defeituosa; uma enorme árvore verde pairava sobre eles como se fosse uma força móvel mantida em repouso. Ao se aproximar, ela ouviu a voz de Evelyn repetindo monotonamente: "Aqui, então, aqui, bom cachorrinho, venha aqui;" por um momento nada pareceu acontecer; tudo ficou. ainda assim, e então ela percebeu que uma das figuras era Helen Ambrose; e a poeira começou a baixar novamente.

O grupo, de fato, se reuniu de diversas maneiras; uma mesa de chá unida a outra mesa de chá e espreguiçadeiras servindo para conectar dois grupos. Mas mesmo à distância podia-se ver que a Sra. Flushing, honesta e imperiosa, dominava o partido. Ela estava conversando veementemente com Helen do outro lado da mesa.

"Dez dias sob tela", ela dizia. "Sem conforto. Se você quer conforto, não venha. Mas posso lhe dizer, se você não vier, você se arrependerá por toda a vida. Você disse que sim?"

Nesse momento a Sra. Flushing avistou Rachel.

"Ah, aí está sua sobrinha. Ela prometeu. Você vem, não é?" Tendo adotado o plano, ela o seguiu com a energia de uma criança.

Rachel participou com entusiasmo.

"Claro que vou. Você também, Helen. E o Sr. Pepper também." Ao sentar-se, percebeu que estava rodeada de homens e mulheres que conhecia, mas que Terence não estava entre eles. De vários ângulos as pessoas começaram a dizer o que pensavam da expedição proposta. Segundo alguns, faria calor, mas as noites seriam frias; segundo outros, as dificuldades residiriam antes em conseguir um barco e em falar a língua. A Sra. Flushing descartou todas as objeções, fossem elas devidas ao homem ou à natureza, anunciando que seu marido resolveria tudo isso.

Enquanto isso, o Sr. Flushing explicou calmamente a Helen que a expedição era realmente uma questão simples; demorou cinco dias no máximo; e certamente valia a pena visitar o lugar — uma aldeia nativa — antes de ela retornar à Inglaterra. Helen murmurou de forma ambígua e não se comprometeu com uma resposta e não com outra.

"Bem", ela perguntou de repente, "no que você está pensando?"

"Senhorita Warrington," Rachel respondeu precipitadamente, porque ela precisava dizer alguma coisa. Ela realmente viu Susan murmurando para a Sra. Elliot, enquanto Arthur olhava para ela com total confiança em seu próprio amor. Rachel e Evelyn começaram então a ouvir o que Susan estava dizendo.

“Há a ordenação, os cachorros, o jardim, e as crianças que vêm para serem ensinadas”, sua voz prosseguia ritmicamente, como se estivesse verificando a lista, “e meu tênis, e a aldeia, e cartas para escrever para o pai, e mil coisinhas que não parecem muito; não sou, tia Emma?” (ela sorriu para a velha Sra. Paley, que com a cabeça levemente caída olhava o bolo com carinho especulativo), “e o pai tem que ter muito cuidado com os calafrios do inverno, o que significa muita correria, porque ele não vai cuidar de si mesmo, assim como você, Arthur! Então tudo se acumula!”

Sua voz também aumentou, num leve êxtase de satisfação com sua vida e sua própria natureza. Rachel de repente passou a não gostar de Susan, ignorando tudo o que havia de gentil, modesto e até patético nela. Ela parecia insincera e cruel; ela a viu crescer robusta e prolífica, os gentis olhos azuis agora superficiais e lacrimejantes, a flor das bochechas congeladas em uma rede de canais vermelhos secos.

Helen se virou para ela. “Você foi à igreja?” ela perguntou. Ela havia ganhado seus seis centavos e parecia estar se preparando para partir.

“Sim,” disse Raquel. “Pela última vez”, acrescentou ela. Ao se preparar para calçar as luvas, Helen deixou cair uma.

“Você não vai?” Evelyn perguntou, segurando uma luva como se fosse guardá-las.

“Já é hora de irmos”, disse Helen. “Você não vê como todo mundo está ficando em silêncio...?”

Um silêncio caiu sobre todos, causado em parte por um dos acasos da conversa, e em parte porque viram alguém se aproximando. Helen não conseguiu ver quem era, mas, mantendo os olhos fixos em Rachel, observou

algo que a fez dizer para si mesma: "Então é Hewet". Ela calçou as luvas com uma curiosa noção do significado do momento. Então ela se levantou, pois a Sra. Flushing também tinha visto Hewet e estava exigindo informações sobre rios e barcos, o que mostrava que toda a conversa voltaria agora.

Rachel a seguiu e elas caminharam em silêncio pela avenida. Apesar do que Helen tinha visto e compreendido, o sentimento que dominava a sua mente era agora curiosamente perverso; se ela fosse nessa expedição, não poderia tomar banho; o esforço lhe pareceu grande e desagradável.

"É tão desagradável estar confinada com pessoas que mal conhecemos", observou ela. "Pessoas que se importam de serem vistas nuas."

"Você não pretende ir?" Rachel perguntou.

A intensidade com que isso foi falado irritou a Sra. Ambrose.

"Não pretendo ir e não pretendo não ir", respondeu ela. Ela se tornou cada vez mais casual e indiferente.

"Afinal, ousou dizer que já vimos tudo o que há para ser visto; e há o incômodo de chegar lá, e digam o que disserem, será terrivelmente desconfortável."

Por algum tempo Rachel não respondeu; mas cada frase que Helen pronunciava aumentava sua amargura. Finalmente ela explodiu...

"Graças a Deus, Helen, não sou como você! Às vezes penso que você não pensa, sente, não se importa ou faz nada além de existir! Você é como o Sr. Hirst. Você vê que as coisas estão ruins e se orgulha de dizer isso. É o que você chama de ser honesto; na verdade, é ser preguiçoso, ser chato, não ser nada. Você não ajuda; você põe fim às coisas."

Helen sorriu como se tivesse gostado do ataque.

"Bem?" ela perguntou.

"Parece-me ruim, só isso", respondeu Rachel.

"Muito provavelmente", disse Helen.

Em qualquer outro momento Rachel provavelmente teria sido silenciada pela franqueza da tia; mas esta tarde ela não estava com disposição para ser silenciada por ninguém. Uma briga seria bem-vinda.

"Você está apenas meio vivo", ela continuou.

"É porque não aceitei o convite do Sr. Flushing?" Helen perguntou: "ou você sempre pensa isso?"

Naquele momento, Rachel teve a impressão de que sempre vira os mesmos defeitos em Helen, desde a primeira noite a bordo do Euphrosyne, apesar de sua beleza, apesar de sua magnanimidade e de seu amor.

"Oh, é apenas o que há de errado com cada um!" ela exclamou. "Ninguém sente - ninguém faz nada além de machucar. Eu te digo, Helen, o mundo é ruim. É uma agonia, viver, querer..."

Aqui ela arrancou um punhado de folhas de um arbusto e esmagou-as para se controlar.

"A vida dessas pessoas", ela tentou explicar, "a falta de rumo, o modo como vivem. Passamos de um para outro, e é tudo a mesma coisa. Nunca conseguimos o que queremos de nenhum deles."

Seu estado emocional e sua confusão teriam feito dela uma presa fácil se Helen quisesse discutir ou arrancar confidências. Mas em vez de falar, ela caiu num silêncio profundo enquanto caminhavam. Sem objetivo, trivial, sem sentido, ah, não - o que ela viu no chá tornou impossível para ela acreditar nisso. As piadinhas, as conversas, as futilidades da tarde haviam murchado diante de seus olhos. Por trás das simpatias e dos despeitos, dos encontros e das separações, grandes coisas estavam acontecendo - coisas terríveis, porque eram tão grandes. Sua sensação de segurança foi abalada, como se debaixo de galhos e folhas mortas ela tivesse visto o movimento de uma cobra. Parecia-lhe que era permitido um momento de trégua, um momento de faz de conta, e então novamente a lei profunda e sem razão se afirmava, moldando-os a todos ao seu gosto, criando e destruindo.

Ela olhou para Rachel andando ao lado dela, ainda esmagando as folhas com os dedos e absorta em seus próprios pensamentos. Ela estava apaixonada e sentia profunda pena dela. Mas ela despertou desses pensamentos e pediu desculpas. "Sinto muito", disse ela, "mas se sou chata, é da minha natureza e não posso evitar." Se fosse um defeito natural, porém, ela encontrou uma solução fácil, pois prosseguiu dizendo que achava o esquema do Sr. Flushing muito bom, necessitando apenas de um pouco de consideração, que parecia que ela já havia dado quando chegaram em casa. A essa altura, eles haviam decidido que, se mais alguma coisa fosse dita, aceitariam o convite.

## 20. Capítulo Vinte

A expedição avança por rio e mata, transformando paisagem em experiência-limite.

QUANDO considerada detalhadamente pelo Sr. Flushing e pela Sra. Ambrose, a expedição não se mostrou nem perigosa nem difícil. Eles descobriram também que isso não era incomum. Todos os anos, nesta época, os ingleses faziam festas que subiam o rio a vapor, desembarcavam e olhavam para a aldeia nativa, compravam um certo número de coisas dos nativos e voltavam novamente sem causar danos à mente ou ao corpo. Quando se descobriu que seis pessoas desejavam realmente a mesma coisa, os preparativos foram logo concretizados.

Desde a época de Elizabeth, poucas pessoas tinham visto o rio, e nada havia sido feito para mudar sua aparência do que era aos olhos dos viajantes elisabetanos. O tempo de Elizabeth estava distante do tempo presente apenas por um momento de espaço em comparação com as eras que se passaram desde que a água correu entre aquelas margens, e os matagais verdes fervilhavam ali, e as pequenas árvores transformaram-se em enormes árvores enrugadas na solidão. Mudando apenas com a mudança do sol e das nuvens, a massa verde ondulante permaneceu ali durante século após século, e a água corria incessantemente entre as suas margens, por vezes arrastando a terra e por vezes os ramos das árvores, enquanto noutras partes do mundo uma cidade se erguia sobre as ruínas de outra cidade, e os homens nas cidades se tornavam cada vez mais articulados e diferentes uns dos outros. Alguns quilómetros deste rio eram visíveis do topo da montanha onde algumas semanas antes a festa do hotel tinha feito um piquenique. Susan e Arthur tinham visto isso enquanto se beijavam, e Terence e Rachel enquanto conversavam sobre Richmond, e Evelyn e Perrott enquanto

passeavam, imaginando que eram grandes capitães enviados para colonizar o mundo. Eles tinham visto a larga marca azul na areia onde o mar desaguava no mar, e a nuvem verde de árvores se aglomerava ao redor dele, e finalmente ocultava completamente suas águas da vista. Em intervalos, durante os primeiros trinta quilômetros, havia casas espalhadas na margem; aos poucos, as casas tornaram-se cabanas e, mais tarde ainda, não havia nem cabana nem casa, mas árvores e grama, que eram vistas apenas por caçadores, exploradores ou mercadores, marchando ou navegando, mas sem estabelecer assentamentos.

Saindo de Santa Marina de manhã cedo, percorrendo trinta quilômetros e cavalgando oito, o grupo, finalmente composto por seis ingleses, chegou à margem do rio ao cair da noite. Eles vieram galopando por entre as árvores - o Sr. e Sra. Flushing, Helen Ambrose, Rachel, Terence e St. Os cavalinhos cansados pararam automaticamente e os ingleses desmontaram. A Sra. Flushing caminhou até a margem do rio animada. O dia foi longo e quente, mas ela gostou da velocidade e do ar livre; ela havia saído do hotel que odiava e achou a companhia do seu agrado. O rio passava rodopiando na escuridão; eles podiam apenas distinguir a superfície lisa e em movimento da água, e o ar estava cheio do som dela. Ficaram num espaço vazio no meio de grandes troncos de árvores, e lá fora uma pequena luz verde, movendo-se ligeiramente para cima e para baixo, mostrou-lhes onde estava o navio a vapor em que deveriam embarcar.

Quando todos subiram ao convés, descobriram que era um barco muito pequeno que balançou suavemente sob eles por alguns minutos e depois avançou suavemente pela água. Pareciam estar dirigindo no meio da noite, pois as árvores se fechavam diante deles e podiam ouvir o farfalhar das folhas ao seu redor. A grande escuridão teve o efeito habitual de eliminar

todo desejo de comunicação, fazendo com que suas palavras soassem fracas e pequenas; e, depois de caminharem três ou quatro vezes pelo convés, agruparam-se, bocejando profundamente e olhando para o mesmo local de profunda escuridão nas margens. Murmurando muito baixo, no tom rítmico de alguém oprimido pelo ar, a Sra. Flushing começou a se perguntar onde iriam dormir, pois não conseguiam dormir no andar de baixo, não conseguiam dormir numa toca de cachorro com cheiro de óleo, não conseguiam dormir no convés, não conseguiam dormir... Ela bocejou profundamente. Foi como Helen previra; a questão da nudez já havia surgido, embora estivessem meio adormecidos e quase invisíveis um para o outro. Com a ajuda de St. John, ela estendeu um toldo e convenceu a Sra. Flushing de que poderia tirar a roupa por trás dele e que ninguém notaria se por acaso alguma parte dela, que estivera escondida por quarenta e cinco anos, fosse exposta ao olho humano. Colchões foram jogados no chão, tapetes foram fornecidos e as três mulheres deitaram-se próximas uma da outra ao ar livre.

Os cavalheiros, tendo fumado um certo número de cigarros, jogaram as pontas incandescentes no rio e observaram por um momento as ondulações que enrugavam a água negra abaixo deles, despiram-se também e deitaram-se na outra extremidade do barco. Eles estavam muito cansados e protegidos um do outro pela escuridão. A luz de uma lanterna incidia sobre algumas cordas, algumas tábuas do convés e a amurada do barco, mas além disso havia uma escuridão ininterrupta, nenhuma luz alcançava seus rostos, ou as árvores que estavam aglomeradas nas margens do rio.

Logo Wilfred Flushing dormiu e Hirst dormiu. Somente Hewet ficou acordado olhando diretamente para o céu. O movimento suave e as formas negras que se desenhavam incessantemente em seus olhos tinham o efeito de

tornar impossível para ele pensar. A presença de Rachel tão perto dele embalou o pensamento. Estando tão perto dele, a apenas alguns passos do outro lado do barco, ela tornou impossível que ele pensasse nela, assim como seria impossível vê-la se ela estivesse bem perto dele, com a testa contra a testa dele. De alguma forma estranha, o barco identificou-se consigo mesmo, e assim como teria sido inútil para ele levantar-se e dirigir o barco, também foi inútil para ele lutar por mais tempo com a força irresistível de seus próprios sentimentos. Ele foi atraído continuamente para longe de tudo o que conhecia, deslizando por cima de barreiras e passando por pontos de referência em águas desconhecidas enquanto o barco deslizava sobre a superfície lisa do rio. Em profunda paz, envolto numa inconsciência mais profunda do que a que tivera durante muitas noites, ele ficou deitado no convés observando os tee-tops mudarem ligeiramente de posição contra o céu, e arquearem-se, e afundarem-se e elevarem-se enormemente, até que ele passou de vê-los para sonhos onde ele se deitou sob a sombra de grandes árvores, olhando para o céu.

Quando acordaram na manhã seguinte, já haviam subido bastante o rio; à direita havia um alto banco de areia amarela tufado de árvores, à esquerda um pântano trêmulo com longos juncos e altos bambus em cujo topo, balançando ligeiramente, pousavam pássaros verdes e amarelos vivos. A manhã estava quente e tranquila. Depois do café da manhã, juntaram as cadeiras e sentaram-se num semicírculo irregular na proa. Um toldo acima de suas cabeças os protegia do calor do sol, e a brisa que o barco fazia os arejava suavemente. A Sra. Flushing já estava pontilhando e listrando sua tela, balançando a cabeça para um lado e para o outro com a ação de um pássaro apanhando grãos nervosamente; os outros tinham livros ou pedaços de papel ou bordados nos joelhos, para os quais olhavam intermitentemente

e novamente olhavam para o rio à frente. A certa altura, Hewet leu parte de um poema em voz alta, mas a quantidade de coisas em movimento superou totalmente suas palavras. Ele parou de ler e ninguém falou. Eles seguiram em frente sob o abrigo das árvores. Havia agora um bando de pássaros vermelhos alimentando-se numa das pequenas ilhotas à esquerda, ou ainda um papagaio verde-azulado voava gritando de árvore em árvore. À medida que avançavam, o país ficava cada vez mais selvagem. As árvores e a vegetação rasteira pareciam estrangular-se umas às outras perto do chão, numa luta numerosa; enquanto aqui e ali uma árvore esplêndida se elevava acima do enxame, balançando levemente seus finos guarda-chuvas verdes no ar. Hewet olhou novamente para seu livro. A manhã estava tranquila como a noite, só que muito estranha porque estava claro, e ele podia ver Rachel e ouvir sua voz e estar perto dela. Ele se sentia como se estivesse esperando, como se de alguma forma estivesse parado entre as coisas que passavam por ele e ao seu redor, vozes, corpos de pessoas, pássaros, só que Rachel também estava esperando com ele. Ele às vezes olhava para ela como se ela soubesse que eles estavam esperando juntos e sendo atraídos juntos, sem poder oferecer qualquer resistência. Novamente ele leu em seu livro:

Quem quer que você esteja me segurando agora em suas mãos, Sem uma coisa tudo será inútil.

Um pássaro deu uma risada selvagem, um macaco riu com uma pergunta maliciosa e, à medida que o fogo se extinguiu sob o sol quente, suas palavras tremeluziram e se apagaram.

Gradualmente, à medida que o rio se estreitava e os altos bancos de areia desciam para um terreno plano e densamente coberto de árvores, os sons da floresta podiam ser ouvidos. Ecoou como um corredor. Houve gritos

repentinos; e depois longos espaços de silêncio, como os que existem numa catedral quando a voz de um menino cessa e o seu eco ainda parece assombrar os lugares remotos do telhado. Certa vez, o Sr. Flushing levantou-se e falou com um marinheiro, e até anunciou que algum tempo depois do almoço o navio iria parar e eles poderiam caminhar um pouco pela floresta.

"Há rastros por todas as árvores", explicou ele. "Ainda não estamos longe da civilização."

Ele examinou a pintura de sua esposa. Educado demais para elogiá-lo abertamente, contentou-se em cortar metade do quadro com uma das mãos e fazer um floreio no ar com a outra.

"Deus!" Hirst exclamou, olhando para frente. "Você não acha que é incrivelmente lindo?"

"Linda?" Helen perguntou. Parecia uma palavrinha estranha, e Hirst e ela eram tão pequenas que ela se esqueceu de responder.

Hewet sentiu que precisava falar.

"Foi aí que os elisabetanos adquiriram seu estilo", refletiu ele, olhando para a profusão de folhas, flores e frutos prodigiosos.

"Shakespeare? Eu odeio Shakespeare!" — exclamou a Sra. Flushing; e Wilfred respondeu com admiração: "Acredito que você é a única pessoa que se atreve a dizer isso, Alice." Mas a Sra. Flushing continuou pintando. Ela não parecia dar muito valor ao elogio do marido e pintava com firmeza, às vezes murmurando uma palavra ou gemido meio audível.

A manhã estava agora muito quente.

"Olhe para Hirst!" Sr. Flushing sussurrou. Sua folha de papel caiu no convés, sua cabeça estava recostada e ele respirou fundo, roncando.

Terence pegou a folha de papel e estendeu-a diante de Rachel. Era uma continuação do poema sobre Deus que ele havia começado na capela, e era tão indecente que Raquel não entendeu metade, embora percebesse que era indecente. Hewet começou a preencher palavras onde Hirst havia deixado espaços, mas logo parou; seu lápis rolou no convés. Gradualmente, eles se aproximaram cada vez mais da margem do lado direito, de modo que a luz que os cobria tornou-se definitivamente verde, caindo através de uma sombra de folhas verdes, e a Sra. Flushing deixou de lado seu esboço e olhou para frente em silêncio. Hirst acordou; foram então chamados para almoçar e, enquanto comiam, o vapor parou um pouco longe da margem. O barco que foi rebocado atrás deles foi trazido para o lado e as senhoras foram ajudadas a entrar nele.

Para se proteger contra o tédio, Helen colocou um livro de memórias debaixo do braço e a Sra. Flushing sua caixa de tintas e, assim equipadas, deixaram-se desembarcar na orla da floresta.

Eles não haviam caminhado mais do que algumas centenas de metros ao longo da trilha que corria paralela ao rio quando Helen declarou que estava insuportavelmente quente. A brisa do rio havia cessado e uma atmosfera quente e úmida, repleta de aromas, vinha da floresta.

"Vou sentar aqui", anunciou ela, apontando para o tronco de uma árvore que havia caído há muito tempo e agora estava entrelaçado por trepadeiras e arbustos semelhantes a tiras. Ela sentou-se, abriu a sombrinha e olhou para o rio barrado pelos troncos das árvores. Ela virou as costas para as árvores que desapareciam na sombra negra atrás dela.

“Concordo plenamente”, disse a Sra. Flushing, e começou a desfazer a caixa de tintas. Seu marido passeava para selecionar um ponto de vista interessante para ela. Hirst abriu espaço no chão ao lado de Helen e sentou-se com grande deliberação, como se não pretendesse se mover até ter conversado com ela por um longo tempo. Terence e Rachel ficaram sozinhos, sem ocupação. Terêncio viu que a hora havia chegado como estava fadada a chegar, mas embora percebesse isso, estava completamente calmo e senhor de si mesmo. Ele optou por ficar de pé por alguns momentos conversando com Helen e persuadindo-a a deixar seu lugar. Rachel também se juntou a ele, aconselhando-a a ir com eles.

"De todas as pessoas que já conheci", disse ele, "você é a menos aventureira. Você pode estar sentado em cadeiras verdes no Hyde Park. Você vai ficar sentado aí a tarde inteira? Não vai caminhar?"

"Ah, não", disse Helen, "só é preciso usar os olhos. Há de tudo aqui... de tudo", ela repetiu num tom de voz sonolento. "O que você ganhará caminhando?"

"Você estará com calor e desagradável na hora do chá, nós seremos tranquilos e gentis", acrescentou Hirst. Quando olhou para eles, surgiram reflexos amarelos e verdes do céu e dos galhos, roubando-lhes a intensidade, e ele pareceu pensar o que não disse. Assim, ambos consideraram como certo que Terence e Rachel propunham caminhar juntos pela floresta; com um olhar um para o outro, eles se viraram.

"Adeus!" gritou Raquel.

"Adeus. Cuidado com as cobras", respondeu Hirst. Acomodou-se ainda mais confortavelmente à sombra da árvore caída e da figura de Helen. Enquanto

avançavam, o Sr. Flushing gritou: "Devemos começar em uma hora. Hewet, por favor, lembre-se disso. Uma hora."

Quer fosse feito pelo homem, ou por alguma razão preservado pela natureza, havia um caminho largo que atravessava a floresta perpendicularmente ao rio. Parecia um passeio em uma floresta inglesa, exceto que arbustos tropicais com suas folhas em forma de espada cresciam nas laterais, e o chão estava coberto com um musgo elástico sem marcas em vez de grama, estrelado por pequenas flores amarelas. À medida que penetravam nas profundezas da floresta, a luz ficava mais fraca e os ruídos do mundo comum eram substituídos por aqueles sons de rangidos e suspiros que sugerem ao viajante numa floresta que ele está caminhando no fundo do mar. O caminho estreitou-se e virou; era cercado por trepadeiras densas que se entrelaçavam de árvore em árvore e explodiam aqui e ali em flores vermelhas em forma de estrela. Os suspiros e rangidos lá em cima eram interrompidos de vez em quando pelo grito estridente de algum animal assustado. A atmosfera estava próxima e o ar chegava até eles em lânguidas lufadas de perfume. A vasta luz verde era interrompida aqui e ali por um círculo de luz solar amarela pura que penetrava por alguma abertura no imenso guarda-chuva verde acima, e nesses espaços amarelos borboletas vermelhas e pretas circulavam e pousavam. Terence e Rachel mal se falaram.

O silêncio não apenas pesava sobre eles, mas ambos eram incapazes de formular qualquer pensamento. Havia algo entre eles que precisava ser discutido. Um deles tinha que começar, mas qual deles seria? Então Hewet pegou uma fruta vermelha e jogou-a o mais alto que pôde. Quando caísse, ele falaria. Eles ouviram o bater de grandes asas; eles ouviram a fruta bater nas folhas e eventualmente cair com um baque surdo. O silêncio foi novamente profundo.

"Isso te assusta?" Terence perguntou quando o som da fruta caindo desapareceu completamente.

"Não", ela respondeu. "Eu gosto disso."

Ela repetiu "Eu gosto disso". Ela estava andando rápido e mantendo-se mais ereta do que o normal. Houve outra pausa.

"Você gosta de estar comigo?" — perguntou Terêncio.

"Sim, com você", ela respondeu.

Ele ficou em silêncio por um momento. O silêncio parecia ter caído sobre o mundo.

"Isso é o que sinto desde que te conheci", respondeu ele. "Estamos felizes juntos." Ele não parecia estar falando, nem ela estava ouvindo.

"Muito feliz", ela respondeu.

Eles continuaram andando por algum tempo em silêncio. Seus passos inconscientemente aceleraram.

"Nós nos amamos", disse Terence.

"Nós nos amamos", ela repetiu.

O silêncio foi então quebrado por suas vozes que se juntaram em tons de sons estranhos e desconhecidos que não formavam palavras. Eles caminharam cada vez mais rápido; simultaneamente pararam, abraçaram-se e depois, libertando-se, caíram no chão. Eles se sentaram lado a lado. Os sons se destacavam do fundo formando uma ponte sobre o silêncio; eles ouviram o farfalhar das árvores e o coaxar de algum animal em um mundo

remoto.

"Nós nos amamos", repetiu Terence, examinando seu rosto. Seus rostos estavam muito pálidos e quietos e não disseram nada. Ele estava com medo de beijá-la novamente. Aos poucos ela se aproximou dele e descansou contra ele. Nesta posição ficaram sentados por algum tempo. Ela disse "Terence" uma vez; ele respondeu "Raquel".

"Terrível... terrível", ela murmurou após outra pausa, mas ao dizer isso estava pensando tanto na agitação persistente da água quanto em seu próprio sentimento. Continuou-se ao longe, a agitação cruel e sem sentido da água. Ela observou que as lágrimas escorriam pelo rosto de Terence.

O próximo movimento foi da parte dele. Muito tempo parecia ter passado. Ele pegou seu relógio.

"A descarga disse há uma hora. Já faz mais de meia hora que saímos."

"E é preciso isso para voltar", disse Rachel. Ela se levantou muito lentamente. Quando se levantou, esticou os braços e respirou fundo, meio suspiro, meio bocejo. Ela parecia estar muito cansada. Suas bochechas estavam brancas. "Para que lado?" ela perguntou.

"Pronto", disse Terêncio.

Eles começaram a caminhar de volta pelo caminho coberto de musgo novamente. Os suspiros e rangidos continuaram lá em cima, e os gritos estridentes dos animais. As borboletas ainda circulavam nas manchas amarelas do sol. A princípio, Terence tinha certeza do caminho, mas à medida que caminhavam ele ficou em dúvida. Tiveram de parar para pensar e depois voltar e recomeçar, pois embora ele tivesse certeza da direção do

rio, não tinha certeza de atingir o ponto onde haviam deixado os outros. Rachel o seguiu, parando onde ele parou, virando para onde ele virou, ignorando o caminho, ignorando por que ele parou ou por que virou.

"Não quero me atrasar", disse ele, "porque..." Ele colocou uma flor na mão dela e os dedos dela fecharam-se sobre ela silenciosamente. "Estamos tão atrasados... tão atrasados... tão terrivelmente atrasados", ele repetiu como se estivesse falando durante o sono. "Ah, isso está certo. Viramos aqui."

Encontraram-se novamente no caminho largo, como o caminho numa floresta inglesa, onde tinham começado quando deixaram os outros. Eles caminhavam em silêncio, como pessoas que caminham durante o sono, e de vez em quando ficavam estranhamente conscientes da massa de seus corpos. Então Rachel exclamou de repente: "Helen!"

No espaço ensolarado na orla da floresta eles viram Helen ainda sentada no tronco da árvore, seu vestido aparecendo muito branco ao sol, com Hirst ainda apoiado no cotovelo ao seu lado. Eles pararam instintivamente. Ao avistar outras pessoas, eles não podiam continuar. Eles ficaram de mãos dadas por um ou dois minutos em silêncio. Eles não suportavam enfrentar outras pessoas.

— Mas devemos continuar — insistiu Rachel por fim, no curioso tom de voz monótono com que ambas falavam, e com grande esforço forçaram-se a cobrir a curta distância que havia entre elas e o par sentado no tronco da árvore.

À medida que se aproximavam, Helen virou-se e olhou para eles. Ela olhou para eles por algum tempo sem falar, e quando eles estavam perto dela ela disse baixinho:

"Você conheceu o Sr. Flushing? Ele foi procurá-lo. Ele pensou que você devia estar perdido, embora eu tenha dito a ele que você não estava perdido."

Hirst se virou e jogou a cabeça para trás, olhando para os galhos que se cruzavam no ar acima dele.

"Bem, valeu a pena o esforço?" ele perguntou sonhadoramente. Hewet sentou-se na grama ao seu lado e começou a se abanar.

"Quente", disse ele.

Rachel havia se equilibrado perto de Helen, na ponta do tronco da árvore.

"Muito calor", disse ela.

"De qualquer forma, você parece exausto", disse Hirst.

"É terrivelmente perto daquelas árvores", observou Helen, pegando seu livro e sacudindo-o para livrá-lo das folhas secas de grama que haviam caído entre as folhas. Depois ficaram todos em silêncio, olhando para o rio que passava à sua frente entre os troncos das árvores, até que o Sr. Flushing os interrompeu. Ele saiu das árvores cem metros à esquerda, exclamando bruscamente:

"Ah, então você encontrou o caminho, afinal. Mas é tarde... muito mais tarde do que combinamos, Hewet."

Ele ficou um pouco irritado e, na qualidade de líder da expedição, inclinado a ser ditatorial. Ele falou rapidamente, usando palavras curiosamente cortantes e sem sentido.

— Chegar atrasado normalmente não faria diferença, é claro — disse ele —, mas quando se trata de manter os homens atualizados...

Ele os reuniu e os fez descer até a margem do rio, onde o barco os esperava para levá-los até o vapor.

O calor do dia estava diminuindo e, enquanto tomavam xícaras de chá, os Flushings tendiam a se tornar comunicativos. Pareceu a Terence, enquanto os ouvia conversar, que a existência agora se desenrolava em duas camadas diferentes. Aqui estavam os Flushings conversando, conversando em algum lugar no alto, acima dele, e ele e Rachel haviam caído juntos no fundo do mundo. Mas com a franqueza de uma criança, a Sra. Flushing também tinha o instinto que leva uma criança a suspeitar do que os mais velhos desejam manter escondido. Ela fixou Terence com seus olhos azuis vívidos e dirigiu-se a ele em particular. O que ele faria, ela queria saber, se o barco batesse numa rocha e afundasse.

"Você se importaria com qualquer coisa além de se salvar? Eu deveria? Não, não", ela riu, "nem um pedaço - não me diga. Há apenas duas criaturas com as quais a mulher comum se preocupa", ela continuou, "seu filho e seu cachorro; e eu não acredito que sejam nem dois com os homens. Lê-se muito sobre o amor - é por isso que a poesia é tão chata. Mas o que acontece na vida real, hein? Não é amor!" ela chorou.

Terence murmurou algo ininteligível. Sr. Flushing, no entanto, recuperou a sua urbanidade. Ele estava fumando um cigarro e agora respondeu à esposa.

"Você deve sempre se lembrar, Alice", disse ele, "que sua educação não foi natural - incomum, devo dizer. Eles não tiveram mãe", explicou ele, abandonando um pouco a formalidade de seu tom; "e um pai - ele era um homem muito encantador, não tenho dúvidas, mas só se importava com cavalos de corrida e estátuas gregas. Conte-lhes sobre o banho, Alice."

"No pátio do estábulo", disse a Sra. Flushing. "Cobertos de gelo no inverno. Tivemos que entrar; se não o fizéssemos, seríamos chicoteados. Os fortes sobreviveram - os outros morreram. O que você chama de sobrevivência do mais apto - um plano excelente, ousado dizer, se você tem treze filhos!"

"E tudo isso acontecendo no coração da Inglaterra, no século XIX!" — exclamou o Sr. Flushing, virando-se para Helen.

"Eu trataria meus filhos da mesma forma, se tivesse algum", disse a Sra. Flushing.

Cada palavra soava distintamente aos ouvidos de Terence; mas o que diziam, com quem falavam e quem eram eles, essas pessoas fantásticas, destacadas em algum lugar no alto do ar? Agora que haviam bebido o chá, levantaram-se e inclinaram-se sobre a proa do barco. O sol estava se pondo e a água estava escura e vermelha. O rio havia se alargado novamente e eles estavam passando por uma pequena ilha que parecia uma cunha escura no meio do riacho. Dois grandes pássaros brancos com luzes vermelhas estavam parados sobre pernas semelhantes a palafitas, e a praia da ilha não estava marcada, exceto pela marca do esqueleto das patas dos pássaros. Os galhos das árvores na margem pareciam mais retorcidos e angulosos do que nunca, e o verde das folhas era sinistro e salpicado de ouro. Então Hirst começou a falar, inclinando-se sobre a proa.

"Isso deixa a pessoa terrivelmente estranha, você não acha?" ele reclamou. "Essas árvores dão nos nervos - é tudo uma loucura. Deus é, sem dúvida, louco. Que pessoa sã poderia ter concebido um deserto como este e povoado com macacos e crocodilos? Eu ficaria louco se morasse aqui - delirantemente louco."

Terence tentou responder, mas a Sra. Ambrose respondeu em vez disso. Ela pediu-lhe que olhasse para a forma como as coisas se aglomeravam — olhasse para as cores espantosas, olhasse para as formas das árvores. Ela parecia estar protegendo Terence da abordagem dos outros.

“Sim”, disse o Sr. Flushing. “E na minha opinião”, continuou ele, “a ausência de população à qual Hirst se opõe é precisamente o toque significativo. Você deve admitir, Hirst, que mesmo uma pequena cidade italiana vulgarizaria toda a cena, diminuiria a vastidão - a sensação de grandeza elementar.” Ele apontou a mão para a floresta e parou por um momento, olhando para a grande massa verde, que agora estava em silêncio. “Confesso que isso nos faz parecer muito pequenos - nós, mas não eles.” Ele acenou com a cabeça para um marinheiro que se inclinou para o lado e cuspiu no rio. “E isso, eu acho, é o que minha esposa sente, a superioridade essencial do camponês —”

Acobertado pelas palavras do Sr. Flushing, que agora continuava a argumentar gentilmente com St. John e a convencê-lo, Terence puxou Rachel para o lado, apontando ostensivamente para um grande tronco retorcido de árvore que havia caído e estava meio na água. Ele desejava, de qualquer forma, estar perto dela, mas descobriu que não podia dizer nada. Eles podiam ouvir o Sr. Flushing falando, ora sobre sua esposa, ora sobre arte, ora sobre o futuro do país, pequenas palavras sem sentido flutuando no ar. À medida que esfriava, ele começou a passear pelo convés com Hirst. Fragmentos da conversa deles apareciam distintamente à medida que passavam — arte, emoção, verdade, realidade.

“É verdade ou é um sonho?” Rachel murmurou, quando eles passaram.

“É verdade, é verdade”, respondeu ele.

Mas a brisa ficou mais fresca e houve um desejo geral de movimento. Quando o grupo se reorganizou sob a cobertura de tapetes e capas, Terence e Rachel estavam em extremos opostos do círculo e não conseguiam falar um com o outro. Mas à medida que a escuridão descia, as palavras dos outros pareciam enrolar-se e desaparecer como cinzas de papel queimado, deixando-os perfeitamente silenciosos no fundo do mundo. Ocasionalmente, sobressaltos de extraordinária alegria percorriam-nos e depois voltavam a ficar em paz.

## 21. Capítulo Vinte e Um

Rachel e Terence vivem a intensidade do isolamento e da promessa amorosa.

Graças à disciplina do Sr. Flushing, os estágios certos do rio foram alcançados nas horas certas, e quando na manhã seguinte, após o café da manhã, as cadeiras foram novamente estendidas em semicírculo na proa, a lancha estava a poucos quilômetros do acampamento nativo que era o limite da viagem. Flushing, ao sentar-se, aconselhou-os a manterem os olhos fixos na margem esquerda, onde em breve passariam por uma clareira, e nessa clareira havia uma cabana onde Mackenzie, o famoso explorador, morreria de febre há cerca de dez anos, quase ao alcance da civilização - Mackenzie, repetiu ele, o homem que foi mais para o interior do que qualquer um já foi. Seus olhos se voltaram para lá obedientemente. Os olhos de Rachel não viram nada. Formas amarelas e verdes, é verdade, passaram diante deles, mas ela só sabia que uma era grande e outra pequena; ela não sabia que eram árvores. Essas orientações para olhar aqui e ali a irritavam, como as interrupções irritam uma pessoa absorta em pensamentos, embora ela não estivesse pensando em nada. Ela estava irritada com tudo o que era dito e com os movimentos inúteis dos corpos das pessoas, porque pareciam interferir com ela e impedi-la de falar com Terence. Muito em breve Helen viu olhando melancolicamente para um rolo de corda e sem fazer nenhum esforço para ouvir. Sr. Flushing e St. John estavam envolvidos em conversas mais ou menos contínuas sobre o futuro do país do ponto de vista político e o grau em que este tinha sido explorado; os outros, com as pernas esticadas ou o queixo apoiado nas mãos, olhavam em silêncio.

A Sra. Ambrose olhava e ouvia com bastante obediência, mas interiormente era vítima de um estado de espírito inquieto que não podia ser facilmente

atribuído a qualquer causa específica. Olhando para a costa como o Sr. Flushing lhe ordenou, ela achou o país muito bonito, mas também abafado e alarmante. Ela não gostava de se sentir vítima de emoções não classificadas e, certamente, à medida que a lancha avançava e avançava sob o sol quente da manhã, ela se sentiu excessivamente comovida. Se o desconhecimento da floresta era a causa disso, ou algo menos definido, ela não conseguia determinar. Sua mente saiu de cena e se ocupou com ansiedades por Ridley, por seus filhos, por coisas distantes, como velhice, pobreza e morte. Hirst também estava deprimido. Ele ansiava por esta expedição como se fosse um feriado, pois, uma vez longe do hotel, certamente aconteceriam coisas maravilhosas, em vez das quais nada aconteceria, e aqui estavam eles tão desconfortáveis, tão contidos, tão constrangidos como sempre. Isso, é claro, era o que acontecia quando ansiava por qualquer coisa; sempre ficava desapontado. Ele culpou Wilfrid Flushing, que estava tão bem vestido e tão formal; ele culpou Hewet e Rachel. Por que eles não conversaram? Ele olhou para eles sentados em silêncio e egocêntricos, e a visão o irritou. Ele supôs que eles estavam noivos, ou prestes a ficarem noivos, mas, em vez de serem minimamente românticos ou excitantes, isso era tão enfadonho quanto todo o resto; também o irritava pensar que estavam apaixonados. Ele se aproximou de Helen e começou a contar-lhe como sua noite tinha sido desconfortável, deitado no convés, às vezes muito quente, às vezes muito frio, e as estrelas tão brilhantes que ele não conseguia dormir. Ele ficou acordado a noite toda pensando, e quando houve luz suficiente para enxergar, ele escreveu vinte versos de seu poema sobre Deus, e o mais terrível é que ele praticamente provou o fato de que Deus existia. Ele não percebeu que estava brincando com ela e passou a se perguntar o que aconteceria se Deus existisse - "um velho cavalheiro de barba e um longo roupão azul, extremamente irritado e

desagradável como sempre é? Você pode sugerir uma rima? Deus, vara, idiota - todos usados; alguma outra?"

Embora ele falasse normalmente, Helen poderia ter percebido, se tivesse olhado, que ele também estava impaciente e perturbado. Mas ela não foi chamada a responder, pois o Sr. Flushing exclamou "Pronto!" Eles olharam para a cabana na margem, um lugar desolado com um grande rasgo no telhado e o chão ao redor amarelo, marcado por incêndios e repleto de latas abertas e enferrujadas.

"Eles encontraram o cadáver dele lá?" — exclamou a Sra. Flushing, inclinando-se para frente em sua ânsia de ver o local onde o explorador havia morrido.

"Eles encontraram seu corpo, suas peles e um caderno", respondeu o marido. Mas o barco logo os carregou e deixou o local para trás.

Estava tão quente que eles mal se moviam, exceto agora para trocar de pé ou, novamente, para acender um fósforo. Seus olhos, concentrados na margem, estavam cheios dos mesmos reflexos verdes, e seus lábios estavam levemente pressionados um contra o outro, como se as paisagens por onde passavam dessem origem a pensamentos, exceto que os lábios de Hirst se moviam intermitentemente enquanto meio conscientemente ele procurava rimas para Deus. Quaisquer que fossem os pensamentos dos outros, ninguém disse nada por um espaço considerável. Eles estavam tão acostumados com a parede de árvores de cada lado que olharam para cima assustados quando a luz de repente se alargou e as árvores chegaram ao fim.

"Quase lembra um parque inglês", disse Flushing.

Na verdade, nenhuma mudança poderia ter sido maior. Em ambas as margens do rio havia um espaço aberto semelhante a um gramado, coberto de grama e plantado, pois a gentileza e a ordem do local sugeriam cuidados humanos, com árvores graciosas no topo de pequenos montículos. Até onde podiam olhar, este gramado subia e descia com o movimento ondulante de um antigo parque inglês. A mudança de cenário sugeria naturalmente uma mudança de posição, grata à maioria deles. Eles se levantaram e se inclinaram sobre a amurada.

"Pode ser Arundel ou Windsor", continuou Flushing, "se você cortar aquele arbusto com flores amarelas; e, meu Deus, olhe!"

Fileiras de costas marrons pararam por um momento e depois saltaram, com um movimento como se estivessem saltando sobre ondas, fora de vista.

Por um momento, nenhum deles pôde acreditar que realmente tivesse visto animais vivos ao ar livre — uma manada de cervos selvagens, e a visão despertou neles uma excitação infantil, dissipando sua melancolia.

"Nunca na minha vida vi nada maior que uma lebre!" Hirst exclamou com entusiasmo genuíno. "Que idiota eu fui por não trazer minha Kodak!"

Pouco depois, a lancha parou gradualmente e o capitão explicou ao Sr. Flushing que seria agradável para os passageiros se agora fossem dar um passeio em terra; se decidissem voltar dentro de uma hora, ele os levaria para a aldeia; se decidissem caminhar - faltavam apenas um ou dois quilômetros - ele os encontraria no local de desembarque.

Resolvido o assunto, foram mais uma vez desembarcados: os marinheiros, produzindo passas e tabaco, apoiaram-se na amurada e observaram os seis ingleses, cujos casacos e vestidos pareciam tão estranhos no verde, se

afastarem. Uma piada que não era de forma alguma apropriada fez todos rirem, e então eles se viraram e ficaram à vontade no convés.

Assim que pousaram, Terence e Rachel se aproximaram um pouco à frente dos outros.

"Graças a Deus!" Terence exclamou, respirando fundo. "Finalmente estamos sozinhos."

"E se seguirmos em frente podemos conversar", disse Rachel.

No entanto, embora a sua posição, alguns metros à frente dos outros, lhes permitisse dizer o que quisessem, ambos permaneceram em silêncio.

"Você me ama?" Terence perguntou longamente, quebrando o silêncio dolorosamente. Falar ou ficar em silêncio era igualmente um esforço, pois quando estavam em silêncio tinham plena consciência da presença um do outro, e ainda assim as palavras eram muito triviais ou muito grandes.

Ela murmurou inarticuladamente, terminando: "E você?"

"Sim, sim", ele respondeu; mas havia tantas coisas a serem ditas, e agora que estavam sozinhos, parecia necessário aproximar-se ainda mais e superar uma barreira que havia crescido desde a última vez que conversaram. Foi difícil, até assustador, estranhamente embaraçoso. Num momento ele estava lúcido e, no momento seguinte, confuso.

"Agora vou começar do início", disse ele resolutamente. "Vou lhe contar o que deveria ter lhe contado antes. Em primeiro lugar, nunca me apaixonei por outras mulheres, mas tive outras mulheres. Depois, tenho grandes defeitos. Sou muito preguiçoso, sou mal-humorado..." case comigo, eu imagino. Sou um pouco esnobe; sou ambicioso — "

"Oh, nossos defeitos!" ela chorou. "O que eles importam?" Então ela perguntou: "Estou apaixonada — isso é estar apaixonado — vamos nos casar?"

Superado pelo charme de sua voz e sua presença, ele exclamou: "Oh, você está livre, Rachel. Para você, o tempo não fará diferença, nem o casamento ou —"

As vozes dos outros atrás deles continuaram flutuando, ora mais longe, ora mais perto, e a risada da Sra. Flushing aumentou claramente por si mesma.

"Casamento?" Repetiu Raquel.

Os gritos foram renovados atrás, alertando-os de que estavam indo muito para a esquerda. Melhorando o curso deles, ele continuou: "Sim, casamento". A sensação de que não poderiam ficar unidos até que ela soubesse tudo sobre ele o fez novamente tentar explicar.

"Tudo o que há de ruim em mim, as coisas que aguentei - a segunda melhor -"

Ela murmurou, considerou sua própria vida, mas não conseguiu descrever como ela parecia para ela agora.

"E a solidão!" ele continuou. A visão de caminhar com ela pelas ruas de Londres surgiu diante de seus olhos. "Vamos passear juntos", disse ele. A simplicidade da ideia os aliviou e pela primeira vez riram. Teriam gostado de ter ousado pegar-se pela mão, mas a consciência dos olhos fixos neles por trás ainda não os abandonara.

"Livros, pessoas, paisagens... Sra. Nutt, Greeley, Hutchinson", murmurou Hewet.

A cada palavra a névoa que os envolvia, fazendo com que parecessem irreais um ao outro, desde a tarde anterior, se dissipou um pouco mais, e o contato entre eles tornou-se cada vez mais natural. Através da paisagem abafada do sul, eles viram o mundo que conheciam parecer mais claro e vívido do que jamais havia aparecido antes. Como naquela ocasião no hotel, quando ela se sentou à janela, o mundo mais uma vez se dispôs sob seu olhar de forma muito vívida e em suas verdadeiras proporções. De vez em quando ela olhava com curiosidade para Terence, observando seu casaco cinza e sua gravata roxa; observando o homem com quem ela passaria o resto de sua vida.

Depois de um desses olhares, ela murmurou: "Sim, estou apaixonada. Não há dúvida; estou apaixonada por você".

Mesmo assim, eles permaneceram desconfortavelmente separados; tão próximos um do outro, enquanto ela falava, que parecia não haver divisão entre eles, e no momento seguinte separados e distantes novamente. Sentindo isso dolorosamente, ela exclamou: "Será uma luta".

Mas, ao olhar para ele, percebeu pelo formato dos olhos, pelas rugas em torno da boca e outras peculiaridades que ele a agradava, e acrescentou:

"Onde eu quero lutar, você tem compaixão. Você é melhor do que eu; você é muito melhor."

Ele retribuiu o olhar dela e sorriu, percebendo, assim como ela havia feito, as pequenas coisas individuais nela que a tornavam encantadora para ele. Ela era dele para sempre. Superada essa barreira, inúmeras delícias estavam diante de ambos.

"Não estou melhor", ele respondeu. "Só sou mais velho e mais preguiçoso; sou um homem, não uma mulher."

"Um homem", ela repetiu, e uma curiosa sensação de posse tomou conta dela, e ocorreu-lhe que agora poderia tocá-lo; ela estendeu a mão e tocou levemente sua bochecha. Os dedos dele seguiram onde os dela estavam, e o toque da mão no rosto trouxe de volta a sensação avassaladora de irreabilidade. Este corpo dele era irreal; o mundo inteiro era irreal.

"O que aconteceu?" ele começou. "Por que eu pedi para você se casar comigo? Como isso aconteceu?"

"Você me pediu em casamento?" ela se perguntou. Eles desapareceram um do outro e nenhum deles conseguia se lembrar do que havia sido dito.

"Sentamo-nos no chão", lembrou ele.

"Sentamo-nos no chão", ela confirmou. A lembrança de estar sentados no chão, tal como era, pareceu uni-los novamente, e eles caminharam em silêncio, suas mentes às vezes trabalhando com dificuldade e às vezes parando de funcionar, apenas seus olhos percebendo as coisas ao seu redor. Agora ele tentaria novamente contar-lhe seus defeitos e por que a amava; e ela descreveria o que havia sentido naquele ou naquele momento, e juntos eles interpretariam seu sentimento. Tão belo era o som de suas vozes que, aos poucos, eles mal ouviam as palavras que emolduravam. Longos silêncios surgiram entre suas palavras, que não eram mais silêncios de luta e confusão, mas silêncios revigorantes, nos quais pensamentos triviais se moviam com facilidade. Eles começaram a falar naturalmente das coisas comuns, das flores e das árvores, de como elas cresciam ali tão vermelhas, como as flores do jardim de casa, e ali curvadas e tortas como o braço de um velho retorcido.

Muito gentil e silenciosamente, quase como se fosse o sangue cantando em suas veias, ou a água do riacho correndo sobre as pedras, Rachel tomou consciência de um novo sentimento dentro dela. Ela se perguntou por um momento o que seria aquilo, e então disse para si mesma, com uma pequena surpresa ao reconhecer em sua própria pessoa algo tão famoso:

"Isso é felicidade, eu suponho." E em voz alta para Terence ela falou: "Isso é felicidade."

Logo após as palavras dela, ele respondeu: "Isso é felicidade", e eles adivinharam que o sentimento havia surgido em ambos ao mesmo tempo. Eles começaram, portanto, a descrever como era isso e aquilo, como era parecido e, ainda assim, quão diferente; pois eles eram muito diferentes.

Ambos estavam vermelhos, ambos rindo, e os lábios se moviam; eles se juntaram e se beijaram no ar acima dela. Fragmentos quebrados de fala caíram até ela no chão. Ela pensou tê-los ouvido falar de amor e depois de casamento. Levantando-se e sentando-se, ela também percebeu o corpo macio de Helen, os braços fortes e hospitaleiros e a felicidade crescendo e quebrando em uma vasta onda. Quando esta caiu, e a grama caiu novamente, e o céu tornou-se horizontal, e a terra rolou plana em cada lado, e as árvores ficaram em pé, ela foi a primeira a perceber uma pequena fileira de figuras humanas de pé pacientemente à distância. No momento ela não conseguia lembrar quem eles eram.

"Quem são eles?" ela perguntou, e então se lembrou.

Alinhando-se atrás do Sr. Flushing, eles tiveram o cuidado de deixar pelo menos três metros de distância entre a ponta da bota e a borda da saia dela.

Conduziu-os através de um trecho verde à margem do rio e depois através de um bosque, e pediu-lhes que observassem os sinais de habitação humana, a grama enegrecida, os tocos de árvores carbonizados, e ali, por entre as árvores, estranhos ninhos de madeira, reunidos em um arco onde as árvores se separavam, a aldeia que era o objetivo de sua jornada.

Caminhando com cautela, observaram as mulheres, que estavam agachadas no chão em formas triangulares, movimentando as mãos, ora trançando palha, ora amassando alguma coisa em tigelas. Mas depois de olharem por um momento sem serem descobertos, foram vistos, e o Sr. Flushing, avançando para o centro da clareira, estava conversando com um homem magro e majestoso, cujos ossos e cavidades faziam ao mesmo tempo as formas do corpo do inglês parecerem feias e pouco naturais. As mulheres não prestaram atenção aos estranhos, exceto que suas mãos pararam por um momento e seus olhos longos e estreitos deslizaram e fixaram-se neles com o olhar imóvel e inexpressivo daqueles que estão distantes uns dos outros, muito, muito além do mergulho da fala. Suas mãos se moveram novamente, mas o olhar continuou. Seguia-os enquanto caminhavam, enquanto espiavam para dentro das cabanas onde podiam distinguir armas apoiadas num canto, tigelas no chão e pilhas de juncos; no crepúsculo, os olhos solenes dos bebês olhavam para eles, e as mulheres idosas também olhavam para fora. Enquanto passeavam, o olhar os acompanhava, passando por suas pernas, seus corpos, suas cabeças, curiosamente, não sem hostilidade, como o rastejar de uma mosca de inverno. Quando ela abriu o xale e descobriu o seio até os lábios do bebê, os olhos de uma mulher nunca deixavam seus rostos, embora se movessem inquietos sob seu olhar, e finalmente se virassem, em vez de ficarem ali olhando para ela por mais tempo. Quando lhes eram oferecidos doces, eles estendiam grandes mãos vermelhas para pegá-los e

sentiam-se pisando desajeitadamente como soldados de casacas justas entre aquela gente suave e instintiva. Mas logo a vida da aldeia não lhes deu atenção; eles foram absorvidos por isso. As mãos das mulheres voltaram a ocupar-se da palha; seus olhos caíram. Se se moviam, era para buscar alguma coisa na cabana, ou para pegar uma criança perdida, ou para atravessar o espaço com uma jarra equilibrada na cabeça; se falavam, era para chorar algum grito áspero e ininteligível. As vozes aumentavam quando uma criança era espancada e diminuía novamente; vozes elevavam-se em canção, que subia um pouco e descia um pouco, e voltava a soar a mesma nota baixa e melancólica. Procurando um ao outro, Terence e Rachel se reuniram debaixo de uma árvore. Tranquila e até bonita no início, a visão das mulheres, que haviam desistido de olhar para elas, fazia com que agora se sentissem muito frias e melancólicas.

"Bem", Terence suspirou longamente, "isso nos faz parecer insignificantes, não é?"

Raquel concordou. Assim continuaria para todo o sempre, disse ela, aquelas mulheres sentadas sob as árvores, as árvores e o rio. Eles se viraram e começaram a caminhar por entre as árvores, apoiando-se, sem medo de serem descobertos, nos braços um do outro. Não tinham ido muito longe quando começaram a assegurar um ao outro mais uma vez que estavam apaixonados, felizes, contentes; mas por que era tão doloroso estar apaixonado, por que havia tanta dor na felicidade?

A visão da aldeia realmente afetou a todos de maneira curiosa, embora de maneira diferente. São João havia deixado os outros e descia lentamente até o rio, absorto em seus próprios pensamentos, que eram amargos e infelizes, pois se sentia sozinho; e Helen, sozinha no espaço ensolarado entre as

mulheres nativas, foi exposta a pressentimentos de desastre. Os gritos das feras insensatas ressoavam em seus ouvidos, alto e baixo, no ar, enquanto corriam de tronco em topo de árvore. Quão pequenas pareciam as pequenas figuras vagando por entre as árvores! Ela tomou plena consciência dos pequenos membros, das veias finas, da carne delicada dos homens e das mulheres, que se quebra com tanta facilidade e deixa escapar a vida em comparação com essas grandes árvores e águas profundas. Um galho que cai, um pé que escorrega, e a terra os esmagou ou a água os afogou. Pensando assim, ela manteve os olhos fixos ansiosamente nos amantes, como se ao fazê-lo pudesse protegê-los de seu destino. Virando-se, ela encontrou os Flushing ao seu lado.

Conversavam sobre as coisas que tinham comprado e discutiam se eram realmente antigas e se não havia aqui e ali sinais de influência europeia. Helen foi apelada. Ela foi obrigada a olhar para um broche e depois para um par de brincos. Mas o tempo todo ela os culpava por terem vindo nessa expedição, por terem se aventurado longe demais e se exposto. Então ela se levantou e tentou conversar, mas em poucos momentos se surpreendeu vendo a foto de um barco virado no rio da Inglaterra, ao meio-dia. Era mórbido, ela sabia, imaginar tais coisas; no entanto, ela procurava as figuras dos outros entre as árvores e sempre que os via mantinha os olhos fixos neles, para poder protegê-los do desastre.

Mas quando o sol se pôs e o navio virou e começou a navegar de volta à civilização, mais uma vez seus temores se acalmaram. Na penumbra, as cadeiras no convés e as pessoas sentadas nelas tinham formas angulares, a boca sendo indicada por uma pequena mancha ardente e o braço pelo mesmo ponto movendo-se para cima ou para baixo à medida que o charuto ou cigarro era levantado e retirado dos lábios. As palavras atravessavam a

escuridão, mas, sem saber onde caíam, pareciam carecer de energia e substância. Suspiros profundos procediam regularmente, embora com alguma tentativa de supressão, do grande monte branco que representava a pessoa da Sra. Flushing. O dia tinha sido longo e muito quente, e agora que todas as cores estavam apagadas, o ar fresco da noite parecia pressionar dedos suaves sobre as pálpebras, fechando-as. Algum comentário filosófico dirigido, aparentemente, a St. John Hirst errou o alvo e ficou suspenso no ar por tanto tempo até ser engolido por um bocejo, que foi considerado morto, e isso deu o sinal para agitar as pernas e murmúrios sobre o sono. O monte branco moveu-se, finalmente alongou-se e desapareceu, e depois de algumas voltas e passos, St. John e Sr. Flushing retiraram-se, deixando três cadeiras ainda ocupadas por três corpos silenciosos. A luz que vinha de uma lâmpada no alto do mastro e de um céu pálido de estrelas deixava-os com formas mas sem feições; mas mesmo nesta escuridão o afastamento dos outros fazia com que se sentissem muito próximos, pois todos pensavam a mesma coisa. Durante algum tempo ninguém falou, então Helen disse com um suspiro: "Então vocês dois estão muito felizes?"

Como se lavada pelo ar, sua voz soava mais espiritual e suave do que o normal. Vozes a uma pequena distância responderam: "Sim".

Através da escuridão ela olhava para os dois e tentava distingui-lo. O que havia para ela dizer? Rachel havia ultrapassado sua tutela. Uma voz poderia chegar aos seus ouvidos, mas nunca mais chegaria tão longe como chegara vinte e quatro horas atrás. No entanto, parecia que ela precisava falar antes de ir para a cama. Ela queria falar, mas se sentia estranhamente velha e deprimida.

"Você percebe o que está fazendo?" ela exigiu. "Ela é jovem, vocês dois são jovens; e o casamento..." Aqui ela parou. Eles imploraram-lhe, no entanto, que continuasse, com tanta seriedade na voz, como se apenas desejassem conselhos, que ela foi levada a acrescentar:

"Casamento! bem, não é fácil."

"É isso que queremos saber", responderam eles, e ela adivinhou que agora eles estavam se olhando.

"Depende de vocês dois", afirmou ela. O rosto dela estava voltado para Terence e, embora ele mal pudesse vê-la, ele acreditava que suas palavras realmente encobriam um desejo genuíno de saber mais sobre ele. Ele se levantou de sua posição semi-reclinada e começou a contar a ela o que ela queria saber. Ele falou o mais levemente que pôde para tirar a depressão dela.

"Tenho vinte e sete anos e cerca de setecentos por ano", começou ele. "Meu temperamento é geralmente bom e minha saúde é excelente, embora Hirst detecte uma tendência à gota. Bem, então, acho que sou muito inteligente." Ele fez uma pausa como se quisesse confirmação.

Helena concordou.

— Embora, infelizmente, um tanto preguiçosa. Pretendo permitir que Rachel seja uma tola, se ela quiser, e... Você me acha, em geral, satisfatório em outros aspectos? ele perguntou timidamente.

"Sim, gosto do que sei sobre você", respondeu Helen. "Mas então... sabemos tão pouco."

"Moraremos em Londres", continuou ele, "e..." Em uníssono, perguntaram subitamente se ela não os considerava as pessoas mais felizes que já conhecera.

"Silêncio", ela os verificou, "Sra. Flushing, lembre-se. Ela está atrás de nós."

Depois ficaram em silêncio, e Terence e Rachel sentiram instintivamente que a sua felicidade a tinha deixado triste e, embora estivessem ansiosos por continuar a falar de si próprios, não gostavam de o fazer.

"Já conversamos muito sobre nós mesmos", disse Terence, "Conte-nos —"

"Sim, conte-nos..." Rachel repetiu. Ambos estavam dispostos a acreditar que cada um era capaz de dizer algo muito profundo.

"O que posso te dizer?" Helen refletiu, falando mais consigo mesma num estilo incoerente do que como uma profetisa entregando uma mensagem. Ela se forçou a falar.

"Afinal, embora eu repreenda Rachel, eu também não sou muito mais sábio. Sou mais velho, é claro, estou na metade e você está apenas começando. É intrigante - às vezes, eu acho, decepcionante; as grandes coisas não são tão grandes, talvez, como se espera - mas é interessante - Oh, sim, você certamente achará interessante - E assim continua", eles tomaram consciência aqui da procissão de árvores escuras em que, tanto quanto eles podiam ver, Helen estava olhando agora, "e há prazeres onde não se espera (você deve escrever para seu pai), e você será muito feliz, não tenho dúvidas. Mas preciso ir para a cama e, se você for sensato, me seguirá em dez minutos, e então", ela se levantou e ficou diante deles, quase inexpressiva e muito grande, "Boa noite." Ela passou por trás da cortina.

Depois de ficarem sentados em silêncio durante a maior parte dos dez minutos que ela lhes permitiu, eles se levantaram e ficaram pendurados na grade. Abaixo deles, a água negra e lisa escorria muito rápida e silenciosamente. A faísca de um cigarro desapareceu atrás deles. "Uma bela voz", murmurou Terence.

Raquel concordou. Helen tinha uma voz linda.

Depois de um silêncio, ela perguntou, olhando para o céu: "Estamos no convés de um navio a vapor em um rio da América do Sul? Eu sou Rachel, você é Terence?"

O grande mundo negro os rodeava. À medida que eram puxados suavemente, pareciam possuir imensa espessura e resistência. Eles podiam discernir copas pontiagudas e arredondadas. Erguendo os olhos acima das árvores, eles os fixaram nas estrelas e na pálida borda do céu acima das árvores. Os pequenos pontos de luz gelada, infinitamente distantes, atraíam seus olhares e os mantinham fixos, de modo que parecia que eles permaneceram por muito tempo e caíram uma grande distância, quando mais uma vez perceberam suas mãos agarrando o corrimão e seus corpos separados, lado a lado.

"Você se esqueceu completamente de mim", Terence a repreendeu, pegando-a pelo braço e começando a andar pelo convés, "e eu nunca me esqueço de você."

"Oh, não", ela sussurrou, ela não tinha esquecido, apenas as estrelas - a noite - a escuridão -

"Você parece um pássaro meio adormecido em seu ninho, Rachel. Você está dormindo. Você está falando enquanto dorme."

Meio adormecidos e murmurando palavras entrecortadas, ficaram no ângulo formado pela proa do barco. Ele escorregou rio abaixo. Agora um sino tocou na ponte e eles ouviram o barulho da água enquanto ela ondulava em ambos os lados, e uma vez um pássaro, assustado durante o sono, rangeu, voou para a árvore próxima e ficou em silêncio novamente. A escuridão caiu profusamente e quase não os deixou com nenhuma sensação de vida, exceto que eles estavam ali juntos na escuridão.

## 22. Capítulo Vinte e Dois

Retorno, febre, fragilidade e a quebra abrupta do futuro imaginado.

A escuridão caiu, mas levantou-se novamente, e à medida que cada dia se espalhava amplamente pela terra e os separava do estranho dia na floresta, quando foram forçados a dizer um ao outro o que queriam, esse desejo deles foi revelado a outras pessoas, e no processo tornou-se um pouco estranho para eles mesmos. Aparentemente não foi nada incomum o que aconteceu; foi que eles ficaram noivos para se casar. O mundo, que consistia em sua maior parte no hotel e na villa, expressou-se globalmente satisfeito pelo fato de duas pessoas se casarem, e permitiu-lhes ver que não se esperava que participassem do trabalho que deve ser feito para que o mundo continue, mas que poderiam ausentar-se por um tempo. Assim, foram deixados sozinhos até sentirem o silêncio, como se, brincando numa vasta igreja, a porta tivesse sido fechada para eles. Eles foram levados a caminhar sozinhos e a sentar-se sozinhos, para visitar lugares secretos onde as flores nunca haviam sido colhidas e as árvores eram solitárias. Na solidão, eles podiam expressar aqueles desejos belos, mas vastos demais, que eram tão estranhamente desconfortáveis aos ouvidos de outros homens e mulheres - desejos de um mundo, tal como lhes parecia ser o seu próprio mundo, que continha duas pessoas, onde as pessoas se conheciam intimamente e, portanto, julgavam umas às outras pelo que era bom, e nunca brigavam, porque isso era uma perda de tempo.

Eles conversavam sobre essas questões entre livros, ou ao sol, ou sentados à sombra de uma árvore, sem serem perturbados. Eles não estavam mais envergonhados ou meio sufocados por um significado que não conseguia se expressar; eles não tinham medo um do outro, ou, como viajantes em um rio

sinuoso, deslumbrados com belezas repentinas quando a esquina era dobrada; o inesperado acontecia, mas mesmo o comum era adorável e, em muitos aspectos, preferível ao extático e misterioso, pois era refrescantemente sólido e exigia esforço, e o esforço nessas circunstâncias não era esforço, mas deleite.

Enquanto Rachel tocava piano, Terence sentou-se perto dela, empenhado, pelo que a escrita ocasional de uma palavra a lápis testemunhava, em moldar o mundo tal como lhe parecia agora que ele e Rachel iam se casar. Certamente foi diferente. O livro chamado Silêncio não seria agora o mesmo livro que teria sido. Ele então largava o lápis e olhava para a frente, perguntando-se em que aspectos o mundo era diferente — tinha, talvez, mais solidez, mais coerência, mais importância, maior profundidade. Ora, até a terra às vezes lhe parecia muito profunda; não esculpidos em colinas, cidades e campos, mas amontoados em grandes massas. Ele olhava pela janela durante dez minutos de cada vez; mas não, ele não se importava com a terra varrida de seres humanos. Ele gostava de seres humanos - ele suspeitava que gostava deles mais do que Rachel. Lá estava ela, balançando-se com entusiasmo ao som da música, bastante esquecida dele, mas ele gostava dessa qualidade nela. Ele gostou da impessoalidade que isso produziu nela. Por fim, tendo escrito uma série de pequenas frases, com notas de interrogatório anexadas a elas, ele observou em voz alta: "Mulheres - sob o título Mulheres, escrevi:

"Não é realmente mais vaidoso que os homens. A falta de autoconfiança está na base das falhas mais graves. Antipatia pelo próprio sexo é tradicional ou baseada em fatos? Toda mulher não é tanto uma libertina de coração, mas uma otimista, porque não pensa. O que você me diz, Rachel?" Ele fez uma pausa com o lápis na mão e uma folha de papel no joelho.

Raquel não disse nada. Ela subiu cada vez mais a espiral íngreme de uma sonata de Beethoven muito tardia, como uma pessoa que sobe uma escada em ruínas, energicamente a princípio, depois avançando mais laboriosamente os pés com esforço até que não conseguiu subir mais alto e voltou correndo para começar bem no fundo novamente.

"Novamente, está na moda agora dizer que as mulheres são mais práticas e menos idealistas do que os homens, e também que têm considerável capacidade de organização, mas nenhum senso de honra' - pergunte, o que significa o termo masculino, honra? - o que corresponde a isso no seu sexo? Eh?"

Atacando sua escada mais uma vez, Rachel novamente negligenciou esta oportunidade de revelar os segredos de seu sexo. Na verdade, ela havia avançado tanto na busca pela sabedoria que permitiu que esses segredos permanecessem intactos; parecia estar reservado para uma geração posterior discuti-los filosoficamente. Soltando um acorde final com a mão esquerda, ela finalmente exclamou, virando-se para ele:

"Não, Terence, não adianta; aqui estou eu, o melhor músico da América do Sul, sem falar da Europa e da Ásia, e não consigo tocar uma nota porque você está na sala me interrompendo a cada segundo."

"Você parece não perceber que é isso que tenho almejado na última meia hora", observou ele. "Não tenho nenhuma objeção a melodias simples e bonitas - na verdade, considero-as muito úteis para a composição literária, mas esse tipo de coisa é apenas como um cachorro velho e infeliz andando pelas patas traseiras na chuva."

Começou a folhear as pequenas folhas de papel espalhadas sobre a mesa, transmitindo as felicitações dos amigos.

"— todos os desejos possíveis para toda a felicidade possível!", ele leu; "correto, mas não muito vívido, não é?"

"Eles são um absurdo!" Exclamou Raquel. "Pense em palavras comparadas com sons!" ela continuou. "Pense em romances, peças de teatro e histórias..." Sentada na beirada da mesa, ela mexia os volumes vermelhos e amarelos com desdém. Ela parecia estar em uma posição em que poderia desprezar todo o aprendizado humano. Terence olhou para eles também.

"Deus, Rachel, você lê lixo!" ele exclamou. "E você também está atrasado, minha querida. Ninguém sonha em ler esse tipo de coisa agora - peças de problemas antiquadas, descrições angustiantes da vida no extremo leste - ah, não, nós explodimos tudo isso. Leia poesia, Rachel, poesia, poesia, poesia!"

Pegando um dos livros, começou a ler em voz alta, com a intenção de satirizar o latido curto e agudo do inglês do escritor; mas ela não prestou atenção e, após um intervalo de meditação, exclamou:

"Já lhe pareceu, Terence, que o mundo é composto inteiramente de vastos blocos de matéria, e que não somos nada além de manchas de luz..." ela olhou para os pontos suaves do sol oscilando sobre o tapete e subindo pela parede - "assim?"

"Não", disse Terence, "sinto-me sólido; imensamente sólido; as pernas da minha cadeira podem estar enraizadas nas entranhas da terra. Mas em Cambridge, lembro-me, houve ocasiões em que alguém caía em estados ridículos de semicomá por volta das cinco horas da manhã. Hirst cai agora, espero... ah, não. Hirst não cairia."

Rachel continuou: "No dia em que seu bilhete chegou, nos convidando para irmos ao piquenique, eu estava sentada onde você está sentado agora, pensando nisso; me pergunto se poderia pensar isso de novo? Me pergunto se o mundo mudou? e se sim, quando ele vai parar de mudar, e qual é o mundo real?"

"Quando te vi pela primeira vez", ele começou, "pensei que você era como uma criatura que viveu toda a sua vida entre pérolas e ossos velhos. Suas mãos estavam molhadas, você se lembra, e você não disse uma palavra até que eu lhe dei um pedaço de pão, e então você disse: 'Seres Humanos!'

"E eu pensei que você era um pedante", ela lembrou. "Não; não é bem isso. Teve as formigas que roubaram a língua, e eu pensei que você e São João eram como aquelas formigas - muito grandes, muito feias, muito enérgicas, com todas as suas virtudes nas costas. Porém, quando conversei com você gostei de você — "

"Você se apaixonou por mim", ele a corrigiu. "Você estava apaixonado por mim o tempo todo, só que não sabia disso."

"Não, nunca me apaixonei por você", afirmou ela.

"Rachel... que mentira... você não ficou aqui olhando para minha janela... você não ficou vagando pelo hotel como uma coruja ao sol...?"

"Não", ela repetiu, "nunca me apaixonei, se apaixonar é o que as pessoas dizem que é, e é o mundo que conta as mentiras e eu digo a verdade. Oh, que mentiras - que mentiras!"

Ela amassou um punhado de cartas de Evelyn M., do Sr. Pepper, da Sra. Thornbury e da Srta. Allan, e de Susan Warrington. Era estranho,

considerando o quão diferentes essas pessoas eram, que usassem quase as mesmas frases quando escreveram para felicitá-la pelo noivado.

O fato de qualquer uma dessas pessoas ter sentido o que ela sentia, ou poder sentir, ou ter o direito de fingir, por um único segundo, que era capaz de sentir isso, a deixava horrorizada tanto quanto o culto na igreja, tanto quanto o rosto da enfermeira do hospital; e se eles não sentiram nada, por que foram e fingiram sentir? A simplicidade, a arrogância e a dureza da sua juventude, agora concentradas numa única faísca, como o era o seu amor por ele, intrigaram Terence; estar noivo não teve esse efeito sobre ele; o mundo era diferente, mas não dessa forma; ele ainda queria as coisas que sempre quis e, em particular, queria a companhia de outras pessoas mais do que nunca, talvez. Ele tirou as cartas da mão dela e protestou:

"É claro que são absurdos, Rachel; é claro que dizem coisas só porque outras pessoas as dizem, mas mesmo assim, que mulher agradável é a Srta. Allan; você não pode negar isso; e a Sra. Ela não é como uma grande e velha árvore murmurando ao luar, ou um rio fluindo indefinidamente? A propósito, Ralph foi nomeado governador das Ilhas Carroway - o governador mais jovem no serviço é muito bom, não é?"

Mas Raquel era, naquele momento, incapaz de conceber que a grande maioria dos assuntos do mundo continuasse sem qualquer ligação com o seu próprio destino.

"Não terei onze filhos", afirmou ela; "Não quero os olhos de uma velha. Ela olha para alguém de cima a baixo, de cima a baixo, como se fosse um cavalo."

"Precisamos ter um filho e precisamos ter uma filha", disse Terêncio, largando as cartas, "porque, sem falar na vantagem inestimável de serem

nossos filhos, eles seriam muito bem criados." Eles continuaram a esboçar um esboço da educação ideal - como sua filha deveria ser obrigada, desde a infância, a olhar para um grande quadrado de papelão pintado de azul, para sugerir pensamentos de infinito, pois as mulheres se tornaram práticas demais; e o filho deles - ele deveria ser ensinado a rir dos grandes homens, isto é, dos homens ilustres e bem-sucedidos, dos homens que usavam fitas e subiam ao topo das árvores. Ele não deveria de forma alguma se assemelhar (acrescentou Rachel) a São João Hirst.

Com isso, Terence professou a maior admiração por São João Hirst. Pensando em suas boas qualidades, ele ficou seriamente convencido delas; ele tinha uma mente como um torpedo, declarou, visando a falsidade. Onde deveríamos estar sem ele e seus semelhantes? Sufocado em ervas daninhas; Cristãos, fanáticos - ora, a própria Rachel seria uma escrava com um leque para cantar canções para os homens quando eles se sentissem sonolentos.

"Mas você nunca verá isso!" ele exclamou; "porque com todas as suas virtudes você não se preocupa, e nunca se importará, com cada fibra do seu ser pela busca da verdade! Você não tem respeito pelos fatos, Rachel; você é essencialmente feminina."

Ela não se preocupou em negá-lo, nem achou por bem apresentar o único argumento irrespondível contra os méritos que Terence admirava. St. John dissera que ela estava apaixonada por ele; ela nunca perdoaria isso; mas o argumento não era para apelar a um homem.

"Mas eu gosto dele", disse ela, e pensou consigo mesma que também tinha pena dele, como alguém tem pena daquelas pessoas infelizes que estão fora do cálido e misterioso globo cheio de mudanças e milagres em que nós mesmos nos movemos; ela pensou que devia ser muito chato ser St. John

Hirst.

Ela resumiu o que sentia por ele dizendo que não o beijaria se ele desejasse, o que não era provável.

Como se alguma desculpa fosse devida a Hirst pelo beijo que ela então concedeu a si mesmo, Terence protestou:

"E comparado com Hirst, sou um perfeito maluco."

O relógio aqui bateu doze horas em vez de onze.

"Estamos desperdiçando a manhã - eu deveria estar escrevendo meu livro e você deveria responder a estas."

"Só nos restam vinte e uma manhãs inteiras", disse Rachel. "E meu pai estará aqui em um ou dois dias."

No entanto, ela puxou uma caneta e papel para si e começou a escrever laboriosamente,

"Minha querida Evelyn —"

Enquanto isso, Terence leu um romance que outra pessoa havia escrito, um processo que ele considerou essencial para a composição do seu próprio. Durante um tempo considerável, nada se ouviu, exceto o tique-taque do relógio e o arranhar intermitente da caneta de Rachel, enquanto ela produzia frases que tinham uma considerável semelhança com aquelas que ela havia condenado. Ela mesma ficou impressionada, pois parou de escrever e ergueu os olhos; olhou para Terêncio no fundo da poltrona, olhou para os diferentes móveis, para a cama dela no canto, para a vidraça que mostrava os galhos de uma árvore preenchidos de céu, ouviu o tique-taque do relógio e ficou

maravilhada com o abismo que havia entre tudo isso e sua folha de papel. Haveria um tempo em que o mundo fosse um e indivisível? Mesmo com o próprio Terence — quão distantes eles poderiam estar, quão pouco ela sabia o que se passava em seu cérebro agora! Ela então terminou sua frase, que foi estranha e feia, e afirmou que eles estavam "ambos muito felizes, e provavelmente vão se casar no outono e esperam morar em Londres, onde esperamos que você venha nos ver quando voltarmos." Escolhendo "carinhosamente", depois de mais algumas especulações, em vez de sinceramente, ela assinou a carta e estava obstinadamente começando outra quando Terence comentou, citando seu livro:

"Ouça isto, Rachel. 'É provável que Hugh' (ele é o herói, um literato), 'não tivesse percebido na época de seu casamento, assim como o jovem de talento e imaginação geralmente percebe, a natureza do abismo que separa as necessidades e desejos do homem das necessidades e desejos da mulher... No início eles ficaram muito felizes. O passeio a pé na Suíça foi um momento de companheirismo alegre e revelações estimulantes para ambos. Betty provou seu valor. o camarada ideal.... Eles gritaram Amor no Vale um para o outro através das encostas nevadas do Riffelhorn' (e assim por diante, e assim por diante - vou pular as descrições)... 'Mas em Londres, depois do nascimento do menino, tudo mudou. Betty era uma mãe admirável; mas não demorou muito para descobrir que a maternidade, tal como essa função é entendida pelas mães das classes médias altas, não absorvia todas as suas energias. Ela era jovem e forte, com membros saudáveis e um corpo e um cérebro que exigiam urgentemente exercício...' (Resumindo, ela começou a dar chás.)...'Chegando tarde desta conversa singular com o velho Bob Murphy em seu quarto enfumaçado e forrado de livros, onde os dois homens haviam soltado sua alma para o outro, com o som do tráfego zumbindo em

seus ouvidos, e o céu nebuloso de Londres pendurado tragicamente em sua mente... ele encontrou chapéus de mulher espalhado entre seus papéis. Casacos femininos e sapatinhos femininos absurdos e guarda-chuvas estavam no corredor.... Então as contas começaram a chegar... Ele tentou falar francamente com ela. Ele a encontrou deitada sobre a grande pele de urso polar no quarto deles, seminua, pois estavam jantando com os Green em Wilton Crescent, a luz avermelhada do fogo fazendo os diamantes piscarem e cintilarem em seus braços nus e na deliciosa curva de seus seios - uma visão de adorável feminilidade. Ele a perdeu completamente. (Bem, isso vai de mal a pior e, finalmente, cerca de cinquenta páginas depois, Hugh compra uma passagem de fim de semana para Swanage e 'discute sozinho nas colinas acima de Corfe'.... Aqui há cerca de quinze páginas que vamos pular. A conclusão é...) 'Eles eram diferentes. Talvez, num futuro distante, quando gerações de homens tivessem lutado e fracassado como ele agora deve lutar e fracassar, a mulher seria, de fato, o que ela agora fingia ser - a amiga e companheira - e não a inimiga e parasita do homem.'

"O fim de tudo é que Hugh voltou para sua esposa, coitado. Era seu dever, como homem casado. Senhor, Rachel", concluiu ele, "será assim quando nos casarmos?"

Em vez de responder, ela perguntou:

"Por que as pessoas não escrevem sobre as coisas que sentem?"

"Ah, essa é a dificuldade!" ele suspirou, jogando o livro fora.

"Bem, então, como será quando nos casarmos? Quais são as coisas que as pessoas sentem?"

Ela parecia duvidosa.

"Sente-se no chão e deixe-me olhar para você", ele ordenou. Apoiando o queixo no joelho dele, ela olhou diretamente para ele.

Ele a examinou com curiosidade.

"Você não é bonita", ele começou, "mas eu gosto do seu rosto. Gosto do jeito que seu cabelo cresce em ponta, e seus olhos também... eles nunca veem nada. você explodiria meus miolos. Há momentos", continuou ele, "em que, se ficássemos juntos em uma rocha, você me jogaria no mar."

Hipnotizada pela força dos olhos dele nos dela, ela repetiu: "Se ficássemos juntos em uma rocha —"

Ser jogado no mar, ser levado de um lado para outro e levado pelas raízes do mundo — a ideia era incoerentemente encantadora. Ela se levantou de um salto e começou a se movimentar pela sala, curvando-se e empurrando para o lado as cadeiras e mesas como se estivesse de fato atravessando as águas. Ele a observou com prazer; ela parecia estar abrindo uma passagem para si mesma e lidando triunfantemente com os obstáculos que impediriam sua passagem pela vida.

"Parece possível!" ele exclamou, "embora eu sempre tenha pensado que isso era a coisa mais improvável do mundo - estarei apaixonado por você por toda a minha vida, e nosso casamento será a coisa mais emocionante que já aconteceu! Nunca teremos um momento de paz..." Ele a pegou nos braços quando ela passou por ele, e eles lutaram pela maestria, imaginando uma rocha e o mar agitado abaixo deles. Por fim, ela foi jogada no chão, onde ficou ofegante e clamando por misericórdia.

"Eu sou uma sereia! Eu sei nadar", ela gritou, "então o jogo acabou." Seu vestido estava rasgado e a paz foi estabelecida, ela pegou uma agulha e linha

e começou a consertar o rasgo.

"E agora", disse ela, "fique quieto e me conte sobre o mundo; conte-me sobre tudo o que já aconteceu, e eu lhe contarei... deixe-me ver, o que posso lhe contar?"

Eles já haviam passado muito tempo informando um ao outro o curso de suas vidas passadas e o caráter de seus amigos e parentes, de modo que muito em breve Terence sabia não apenas o que se poderia esperar que as tias de Rachel dissessem em cada ocasião, mas também como seus quartos eram mobiliados e que tipo de gorros usavam. Ele poderia manter uma conversa entre a Sra. Hunt e Rachel, e realizar um chá incluindo o Rev. William Johnson e a Srta. Macquoid, os Cientistas Cristãos, com notável semelhança com a verdade. Mas ele conhecia muito mais pessoas e era muito mais habilidoso na arte da narrativa do que Rachel, cujas experiências eram, em sua maior parte, de um tipo curiosamente infantil e bem-humorado, de modo que geralmente cabia a ela ouvir e fazer perguntas.

Ele contou-lhe não apenas o que havia acontecido, mas o que havia pensado e sentido, e esboçou para ela retratos que a fascinaram sobre o que outros homens e mulheres poderiam estar pensando e sentindo, de modo que ela ficou muito ansiosa para voltar para a Inglaterra, que estava cheia de gente, onde ela poderia simplesmente ficar nas ruas e olhar para eles. Segundo ele, também havia uma ordem, um padrão que tornava a vida razoável ou, se essa palavra fosse tola, tornava-a de qualquer modo de profundo interesse, pois às vezes parecia possível compreender por que as coisas aconteciam como aconteciam. As pessoas também não eram tão solitárias e pouco comunicativas como ela acreditava. Ela deveria procurar a vaidade — pois a vaidade era uma qualidade comum — primeiro em si mesma, e depois em

Helen, em Ridley, em St. John, todos tinham sua parcela dela — e ela a encontraria em dez pessoas em cada doze que conhecesse; e uma vez unidos por um desses laços, ela não os consideraria separados e formidáveis, mas praticamente indistinguíveis, e passaria a amá-los quando descobrisse que eram como ela. Se ela negasse isso, deveria defender sua crença de que os seres humanos eram tão variados quanto os animais do Zoológico, que tinham listras e crinas, e chifres e corcundas; e assim, discutindo toda a lista de seus conhecidos e divergindo em anedotas, teorias e especulações, eles acabaram se conhecendo. As horas passaram rapidamente e pareceram-lhes cheias a ponto de vazarem. Depois de uma noite de solidão, eles estavam sempre prontos para começar de novo.

As virtudes que a Sra. Ambrose uma vez acreditou existirem na conversa livre entre homens e mulheres existiam na verdade para ambos, embora não exatamente na medida que ela prescreveu. Muito mais do que sobre a natureza do sexo, eles se debruçavam sobre a natureza da poesia, mas era verdade que uma conversa sem limites aprofundava e ampliava a visão estranhamente pequena e brilhante de uma garota. Em troca do que ele poderia lhe dizer, ela lhe trouxe tanta curiosidade e sensibilidade de percepção, que ele foi levado a duvidar se algum dom concedido por muita leitura e vida fosse equivalente ao do prazer e da dor. Afinal, o que a experiência lhe proporcionaria, exceto uma espécie de equilíbrio formal ridículo, como o de um cachorro treinado na rua? Ele olhou para o rosto dela e se perguntou como seria daqui a vinte anos, quando os olhos estivessem opacos e a testa exibisse aquelas pequenas rugas persistentes que parecem mostrar que os de meia-idade estão enfrentando algo difícil que os jovens não percebem. Qual seria a dificuldade para eles, ele se perguntou? Então seus pensamentos se voltaram para a vida deles na Inglaterra.

A ideia da Inglaterra era encantadora, pois juntos veriam as coisas antigas com frescor; seria a Inglaterra em junho, e haveria noites de junho no campo; e os rouxinóis cantando nas vielas, para onde podiam entrar furtivamente quando o quarto esquentava; e haveria prados ingleses brilhando com água e repletos de vacas impassíveis, e nuvens baixando e arrastando-se pelas colinas verdes. Enquanto estava sentado na sala com ela, muitas vezes ele desejava estar de volta ao auge da vida, fazendo coisas com Rachel.

Ele foi até a janela e exclamou: "Senhor, como é bom pensar em caminhos, caminhos lamacentos, com espinheiros e urtigas, você sabe, e campos de grama de verdade, e currais com porcos e vacas, e homens andando ao lado de carroças com forcados - não há nada que se compare com isso aqui - olhe para a terra vermelha pedregosa, e o mar azul brilhante, e as casas brancas deslumbrantes - como nos cansamos disso! E o ar, sem uma mancha ou um ruga. Eu daria qualquer coisa por uma névoa marítima."

Rachel também estivera pensando na região inglesa: na terra plana que se estendia até o mar, e nos bosques e nas estradas longas e retas, onde se pode caminhar quilômetros sem ver ninguém, e nas grandes torres das igrejas e nas casas curiosas aglomeradas nos vales, e nos pássaros, e no crepúsculo, e na chuva batendo nas janelas.

"No geral, o que eu mais gostaria neste momento", ponderou Terence, "seria me encontrar andando pela Kingsway, perto daqueles grandes cartazes, você sabe, e virando para o Strand. Talvez eu pudesse dar uma olhada na ponte Waterloo por um momento. Depois eu seguiria ao longo do Strand, passando pelas lojas com todos os livros novos neles, e através do pequeno arco que leva ao Templo. Eu sempre gosto do silêncio depois do alvoreço. Você ouviu seus próprios passos de repente, bem altos. O Temple é muito simpático.

Acho que deveria ir ver se conseguia encontrar o velho e querido Hodgkin... o homem que escreve livros sobre Van Eyck, você sabe. Quando deixei a Inglaterra, ele ficou muito triste por causa de sua pega domesticada. Ele suspeitava que um homem o tivesse envenenado. E então Russell mora na próxima escada. Acho que você gostaria dele. Ele é uma paixão por Handel. Bem, Rachel — concluiu ele, descartando a visão de Londres —, faremos isso juntos dentro de seis semanas, e será então em meados de junho — e junho em Londres — meu Deus! como tudo é agradável!"

"E temos certeza de que também o teremos", disse ela. "Não é como se estivéssemos esperando muito - apenas passear e observar as coisas."

"Apenas mil por ano e liberdade perfeita", respondeu ele. "Quantas pessoas em Londres você acha que têm isso?"

"E agora você estragou tudo", ela reclamou. "Agora temos que pensar nos horrores." Ela olhou com relutância para o romance que uma vez lhe causou talvez um desconforto de uma hora, de modo que ela nunca mais o abriu, mas manteve-o sobre a mesa, e olhou para ele ocasionalmente, como algum monge medieval guardava uma caveira, ou um crucifixo para lembrá-lo da fragilidade do corpo.

"É verdade, Terence", ela exigiu, "que as mulheres morrem com insetos rastejando em seus rostos?"

"Acho que é muito provável", disse ele. "Mas você deve admitir, Rachel, que raramente pensamos em algo além de nós mesmos, que uma pontada ocasional é realmente bastante agradável."

Acusando-o de uma afetação de cinismo tão ruim quanto o próprio sentimentalismo, ela deixou seu lugar ao lado dele e se ajoelhou no parapeito

da janela, torcendo as borlas da cortina entre os dedos. Uma vaga sensação de insatisfação a encheu.

"O que há de tão detestável neste país", ela exclamou, "é o azul - sempre o céu azul e o mar azul. É como uma cortina - todas as coisas que alguém deseja estão do outro lado dela. Quero saber o que está acontecendo por trás disso. Odeio essas divisões, não é, Terence? Uma pessoa totalmente no escuro sobre outra pessoa. Agora eu gostei dos Dalloways", continuou ela, "e eles se foram. Nunca mais os verei. Só por entrar em um navio nós nos isolamos totalmente do resto do mundo. Quero ver a Inglaterra lá - Londres lá - todo tipo de gente - por que não deveria alguém ficar trancado sozinho em um quarto?"

Enquanto falava assim, meio para si mesma e com cada vez mais imprecisão, porque seu olhar foi atraído por um navio que acabara de chegar à baía, ela não percebeu que Terêncio havia parado de olhar satisfeito para a frente dele, e estava olhando para ela com atenção e insatisfação. Ela parecia ser capaz de se afastar dele e partir para lugares desconhecidos onde não precisava dele. O pensamento despertou seu ciúme.

"Às vezes penso que você não está apaixonado por mim e nunca estará", disse ele energicamente. Ela se assustou e se virou com as palavras dele.

"Eu não te satisfaço da mesma forma que você me satisfaz", ele continuou. "Há algo que não consigo entender em você. Você não me quer como eu quero você - você está sempre querendo outra coisa."

Ele começou a andar de um lado para o outro na sala.

"Talvez eu esteja pedindo demais", continuou ele. "Talvez não seja realmente possível ter o que eu quero. Homens e mulheres são muito diferentes.

Ele veio até onde ela estava olhando para ele em silêncio.

"Ou é apenas este maldito noivado?" ele continuou. "Vamos nos casar aqui, antes de voltarmos... ou é um risco muito grande? Temos certeza de que queremos nos casar?"

Eles começaram a andar de um lado para o outro na sala, mas embora estivessem muito próximos um do outro, tomaram cuidado para não se tocarem. A desesperança de sua posição superou os dois. Eles eram impotentes; eles nunca poderiam amar um ao outro o suficiente para superar todas essas barreiras e nunca poderiam ficar satisfeitos com menos. Percebendo isso com uma intensidade intolerável, ela parou na frente dele e exclamou:

"Vamos terminar então."

As palavras fizeram mais para uni-los do que qualquer argumento. Como se estivessem à beira de um precipício, eles se agarraram. Eles sabiam que não poderiam separar-se; poderia ser doloroso e terrível, mas eles estavam unidos para sempre. Eles ficaram em silêncio e, depois de um tempo, ficaram juntos em silêncio. O simples fato de estarem tão próximos acalmou-os e, sentados lado a lado, as divisões desapareceram, e parecia que o mundo era mais uma vez sólido e inteiro, e como se, de alguma forma estranha, tivessem ficado maiores e mais fortes.

## 23. Capítulo Vinte e Três

A doença de Rachel ocupa o centro emocional do romance.

MAS nenhum pincel foi capaz de apagar completamente a expressão de felicidade, de modo que a Sra. Ambrose não pôde tratá-los quando desceram como se tivessem passado a manhã de uma forma que pudesse ser discutida com naturalidade. Sendo assim, ela se juntou à conspiração mundial para considerá-los, por enquanto, incapacitados dos negócios da vida, impressionada pela intensidade de seu sentimento de inimizade contra a vida, e quase conseguiu afastá-los de seus pensamentos.

Ela refletiu que havia feito tudo o que era necessário em questões práticas. Ela havia escrito muitas cartas e obtido o consentimento de Willoughby. Ela pensara tantas vezes nas perspectivas do Sr. Hewet, na sua profissão, no seu nascimento, aparência e temperamento, que quase se esquecera de como ele realmente era. Quando ela se refrescava ao olhar para ele, ela costumava se perguntar novamente como ele era, e então, concluindo que eles eram felizes de qualquer maneira, não pensava mais nisso.

Ela poderia considerar com mais proveito o que aconteceria dentro de três anos, ou o que poderia ter acontecido se Rachel tivesse sido deixada para explorar o mundo sob a orientação de seu pai. O resultado, ela foi honesta o suficiente para admitir, poderia ter sido melhor - quem sabe? Ela não disfarçava que Terence tinha defeitos. Ela estava inclinada a considerá-lo muito fácil e tolerante, assim como ele estava inclinado a considerá-la talvez um pouco difícil - não, na verdade ela era intransigente. De certa forma, ela achou São João preferível; mas é claro que ele nunca teria se adaptado a Rachel. Sua amizade com St. John estava estabelecido, pois embora ela oscilasse entre a irritação e o interesse de uma forma que dava crédito à

franqueza de sua disposição, ela gostava de sua companhia no geral. Ele a levou para fora deste pequeno mundo de amor e emoção. Ele tinha uma compreensão dos fatos. Supondo, por exemplo, que a Inglaterra fizesse um movimento repentino em direção a algum porto desconhecido na costa de Marrocos, St. John sabia o que estava por trás disso, e ouvi-lo discutir com o marido sobre finanças e equilíbrio de poder deu-lhe uma estranha sensação de estabilidade. Ela respeitava os seus argumentos sem sempre ouvi-los, como respeitava uma sólida parede de tijolos, ou um daqueles imensos edifícios municipais que, embora constituam a maior parte das nossas cidades, foram construídos dia após dia e ano após ano por mãos desconhecidas. Ela gostava de sentar e ouvir, e até se sentiu um pouco exultante quando o casal de noivos, depois de mostrar seu profundo desinteresse, saiu da sala e foi visto arrancando flores em pedaços no jardim. Não que ela tivesse ciúmes deles, mas sem dúvida os invejava pelo grande futuro desconhecido que estava diante deles. Passando de um pensamento para outro, ela estava naquele momento vagando da sala de estar para a sala de jantar com frutas nas mãos. Às vezes ela parava para endireitar uma vela curvada com o calor, ou perturbava alguma disposição muito rígida das cadeiras. Ela tinha motivos para suspeitar que Chailey estivera se equilibrando no topo de uma escada com um espanador molhado durante sua ausência, e o quarto nunca mais foi como era desde então. Voltando pela terceira vez da sala de jantar, percebeu que uma das poltronas estava agora ocupada por São João. Ele ficou deitado ali, com os olhos semicerrados, parecendo, como sempre, curiosamente abotoado em um elegante terno cinza, e protegido contra a exuberância de um clima estranho que poderia a qualquer momento começar a tomar liberdades com ele. Os olhos dela pousaram nele suavemente e depois passaram por cima de sua cabeça.

Finalmente ela sentou-se na cadeira em frente.

"Eu não queria vir aqui", ele disse finalmente, "mas fui positivamente levado a isso... Evelyn M.", ele gemeu.

Ele sentou-se e começou a explicar com falsa solenidade como a detestável mulher estava decidida a se casar com ele.

"Ela me persegue por todo lugar. Esta manhã ela apareceu na sala de fumantes. Tudo o que pude fazer foi pegar meu chapéu e fugir. Eu não queria ir, mas não poderia ficar e enfrentar outra refeição com ela."

"Bem, devemos tirar o melhor proveito disso", Helen respondeu filosoficamente. Estava muito quente e eles eram indiferentes a qualquer silêncio, de modo que se recostaram nas cadeiras esperando que algo acontecesse. A campainha tocou para o almoço, mas não houve nenhum som de movimento na casa. Houve alguma novidade? Helen perguntou; alguma coisa nos jornais? São João balançou a cabeça. Ah, sim, ele recebeu uma carta de casa, uma carta de sua mãe, descrevendo o suicídio da criada. Ela se chamava Susan Jane e, certa tarde, entrou na cozinha e disse que queria que a cozinheira guardasse o dinheiro para ela; ela tinha vinte libras em ouro. Então ela saiu para comprar um chapéu. Ela chegou às cinco e meia e disse que havia tomado veneno. Eles mal tiveram tempo de levá-la para a cama e chamar um médico antes que ela morresse.

"Bem?" Helen perguntou.

"Terá que haver um inquérito", disse St. John.

Por que ela fez isso? Ele encolheu os ombros. Por que as pessoas se matam? Por que as ordens inferiores fazem alguma das coisas que fazem? Ninguém

sabe. Eles ficaram sentados em silêncio.

"O sinal tocou quinze minutos e eles ainda não desceram", disse Helen finalmente.

Quando eles apareceram, São João explicou por que foi necessário que ele viesse almoçar. Ele imitou o tom entusiasmado de Evelyn quando ela o confrontou na sala de fumantes. "Ela acha que não pode haver nada tão emocionante quanto a matemática, por isso emprestei-lhe um grande trabalho em dois volumes. Será interessante ver o que ela acha dele."

Rachel agora podia se dar ao luxo de rir dele. Ela o lembrava de Gibbon; ela ainda tinha o primeiro volume em algum lugar; se ele estava empenhado na educação de Evelyn, esse certamente seria o teste; ou ela tinha ouvido falar que Burke, sobre a rebelião americana — Evelyn deveria ler os dois simultaneamente. Quando St. John terminou o argumento dela e saciou sua fome, ele começou a dizer-lhes que o hotel estava fervilhando de escândalos, alguns dos mais terríveis, que aconteceram em sua ausência; ele era de fato muito dado ao estudo de sua espécie.

"Evelyn M., por exemplo, mas isso me foi contado em sigilo."

"Bobagem", interveio Terence.

"Você também ouviu falar do pobre Sinclair?"

— Ah, sim, ouvi falar de Sinclair. Ele se retirou para sua mina com um revólver.

"Mas então ela se envolveu com Perrott", continuou St. John "e tenho motivos para pensar; por algo que vi na passagem, que nem tudo está como deveria ser entre Arthur e Susan. Há uma jovem que chegou recentemente de

Manchester. Seria muito bom se ela fosse interrompida, na minha opinião. A vida de casado deles é algo horrível demais para ser contemplada. Ah, e ouvi claramente a velha Sra. Paley recitando os mais terríveis juramentos quando passei pela porta de seu quarto. Supõe-se que ela tortura a empregada em particular; é praticamente certo que ela o faz, pela expressão em seus olhos.

"Quando você tiver oitenta anos e a gota o atingir, você estará xingando como um soldado", observou Terence. "Você vai ser muito gordo, muito irritado, muito desagradável. Você não consegue imaginá-lo, careca como um galeirão, com calças de saco de esponja, uma gravata manchada e uma empresa?"

Após uma pausa, Hirst observou que a pior infâmia ainda estava por ser contada. Ele se dirigiu a Helen. "Eles expulsaram a prostituta. Uma noite, enquanto estávamos fora, aquele velho idiota do Thornbury estava vacilando com as passagens muito tarde. (Ninguém parece ter perguntado a ele o que ele estava fazendo.) Ele viu a Signora Lola Mendoza, como ela mesma chama, atravessar a passagem em sua camisola. Ele comunicou suas suspeitas na manhã seguinte a Elliot, com o resultado que Rodriguez foi até a mulher e deu-lhe vinte e quatro horas para sair do lugar. Não parece que alguém investigou a veracidade da história, ou perguntou a Thornbury e Elliot que assunto era deles; eles faziam tudo à sua maneira. Proponho que todos assinemos um Round Robin, procuremos Rodriguez em grupo e insistamos em uma investigação completa. Alguma coisa precisa ser feita, você não concorda?"

Hewet observou que não poderia haver dúvidas quanto à profissão da senhora.

“Mesmo assim”, acrescentou, “é uma grande pena, pobre mulher; só que não vejo o que deve ser feito —”

— Concordo plenamente com você, St. John — explodiu Helen. “É monstruoso. A presunção hipócrita dos ingleses faz meu sangue ferver. Um homem que fez fortuna no comércio como o Sr. Thornbury fez está fadado a ser duas vezes pior que qualquer prostituta.” Ela respeitava a moralidade de São João, que levava muito mais a sério do que qualquer outra pessoa, e agora discutia com ele sobre os passos que deveriam ser dados para reforçar sua visão peculiar do que era certo. O argumento levou a algumas declarações profundamente sombrias de natureza geral. Afinal, quem eram eles — que autoridade tinham — que poder contra a massa da superstição e da ignorância? Eram os ingleses, claro; deve haver algo errado no sangue inglês. Assim que você conheceu um inglês, da classe média, você teve consciência de uma sensação indefinível de ódio; Assim que você viu o crescente marrom de casas acima de Dover, a mesma coisa aconteceu com você. Mas, infelizmente, St. John acrescentou, não se podia confiar nesses estrangeiros —

Eles foram interrompidos por sons de conflito na outra ponta da mesa. Rachel apelou para sua tia.

“Terence diz que devemos tomar chá com a Sra. Thornbury porque ela tem sido muito gentil, mas não vejo isso; na verdade, prefiro que minha mão direita seja serrada em pedaços - imagine só! Os olhos de todas aquelas mulheres!”

“Fiddlesticks, Rachel”, respondeu Terence. “Quem quer olhar para você? Você está consumido pela vaidade! Você é um monstro de presunção! Certamente, Helen, você já deveria ter ensinado a ela que ela é uma pessoa

sem qualquer importância concebível - nem bonita, nem bem vestida, nem notável por sua elegância, intelecto ou comportamento. Uma visão mais comum do que você", concluiu ele, "exceto pelo rasgo em seu vestido, nunca foi visto. No entanto, fique em casa se quiser. Eu estou indo. "

Ela apelou novamente para sua tia. Não era o que estava sendo observado, explicou ela, mas as coisas que as pessoas certamente diriam. As mulheres em particular. Ela gostava de mulheres, mas no que dizia respeito à emoção elas eram como moscas num torrão de açúcar. Eles certamente lhe fariam perguntas. Evelyn M. diria: "Você está apaixonado? É bom estar apaixonado?" E a Sra. Thornbury - seus olhos subiam e desciam, subiam e desciam - ela estremeceu ao pensar nisso. Na verdade, o afastamento da vida deles desde o noivado a deixou tão sensível que ela não estava exagerando.

Ela encontrou uma aliada em Helen, que passou a expor suas opiniões sobre a raça humana, ao observar com complacência a pirâmide de frutas variadas no centro da mesa. Não que fossem cruéis, ou que tivessem a intenção de machucar, ou mesmo que fossem exatamente estúpidos; mas ela sempre descobriu que a pessoa comum tinha tão poucas emoções em sua própria vida que o cheiro delas na vida dos outros era como o cheiro de sangue nas narinas de um cão de caça. Entrando no tema, ela continuou:

"Diretamente qualquer coisa acontece - pode ser um casamento, ou um nascimento, ou uma morte - no geral eles preferem que seja a morte - todo mundo quer ver você. Eles insistem em ver você. Eles não têm nada a dizer; eles não se importam com você; mas você tem que ir almoçar, tomar chá ou jantar, e se não o fizer, você está condenado. É o cheiro de sangue", ela continuou; "Eu não os culpo; só que eles não terão os meus se eu souber disso!"

Ela olhou ao redor como se tivesse convocado uma legião de seres humanos, todos hostis e desagradáveis, que cercavam a mesa, com as bocas abertas em busca de sangue, e faziam com que parecesse uma pequena ilha de país neutro no meio do país inimigo.

Suas palavras despertaram o marido, que murmurava ritmicamente para si mesmo, examinando seus convidados, sua comida e sua esposa com olhos ora melancólicos ora ferozes, de acordo com a sorte da senhora de sua balada. Ele interrompeu Helen com um protesto. Ele odiava até mesmo a aparência de cinismo nas mulheres. "Bobagem, bobagem", ele comentou abruptamente.

Terence e Rachel se entreolharam do outro lado da mesa, o que significava que quando se casassem não se comportariam assim. A entrada de Ridley na conversa teve um efeito estranho. Tornou-se ao mesmo tempo mais formal e mais educado. Teria sido impossível falar facilmente sobre qualquer coisa que lhes passasse pela cabeça e dizer a palavra prostituta tão simplesmente como qualquer outra palavra. A conversa agora girou em torno de literatura e política, e Ridley contou histórias de pessoas ilustres que conhecera em sua juventude. Tal conversa era da natureza de uma arte, e as personalidades e informalidades dos jovens foram silenciadas. Quando se levantaram para ir embora, Helen parou por um momento, apoiando os cotovelos na mesa.

"Vocês estão todos sentados aqui", disse ela, "há quase uma hora e não notaram meus figos, ou minhas flores, ou a forma como a luz entra, ou qualquer coisa. Não tenho escutado, porque estive olhando para vocês. Vocês estavam muito lindos; gostaria que continuassem sentados para sempre."

Ela foi na frente até a sala de estar, onde começou a bordar, e começou novamente a dissuadir Terence de descer até o hotel naquele calor. Mas quanto mais ela dissuadiu, mais ele estava determinado a ir. Ele ficou

irritado e obstinado. Houve momentos em que eles quase não gostaram um do outro. Ele queria outras pessoas; ele queria que Rachel os visse com ele. Ele suspeitava que a Sra. Ambrose tentaria agora dissuadi-la de ir. Ele estava irritado com todo aquele espaço, sombra e beleza, e com Hirst, deitado, segurando uma revista no pulso.

"Estou indo", ele repetiu. "Rachel não precisa vir a menos que queira."

"Se você for, Hewet, gostaria que fizesse perguntas sobre a prostituta", disse Hirst. "Olhe aqui", acrescentou ele, "vou caminhar metade do caminho com você."

Para grande surpresa deles, ele se levantou, olhou para o relógio e observou que, como já havia passado meia hora desde o almoço, os sucos gástricos tiveram tempo suficiente para serem secretados; ele estava tentando um sistema, explicou, que envolvia curtos períodos de exercício intercalados por intervalos mais longos de descanso.

"Estarei de volta às quatro", comentou ele com Helen, "quando me deitarei no sofá e relaxarei completamente todos os meus músculos."

Ela sorriu, mas poderia ter ficado triste.

Ela estava triste ou estava realmente rindo? Rachel não sabia dizer e no momento sentiu-se muito desconfortável entre Helen e Terence. Depois ela se virou, dizendo apenas que iria com Terence, com a condição de que ele fosse quem falasse.

Uma estreita borda de sombra corria ao longo da estrada, que era larga o suficiente para dois, mas não o suficiente para três. St. John, portanto, ficou um pouco atrás da dupla, e a distância entre eles aumentou gradativamente.

Caminhando visando a digestão e com um olho no relógio, olhava de vez em quando para o par que tinha à sua frente. Eles pareciam tão felizes, tão íntimos, embora caminhassem lado a lado, assim como outras pessoas caminham. Eles se viravam ligeiramente um para o outro de vez em quando e diziam algo que ele achava que devia ser algo muito particular. Eles estavam realmente discutindo sobre o caráter de Helen, e Terence estava tentando explicar por que ela o irritava tanto às vezes. Mas São João pensou que eles estavam dizendo coisas que não queriam que ele ouvisse e foi levado a pensar em seu próprio isolamento. Essas pessoas eram felizes e, de certa forma, ele as desprezava por serem felizes de maneira tão simples, e de outras maneiras, ele as invejava. Ele era muito mais notável do que eles, mas não estava feliz. As pessoas nunca gostaram dele; ele às vezes duvidava que até mesmo Helen gostasse dele. Ser simples, ser capaz de dizer simplesmente o que se sentia sem a terrível autoconsciência que o possuía, e mostrar-lhe perpetuamente o próprio rosto e as palavras num espelho, isso valeria quase qualquer outro presente, pois fazia alguém feliz. Felicidade, felicidade, o que era felicidade? Ele nunca foi feliz. Ele via com muita clareza os pequenos vícios, enganos e falhas da vida e, ao vê-los, parecia-lhe honesto notá-los. Essa era, sem dúvida, a razão pela qual as pessoas geralmente não gostavam dele e reclamavam que ele era insensível e amargo. Certamente nunca lhe contaram as coisas que ele queria que lhe contassem, que ele era bom e gentil e que gostavam dele. Mas era verdade que metade das coisas duras que ele disse sobre eles foram ditas porque ele estava infeliz ou se machucou. Mas ele admitiu que raramente dizia a alguém que se importava com eles e, quando era demonstrativo, geralmente se arrependia depois. Seus sentimentos em relação a Terence e Rachel eram tão complicados que ele ainda não conseguira dizer que estava feliz por eles se casarem. Ele via

seus defeitos com muita clareza e a natureza inferior de muitos sentimentos que sentiam um pelo outro, e esperava que o amor deles não durasse. Ele olhou para eles novamente e, de forma muito estranha, pois estava tão acostumado a pensar que raramente via alguma coisa, o olhar deles o encheu de uma simples emoção de afeto, na qual havia também alguns traços de pena. Afinal, o que importavam os defeitos das pessoas em comparação com o que havia de bom nelas? Ele decidiu que agora lhes contaria o que sentia. Ele acelerou o passo e chegou até eles assim que chegaram à esquina onde o caminho se juntava à estrada principal. Eles ficaram parados e começaram a rir dele e a perguntar-lhe se o suco gástrico — mas ele os interrompeu e começou a falar muito rápida e rigidamente.

"Você se lembra da manhã seguinte ao baile?" ele exigiu. "Foi aqui que estávamos sentados, e você falou bobagens, e Rachel fez pequenos montes de pedras. Eu, por outro lado, tive todo o sentido da vida revelado para mim num piscar de olhos." Ele parou por um segundo e juntou os lábios em uma pequena bolsa apertada. "Amor", disse ele. "Parece-me que isso explica tudo. Então, no geral, estou muito feliz que vocês dois vão se casar." Ele então se virou abruptamente, sem olhar para eles, e voltou para a villa. Ele se sentiu exaltado e envergonhado de si mesmo por ter dito o que sentia. Provavelmente estavam rindo dele, provavelmente o consideravam um idiota e, afinal, ele realmente disse o que sentia?

É verdade que eles riram quando ele se foi; mas a disputa sobre Helen, que se tornara bastante acirrada, cessou e eles tornaram-se pacíficos e amigáveis.

## 24. Capítulo Vinte e Quatro

Vigília, médicos, medo e espera em torno do quarto de Rachel.

Chegaram ao hotel bem no início da tarde, de modo que a maioria das pessoas ainda estava deitada ou sentada, muda, em seus quartos, e a Sra. Thornbury, embora os tivesse convidado para tomar chá, não estava em lugar nenhum. Eles se sentaram, portanto, no salão sombreado, que estava quase vazio, e cheio de sons leves e ondulantes de ar indo e vindo em um espaço grande e vazio. Sim, esta poltrona era a mesma em que Rachel se sentara naquela tarde quando Evelyn apareceu, e esta era a revista que ela estava folheando, e esta era a mesma fotografia, uma fotografia de Nova Iorque à luz de um candeeiro. Como parecia estranho - nada havia mudado.

Aos poucos, um certo número de pessoas começou a descer as escadas e a passar pelo corredor, e naquela penumbra suas figuras possuíam uma espécie de graça e beleza, embora fossem todas pessoas desconhecidas. Às vezes eles saíam direto para o jardim pela porta de vaivém, às vezes paravam por alguns minutos, curvavam-se sobre as mesas e começavam a folhear os jornais. Terence e Rachel ficaram observando-os com as pálpebras semicerradas — os Johnsons, os Parkers, os Baileys, os Simmons, os Lees, os Morleys, os Campbells, os Gardiners. Alguns vestiam flanelas brancas e carregavam raquetes debaixo do braço, alguns eram baixos, alguns altos, alguns eram filhos únicos, e alguns talvez fossem criados, mas todos tinham a sua posição, a sua razão para se seguirem pelo salão, o seu dinheiro, a sua posição, qualquer que fosse. Terêncio logo desistiu de olhar para eles, pois estava cansado; e, fechando os olhos, adormeceu meio adormecido na cadeira. Rachel observou as pessoas por mais algum tempo; ela estava fascinada pela certeza e pela graça de seus movimentos, e pela maneira

inevitável como eles pareciam seguir um ao outro, e vagar, passar e desaparecer. Mas depois de um tempo seus pensamentos vagaram e ela começou a pensar na dança que acontecera naquela sala, só então a sala em si parecia bem diferente. Olhando em volta, ela mal conseguia acreditar que se tratava do mesmo quarto. Parecia tão vazio, tão claro e formal naquela noite em que eles saíram da escuridão; também estava cheio de carinhas vermelhas e excitadas, sempre em movimento, e de pessoas tão vistosamente vestidas e tão animadas que não pareciam nem um pouco com pessoas reais, nem se sentia que se podia falar com elas. E agora a sala estava escura e silenciosa, e por ela passavam pessoas lindas e silenciosas, a quem você poderia ir e dizer o que quisesse. Ela se sentiu incrivelmente segura sentada em sua poltrona, e capaz de rever não apenas a noite do baile, mas todo o passado, com ternura e humor, como se estivesse girando em uma neblina há muito tempo, e agora pudesse ver exatamente para onde havia se virado. Pois os métodos pelos quais ela havia alcançado sua posição atual pareciam-lhe muito estranhos, e o mais estranho neles era que ela não sabia para onde a estavam levando. O estranho era que a pessoa não sabia para onde ia, nem o que queria, e seguia cegamente, sofrendo tanto em segredo, sempre despreparada e maravilhada e sem saber nada; mas uma coisa levou a outra e, gradualmente, algo se formou a partir do nada, e assim atingimos finalmente esta calma, esta tranquilidade, esta certeza, e foi a este processo que as pessoas chamavam vida. Talvez, então, todos soubessem realmente, como ela sabia agora, para onde estavam indo; e as coisas formaram um padrão não apenas para ela, mas para eles, e nesse padrão estavam a satisfação e o significado. Quando olhou para trás, percebeu que algum tipo de significado era aparente na vida de suas tias, na breve visita dos Dalloway, que ela nunca mais veria, e na vida de seu pai.

O som de Terence, respirando profundamente em seu sono, confirmou sua calma. Ela não estava com sono, embora não visse nada muito claramente, mas embora as figuras que passavam pelo salão se tornassem cada vez mais vagas, ela acreditava que todos sabiam exatamente para onde estavam indo, e a sensação de sua certeza a encheu de conforto. No momento ela estava tão desapegada e desinteressada como se não tivesse mais nada na vida, e pensava que agora poderia aceitar qualquer coisa que lhe ocorresse sem ficar perplexa com a forma como aparecia. O que havia para assustar ou deixar perplexo na perspectiva de vida? Por que essa percepção deveria abandoná-la novamente? O mundo era na verdade tão grande, tão hospitaleiro e, afinal de contas, tão simples. “Amor”, dissera São João, “isso parece explicar tudo”. Sim, mas não era o amor do homem pela mulher, de Terence por Rachel. Embora estivessem tão próximos um do outro, deixaram de ser pequenos corpos separados; eles pararam de lutar e desejar um ao outro. Parecia haver paz entre eles. Poderia ser amor, mas não era o amor do homem pela mulher.

Através das pálpebras semicerradas, ela observou Terence recostado na cadeira e sorriu ao ver quão grande era sua boca, e seu queixo tão pequeno, e seu nariz curvado como um ziguezague com uma protuberância na extremidade. Naturalmente, com aquela aparência, ele era preguiçoso, ambicioso e cheio de humores e defeitos. Ela se lembrou das brigas deles, e em particular de como eles estavam brigando por causa de Helen naquela mesma tarde, e pensou quantas vezes eles brigariam nos trinta, ou quarenta, ou cinquenta anos em que viveriam juntos na mesma casa, pegando trens juntos e ficando irritados porque eram tão diferentes. Mas tudo isso era superficial e nada tinha a ver com a vida que acontecia sob os olhos, a boca e o queixo, pois essa vida era independente dela e de todo o resto. Da mesma

forma, embora ela fosse se casar com ele e viver com ele por trinta, ou quarenta, ou cinquenta anos, e brigar, e ser tão próxima dele, ela era independente dele; ela era independente de todo o resto. No entanto, como disse São João, foi o amor que a fez compreender isso, pois ela nunca havia sentido essa independência, essa calma e essa certeza até se apaixonar por ele, e talvez isso também fosse amor. Ela não queria mais nada.

Durante talvez dois minutos, a senhorita Allan estava parada a uma pequena distância, olhando para o casal recostado tão pacificamente em suas poltronas. Ela não conseguia decidir se deveria incomodá-los ou não, e então, parecendo se lembrar de algo, atravessou o corredor. O som da aproximação dela acordou Terence, que se sentou e esfregou os olhos. Ele ouviu a senhorita Allan conversando com Rachel.

"Bem", ela estava dizendo, "isto é muito bom. É realmente muito bom. Ficar noivo parece estar na moda. Não é frequente que dois casais que nunca se viram antes se encontrem no mesmo hotel e decidam se casar." Depois fez uma pausa e sorriu, e pareceu não ter mais nada a dizer, de modo que Terence levantou-se e perguntou-lhe se era verdade que ela tinha terminado o livro. Alguém disse que ela realmente havia terminado. Seu rosto se iluminou; ela se virou para ele com uma expressão mais animada do que o normal

"Sim, acho que posso dizer com justiça que terminei", disse ela. "Isto é, omitindo Swinburne - Beowulf para Browning - eu mesma gosto bastante dos dois B's. Beowulf para Browning", ela repetiu, "acho que esse é o tipo de título que pode chamar a atenção em uma livraria ferroviária."

Ela estava realmente muito orgulhosa por ter terminado seu livro, pois ninguém sabia quanta determinação havia sido necessária para fazê-lo. Ela

também achou que era um bom trabalho e, considerando a ansiedade que sentiu em relação ao irmão enquanto o escrevia, não resistiu em contar-lhes um pouco mais sobre ele.

"Devo confessar", continuou ela, "que se eu soubesse quantos clássicos existem na literatura inglesa e quão prolixos os melhores deles conseguem ser, eu nunca teria empreendido o trabalho. Eles só permitem setenta mil palavras, você vê."

"Apenas setenta mil palavras!" — exclamou Terêncio.

"Sim, e é preciso dizer algo sobre todo mundo", acrescentou Miss Allan. "É isso que acho tão difícil, dizer algo diferente sobre cada pessoa." Então ela pensou que já havia falado o suficiente sobre si mesma e perguntou se eles tinham vindo para participar do torneio de tênis. "Os jovens estão muito entusiasmados com isso. Começa de novo em meia hora."

Seu olhar pousou benevolentemente sobre os dois e, após uma pausa momentânea, ela comentou, olhando para Rachel como se tivesse se lembrado de algo que serviria para mantê-la distinta das outras pessoas:

"Você é a pessoa notável que não gosta de gengibre." Mas a bondade do sorriso no seu rosto bastante desgastado e corajoso fez com que sentissem que, embora ela dificilmente se lembrasse deles como indivíduos, ela tinha colocado sobre eles o fardo da nova geração.

"E nisso concordo plenamente com ela", disse uma voz atrás; A Sra. Thornbury tinha ouvido as últimas palavras sobre não gostar de gengibre. "Em minha opinião, está associado a uma tia nossa horrível (coitadinha, ela sofreu muito, então não é justo chamá-la de horrível) que costumava nos dar quando éramos pequenos, e nunca tivemos coragem de dizer a ela que não

gostávamos. Só tínhamos que colocá-lo no mato - ela tinha uma casa grande perto de Bath."

Eles começaram a se mover lentamente pelo corredor, quando foram parados pelo impacto de Evelyn, que se lançou contra eles, como se, ao descer correndo para pegá-los, suas pernas tivessem escapado de seu controle.

"Bem", ela exclamou, com seu habitual entusiasmo, agarrando Rachel pelo braço, "eu chamo isso de esplêndido! Eu imaginei que isso iria acontecer desde o começo! Eu vi que vocês dois foram feitos um para o outro. Agora vocês só precisam me contar tudo - quando será, onde vocês vão morar - vocês dois estão tremendamente felizes?"

Mas a atenção do grupo foi desviada para a Sra. Elliot, que passava por eles com seu movimento ansioso, mas incerto, carregando nas mãos um prato e uma bolsa de água quente vazia. Ela teria passado por eles, mas a Sra. Thornbury se aproximou e a deteve.

"Obrigada, Hughling está melhor", respondeu ela, em resposta à pergunta da Sra. Thornbury, "mas ele não é um paciente fácil. Não posso sentir que o Dr. Rodriguez seja o mesmo que um médico de verdade. Se o senhor fosse vê-lo, Sr. Hewet", acrescentou ela, "sei que isso iria animá-lo, ficar ali deitado na cama o dia todo, e as moscas... Mas preciso ir procurar Angelo... a comida aqui... claro, com um inválido, queremos coisas particularmente boas." E ela passou correndo por eles em busca do chefe dos garçons. A preocupação de cuidar do marido havia fixado uma expressão queixosa em sua testa; ela estava pálida e parecia infeliz e mais ineficiente do que o normal, e seus olhos vagavam mais vagamente do que nunca de um ponto a outro.

"Coitadinho!" — exclamou a Sra. Thornbury. Ela contou-lhes que Hughling Elliot estivera doente há alguns dias e que o único médico disponível era o irmão do proprietário, ou pelo menos foi o que disse o proprietário, cujo direito ao título de médico não estava acima de qualquer suspeita.

-Sei como é terrível estar doente num hotel - comentou a Sra. Thornbury, mais uma vez liderando o caminho com Rachel para o jardim. "Passei seis semanas em minha lua de mel com febre tifóide em Veneza", ela continuou. "Mas, mesmo assim, considero essas semanas como algumas das semanas mais felizes da minha vida. Ah, sim", disse ela, pegando o braço de Rachel, "você se acha feliz agora, mas não é nada comparado à felicidade que vem depois. E garanto-lhes que poderia sentir inveja em meu coração de vocês, jovens! Vocês se divertiram muito melhor do que nós, posso lhe dizer. Quando olho para trás, mal consigo acreditar em como as coisas mudaram. Quando estávamos noivos, eu não tinha permissão para passear sozinha com William — alguém sempre tinha que estar no quarto conosco — eu realmente acredito que tive que mostrar todas as suas cartas aos meus pais! — embora eles também gostassem muito dele. Na verdade, posso dizer que eles o consideravam como seu próprio filho. Me diverte", continuou ela, "pensar como eles foram rigorosos conosco, quando vejo como eles mimam os netos!"

A mesa foi posta debaixo da árvore novamente e, tomando seu lugar diante das xícaras de chá, a Sra. Thornbury acenou e acenou com a cabeça até reunir um grande número de pessoas, Susan, Arthur e Sr. Uma árvore murmurante, um rio transbordando ao luar, as palavras de Terence voltaram para Rachel enquanto ela bebia o chá e ouvia as palavras que fluíam tão levemente, tão gentilmente e com uma suavidade prateada. Essa longa vida e todos esses filhos a deixaram muito tranquila; pareciam ter apagado as marcas da individualidade e deixado apenas o que era antigo e maternal.

"E as coisas que vocês, jovens, vão ver!" A Sra. Thornbury continuou. Ela incluiu todos eles em sua previsão, incluiu todos em sua maternidade, embora o grupo incluísse William Pepper e Miss Allan, ambos os quais supostamente teriam visto uma boa parte do panorama. "Quando vejo como o mundo mudou durante a minha vida", continuou ela, "não posso estabelecer limites para o que pode acontecer nos próximos cinquenta anos. Ah, não, Sr. "Eu sei que deveria sentir isso, mas não sinto, infelizmente. Eles serão pessoas muito melhores do que nós. Certamente tudo serve para provar isso. Ao meu redor vejo mulheres, mulheres jovens, mulheres com todo tipo de cuidado doméstico, saindo e fazendo coisas que não deveríamos ter pensado que seria possível fazer."

Pepper a considerava sentimental e irracional como todas as mulheres velhas, mas a maneira dela de tratá-lo como se ele fosse um bebê velho e irritado o confundia e encantava, e ele só conseguiu responder a ela com uma careta curiosa que era mais um sorriso do que uma carranca.

"E elas continuam sendo mulheres", acrescentou a Sra. Thornbury. "Eles dão muito aos filhos."

Ao dizer isso, ela sorriu levemente na direção de Susan e Rachel. Eles não gostaram de ser incluídos no mesmo grupo, mas ambos sorriram um pouco constrangidos, e Arthur e Terence também se entreolharam. Ela os fez sentir que estavam todos no mesmo barco, e eles olharam para as mulheres com quem iriam se casar e as compararam. Era inexplicável como alguém poderia querer casar com Rachel, incrível que alguém estivesse pronto para passar a vida com Susan; mas por mais singular que fosse o gosto um do outro, eles não sentiam má vontade um pelo outro por causa disso; na verdade, cada um gostava mais do outro pela excentricidade de sua escolha.

"Eu realmente preciso parabenizá-la", observou Susan, inclinando-se sobre a mesa para pegar a geléia.

Parecia não haver fundamento para as fofocas de St. John sobre Arthur e Susan. Queimados pelo sol e vigorosos, sentavam-se lado a lado, com as raquetes apoiadas nos joelhos, sem falar muito, mas sorrindo levemente o tempo todo. Através das finas roupas brancas que vestiam, era possível ver as linhas de seus corpos e pernas, as lindas curvas de seus músculos, a magreza dele e a carne dela, e era natural pensar nos filhos robustos, de carne firme, que seriam deles. Seus rostos tinham muito pouca forma para serem bonitos, mas tinham olhos claros e uma aparência de grande saúde e poder de resistência, pois parecia que o sangue nunca pararia de correr em suas veias, ou de repousar profunda e calmamente em suas bochechas. Seus olhos naquele momento estavam mais brilhantes do que o normal e exibiam a expressão peculiar de prazer e autoconfiança que se vê nos olhos dos atletas, pois eles estavam jogando tênis e ambos eram de primeira linha no jogo.

Evelyn não havia falado, mas olhava de Susan para Rachel. Bem, ambos haviam se decidido com muita facilidade, haviam feito em poucas semanas o que às vezes lhe parecia que nunca seria capaz de fazer. Embora fossem tão diferentes, ela pensou poder ver em cada um o mesmo olhar de satisfação e plenitude, a mesma calma nos modos e a mesma lentidão nos movimentos. Era essa lentidão, essa confiança, esse contentamento que ela odiava, pensou consigo mesma. Moviam-se tão lentamente porque não eram solteiros mas sim duplos, e Susan estava ligada a Arthur, e Rachel a Terence, e por causa deste homem tinham renunciado a todos os outros homens, e ao movimento, e às coisas reais da vida. O amor estava muito bem, e aquelas aconchegantes casas domésticas, com a cozinha embaixo e o quarto das crianças em cima, que eram tão isoladas e independentes, como pequenas ilhas nas torrentes

do mundo; mas as coisas reais foram certamente as coisas que aconteceram, as causas, as guerras, os ideais, que aconteceram no grande mundo lá fora, e continuaram independentemente dessas mulheres, voltando-se tão silenciosa e belamente para os homens. Ela olhou para eles atentamente.

Claro que estavam felizes e contentes, mas deve haver coisas melhores do que isso. Certamente alguém poderia se aproximar da vida, poderia tirar mais proveito da vida, poderia desfrutar mais e sentir mais do que jamais sentiria. Rachel, em particular, parecia tão jovem - o que ela poderia saber da vida? Ela ficou inquieta e, levantando-se, foi sentar-se ao lado de Rachel. Ela a lembrou de que havia prometido ingressar em seu clube.

"O problema", ela continuou, "é que talvez eu não consiga começar a trabalhar seriamente antes de outubro. Acabei de receber uma carta de um amigo meu, cujo irmão tem negócios em Moscou. Eles querem que eu fique com eles, e como eles estão no meio de todas as conspirações e anarquistas, estou decidida a parar no caminho para casa. Parece muito emocionante." Ela queria fazer Rachel ver o quão emocionante era. "Meu amigo conhece uma garota de quinze anos que foi enviada para a Sibéria para o resto da vida apenas porque a pegaram endereçando uma carta a um anarquista. E a carta também não era dela. Eu daria tudo o que tenho no mundo para ajudar em uma revolução contra o governo russo, e ela certamente acontecerá."

Ela olhou de Rachel para Terence. Os dois ficaram um pouco emocionados ao vê-la se lembrando de como ultimamente vinham ouvindo palavras sobre ela, e Terence perguntou qual era o seu plano, e ela explicou que iria fundar um clube - um clube para fazer coisas, realmente fazê-las. Ela ficou muito animada enquanto falava sem parar, pois professava estar certa de que se uma vez vinte pessoas - não, dez seriam suficientes se estivessem

interessadas - começassem a fazer coisas em vez de falar sobre fazê-las, poderiam abolir quase todos os males que existem. Era o cérebro que era necessário. Se ao menos pessoas com inteligência - é claro que elas iriam querer um quarto, um quarto agradável, de preferência em Bloomsbury, onde pudessem se encontrar uma vez por semana....

Enquanto ela falava, Terence pôde ver os traços da juventude desaparecendo em seu rosto, as linhas que iam sendo desenhadas pela conversa e pela excitação ao redor de sua boca e de seus olhos, mas não sentiu pena dela; olhando para aqueles olhos brilhantes, bastante duros e muito corajosos, ele viu que ela não sentia pena de si mesma, nem sentia qualquer desejo de trocar a própria vida pelas vidas mais refinadas e ordenadas de pessoas como ele e St. John, embora, com o passar dos anos, a luta se tornasse cada vez mais difícil. Talvez, porém, ela se acalmasse; talvez, afinal, ela se casasse com Perrott. Enquanto sua mente estava meio ocupada com o que ela estava dizendo, ele pensou em seu provável destino, as leves nuvens de fumaça de tabaco servindo para ocultar seu rosto dos olhos dela.

Terence fumava, Arthur fumava e Evelyn fumava, de modo que o ar estava cheio da névoa e da fragrância do bom tabaco. Nos intervalos em que ninguém falava, ouviam ao longe o murmúrio baixo do mar, enquanto as ondas quebravam silenciosamente e espalhavam pela praia uma película de água, e recuavam para quebrar novamente. A luz verde e fresca penetrava através das folhas da árvore, e havia suaves crescentes e diamantes de sol sobre os pratos e a toalha de mesa. A Sra. Thornbury, depois de observar todos eles por um tempo em silêncio, começou a fazer perguntas gentis a Rachel: Quando eles voltaram? Oh, eles esperavam o pai dela. Ela devia querer ver o pai — haveria muita coisa para contar a ele, e (olhou para Terence com simpatia) ele ficaria tão feliz, ela tinha certeza. Anos atrás, ela

continuou, pode ter sido há dez ou até vinte anos, ela se lembrou de ter conhecido o Sr. Vinrace em uma festa, e de ter ficado tão impressionada com seu rosto, que era tão diferente do rosto comum que se vê em uma festa, que ela perguntou quem ele era, e lhe disseram que era o Sr. Vinrace, e ela sempre se lembrava do nome, um nome incomum, e ele tinha uma senhora com ele, uma mulher de aparência muito doce, mas era uma daquelas paixões horríveis de Londres, onde você não fala, você apenas olha um para o outro, e embora ela tivesse apertado a mão do Sr. Ela suspirou levemente, lembrando-se do passado.

Então ela se voltou para o Sr. Pepper, que se tornara muito dependente dela, de modo que sempre escolhia um assento perto dela e prestava atenção ao que ela dizia, embora não fizesse frequentemente nenhum comentário próprio.

"Você que sabe tudo, Sr. Pepper", disse ela, "conte-nos como aquelas maravilhosas damas francesas administravam seus salões? Já fizemos algo do mesmo tipo na Inglaterra, ou você acha que há alguma razão pela qual não podemos fazer isso na Inglaterra?"

Sr. Pepper teve o prazer de explicar com muita precisão por que nunca existiu um salão inglês. Havia três razões, e eram muito boas, disse ele. Quanto a ele, quando ia a uma festa, como às vezes era obrigado a fazer, por vontade de não ofender - a sobrinha, por exemplo, havia se casado outro dia - , entrava no meio da sala e dizia "Ha! ha!" o mais alto que pôde, considerou que havia cumprido seu dever e foi embora novamente. A Sra. Thornbury protestou. Ela iria dar uma festa assim que voltasse, e todos seriam convidados, e ela deveria colocar as pessoas para assistir Sr. Pepper, e se ela soubesse disso, ele teria sido pego dizendo "Ha! ah!" ela iria... ela faria algo

realmente terrível com ele. Arthur Venning sugeriu que o que ela deveria fazer era preparar algo do tipo surpresa - um retrato, por exemplo, de uma simpática senhora com um boné de renda, escondendo uma banheira de água fria, que a um sinal poderia ser jogada na cabeça de Pepper; ou eles teriam uma cadeira que o atingiria a seis metros de altura assim que ele se sentasse nela.

Susan riu. Ela havia feito o chá; ela estava se sentindo muito satisfeita, em parte porque estava jogando tênis de maneira brilhante, e todos eram muito legais; ela estava começando a achar muito mais fácil conversar e se defender mesmo com pessoas muito inteligentes, pois de alguma forma as pessoas inteligentes não a assustavam mais. Mesmo o Sr. Hirst, de quem ela não gostava quando o conheceu, realmente não era desagradável; e, coitado, ele sempre parecia tão doente; talvez ele estivesse apaixonado; talvez ele estivesse apaixonado por Rachel — ela realmente não deveria se perguntar; ou talvez fosse Evelyn — ela era, claro, muito atraente para os homens. Inclinando-se para frente, ela continuou a conversa. Ela disse que achava que a razão pela qual as festas eram tão chatas era principalmente porque os cavalheiros não se vestiam: mesmo em Londres, afirmou, ela ficou muito impressionada com o fato de as pessoas não acharem necessário se vestir à noite e, claro, se não se vestirem em Londres, não se vestirão no campo. Era realmente um prazer na época do Natal, quando havia os bailes da Hunt, e os cavalheiros usavam lindos casacos vermelhos, mas Arthur não gostava de dançar, então ela supôs que eles não iriam nem ao baile em sua pequena cidade do interior. Ela não achava que as pessoas que gostavam de um esporte muitas vezes gostassem de outro, embora seu pai fosse uma exceção. Mas ele era uma exceção em todos os sentidos - um grande jardineiro, e sabia tudo sobre pássaros e animais, e é claro que era simplesmente adorador

por todas as velhas da aldeia e, ao mesmo tempo, o que ele realmente mais gostava era de um livro. Você sempre sabia onde encontrá-lo se ele fosse procurado; ele estaria em seu escritório com um livro. Muito provavelmente seria um livro muito velho, alguma coisa velha e bolorenta que ninguém mais sonharia em ler. Ela costumava dizer-lhe que ele teria sido um velho leitor ávido de primeira classe se não tivesse uma família de seis pessoas para sustentar, e seis filhos, acrescentava ela, encantadoramente confiante na simpatia universal, não deixavam muito tempo para ser um leitor ávido.

Ainda falando do pai, de quem tinha muito orgulho, ela se levantou, pois Arthur ao olhar o relógio percebeu que já era hora de voltarem para a quadra de tênis. Os outros não se moveram.

"Eles estão muito felizes!" - disse a Sra. Thornbury, olhando-os com benevolência. Raquel concordou; eles pareciam estar tão seguros de si; eles pareciam saber exatamente o que queriam.

"Você acha que eles estão felizes?" Evelyn murmurou para Terence em voz baixa e esperou que ele dissesse que não os considerava felizes; mas, em vez disso, disse que eles também deveriam ir - ir para casa, pois sempre se atrasavam para as refeições, e a Sra. Ambrose, que era muito severa e exigente, não gostava disso. Evelyn segurou a saia de Rachel e protestou. Por que eles deveriam ir? Ainda era cedo e ela tinha muitas coisas para dizer a eles.

"Não", disse Terence, "temos que ir, porque andamos muito devagar. Paramos, olhamos as coisas e conversamos."

"Sobre o que você está falando?" Evelyn perguntou, ao que ele riu e disse que conversavam sobre tudo.

A Sra. Thornbury foi com eles até o portão, caminhando muito lenta e graciosamente pela grama e pelo cascalho, e falando o tempo todo sobre flores e pássaros. Ela lhes contou que havia começado a estudar botânica desde que sua filha se casou, e era maravilhoso ver a quantidade de flores que ela nunca tinha visto, embora tivesse vivido no campo toda a sua vida e agora estivesse com setenta e dois anos. Era bom ter uma ocupação bastante independente de outras pessoas, disse ela, quando se envelhecia. Mas o estranho é que nunca se sentia velho. Ela sempre sentiu que tinha vinte e cinco anos, nem um dia a mais nem um dia a menos, mas, claro, não se podia esperar que outras pessoas concordassem com isso.

## 25. Capítulo Vinte e Cinco

Luto iminente, desorientação e a comunidade diante do sofrimento.

A tarde estava muito quente, tão quente que o rebentar das ondas na praia soava como o suspiro repetido de alguma criatura exausta, e mesmo no terraço sob um toldo os tijolos estavam quentes e o ar dançava perpetuamente sobre a relva curta e seca. As flores vermelhas nas bacias de pedra estavam murchando com o calor, e as flores brancas que eram tão lisas e grossas apenas algumas semanas atrás estavam agora secas e suas bordas estavam enroladas e amarelas. Apenas as plantas rígidas e hostis do sul, cujas folhas carnudas pareciam crescer sobre espinhos, ainda permaneciam de pé e desafiavam a determinação do sol de derrubá-las. Estava quente demais para conversar e não foi fácil encontrar nenhum livro que resistisse à força do sol. Muitos livros foram testados e depois abandonados, e agora Terence estava lendo Milton em voz alta, porque disse que as palavras de Milton tinham substância e forma, de modo que não era necessário entender o que ele estava dizendo; alguém poderia simplesmente ouvir suas palavras; quase se poderia lidar com eles.

Há uma ninfa gentil não muito longe daqui,

ele leu,

Que com o meio-fio úmido balança o suave riacho do Severn. Sabrina é o nome dela, uma virgem pura; Embora ela fosse filha de Lochrine, que recebeu o cetro de seu pai, Brute.

As palavras, apesar do que Terêncio dissera, pareciam carregadas de significado, e talvez por isso fosse doloroso ouvi-las; eles pareciam estranhos; eles queriam dizer coisas diferentes do que normalmente queriam dizer.

Rachel, de qualquer forma, não conseguia manter sua atenção fixa neles, mas seguiu curiosas linhas de pensamento sugeridas por palavras como “meio-fio”, “Lochrine” e “Bruto”, que traziam visões desagradáveis diante de seus olhos, independentemente de seu significado. Devido ao calor e ao ar dançante, o jardim também parecia estranho — as árvores estavam muito perto ou muito longe, e era quase certo que sua cabeça doía. Ela não tinha muita certeza e, portanto, não sabia se deveria contar a Terence agora ou deixá-lo continuar lendo. Ela decidiu que esperaria até que ele chegasse ao fim de uma estrofe, e se a essa altura ela já tivesse virado a cabeça para um lado e para outro, e sem dúvida doía em todas as posições, ela diria com muita calma que sua cabeça doía.

Bela Sabrina, Ouça onde você está sentada Sob a onda vítrea, fresca e translúcida, Em tranças retorcidas de lírios tricotando A cauda solta de seus cabelos cor de âmbar, Ouça pelo amor da honra, Deusa do lago prateado. Ouça e economize!

Mas sua cabeça doía; doía para qualquer lado que ela virasse.

Ela sentou-se e disse como havia determinado: "Minha cabeça dói e preciso entrar em casa".

Ele estava na metade do versículo seguinte, mas largou o livro instantaneamente.

"Sua cabeça dói?" ele repetiu.

Por alguns momentos eles ficaram sentados, olhando um para o outro em silêncio, de mãos dadas. Durante esse período, sua sensação de consternação e catástrofe foi quase fisicamente dolorosa; ao seu redor ele parecia ouvir o tremor de vidro quebrado que, ao cair no chão, o deixou sentado ao ar livre.

Mas ao fim de dois minutos, notando que ela não partilhava a sua consternação, mas que estava apenas mais lânguida e com os olhos pesados do que o habitual, ele recuperou-se, foi buscar Helen e pediu-lhe que lhes dissesse o que era melhor fazerem, pois Rachel estava com dor de cabeça.

A Sra. Ambrose não ficou perturbada, mas aconselhou-a a ir para a cama e acrescentou que provavelmente sentiria dor de cabeça se ficasse acordada até altas horas e saísse no calor, mas algumas horas na cama a curariam completamente. Terence ficou excessivamente tranqüilizado com as palavras dela, já que estivera excessivamente deprimido no momento anterior. O bom senso de Helen parecia ter muito em comum com o implacável bom senso da natureza, que vingava a precipitação com uma dor de cabeça e, como o bom senso da natureza, era confiável.

Rachel foi para a cama; ela ficou deitada no escuro, pareceu-lhe, por muito tempo, mas finalmente, ao acordar de um tipo de sono transparente, viu as janelas brancas à sua frente e lembrou-se de que algum tempo antes ela havia ido para a cama com dor de cabeça, e que Helen dissera que ela desapareceria quando ela acordasse. Ela supôs, portanto, que agora estava bem novamente. Ao mesmo tempo, a parede do seu quarto era dolorosamente branca e ligeiramente curvada, em vez de ser reta e plana. Voltando os olhos para a janela, ela não se tranquilizou com o que viu ali. O movimento da persiana enquanto ela se enchia de ar e soprava lentamente, puxando a corda com um pequeno som pelo chão, parecia-lhe aterrorizante, como se fosse o movimento de um animal no quarto. Ela fechou os olhos e a pulsação em sua cabeça batia com tanta força que cada batida parecia atingir um nervo, perfurando sua testa com uma pequena pontada de dor. Pode não ser a mesma dor de cabeça, mas ela certamente estava com dor de cabeça. Ela se virou de um lado para o outro, na esperança de que o frescor

dos lençóis a curasse e que, da próxima vez que abrisse os olhos para olhar, o quarto estivesse como sempre. Depois de um número considerável de experiências vãs, ela resolveu esclarecer o assunto. Ela saiu da cama e ficou de pé, segurando a bola de latão na ponta da cama. A princípio gelado, logo ficou tão quente quanto a palma da sua mão, e quando as dores na cabeça e no corpo e a instabilidade do chão provaram que seria muito mais intolerável ficar de pé e andar do que ficar deitada na cama, ela voltou para a cama; mas embora a mudança tenha sido refrescante no início, o desconforto da cama logo foi tão grande quanto o desconforto de ficar de pé. Ela aceitou a ideia de que teria que ficar na cama o dia todo e, ao deitar a cabeça no travesseiro, abriu mão da felicidade do dia.

Quando Helen chegou, uma ou duas horas mais tarde, interrompeu subitamente as suas palavras alegres, pareceu assustada por um segundo e depois estranhamente calma, o fato de ela estar doente foi posto fora de qualquer dúvida. Foi confirmado quando toda a família soube disso, quando a canção que alguém cantava no jardim parou repentinamente e quando Maria, ao trazer água, passou pela cama com os olhos desviados. Tinha de passar toda a manhã, e depois toda a tarde, e em intervalos ela fazia um esforço para atravessar para o mundo comum, mas descobriu que seu calor e desconforto haviam criado um abismo entre seu mundo e o mundo comum que ela não conseguia transpor. A certa altura, a porta se abriu e Helen entrou com um homenzinho moreno que tinha — foi a principal coisa que ela notou nele — mãos muito peludas. Ela estava sonolenta e insuportavelmente quente, e como ele parecia tímido e obsequioso, ela nem se preocupou em responder-lhe, embora entendesse que ele era médico. Em outro momento a porta se abriu e Terence entrou muito gentilmente, sorrindo com demasiada firmeza, como ela percebeu, para que fosse natural. Ele sentou-se e

conversou com ela, acariciando-lhe as mãos até que se tornou cansativo para ela ficar deitada na mesma posição e ela se virou e, quando ergueu novamente os olhos, Helen estava ao seu lado e Terence já havia desaparecido. Não importava; ela o veria amanhã, quando as coisas voltassem ao normal. Sua principal ocupação durante o dia era tentar lembrar como eram as falas:

Sob a onda vítrea, fresca e translúcida. Em tranças retorcidas de lírios tricotando A cauda solta de teu cabelo âmbar;

e o esforço a preocupava porque os adjetivos persistiam em entrar nos lugares errados.

O segundo dia não foi muito diferente do primeiro, exceto que sua cama se tornara muito importante, e o mundo lá fora, quando ela tentava pensar nele, parecia nitidamente mais distante. A onda vítrea, fresca e translúcida era quase visível diante dela, enrolando-se na ponta da cama, e como era refrescante, ela tentou manter a mente fixa nela. Helen estava aqui, e Helen estava lá o dia todo; às vezes ela dizia que era hora do almoço e às vezes que era hora do chá; mas no dia seguinte todos os pontos de referência estavam apagados e o mundo exterior estava tão distante que os diferentes sons, como os sons das pessoas passando nas escadas e os sons das pessoas movendo-se no alto, só poderiam ser atribuídos à sua causa por meio de um grande esforço de memória. A lembrança do que ela sentiu, ou do que esteve fazendo e pensando três dias antes, havia desaparecido completamente. Por outro lado, cada objeto no quarto, e a própria cama, e o seu próprio corpo com os seus vários membros e as suas diferentes sensações eram cada vez mais importantes a cada dia. Ela estava completamente isolada e incapaz de se comunicar com o resto do mundo, isolada sozinha com seu corpo.

Horas e horas se passariam assim, sem avançar pela manhã, ou ainda alguns minutos passariam da luz do dia até o anoitecer. Uma noite, quando a sala parecia muito escura, ou porque era noite ou porque as persianas estavam fechadas, Helen disse-lhe: "Alguém vai sentar-se aqui esta noite. Você não se importa?"

Abrindo os olhos, Rachel viu não apenas Helen, mas uma enfermeira de óculos, cujo rosto lembrava vagamente algo que ela tinha visto uma vez. Ela a tinha visto na capela.

"Enfermeira McInnis", disse Helen, e a enfermeira sorriu firmemente como todos fizeram, e disse que não encontrava muitas pessoas que tivessem medo dela. Depois de esperar um momento, os dois desapareceram e, depois de se virar no travesseiro, Rachel acordou e se viu no meio de uma daquelas noites intermináveis que não terminam às doze, mas passam para os dois dígitos - treze, quatorze e assim por diante, até chegar aos vinte, depois aos trinta, e depois aos quarenta. Ela percebeu que não há nada que impeça as noites de fazerem isso, se quiserem. A uma grande distância, uma senhora idosa estava sentada com a cabeça baixa; Rachel ergueu-se ligeiramente e viu com consternação que estava jogando cartas à luz de uma vela colocada no buraco de um jornal. A visão tinha algo inexplicavelmente sinistro, e ela ficou apavorada e gritou, ao que a mulher largou as cartas e atravessou a sala, protegendo a vela com as mãos. Aproximando-se cada vez mais através do grande espaço da sala, ela finalmente ficou acima da cabeça de Rachel e disse: "Não está dormindo? Deixe-me deixá-la confortável".

Ela largou a vela e começou a arrumar a roupa de cama. Ocorreu a Rachel que uma mulher que ficasse sentada jogando cartas em uma caverna a noite toda teria as mãos muito frias, e ela se encolheu ao tocá-las.

"Ora, há um dedo do pé ali embaixo!" — disse a mulher, começando a aconchegar a roupa de cama. Rachel não percebeu que o dedo era dela.

"Você deve tentar ficar quieto", ela prosseguiu, "porque se você ficar quieto, sentirá menos calor, e se se mexer, ficará mais quente, e não queremos que você fique mais quente do que está." Ela ficou olhando para Rachel por um longo período de tempo.

"E quanto mais quieto você ficar, mais cedo ficará bom", ela repetiu.

Rachel manteve os olhos fixos na sombra pontiaguda no teto, e toda a sua energia concentrou-se no desejo de que essa sombra se movesse. Mas a sombra e a mulher pareciam estar eternamente fixas acima dela. Ela fechou os olhos. Quando ela os abriu novamente, várias horas se passaram, mas a noite ainda durava interminavelmente. A mulher ainda estava jogando cartas, só que agora estava sentada em um túnel debaixo de um rio, e a luz estava em um pequeno arco na parede acima dela. Ela gritou "Terêncio!" e a sombra pontiaguda moveu-se novamente pelo teto, enquanto a mulher se levantava com um movimento enorme e lento, e os dois ficavam imóveis acima dela.

"É tão difícil mantê-lo na cama quanto foi manter o Sr. Forrest na cama", disse a mulher, "e ele era um cavalheiro muito alto."

Para se livrar dessa terrível visão imóvel, Rachel fechou novamente os olhos e se viu andando por um túnel sob o Tâmis, onde havia pequenas mulheres deformadas sentadas em arcadas jogando cartas, enquanto os tijolos que compunham a parede escorriam umidade, que se acumulava em gotas e escorregava pela parede. Mas as velhinhas transformaram-se em Helen e na enfermeira McInnis depois de algum tempo, juntas na janela sussurrando, sussurrando incessantemente.

Enquanto isso, fora do quarto, os sons, os movimentos e a vida das outras pessoas da casa prosseguiram à luz normal do sol, durante a habitual sucessão de horas. Quando, no primeiro dia de sua doença, ficou claro que ela não estaria absolutamente bem, pois sua temperatura estava muito alta, até sexta-feira, sendo esse dia terça-feira, Terêncio ficou cheio de ressentimento, não contra ela, mas contra a força externa que os separava. Ele contou o número de dias que quase certamente seriam estragados para eles. Ele percebeu, com uma estranha mistura de prazer e aborrecimento, que, pela primeira vez na vida, estava tão dependente de outra pessoa que sua felicidade estava sob os cuidados dela. Os dias eram completamente desperdiçados em coisas insignificantes e imateriais, pois depois de três semanas de tanta intimidade e intensidade todas as ocupações habituais eram insuportavelmente monótonas e irrelevantes. A ocupação menos intolerável era conversar com St. John sobre a doença de Raquel, discutir todos os sintomas e seu significado e, quando o assunto se esgotasse, discutir doenças de todos os tipos, o que as causava e o que as curava.

Duas vezes por dia ele ia sentar-se com Rachel, e duas vezes por dia acontecia a mesma coisa. Ao entrar no quarto dela, que não estava muito escuro, onde a música estava espalhada como sempre, e seus livros e cartas, seu ânimo melhorou instantaneamente. Quando ele a viu, sentiu-se completamente tranqüilo. Ela não parecia muito doente. Sentado ao lado dela, ele lhe contava o que estava fazendo, usando sua voz natural para falar com ela, apenas alguns tons mais baixos do que o normal; mas depois de ficar sentado ali por cinco minutos, ele estava mergulhado na mais profunda escuridão. Ela não era a mesma; ele não poderia trazê-los de volta ao antigo relacionamento; mas embora soubesse que isso era uma tolice, não conseguiu evitar tentar trazê-la de volta, fazê-la lembrar-se, e quando isso

falhou, ele ficou desesperado. Ao sair do quarto, ele sempre concluía que era pior vê-la do que não vê-la, mas aos poucos, à medida que o dia passava, o desejo de vê-la voltava e tornava-se quase grande demais para ser suportado.

Na quinta-feira de manhã, quando Terence entrou no quarto dela, sentiu o habitual aumento de confiança. Ela se virou e fez um esforço para lembrar certos fatos do mundo que estava a tantos milhões de quilômetros de distância.

"Você veio do hotel?" ela perguntou.

"Não; vou ficar aqui por enquanto", disse ele. "Acabamos de almoçar", continuou ele, "e a correspondência chegou. Há um maço de cartas para você... cartas da Inglaterra."

Em vez de dizer, como ele queria que ela dissesse, que desejava vê-los, ela não disse nada por algum tempo.

"Veja, lá vão eles, rolando pela beira da colina", disse ela de repente.

"Rolando, Rachel? O que você vê rolando? Não tem nada rolando."

"A velha com a faca", respondeu ela, sem falar com Terence em particular e olhando para além dele. Como ela parecia estar olhando para um vaso na prateleira em frente, ele levantou-se e pegou-o.

"Agora eles não podem mais rolar", disse ele alegremente. Mesmo assim, ela ficou olhando para o mesmo lugar e não prestou mais atenção nele, embora ele falasse com ela. Ele ficou tão profundamente infeliz que não suportou sentar-se com ela, mas ficou perambulando até encontrar St. John, que estava lendo o Times na varanda. Ele deixou isso de lado pacientemente e ouviu tudo o que Terence tinha a dizer sobre o delírio. Ele foi muito paciente

com Terence. Ele o tratou como uma criança.

Na sexta-feira, não se podia negar que a doença não era mais um ataque que desapareceria em um ou dois dias; era uma doença real que exigia muita organização e chamava a atenção de pelo menos cinco pessoas, mas não havia motivo para ansiedade. Em vez de durar cinco dias, duraria dez dias. Rodriguez teria dito que havia variedades bem conhecidas desta doença. Rodriguez parecia pensar que eles estavam tratando a doença com ansiedade indevida. Suas visitas eram sempre marcadas pela mesma demonstração de confiança, e nas entrevistas com Terence ele sempre deixava de lado suas perguntas ansiosas e minuciosas com uma espécie de floreio que parecia indicar que todos estavam levando aquilo muito a sério. Ele parecia curiosamente pouco disposto a sentar-se.

Então ele se curvou e saiu. A entrevista foi laboriosamente conduzida por ambos os lados em francês, e isso, juntamente com o fato de que ele estava otimista e de que Terence respeitava a profissão médica por ouvir dizer, tornou-o menos crítico do que teria sido se tivesse encontrado o médico em qualquer outra função. Inconscientemente, ele ficou do lado de Rodriguez contra Helen, que parecia ter um preconceito irracional contra ele.

Quando chegou o sábado, ficou evidente que as horas do dia deveriam ser organizadas com mais rigor do que antes. São João ofereceu seus serviços; ele disse que não tinha nada para fazer e que poderia muito bem passar o dia na villa se pudesse ser útil. Como se estivessem iniciando juntos uma difícil expedição, dividiram suas tarefas entre si, escrevendo um elaborado esquema de horas numa grande folha de papel que estava pregada na porta da sala de estar. A distância da cidade e a dificuldade de adquirir coisas raras, de nomes desconhecidos, nos lugares mais inesperados, tornavam

necessário pensar com muito cuidado, e eles acharam inesperadamente difícil fazer as coisas simples, mas práticas, que lhes eram exigidas, como se eles, sendo muito altos, tivessem que se abaixar e organizar minúsculos grãos de areia em um padrão no chão.

Era dever de St. John buscar na cidade o que fosse necessário, para que Terence ficasse sentado durante as longas e quentes horas sozinho na sala de estar, perto da porta aberta, atento a qualquer movimento no andar de cima ou a qualquer chamado de Helen. Esquecia-se sempre de fechar as persianas, de modo que ficava sentado sob o sol forte, o que o preocupava sem que ele soubesse qual era a causa disso. O quarto era terrivelmente rígido e desconfortável. Havia chapéus nas cadeiras e frascos de remédios entre os livros. Ele tentou ler, mas os bons livros eram bons demais, e os livros ruins eram muito ruins, e a única coisa que ele conseguia tolerar era o jornal, que, com suas notícias de Londres e os movimentos de pessoas reais que davam jantares e faziam discursos, pareciam dar um pequeno pano de fundo da realidade ao que de outra forma seria mero pesadelo. Então, no momento em que sua atenção estava fixada na impressão, Helen ouvia um chamado suave, ou a Sra. Chailey trazia algo que precisava para o andar de cima, e ele corria muito silenciosamente, de meias, e colocava a jarra na mesinha lotada de jarras e xícaras do lado de fora da porta do quarto; ou se conseguisse alcançar Helen por um momento, perguntaria: "Como ela está?"

"Bastante inquieto... No geral, mais quieto, eu acho."

A resposta seria uma ou outra.

Como sempre, ela parecia reservar algo que não disse, e Terence teve consciência de que eles discordavam e, sem dizer isso em voz alta, estavam discutindo um contra o outro. Mas ela estava muito apressada e preocupada

para conversar.

A tensão de ouvir e o esforço de tomar providências práticas e garantir que as coisas funcionassem bem absorveram todo o poder de Terence. Envolvido neste longo e sombrio pesadelo, ele não tentou pensar no que isso significava. Rachel estava doente; isso foi tudo; ele precisava cuidar para que houvesse remédios e leite, e que as coisas estivessem prontas quando fossem necessárias. O pensamento havia cessado; a própria vida havia parado. O domingo foi bem pior do que o sábado, simplesmente porque a tensão era um pouco maior a cada dia, embora nada mais tivesse mudado. Os sentimentos separados de prazer, interesse e dor, que se combinam para constituir um dia comum, fundiram-se numa sensação prolongada de sórdida miséria e profundo tédio. Ele nunca ficou tão entediado desde que foi trancado sozinho no berçário quando criança. A visão de Rachel como ela era agora, confusa e desatenta, quase apagou a visão dela como ela era há muito tempo atrás; ele mal conseguia acreditar que algum dia tivessem sido felizes ou noivos para se casar, pois o que eram sentimentos, o que havia para ser sentido? A confusão cobria todas as visões e pessoas, e ele parecia ver St. John, Ridley e as pessoas desgarradas que subiam de vez em quando do hotel para perguntar, através de uma névoa; as únicas pessoas que não estavam escondidas nesta névoa eram Helen e Rodriguez, porque podiam contar-lhe algo definitivo sobre Rachel.

No entanto, o dia seguiu as formas habituais. A certas horas iam para a sala de jantar e, quando se sentavam à mesa, conversavam sobre coisas indiferentes. São João geralmente fazia questão de iniciar o discurso e evitar que ele morresse.

"Descobri como fazer Sancho passar pela casa branca", disse São João no almoço de domingo. "Você estala um pedaço de papel na orelha dele, então ele dispara por cerca de cem metros, mas continua muito bem depois disso."

"Sim, mas ele quer milho. Você deveria cuidar para que ele tenha milho."

"Não gosto muito das coisas que lhe dão; e Angelo parece um malandro sujo."

Houve então um longo silêncio. Ridley murmurou alguns versos de poesia baixinho e comentou, como que para esconder o fato de que havia feito isso: "Muito calor hoje."

"Dois graus mais alto do que ontem", disse St. John. "Eu me pergunto de onde vêm essas nozes", observou ele, tirando uma noz do prato, virando-a entre os dedos e olhando-a com curiosidade.

"Londres, eu acho", disse Terence, olhando também para a noz.

"Um homem de negócios competente poderia fazer fortuna aqui em pouco tempo", continuou St. John. "Suponho que o calor faz algo engraçado com o cérebro das pessoas. Até os ingleses ficam um pouco esquisitos. De qualquer forma, eles são pessoas sem esperança de lidar. Eles me fizeram esperar três quartos de hora na farmácia esta manhã, sem motivo algum."

Houve outra longa pausa. Então Ridley perguntou: "Rodriguez parece satisfeito?"

"Bastante", disse Terence com decisão. "É só seguir o seu curso." Então Ridley soltou um suspiro profundo. Ele sentia muito por todos, mas ao mesmo tempo sentia muita falta de Helen e ficava um pouco magoado com a presença constante dos dois jovens.

Eles voltaram para a sala de estar.

"Olhe aqui. Hirst", disse Terence, "não há nada a ser feito durante duas horas." Ele consultou o lençol preso à porta. "Vá se deitar. Eu espero aqui. Chailey fica sentada com Rachel enquanto Helen almoça."

Era pedir muito a Hirst que lhe dissesse que fosse embora sem esperar ver Helen. Esses pequenos vislumbres de Helen eram os únicos alívios da tensão e do tédio, e muitas vezes pareciam compensar o desconforto do dia, embora ela pudesse não ter nada para lhes contar. No entanto, como estavam juntos em uma expedição, ele decidiu obedecer.

Helen demorou muito para descer. Ela parecia uma pessoa que está sentada há muito tempo no escuro. Ela estava pálida e mais magra, e a expressão de seus olhos era atormentada, mas determinada. Ela almoçou rapidamente e parecia indiferente ao que estava fazendo. Ela ignorou as perguntas de Terence e, por fim, como se ele não tivesse falado, olhou para ele com uma leve carranca e disse:

"Não podemos continuar assim, Terence. Ou você precisa procurar outro médico ou diz a Rodriguez para parar de vir, e eu cuidarei sozinho. Não adianta ele dizer que Rachel está melhor; ela não está melhor; ela está pior."

Terence sofreu um choque terrível, como aquele que sofreu quando Rachel disse: "Minha cabeça dói". Ele acalmou-se refletindo que Helen estava exausta, e sua opinião foi apoiada pela sua obstinada sensação de que ela se opunha a ele na discussão.

"Você acha que ela está em perigo?" ele perguntou.

"Ninguém pode continuar tão doente como aquele dia após dia..." Helen respondeu. Ela olhou para ele e falou como se sentisse alguma indignação com alguém.

"Muito bem, falarei com Rodriguez esta tarde", respondeu ele.

Helen subiu imediatamente.

Nada agora poderia amenizar a ansiedade de Terence. Ele não conseguia ler, nem ficar sentado quieto, e sua sensação de segurança estava abalada, apesar de estar convencido de que Helen estava exagerando e de que Rachel não estava muito doente. Mas ele queria que uma terceira pessoa confirmasse sua crença.

Assim que Rodriguez desceu, ele perguntou: "Bem, como ela está? Você acha que ela está pior?"

"Não há motivo para ansiedade, eu lhe digo, nenhum", respondeu Rodriguez em seu francês execrável, sorrindo inquieto e fazendo pequenos movimentos o tempo todo, como se quisesse fugir.

Hewet ficou firmemente entre ele e a porta. Ele estava determinado a ver por si mesmo que tipo de homem ele era. Sua confiança no homem desapareceu quando ele olhou para ele e viu sua insignificância, sua aparência suja, sua astúcia e seu rosto peludo e pouco inteligente. Era estranho que ele nunca tivesse visto isso antes.

"Você não se oporá, é claro, se lhe pedirmos para consultar outro médico?" ele continuou.

Com isso, o homenzinho ficou abertamente indignado.

"Ah!" ele gritou. "Você não confia em mim? Você se opõe ao meu tratamento? Quer que eu desista do caso?"

"De jeito nenhum", respondeu Terence, "mas em doenças graves deste tipo..."

Rodríguez encolheu os ombros.

"Não é sério, garanto-lhe. Você está ansioso demais. A jovem não está gravemente doente e eu sou médico. A senhora, claro, está assustada", ele zombou. "Eu entendo isso perfeitamente."

"O nome e endereço do médico é?" Terêncio continuou.

"Não há outro médico", respondeu Rodríguez mal-humorado. "Todos confiam em mim. Veja! Vou lhe mostrar."

Tirou um pacote de cartas antigas e começou a folheá-las, como se procurasse uma que pudesse refutar as suspeitas de Terence. Enquanto procurava, começou a contar uma história sobre um lorde inglês que confiava nele — um grande lorde inglês, cujo nome ele, infelizmente, havia esquecido.

"Não há outro médico no local", concluiu, ainda folheando as cartas.

"Não importa", disse Terence brevemente. "Vou fazer perguntas por mim mesmo." Rodríguez colocou as cartas de volta no bolso

"Muito bem", ele comentou. "Não tenho objeções."

Ele ergueu as sobrancelhas, encolheu os ombros, como se quisesse repetir que levavam a doença muito a sério e que não havia outro médico, e saiu, deixando atrás de si a impressão de que estava consciente de que não

confiavam nele e que sua maldade estava despertada.

Depois disso, Terence não pôde mais ficar lá embaixo. Ele subiu, bateu na porta de Rachel e perguntou a Helen se poderia vê-la por alguns minutos. Ele não a tinha visto ontem. Ela não fez objeção e foi sentar-se a uma mesa perto da janela.

Terence sentou-se ao lado da cama. O rosto de Rachel mudou. Ela parecia estar inteiramente concentrada no esforço de se manter viva. Seus lábios estavam contraídos e suas bochechas estavam encovadas e coradas, embora sem cor. Seus olhos não estavam totalmente fechados, a metade inferior da parte branca aparecendo, não como se ela visse, mas como se permanecessem abertos porque ela estava exausta demais para fechá-los. Ela os abriu completamente quando ele a beijou. Mas ela só viu uma velha cortando a cabeça de um homem com uma faca.

"Aí cai!" ela murmurou. Ela então se virou para Terence e fez-lhe ansiosamente alguma pergunta sobre um homem com mulas, que ele não conseguiu entender. "Por que ele não vem? Por que ele não vem?" ela repetiu. Ele ficou horrorizado ao pensar no homenzinho sujo lá embaixo, relacionado a uma doença como essa, e virou-se instintivamente para Helen, mas ela estava fazendo alguma coisa em uma mesa perto da janela e não pareceu perceber quão grande o choque deveria ser para ele. Ele se levantou para ir embora, pois não aguentava mais ouvir; seu coração batia rápida e dolorosamente de raiva e tristeza. Ao passar por Helen, ela pediu-lhe, com a mesma voz cansada, pouco natural, mas determinada, que lhe trouxesse mais gelo e que enchesse o jarro lá fora com leite fresco.

Depois de terminar essas tarefas, ele foi procurar Hirst. Exausto e com muito calor, São João adormeceu numa cama, mas Terêncio o acordou sem

escrúpulos.

"Helen acha que ela está pior", disse ele. "Não há dúvida de que ela está terrivelmente doente. Rodriguez é um inútil. Precisamos procurar outro médico."

"Mas não há outro médico", disse Hirst sonolento, sentando-se e esfregando os olhos.

"Não seja um idiota!" — exclamou Terêncio. "É claro que há outro médico e, se não houver, você precisa encontrar um. Isso deveria ter sido feito há dias. Vou descer para selar o cavalo." Ele não conseguia ficar parado no mesmo lugar.

Em menos de dez minutos, St. John estava cavalgando para a cidade, sob o calor escaldante, em busca de um médico, com ordens de encontrar um e trazê-lo de volta caso precisasse ser buscado em um trem especial.

Quando voltou para a sala, descobriu que a Sra. Flushing estava lá, muito ereta no meio da sala, tendo chegado, como as pessoas faziam naquela época, pela cozinha ou pelo jardim sem avisar.

"Ela está melhor?" — perguntou a Sra. Flushing abruptamente; eles não tentaram apertar as mãos.

"Não", disse Terêncio. "Na verdade, eles acham que ela é pior."

A Sra. Flushing pareceu refletir por um momento ou dois, olhando diretamente para Terence o tempo todo.

"Deixe-me dizer-lhe", disse ela, falando em espasmos nervosos, "é sempre por volta do sétimo dia em que alguém começa a ficar ansioso. Ouso dizer

que você está sentado aqui se preocupando sozinho. Você acha que ela está mal, mas qualquer um que viesse com um novo olhar veria que ela estava melhor. O Sr. Elliot estava com febre; ele está bem agora", ela gritou. "Não foi nada que ela pegou na expedição.

Aqui a Sra. Chailey entrou com uma mensagem.

"Sou procurado lá em cima", disse Terence.

"Você vê, ela vai ficar melhor", a Sra. Flushing disse quando ele saiu da sala. A sua ansiedade em persuadir Terêncio era muito grande, e quando ele a deixou sem dizer nada, ela sentiu-se insatisfeita e inquieta; ela não gostava de ficar, mas não suportava ir. Ela vagou de sala em sala procurando alguém com quem conversar, mas todas as salas estavam vazias.

Terence subiu as escadas, ficou atrás da porta para seguir as instruções de Helen, olhou para Rachel, mas não tentou falar com ela. Ela parecia vagamente consciente da presença dele, mas isso pareceu perturbá-la, e ela se virou, ficando deitada de costas para ele.

Na verdade, durante seis dias ela estivera alheia ao mundo exterior, porque precisava de toda a sua atenção para seguir as visões quentes, vermelhas e rápidas que passavam incessantemente diante de seus olhos. Ela sabia que era de enorme importância prestar atenção a essas paisagens e compreender seu significado, mas sempre chegava tarde demais para ouvir ou ver algo que explicasse tudo. Por esta razão, os rostos - o rosto de Helen, o da enfermeira, o de Terence, o do médico - que ocasionalmente se forçavam muito perto dela, eram preocupantes porque distraíam a sua atenção e ela poderia perder a pista. Contudo, na quarta tarde, de repente, ela foi incapaz de manter o rosto de Helen distinto da paisagem; seus lábios se arregalaram

quando ela se curvou sobre a cama e começou a tagarelar ininteligivelmente como os outros. Os pontos turísticos estavam todos envolvidos em alguma trama, alguma aventura, alguma fuga. A natureza do que faziam mudava incessantemente, embora sempre houvesse uma razão por trás disso, que ela precisava se esforçar para compreender. Ora estavam entre árvores e selvagens, ora estavam no mar; agora eles estavam no topo de torres altas; agora eles pularam; agora eles voaram. Mas quando a crise estava prestes a acontecer, alguma coisa invariavelmente lhe escapava ao cérebro, de modo que todo o esforço tinha de recomeçar. O calor era sufocante. Finalmente os rostos afastaram-se; ela caiu em uma poça profunda de água pegajosa, que acabou fechando sobre sua cabeça. Ela não viu nada e não ouviu nada além de um leve som estrondoso, que era o som do mar rolando sobre sua cabeça. Embora todos os seus algozes pensassem que ela estava morta, ela não estava morta, mas enrolada no fundo do mar. Lá ela ficou, às vezes vendo escuridão, às vezes luz, enquanto de vez em quando alguém a virava no fundo do mar.

Depois de São João ter passado algumas horas sob o calor do sol, brigando com nativos evasivos e muito tagarelas, ele extraiu a informação de que havia um médico, um médico francês, que naquele momento estava de férias nas montanhas. Era totalmente impossível, segundo diziam, encontrá-lo. Com sua experiência no país, St. John achava improvável que um telegrama fosse enviado ou recebido; mas tendo reduzido a distância da cidade montanhosa onde estava hospedado, de cem milhas para trinta milhas, e tendo alugado uma carruagem e cavalos, ele começou imediatamente a buscar o médico. Ele conseguiu encontrá-lo e acabou forçando o homem relutante a deixar sua jovem esposa e retornar imediatamente. Eles chegaram à vila ao meio-dia de terça-feira.

Terêncio saiu para recebê-los, e St. John ficou impressionado com o fato de ter ficado visivelmente mais magro nesse intervalo; ele também era branco; seus olhos pareciam estranhos. Mas o discurso lacônico e os modos mal-humorados e magistras do Dr. Lesage impressionaram ambos favoravelmente, embora ao mesmo tempo fosse óbvio que ele estava muito aborrecido com todo o caso. Ao descer, deu as instruções enfaticamente, mas nunca lhe ocorreu dar uma opinião, quer pela presença de Rodríguez, agora obsequioso e malicioso, quer porque tinha como certo que já sabiam o que devia ser conhecido.

"Claro", disse ele encolhendo os ombros, quando Terence lhe perguntou: "Ela está muito doente?"

Ambos sentiram uma certa sensação de alívio quando o Dr. Lesage partiu, deixando instruções explícitas e prometendo outra visita dentro de algumas horas; mas, infelizmente, a elevação do seu ânimo levou-os a falar mais do que o habitual e, ao falar, discutiram. Eles discutiram por causa de uma estrada, a Portsmouth Road. São João disse que é macadamizado onde passa por Hindhead, e Terence sabia tão bem quanto seu próprio nome que não é macadamizado naquele ponto. Durante a discussão, eles disseram algumas coisas muito duras um para o outro, e o resto do jantar foi comido em silêncio, exceto por uma reflexão ocasional e meio abafada de Ridley.

Quando escureceu e as lâmpadas foram trazidas, Terence sentiu-se incapaz de controlar a sua irritação por mais tempo. St. John foi para a cama em estado de completa exaustão, desejando boa noite a Terence com muito mais carinho do que o normal por causa da briga, e Ridley retirou-se para seus livros. Deixado sozinho, Terence andava de um lado para outro na sala; ele ficou na janela aberta.

As luzes iam se apagando uma após a outra na cidade abaixo, e o jardim estava muito tranquilo e fresco, de modo que ele saiu para o terraço. Enquanto estava ali na escuridão, capaz apenas de ver as formas das árvores através da fina luz cinzenta, foi dominado por um desejo de escapar, de acabar com esse sofrimento, de esquecer que Rachel estava doente. Ele se permitiu cair no esquecimento de tudo. Como se um vento que soprava incessantemente de repente adormecesse, a preocupação, a tensão e a ansiedade que o pressionavam desapareceram. Ele parecia estar sozinho num espaço de ar tranquilo, numa pequena ilha; ele estava livre e imune à dor. Não importava se Rachel estava bem ou doente; não importava se estavam separados ou juntos; nada importava - nada importava. As ondas batiam na praia ao longe, e o vento suave passava pelos galhos das árvores, parecendo envolvê-lo de paz e segurança, de escuridão e nada. Certamente o mundo de conflitos, preocupações e ansiedade não era o mundo real, mas este era o mundo real, o mundo que estava abaixo do mundo superficial, de modo que, aconteça o que acontecer, a pessoa estará segura. A tranquilidade e a paz pareciam envolver seu corpo num lençol fino e fresco, acalmando todos os nervos; sua mente pareceu mais uma vez expandir-se e tornar-se natural.

Mas depois de ficar assim por algum tempo, um barulho na casa o despertou; ele se virou instintivamente e entrou na sala. A visão da sala iluminada pela lâmpada trouxe de volta tudo o que ele havia esquecido tão abruptamente que por um momento ficou parado, incapaz de se mover. Ele se lembrava de tudo, da hora, até do minuto, a que ponto haviam chegado e o que estava por vir. Ele se amaldiçoou por ter feito acreditar por um minuto que as coisas eram diferentes do que são. A noite agora era mais difícil de enfrentar do que nunca.

Incapaz de permanecer na sala vazia, ele saiu e sentou-se na escada, a meio caminho do quarto de Rachel. Ele ansiava por alguém com quem conversar, mas Hirst estava dormindo e Ridley estava dormindo; não havia nenhum som no quarto de Rachel. O único som na casa era o de Chailey se movendo na cozinha. Por fim, ouviu-se um farfalhar na escada acima, e a enfermeira McInnis desceu apertando os botões dos punhos, preparando-se para a vigília noturna. Terence levantou-se e deteve-a. Ele mal havia falado com ela, mas era possível que ela pudesse confirmar-lhe a crença que ainda persistia em sua mente de que Rachel não estava gravemente doente. Ele disse a ela em um sussurro que o Dr. Lesage foi e o que ele disse.

"Agora, enfermeira", ele sussurrou, "por favor, diga-me a sua opinião. Você considera que ela está gravemente doente? Ela corre algum perigo?"

"O médico disse...", ela começou.

"Sim, mas quero a sua opinião. Você já teve experiência com muitos casos como este?"

"Eu não poderia lhe contar mais do que o Dr. Lesage, Sr. Hewet", ela respondeu cautelosamente, como se suas palavras pudessem ser usadas contra ela. "O caso é sério, mas você pode ter certeza de que estamos fazendo tudo o que podemos pela senhorita Vinrace." Ela falou com alguma auto-aprovação profissional. Mas ela percebeu que talvez não satisfizesse o jovem, que ainda bloqueava seu caminho, pois ela moveu ligeiramente os pés na escada e olhou pela janela de onde podiam ver a lua sobre o mar.

"Se você me perguntar", ela começou em um tom curiosamente furtivo, "nunca gosto de May para meus pacientes."

"Maio?" Terêncio repetiu.

"Pode ser uma fantasia, mas não gosto de ver ninguém adoecer em maio", continuou ela. "As coisas parecem dar errado em maio. Talvez seja a lua. Dizem que a lua afeta o cérebro, não é? Senhor?"

Ele olhou para ela, mas não conseguiu responder; como todos os outros, quando alguém olhava para ela, ela parecia murchar sob os olhos e tornar-se inútil, maliciosa e indigna de confiança.

Ela passou por ele e desapareceu.

Embora ele tenha ido para seu quarto, ele não conseguiu nem tirar a roupa. Durante muito tempo ele andou de um lado para o outro e depois, inclinando-se pela janela, contemplou a terra tão escura contra o azul mais claro do céu. Com uma mistura de medo e aversão, ele olhou para os ciprestes pretos e esbeltos que ainda eram visíveis no jardim e ouviu os rangidos e sons estranhos que mostravam que a terra ainda estava quente. Todas essas imagens e sons pareciam sinistros e cheios de hostilidade e maus pressentimentos; junto com os nativos, a enfermeira, o médico e a terrível força da própria doença, pareciam estar conspirando contra ele. Eles pareciam se unir em seus esforços para extrair dele a maior quantidade possível de sofrimento. Ele não conseguia se acostumar com a dor, foi uma revelação para ele. Ele nunca havia percebido antes que por baixo de cada ação, por baixo da vida de cada dia, existe dor, quieta, mas pronta para ser devorada; ele parecia ser capaz de ver o sofrimento, como se fosse um fogo, enroscando-se nas bordas de toda ação, corroendo a vida de homens e mulheres. Pela primeira vez pensou com compreensão em palavras que antes lhe pareciam vazias: a luta da vida; a dureza da vida. Agora ele sabia por si mesmo que a vida é difícil e cheia de sofrimento. Ele olhou para as luzes dispersas na cidade abaixo e pensou em Arthur e Susan, ou em Evelyn e

Perrott aventurando-se involuntariamente e, pela sua felicidade, expondo-se a sofrimentos como este. Como eles ousaram amar um ao outro, ele se perguntou; como ele próprio ousou viver como viveu, rápida e descuidadamente, passando de uma coisa para outra, amando Raquel como a amara? Nunca mais ele se sentiria seguro; ele nunca acreditaria na estabilidade da vida, nem esqueceria as profundezas da dor que existem por baixo da pequena felicidade e dos sentimentos de contentamento e segurança. Ao olhar para trás, pareceu-lhe que a felicidade deles nunca tinha sido tão grande como a sua dor era agora. Sempre houve algo imperfeito em sua felicidade, algo que eles desejaram e não conseguiram. Tinha sido fragmentário e incompleto porque eles eram muito jovens e não sabiam o que estavam fazendo.

A luz de sua vela tremeluzia sobre os galhos de uma árvore do lado de fora da janela, e enquanto o galho balançava na escuridão veio à sua mente uma imagem de todo o mundo que estava do lado de fora de sua janela; pensou no imenso rio e na imensa floresta, nas vastas extensões de terra seca e nas planícies do mar que circundavam a terra; do mar o céu erguia-se íngreme e enorme, e o ar lavava-se profundamente entre o céu e o mar. Quão vasta e escura deve ser esta noite, exposta ao vento; e em todo esse grande espaço era curioso pensar como eram poucas as cidades e como eram semelhantes a pequenos anéis de luz, espalhadas aqui e ali entre as crescentes dobras incultas do mundo. E nessas cidades havia pequenos homens e mulheres, pequenos homens e mulheres. Ah, era um absurdo, pensando bem, ficar sentado aqui em uma salinha sofrendo e cuidando. O que importava alguma coisa? Rachel, uma criatura minúscula, estava doente embaixo dele, e aqui em seu quatinho ele sofria por causa dela. A proximidade dos seus corpos neste vasto universo, e a pequenez dos seus corpos, pareciam-lhe absurdas e

ridículas. Nada importava, ele repetiu; eles não tinham poder, nem esperança. Apoiou-se no parapeito da janela, pensando, até quase esquecer a hora e o local. No entanto, embora estivesse convencido de que isso era absurdo e ridículo, e que eles eram pequenos e sem esperança, ele nunca perdeu a sensação de que esses pensamentos de alguma forma faziam parte de uma vida que ele e Rachel viveriam juntos.

Talvez devido à mudança de médico, Rachel parecia estar bastante melhor no dia seguinte. Embora Helen parecesse terrivelmente pálida e desgastada, houve uma ligeira dissipação da nuvem que pairara todos aqueles dias em seus olhos.

"Ela falou comigo", disse ela voluntariamente. "Ela me perguntou que dia da semana era, assim como ela."

Então, de repente, sem qualquer aviso ou razão aparente, as lágrimas se formaram em seus olhos e rolaram continuamente por seu rosto. Ela chorou quase sem nenhuma tentativa de mover suas feições e sem nenhuma tentativa de se conter, como se não soubesse que estava chorando. Apesar do alívio que as palavras dela lhe proporcionaram, Terêncio ficou consternado com a visão; tudo cedeu? Não havia limites para o poder desta doença? Tudo iria por água abaixo antes disso? Helen sempre lhe pareceria forte e determinada, e agora parecia uma criança. Ele a tomou nos braços e ela se agarrou a ele como uma criança, chorando baixinho e baixinho em seu ombro. Então ela se levantou e enxugou as lágrimas; era bobagem comportar-se assim, ela disse; muito bobo, ela repetiu, quando não havia dúvida de que Rachel estava melhor. Ela pediu a Terence que perdoasse sua loucura. Ela parou na porta e voltou e o beijou sem dizer nada.

Na verdade, naquele dia Rachel estava consciente do que acontecia ao seu redor. Ela havia chegado à superfície da piscina escura e pegajosa, e uma onda parecia levá-la para cima e para baixo; ela deixou de ter vontade própria; ela ficou deitada no topo da onda, consciente de alguma dor, mas principalmente de fraqueza. A onda foi substituída pela encosta de uma montanha. Seu corpo tornou-se um monte de neve derretida, acima da qual seus joelhos se erguiam em enormes montanhas pontiagudas de ossos nus. Era verdade que ela viu Helen e viu seu quarto, mas tudo ficou muito pálido e semitransparente. Às vezes ela conseguia ver através da parede à sua frente. Às vezes, quando Helen ia embora, ela parecia ir tão longe que os olhos de Rachel mal conseguiam segui-la. A sala também tinha um estranho poder de expansão e, embora ela empurrasse a voz o mais longe possível, até que às vezes ela se transformasse em um pássaro e voasse para longe, ela achava duvidoso que ela chegasse a alcançar a pessoa com quem ela estava falando. Havia imensos intervalos ou abismos, pois as coisas ainda tinham o poder de aparecer visivelmente diante dela, entre um momento e outro; às vezes Helen demorava uma hora para levantar o braço, parando longamente entre cada movimento brusco, e derramar o remédio. A forma de Helen, inclinando-se para levantá-la na cama, parecia de tamanho gigantesco e caiu sobre ela como o teto caindo. Mas, durante longos períodos de tempo, ela apenas ficava deitada, consciente de seu corpo flutuando na cabeceira da cama e de sua mente dirigida para algum canto remoto de seu corpo, ou escapava e saía voando pelo quarto. Todas as visões exigiam um certo esforço, mas a visão de Terence foi o maior esforço, porque ele a forçou a unir mente com corpo no desejo de lembrar de algo. Ela não queria lembrar; perturbava-a quando as pessoas tentavam perturbar a sua solidão; ela queria ficar sozinha. Ela não desejava mais nada no mundo.

Embora ela tivesse chorado, Terence observou a maior esperança de Helen com algo parecido com triunfo; na discussão entre eles ela deu o primeiro sinal de admitir que estava errada. Ele esperou que o Dr. Lesage voltasse naquela tarde com considerável ansiedade, mas com a mesma certeza no fundo de sua mente de que com o tempo forçaria todos a admitir que estavam errados.

Como sempre, o Dr. Lesage estava mal-humorado nos seus modos e muito curto nas suas respostas. Ao pedido de Terence: "Ela parece estar melhor?" ele respondeu, olhando para ele de uma forma estranha: "Ela tem uma chance de vida."

A porta se fechou e Terence foi até a janela. Ele encostou a testa na vidraça.

"Rachel", ele repetiu para si mesmo. "Ela tem uma chance de vida. Rachel."

Como eles puderam dizer essas coisas sobre Rachel? Alguém ontem acreditou seriamente que Rachel estava morrendo? Eles estavam noivos há quatro semanas. Há quinze dias ela estava perfeitamente bem. O que quatorze dias poderiam ter feito para trazê-la daquele estado para este? Perceber o que eles queriam dizer ao dizer que ela tinha uma chance de vida estava além dele, sabendo como ele sabia que eles estavam noivos. Ele se virou, ainda envolto na mesma névoa sombria, e caminhou em direção à porta. De repente ele viu tudo. Ele viu o quarto e o jardim, e as árvores se movendo no ar, eles poderiam continuar sem ela; ela poderia morrer. Pela primeira vez desde que ela adoeceu, ele se lembrou exatamente de sua aparência e de como cuidavam um do outro. A intensa felicidade de senti-la perto dele se misturou a uma ansiedade mais intensa do que ele havia sentido até então. Ele não podia deixá-la morrer; ele não poderia viver sem ela. Mas depois de uma luta momentânea, a cortina caiu novamente e ele não

viu e não sentiu nada com clareza. Tudo estava acontecendo — ainda acontecendo, da mesma forma que antes. Exceto por uma dor física quando seu coração batia e pelo fato de seus dedos estarem gelados, ele não percebia que estava ansioso com alguma coisa. Em sua mente, ele parecia não sentir nada por Rachel ou por qualquer pessoa ou coisa no mundo. Ele continuou dando ordens, acertando com a Sra. Chailey, escrevendo listas, e de vez em quando subia as escadas e colocava algo discretamente na mesa do lado de fora da porta de Rachel. Naquela noite, o Dr. Lesage parecia menos mal-humorado do que de costume. Ele ficou voluntariamente por alguns momentos e, dirigindo-se igualmente a São João e a Terêncio, como se não se lembrasse de qual deles estava noivo da jovem, disse: “Considero que o estado dela esta noite é muito grave”.

Nenhum deles foi para a cama nem sugeriu que o outro fosse para a cama. Sentaram-se na sala, brincando de piquete, com a porta aberta. São João preparou uma cama no sofá e, quando ficou pronta, insistiu que Terêncio se deitasse nela. Eles começaram a discutir sobre quem deveria deitar no sofá e quem deveria deitar em duas cadeiras cobertas com tapetes. St. John obrigou finalmente Terêncio a deitar-se no sofá.

"Não seja tolo, Terence", disse ele. "Você só vai ficar doente se não dormir."

"Velho companheiro", começou ele, pois Terence ainda recusou, e parou abruptamente, temendo sentimentalismo; ele descobriu que estava à beira das lágrimas.

Ele começou a dizer o que há muito queria dizer: que sentia muito por Terence, que se importava com ele, que se importava com Rachel. Será que ela sabia o quanto ele se importava com ela? Será que ela havia dito alguma coisa, talvez perguntado? Ele estava muito ansioso para dizer isso, mas se

conteve, pensando que afinal era uma pergunta egoísta, e de que adiantava incomodar Terence para falar sobre essas coisas? Ele já estava meio adormecido. Mas São João não conseguiu dormir imediatamente. Se ao menos, pensou consigo mesmo, enquanto jazia na escuridão, algo acontecesse - se ao menos esta tensão chegasse ao fim. Ele não se importou com o que aconteceu, desde que a sucessão desses dias difíceis e tristes fosse interrompida; ele não se importava se ela morresse. Ele se sentiu desleal por não se importar com isso, mas parecia-lhe que não tinha mais sentimentos.

Durante toda a noite não houve nenhum chamado ou movimento, exceto o abrir e fechar da porta do quarto uma vez. Aos poucos a luz retornou ao quarto desarrumado. Às seis, os criados começaram a se movimentar; às sete, eles desceram para a cozinha; e meia hora depois o dia recomeçou.

No entanto, não era o mesmo dos dias anteriores, embora fosse difícil dizer em que consistia a diferença. Talvez fosse porque eles pareciam estar esperando por alguma coisa. Certamente havia menos coisas a fazer do que o habitual. As pessoas vagavam pela sala de estar - o Sr. Flushing, Sr. e Sra. Thornbury. Eles falaram em voz baixa, desculpando-se, recusando-se a sentar-se, mas permanecendo em pé por um tempo considerável, embora a única coisa que tivessem a dizer fosse: "Há algo que possamos fazer?" e não havia nada que pudessem fazer.

Sentindo-se estranhamente desligado de tudo, Terence lembrou-se de como Helen dissera que sempre que alguma coisa acontecia com você era assim que as pessoas se comportavam. Ela estava certa ou errada? Ele estava muito pouco interessado em formar uma opinião própria. Ele guardava as coisas na cabeça, como se um dia desses fosse pensar nelas, mas não agora.

A névoa da irrealidade aprofundou-se cada vez mais até produzir uma sensação de dormência por todo o corpo. Seria o corpo dele? Aquelas eram realmente suas próprias mãos?

Esta manhã, também pela primeira vez, Ridley achou impossível ficar sentado sozinho em seu quarto. Ele se sentia muito desconfortável lá embaixo e, como não sabia o que estava acontecendo, atrapalhava constantemente; mas ele não saía da sala. Inquieto demais para ler e sem nada para fazer, ele começou a andar de um lado para o outro, recitando poesia em voz baixa. Ocupados de várias maneiras - ora desfazendo pacotes, ora desarrolhando garrafas, ora escrevendo instruções, o som da canção de Ridley e a batida de seus passos penetraram nas mentes de Terence e St. John durante toda a manhã como um refrão parcialmente compreendido.

Eles lutaram para cima, eles lutaram para baixo. Eles lutaram doloridos e imóveis: O demônio que cega os olhos dos homens, Naquela noite ele fez sua vontade. Como veados exaustos, entre os curvados Eles caíram um pouco para descansar —

"Ah, é intolerável!" Hirst exclamou e então se conteve, como se isso fosse uma violação do acordo. Repetidas vezes, Terence subia a metade da escada, caso pudesse ter notícias de Rachel. Mas as únicas notícias agora eram muito fragmentárias; ela havia bebido alguma coisa; ela havia dormido um pouco; ela parecia mais quieta. Da mesma forma, o Dr. Lesage limitou-se a falar de detalhes, exceto uma vez, quando deu a informação de que acabara de ser chamado para averiguar, por meio de corte de uma veia no pulso, que uma senhora idosa de oitenta e cinco anos estava realmente morta. Ela tinha horror de ser enterrada viva.

"É um horror", observou ele, "que geralmente encontramos nos muito velhos e raramente nos jovens." Ambos expressaram interesse no que ele lhes contou; pareceu-lhes muito estranho. Outra coisa estranha naquele dia foi que o almoço foi esquecido por todos até o final da tarde, e então a Sra. Chailey os atendeu, e também parecia estranha, porque usava um vestido estampado rígido e as mangas estavam arregaçadas acima dos cotovelos. Ela parecia tão alheia à sua aparência, no entanto, como se tivesse sido chamada para fora da cama por um alarme de incêndio à meia-noite, e também tivesse esquecido sua reserva e sua compostura; ela falava com eles com bastante familiaridade, como se os tivesse amamentado e os segurasse nus sobre os joelhos. Ela assegurou-lhes repetidas vezes que era seu dever comer.

A tarde, assim encurtada, passou mais depressa do que esperavam. Uma vez a Sra. Flushing abriu a porta, mas ao vê-los fechou-a novamente rapidamente; uma vez Helen desceu para buscar alguma coisa, mas parou ao sair da sala para ler uma carta endereçada a ela. Ela ficou parada por um momento, virando-o, e a beleza extraordinária e triste de sua atitude atingiu Terence da mesma forma que as coisas o impressionavam agora - como algo a ser guardado em sua mente e sobre o qual pensar depois. Mal se falavam, a discussão entre eles parecia suspensa ou esquecida.

Agora que o sol da tarde havia saído da frente da casa, Ridley andava de um lado para o outro no terraço repetindo estrofes de um longo poema, com uma voz suave, mas subitamente sonora. Fragmentos do poema flutuavam pela janela aberta enquanto ele passava e repassava.

Peor e Baalim Abandonam seus templos obscuros, Com aquele Deus da Palestina duas vezes espancado E Astaroth enlutado -

O som destas palavras foi estranhamente desconfortável para ambos os jovens, mas tiveram de ser suportadas. À medida que a noite avançava e a luz vermelha do pôr-do-sol brilhava ao longe no mar, o mesmo sentimento de desespero tomou conta de Terence e St. John ao pensarem que o dia estava quase no fim e que outra noite estava próxima. O aparecimento de uma luz após outra na cidade abaixo deles produziu em Hirst uma repetição de seu terrível e repugnante desejo de desabar e chorar. Então as lâmpadas foram trazidas por Chailey. Ela explicou que Maria, ao abrir uma garrafa, foi tão tola que cortou feio o braço, mas ela o amarrou; foi lamentável quando havia tanto trabalho a ser feito. A própria Chailey mancava por causa do reumatismo nos pés, mas lhe parecia uma mera perda de tempo dar atenção à carne rebelde dos criados. A noite continuou. O Dr. Lesage chegou inesperadamente e ficou lá em cima por muito tempo. Ele desceu uma vez e tomou uma xícara de café.

“Ela está muito doente”, disse ela em resposta à pergunta de Ridley. Todo o aborrecimento já havia desaparecido de seus modos, ele era sério e formal, mas ao mesmo tempo cheio de consideração, o que não o havia marcado antes. Ele subiu novamente. Os três homens sentaram-se juntos na sala de estar. Ridley estava bastante quieto agora e sua atenção parecia totalmente despertada. Exceto por pequenos movimentos semivoluntários e exclamações que foram imediatamente abafadas, eles esperaram em completo silêncio. Parecia que finalmente eles foram colocados frente a frente com algo definido.

Eram quase onze horas quando o Dr. Lesage apareceu novamente na sala. Ele se aproximou deles muito lentamente e não falou imediatamente. Ele olhou primeiro para St. John e depois para Terence, e disse a Terence: "Sr. Hewet, acho que você deveria subir agora."

Terence levantou-se imediatamente, deixando os outros sentados com o Dr. Lesage imóvel entre eles.

Chailey estava no corredor do lado de fora, repetindo sem parar: "É perverso — é perverso."

Terence não prestou atenção nela; ele ouviu o que ela estava dizendo, mas não transmitiu nenhum significado à sua mente. Durante todo o caminho de cima, ele dizia para si mesmo: "Isso não aconteceu comigo. Não é possível que isso tenha acontecido comigo."

Ele olhou com curiosidade para sua própria mão no corrimão. As escadas eram muito íngremes e pareceu levar muito tempo para superá-las. Em vez de sentir intensamente, como sabia que deveria sentir, não sentiu absolutamente nada. Quando abriu a porta viu Helen sentada ao lado da cama. Havia sombras sobre a mesa e a sala, embora parecesse cheia de muitas coisas, estava muito arrumada. Havia um cheiro fraco e nada desagradável de desinfetantes. Helen levantou-se e cedeu-lhe a cadeira em silêncio. Quando eles se cruzaram, seus olhos se encontraram em um olhar peculiar e nivelado, ele se perguntou a extraordinária clareza dos olhos dela e a profunda calma e tristeza que habitavam neles. Ele sentou-se ao lado da cama e, um momento depois, ouviu a porta fechar-se suavemente atrás dela. Ele estava sozinho com Rachel, e um leve reflexo da sensação de alívio que eles costumavam sentir quando eram deixados sozinhos o possuiu. Ele olhou para ela. Ele esperava encontrar alguma mudança terrível nela, mas não houve nenhuma. Ela parecia realmente muito magra e, até onde ele podia ver, muito cansada, mas era a mesma de sempre. Além disso, ela o viu e o conheceu. Ela sorriu para ele e disse: "Olá, Terence."

A cortina que esteve fechada entre eles por tanto tempo desapareceu imediatamente.

"Bem, Rachel," ele respondeu com sua voz habitual, e ela abriu bem os olhos e sorriu com seu sorriso familiar. Ele a beijou e pegou sua mão.

"Tem sido péssimo sem você", disse ele.

Ela ainda olhou para ele e sorriu, mas logo uma leve expressão de cansaço ou perplexidade surgiu em seus olhos e ela os fechou novamente.

"Mas quando estamos juntos ficamos perfeitamente felizes", disse ele. Ele continuou segurando a mão dela.

Como a luz era fraca, era impossível ver qualquer mudança em seu rosto. Uma imensa sensação de paz tomou conta de Terence, de modo que ele não teve vontade de se mover ou falar. A terrível tortura e a irrealidade dos últimos dias terminaram, e ele agora estava em perfeita certeza e paz. Sua mente começou a funcionar naturalmente novamente e com grande facilidade. Quanto mais tempo ele ficava ali sentado, mais profundamente consciente ele ficava da paz que invadia cada canto de sua alma. Uma vez ele prendeu a respiração e ouviu com atenção; ela ainda estava respirando; ele continuou pensando por algum tempo; eles pareciam estar pensando juntos; ele parecia ser Rachel tanto quanto ele mesmo; e então ele ouviu novamente; não, ela havia parado de respirar. Tanto melhor - isso era a morte. Não foi nada; era parar de respirar. Foi felicidade, foi felicidade perfeita. Eles tinham agora o que sempre quiseram ter, a união que foi impossível enquanto viveram. Inconsciente se pensou nas palavras ou as pronunciou em voz alta, ele disse: "Duas pessoas nunca foram tão felizes como nós. Ninguém jamais amou como nós amamos."

Parecia-lhe que a união e a felicidade completas enchiam a sala com anéis que redemoinhavam cada vez mais. Ele não tinha nenhum desejo no mundo deixado por realizar. Eles possuíam o que nunca poderia ser tirado deles.

Ele não tinha consciência de que alguém tivesse entrado na sala, mas mais tarde, momentos depois, ou talvez horas depois, sentiu um braço atrás dele. Os braços estavam em volta dele. Ele não queria ser abraçado, e as misteriosas vozes sussurrantes o incomodavam. Ele colocou a mão de Rachel, que agora estava fria, sobre a colcha, levantou-se da cadeira e foi até a janela. As janelas não tinham cortinas e mostravam a lua e um longo caminho prateado na superfície das ondas.

"Ora", disse ele, em seu tom de voz normal, "olhe para a lua. Há um halo ao redor da lua. Choverá amanhã."

Os braços, fossem eles de homem ou de mulher, o envolveram novamente; eles o estavam empurrando gentilmente em direção à porta. Ele virou-se por vontade própria e caminhou firmemente à frente dos braços, consciente de um pouco de diversão com a maneira estranha como as pessoas se comportavam apenas porque alguém estava morto. Ele iria se eles desejassem, mas nada que pudessem fazer perturbaria sua felicidade.

Ao ver a passagem para fora da sala e a mesa com as xícaras e os pratos, de repente lhe ocorreu que ali estava um mundo no qual ele nunca mais veria Rachel.

## 26. Capítulo Vinte e Seis

A morte reorganiza o hotel, os vínculos e o modo como cada pessoa continua.

DURANTE mais duas ou três horas a lua derramou sua luz pelo ar vazio. Sem ser interrompido pelas nuvens, caía reto e jazia quase como uma geada branca e fria sobre o mar e a terra. Durante estas horas o silêncio não foi quebrado, e o único movimento foi causado pelo movimento das árvores e ramos que se agitaram ligeiramente, e depois as sombras que se estendiam pelos espaços brancos do terreno também se moveram. Neste silêncio profundo só se ouvia um som, o som de uma respiração leve mas contínua que nunca cessava, embora nunca subisse e nunca diminuísse. Continuou depois que os pássaros começaram a voar de galho em galho, e pôde ser ouvido por trás das primeiras notas finas de suas vozes. Continuou durante todas as horas, quando o leste embranqueceu e ficou vermelho, e um leve azul tingiu o céu, mas quando o sol nasceu, cessou e deu lugar a outros sons.

Os primeiros sons que se ouviam eram pequenos gritos inarticulados, gritos, ao que parecia, de crianças ou de pessoas muito pobres, de pessoas muito fracas ou com dores. Mas quando o sol estava acima do horizonte, o ar que antes era rarefeito e pálido tornou-se cada momento mais rico e quente, e os sons da vida tornaram-se mais ousados e mais cheios de coragem e autoridade. Aos poucos, a fumaça começou a subir em baforadas oscilantes sobre as casas, e estas lentamente se engrossaram, até ficarem redondas e retas como colunas, e em vez de atingir as persianas brancas e claras, o sol brilhava sobre as janelas escuras, além das quais havia profundidade e espaço.

O sol já havia nascido há muitas horas, e a grande cúpula de ar estava aquecida e brilhando com finos fios dourados de luz solar, antes que alguém

entrasse no hotel. Branco e maciço, ele estava à luz da manhã, meio adormecido com as persianas fechadas.

Por volta das nove e meia, a senhorita Allan entrou muito lentamente no corredor e caminhou muito lentamente até a mesa onde estavam os jornais da manhã, mas não estendeu a mão para pegar um; ela ficou parada, pensando, com a cabeça um pouco afundada nos ombros. Ela parecia curiosamente velha, e pela maneira como ela ficava, um pouco encurvada e muito corpulenta, dava para ver como ela seria quando fosse realmente velha, como ela ficaria sentada dia após dia em sua cadeira olhando placidamente para a frente dela. Outras pessoas começaram a entrar na sala e a passar por ela, mas ela não falou com nenhuma delas nem sequer olhou para elas, e por último, como se fosse necessário fazer alguma coisa, sentou-se numa cadeira e olhou calma e fixamente para a sua frente. Ela se sentia muito velha esta manhã, e inútil também, como se sua vida tivesse sido um fracasso, como se tivesse sido difícil e laboriosa sem nenhum propósito. Ela não queria continuar vivendo, mas sabia que o faria. Ela era tão forte que viveria até ser uma mulher muito velha. Ela provavelmente viveria até os oitenta anos e, como agora tinha cinquenta, ainda lhe restavam trinta anos de vida. Ela virou as mãos no colo e olhou para elas com curiosidade; suas velhas mãos, que tanto trabalharam para ela. Não parecia haver muito sentido em tudo isso; um continuou, é claro que um continuou.... Ela olhou para cima e viu a Sra. Thornbury parada ao lado dela, com linhas desenhadas na testa e os lábios entreabertos como se ela estivesse prestes a fazer uma pergunta.

Miss Allan antecipou-se a ela.

"Sim", ela disse. "Ela morreu esta manhã, bem cedo, por volta das três horas."

A Sra. Thornbury fez uma pequena exclamação, juntou os lábios e as lágrimas subiram aos seus olhos. Através deles ela olhou para o salão que agora estava banhado por grandes extensões de luz solar, e para os grupos descuidados e casuais de pessoas que estavam de pé ao lado das sólidas poltronas e mesas. Eles pareciam irrealis para ela, ou como olham as pessoas que permanecem inconscientes de que alguma grande explosão está prestes a acontecer ao lado deles. Mas não houve explosão e eles continuaram parados junto às cadeiras e mesas. Sra. Thornbury já não os via, mas, penetrando através deles como se não tivessem substância, viu a casa, as pessoas na casa, o quarto, a cama no quarto e a figura do morto deitado imóvel no escuro sob os lençóis. Ela quase podia ver os mortos. Ela quase podia ouvir as vozes dos enlutados.

"Eles esperavam por isso?" she asked at length.

A senhorita Allan só conseguiu balançar a cabeça.

"Não sei de nada", respondeu ela, "exceto o que a empregada da Sra. Flushing me contou. Ela morreu esta manhã."

As duas mulheres entreolharam-se com um olhar sereno e significativo, e então, sentindo-se estranhamente atordoadas e procurando sem saber exatamente o quê, a Sra. Thornbury subiu lentamente as escadas e caminhou silenciosamente pelos corredores, tocando a parede com os dedos como se para se orientar. As criadas passavam rapidamente de cômodo em cômodo, mas a Sra. Thornbury as evitava; ela mal os viu; eles pareciam para ela estar em outro mundo. Ela nem olhou diretamente para cima quando Evelyn a

deteve. Era evidente que Evelyn andava chorando ultimamente e, quando olhou para a Sra. Thornbury, começou a chorar novamente. Juntos, eles se encostaram no vão de uma janela e ficaram ali em silêncio. Palavras entrecortadas finalmente se formaram entre os soluços de Evelyn. "Foi perverso", ela soluçou, "foi cruel - eles estavam tão felizes."

A Sra. Thornbury deu um tapinha no ombro dela.

"Parece difícil - muito difícil", disse ela. Ela fez uma pausa e olhou para a encosta da colina, para a vila dos Ambrose; as janelas brilhavam ao sol, e ela pensou como a alma dos mortos havia passado por aquelas janelas. Algo havia passado do mundo. Parecia-lhe estranhamente vazio.

"E, no entanto, quanto mais envelhecemos", ela continuou, seus olhos recuperando mais do que o brilho habitual, "mais certeza temos de que existe uma razão. Como alguém poderia continuar se não houvesse razão?" ela perguntou.

Ela fez a pergunta a alguém, mas não a Evelyn. Os soluços de Evelyn estavam ficando mais baixos. "Deve haver uma razão", disse ela. "Não pode ser apenas um acidente. Pois foi um acidente — nunca precisava ter acontecido."

A Sra. Thornbury suspirou profundamente.

"Mas não devemos permitir-nos pensar nisso", acrescentou ela, "e esperemos que eles também não o façam. O que quer que tenham feito, pode ter sido a mesma coisa.

"Não há razão - não acredito que haja razão alguma!" Evelyn explodiu, baixando a persiana e deixando-a voar para trás com um pequeno estalo.

"Por que essas coisas deveriam acontecer? Por que as pessoas deveriam sofrer? Eu honestamente acredito", ela continuou, baixando um pouco a voz, "que Rachel está no céu, mas Terence..."

"Qual é a vantagem disso tudo?" ela exigiu.

A Sra. Thornbury balançou a cabeça ligeiramente, mas não respondeu, e apertando a mão de Evelyn ela seguiu pelo corredor. Impelida por um forte desejo de ouvir alguma coisa, embora não soubesse exatamente o que havia para ouvir, ela se dirigiu ao quarto dos Flushing. Ao abrir a porta, ela sentiu que havia interrompido alguma discussão entre marido e mulher. A Sra. Flushing estava sentada de costas para a luz, e o Sr. Flushing estava parado perto dela, discutindo e tentando convencê-la de alguma coisa.

"Ah, aqui está a Sra. Thornbury", ele começou com algum alívio na voz. "Você já ouviu falar, é claro. Minha esposa sente que ela foi de alguma forma responsável. Ela incentivou a pobre senhorita Vinrace a participar da expedição. Tenho certeza de que você concordará comigo que é muito irracional sentir isso. Nós nem sabemos - na verdade, acho muito improvável - que ela tenha contraído sua doença lá. Essas doenças... Além disso, ela estava decidida a partir. Ela teria ido se você pedisse ou não, Alice."

"Não faça isso, Wilfrid", disse a Sra. Flushing, sem se mover nem tirar os olhos do chão onde eles repousavam. "Qual é a utilidade de falar? Qual é a utilidade?" Ela parou.

"Eu vim perguntar a você", disse a Sra. Thornbury, dirigindo-se a Wilfrid, pois era inútil falar com sua esposa. "Há alguma coisa que você acha que alguém poderia fazer? O pai chegou? Alguém poderia ir ver?"

O desejo mais forte que ela tinha naquele momento era ser capaz de fazer algo pelas pessoas infelizes — vê-las, tranquilizá-las — ajudá-las. Era terrível estar tão longe deles. Mas o Sr. Flushing balançou a cabeça; ele não pensava isso agora - mais tarde talvez alguém pudesse ajudar. Nesse ponto, a Sra. Flushing levantou-se rigidamente, deu-lhes as costas e caminhou até o camarim em frente. Enquanto ela caminhava, eles podiam ver seu seio subir e descer lentamente. Mas sua dor foi silenciosa. Ela fechou a porta atrás dela.

Quando estava sozinha, cerrou os punhos e começou a bater com eles nas costas de uma cadeira. Ela era como um animal ferido. Ela odiava a morte; ela ficou furiosa, indignada, indignada com a morte, como se ela fosse um ser vivo. Ela se recusou a abandonar seus amigos até a morte. Ela não se submeteria à escuridão e ao nada. Ela começou a andar para cima e para baixo, cerrando as mãos e não fazendo nenhuma tentativa de conter as lágrimas rápidas que corriam por seu rosto. Ela finalmente ficou imóvel, mas não se submeteu. Ela parecia teimosa e forte quando parou de chorar.

Enquanto isso, na sala ao lado, Wilfrid conversava com a Sra. Thornbury com maior liberdade, agora que sua esposa não estava sentada ali.

"Esse é o pior desses lugares", disse ele. "As pessoas vão se comportar como se estivessem na Inglaterra, e não estão. Não tenho dúvidas de que a senhorita Vinrace pegou a infecção na própria villa. Ela provavelmente correu uma dúzia de vezes por dia riscos que poderiam ter causado a doença. É absurdo dizer que ela pegou conosco."

Se ele não estivesse sinceramente arrependido por eles, teria ficado aborrecido. "Pepper me disse", continuou ele, "que saiu de casa porque os achava muito descuidados. Ele diz que eles nunca lavavam os vegetais

adequadamente. Pobres pessoas! É um preço terrível a pagar. Mas é apenas o que tenho visto repetidamente - as pessoas parecem esquecer que essas coisas acontecem, e então elas acontecem, e elas ficam surpresas."

A Sra. Thornbury concordou com ele que eles haviam sido muito descuidados e que não havia razão alguma para pensar que ela tivesse contraído febre durante a expedição; e depois de conversar um pouco sobre outras coisas, ela o deixou e seguiu tristemente pelo corredor até seu próprio quarto. Deve haver alguma razão para que tais coisas aconteçam, ela pensou consigo mesma, enquanto fechava a porta. Só que no começo não foi fácil entender o que era. Parecia tão estranho - tão inacreditável. Ora, apenas três semanas atrás — apenas duas semanas atrás, ela tinha visto Rachel; quando fechava os olhos, quase conseguia vê-la agora, a garota quieta e tímida que ia se casar. Ela pensou em tudo o que teria perdido se tivesse morrido na idade de Rachel, nos filhos, na vida de casada, nas profundezas inimagináveis e nos milagres que lhe pareciam, ao olhar para trás, terem estado ao seu redor, dia após dia, e ano após ano. A sensação de atordoamento, que lhe dificultava o pensamento, foi aos poucos dando lugar a uma sensação de natureza oposta; ela pensou com muita rapidez e clareza e, lembrando todas as suas experiências, tentou encaixá-las em uma espécie de ordem. Sem dúvida houve muito sofrimento, muita luta, mas, no geral, certamente houve um equilíbrio de felicidade - certamente a ordem prevaleceu. Nem as mortes de jovens foram realmente as coisas mais tristes da vida - eles foram muitos salvos; eles guardaram tanto. Os mortos — ela lembrou aqueles que morreram cedo, acidentalmente — eram lindos; ela muitas vezes sonhava com os mortos. E com o tempo o próprio Terence sentiria... Ela se levantou e começou a vagar inquieta pela sala.

Para uma mulher idosa de sua idade, ela estava muito inquieta, e para alguém com sua mente clara e rápida, ela estava estranhamente perplexa. Ela não conseguia se contentar com nada, então ficou aliviada quando a porta se abriu. Ela foi até o marido, pegou-o nos braços e beijou-o com uma intensidade incomum, e então, quando se sentaram juntos, ela começou a acariciá-lo e a questioná-lo como se ele fosse um bebê, um bebê velho, cansado e chorão. Ela não lhe contou sobre a morte da Srta. Vinrace, pois isso só o perturbaria, e ele já estava irritado. Ela tentou descobrir por que ele estava desconfortável. Política de novo? O que aquelas pessoas horríveis estavam fazendo? Ela passou a manhã inteira discutindo política com o marido e, aos poucos, tornou-se profundamente interessada no que eles diziam. Mas de vez em quando o que ela dizia lhe parecia estranhamente vazio de significado.

Durante o almoço, várias pessoas comentaram que os visitantes do hotel estavam começando a sair; havia menos a cada dia. Havia apenas quarenta pessoas no almoço, em vez das sessenta que havia. Foi o que a velha Sra. Paley calculou, olhando ao redor com seus olhos desbotados, enquanto se sentava em sua própria mesa na janela. Seu grupo geralmente consistia do Sr. Perrott, bem como de Arthur e Susan, e hoje Evelyn também estava almoçando com eles.

Ela estava estranhamente subjugada. Tendo notado que seus olhos estavam vermelhos e adivinhando o motivo, os outros se esforçaram para manter uma conversa elaborada entre si. Ela deixou que isso continuasse por alguns minutos, apoiando os cotovelos na mesa e deixando a sopa intacta, quando exclamou de repente: "Não sei como você se sente, mas simplesmente não consigo pensar em mais nada!"

Os cavalheiros murmuraram com simpatia e pareceram graves. Susan respondeu: "Sim, não é absolutamente horrível? Quando você pensa que ela era uma garota legal - apenas noiva, e essa necessidade nunca aconteceu - parece muito trágico." Ela olhou para Arthur como se ele pudesse ajudá-la com algo mais adequado.

"Linhas duras", disse Arthur brevemente. "Mas foi uma coisa tola de se fazer - subir aquele rio." Ele balançou a cabeça. "Eles deveriam ter pensado melhor. Você não pode esperar que as inglesas suportem isso como fazem os nativos que foram aclimatados. Eu me importaria em avisá-los durante o chá naquele dia, quando o assunto estava sendo discutido. Mas não adianta dizer esse tipo de coisa - isso apenas irrita as pessoas - nunca faz qualquer diferença."

A velha Sra. Paley, até então satisfeita com sua sopa, aqui insinuou, levantando uma mão ao ouvido, que desejava saber o que estava sendo dito.

"Você ouviu, tia Emma, que a pobre senhorita Vinrace morreu de febre", Susan informou-a gentilmente. Ela não conseguia falar da morte em voz alta ou mesmo com sua voz habitual, de modo que a Sra. Paley não ouviu uma palavra. Artur veio em socorro.

"A senhorita Vinrace está morta", disse ele claramente.

A Sra. Paley simplesmente se inclinou um pouco em direção a ele e perguntou: "Eh?"

"A senhorita Vinrace está morta", repetiu ele. Foi somente enrijecendo todos os músculos ao redor da boca que ele conseguiu evitar uma gargalhada e se forçou a repetir pela terceira vez: "Senhorita Vinrace... Ela está morta".

Sem falar na dificuldade de ouvir as palavras exatas, fatos que estavam fora de sua experiência diária levaram algum tempo para chegar à consciência da Sra. Paley. Um peso parecia repousar sobre seu cérebro, impedindo, embora não prejudicando, sua ação. Ela ficou sentada com os olhos vagos por pelo menos um minuto antes de perceber o que Arthur queria dizer.

"Morto?" ela disse vagamente. "Senhorita Vinrace morta? Meu Deus... isso é muito triste. Mas no momento não me lembro quem ela era. Parece que fizemos muitos novos conhecidos aqui." Ela olhou para Susan em busca de ajuda. "Uma garota alta e morena, que só sentia falta de ser bonita, com uma cor forte?"

"Não", Susan interpôs. "Ela estava ——" então ela desistiu em desespero. Não adiantava explicar que a Sra. Paley estava pensando na pessoa errada.

"Ela não deveria ter morrido", continuou a Sra. Paley. "Ela parecia tão forte. Mas as pessoas vão beber a água. Nunca consigo entender por quê. Parece uma coisa tão simples dizer-lhes para colocar uma garrafa de água com gás em seu quarto. Essa é toda a precaução que já tomei, e já estive em todas as partes do mundo, posso dizer - Itália uma dúzia de vezes... Mas os jovens sempre pensam que sabem mais, e então pagam a pena. Coitadinha - sinto muito por ela. " Mas a dificuldade de espiar um prato de batatas e servir-se chamou sua atenção.

Arthur e Susan esperavam secretamente que o assunto estivesse resolvido, pois lhes parecia haver algo desagradável naquela discussão. Mas Evelyn não estava pronta para desistir. Por que as pessoas nunca fariam sobre as coisas que importavam?

"Eu não acredito que você se importe nem um pouco!" ela disse, voltando-se selvagememente para o Sr. Perrott, que havia ficado sentado em silêncio todo esse tempo.

"Eu? Ah, sim, eu quero", ele respondeu sem jeito, mas com óbvia sinceridade. As perguntas de Evelyn também o deixaram desconfortável.

"Parece tão inexplicável", continuou Evelyn. "Morte, quero dizer. Por que ela deveria estar morta, e não você ou eu? Faz apenas duas semanas que ela estava aqui com o resto de nós. Em que você acredita?" ela exigiu do Sr. Perrott. "Você acredita que as coisas continuam, que ela ainda está em algum lugar - ou você acha que é simplesmente um jogo - que desmoronamos quando morremos? Tenho certeza de que Rachel não está morta."

O Sr. Perrott teria dito quase tudo o que Evelyn queria que ele dissesse, mas afirmar que acreditava na imortalidade da alma não estava em seu poder. Ele ficou sentado em silêncio, mais enrugado do que de costume, esfarelando o pão.

Para que Evelyn não perguntasse em que ele acreditava, Arthur, depois de fazer uma pausa equivalente a um ponto final, iniciou um assunto completamente diferente. "Suponhamos", disse ele, "que um homem lhe escrevesse e lhe dissesse que queria cinco libras porque conheceu seu avô, o que você faria?"

"Inventei um fogão", disse Evelyn. "Eu sei tudo sobre isso. Tínhamos um no conservatório para manter as plantas aquecidas."

"Não sabia que era tão famoso", disse Arthur. "Bem", continuou ele, determinado a todo custo a desenrolar sua história detalhadamente, "o velho sujeito, sendo o segundo melhor inventor de sua época, e também um

advogado competente, morreu, como sempre acontece, sem fazer um testamento. Agora Fielding, seu escriturário, com quanta justiça não sei, sempre afirmou que pretendia fazer algo por ele. Fui vê-lo lá. A questão é: devo ou não? O que o espírito abstrato de justiça exige, Perrott? Lembre-se, eu não me beneficiei do testamento do meu avô e não tenho como testar a veracidade da história."

"Não sei muito sobre o espírito abstrato da justiça", disse Susan, sorrindo complacentemente para os outros, "mas tenho certeza de uma coisa: ele receberá suas cinco libras!"

Enquanto Mr.

Ao saírem da sala, aconteceu que a cadeira de rodas da Sra. Paley bateu nos Elliots, que entravam pela porta no momento em que ela saía. Paralisados por um momento, Arthur e Susan felicitaram Hughling Elliot pela sua convalescença - ele estava caído, bastante cadavérico, pela primeira vez - e o Sr. Perrott aproveitou a ocasião para dizer algumas palavras em particular a Evelyn.

— Haveria alguma chance de vê-lo esta tarde, digamos por volta das três e meia? Estarei no jardim, perto da fonte.

O bloqueio se dissolveu antes que Evelyn respondesse. Mas ao deixá-los no corredor, ela olhou para ele com alegria e disse: "Três e meia, você disse? Isso vai servir para mim."

Ela correu escada acima com a sensação de exaltação espiritual e vida acelerada que a perspectiva de uma cena emocionante sempre despertava nela. Ela não tinha dúvidas de que o Sr. Perrott estava novamente prestes a pedi-la em casamento, e sabia que nessa ocasião deveria estar preparada

com uma resposta definitiva, pois partiria dentro de três dias. Mas ela não conseguia se concentrar na questão. Tomar uma decisão era muito difícil para ela, porque tinha uma aversão natural por qualquer coisa definitiva e encerrada; ela gostava de continuar indefinidamente - sempre indefinidamente. Ela estava saindo e, portanto, ocupou-se em colocar as roupas lado a lado na cama. Ela observou que alguns estavam muito maltrapilhos. Ela pegou a fotografia do pai e da mãe e, antes de guardá-la na caixa, segurou-a na mão por um minuto. Rachel tinha olhado para ele. De repente, o sentimento aguçado da personalidade de alguém, que as coisas que ele possuiu ou manuseou às vezes preserva, dominou-a; ela sentiu Rachel no quarto com ela; era como se ela estivesse num navio no mar, e a vida do dia fosse tão irreal quanto a terra ao longe. Mas aos poucos a sensação da presença de Rachel foi desaparecendo e ela não conseguia mais percebê-la. pois ela mal a conhecia. Mas esta sensação momentânea deixou-a deprimida e cansada. O que ela fez da vida? Que futuro havia antes dela? O que era faz-de-conta e o que era real? Seriam essas propostas, intimidades e aventuras reais, ou o contentamento que ela vira nos rostos de Susan e Rachel era mais real do que qualquer coisa que ela já sentira?

Ela se preparou para descer, distraidamente, mas seus dedos estavam tão bem treinados que fizeram o trabalho de prepará-la quase por conta própria. Quando ela estava descendo as escadas, o sangue começou a circular por seu corpo por conta própria também, pois sua mente estava muito embotada.

O Sr. Perrott estava esperando por ela. Na verdade, ele foi direto para o jardim depois do almoço e caminhou para cima e para baixo no caminho por mais de meia hora, num estado de agudo suspense.

"Estou atrasado como sempre!" ela exclamou, ao avistá-lo. "Bem, você deve me perdoar; eu tive que fazer as malas... Minha palavra! Parece tempestuoso! E aquele novo navio está na baía, não é?"

Ela olhou para a baía, onde um navio acabava de lançar âncora, a fumaça ainda pairava sobre ela, enquanto um rápido tremor negro percorria as ondas. "Esquecemos completamente como é a chuva", acrescentou ela.

Mas o Sr. Perrott não prestou atenção ao navio ou ao tempo.

"Senhorita Murgatroyd", ele começou com sua formalidade habitual, "pedi-lhe que viesse aqui por um motivo muito egoísta, temo. Não acho que você precise ter certeza mais uma vez de meus sentimentos; mas, como você está partindo tão cedo, senti que não poderia deixá-la ir sem pedir que me dissesse - tenho algum motivo para esperar que algum dia venha a cuidar de mim?"

Ele estava muito pálido e parecia incapaz de dizer mais nada.

O pequeno jorro de vitalidade que tomou conta de Evelyn quando ela desceu correndo a escada a abandonou, e ela se sentiu impotente. Não havia nada para ela dizer; she felt nothing. Agora que ele estava realmente pedindo a ela, em suas palavras gentis e idosas, que se casasse com ele, ela sentia menos por ele do que jamais sentira antes.

"Vamos sentar e conversar sobre isso", ela disse um tanto instável.

O Sr. Perrott seguiu-a até um assento verde curvado sob uma árvore. Eles olharam para a fonte à sua frente, que há muito havia parado de funcionar. Evelyn ficou olhando para a fonte em vez de pensar no que estava dizendo; a fonte sem água parecia ser o tipo de seu próprio ser.

"É claro que me importo com você", ela começou, apressando as palavras; "Eu seria um bruto se não o fizesse. Acho que você é uma das pessoas mais legais que já conheci, e uma das melhores também. Mas eu gostaria... eu queria que você não se importasse comigo desse jeito. Tem certeza que sim?" No momento ela desejava honestamente que ele dissesse não.

"Certamente", disse o Sr. Perrott.

"Veja, não sou tão simples quanto a maioria das mulheres", continuou Evelyn. "Acho que quero mais. Não sei exatamente o que sinto."

Ele sentou-se ao lado dela, observando-a e abstendo-se de falar.

"Às vezes penso que não consigo me importar muito com apenas uma pessoa. Outra pessoa seria uma esposa melhor para você. Posso imaginar você muito feliz com outra pessoa."

"Se você acha que há alguma chance de vir a cuidar de mim, estou bastante contente em esperar", disse o Sr. Perrott.

"Bem, não há pressa, não é?" disse Evelyn. "E se eu pensasse sobre isso, escrevesse e lhe contasse quando voltar? Vou para Moscou; escreverei de Moscou."

Mas o Sr. Perrott persistiu.

"Você não pode me dar qualquer tipo de ideia. Eu não peço um encontro... isso seria muito irracional." Ele fez uma pausa, olhando para o caminho de cascalho.

Como ela não respondeu imediatamente, ele continuou.

"Eu sei muito bem que não sou - que não tenho muito a oferecer a você, seja em mim mesmo ou em minhas circunstâncias. E eu esqueço; não pode parecer o milagre para você que isso acontece comigo. Até conhecer você, eu continuava do meu jeito tranquilo - nós dois somos pessoas muito quietas, minha irmã e eu - bastante satisfeitos com minha sorte. Minha amizade com Arthur foi a coisa mais importante na minha vida. Agora que eu conheço você, tudo mudou. Você parece colocar esse espírito em tudo. A vida parece ter tantas possibilidades que eu nunca sonhei."

"Isso é esplêndido!" Evelyn exclamou, agarrando sua mão. "Agora você vai voltar e começar todo tipo de coisa e fazer um grande nome no mundo; e continuaremos sendo amigos, aconteça o que acontecer... seremos grandes amigos, não é?"

"Evellyn!" ele gemeu de repente, tomou-a nos braços e beijou-a. Ela não se ressentiu, embora lhe tenha causado pouca impressão.

Ao sentar-se novamente, ela disse: "Nunca entendo por que alguém não deveria continuar sendo amigo, embora algumas pessoas o façam. E as amizades fazem a diferença, não é? São o tipo de coisas que importam na vida de alguém?"

Ele olhou para ela com uma expressão confusa, como se realmente não entendesse o que ela estava dizendo. Com um esforço considerável, ele se recompôs, levantou-se e disse: "Agora acho que já lhe contei o que sinto e acrescentarei apenas que posso esperar o tempo que você desejar".

Deixada sozinha, Evelyn caminhou para cima e para baixo no caminho. O que importava então? Qual foi o significado de tudo isso?

## 27. Capítulo Vinte e Sete

A tempestade final e o retorno da vida social depois da perda.

Durante toda aquela noite as nuvens se juntaram, até fecharem completamente sobre o azul do céu. Pareciam estreitar o espaço entre a terra e o céu, de modo que não havia espaço para o ar circular livremente; e as ondas também permaneciam planas, mas rígidas, como se estivessem contidas. As folhas dos arbustos e das árvores do jardim pendiam juntas, e a sensação de pressão e restrição era aumentada pelos sons curtos e estridentes que vinham de pássaros e insetos.

Tão estranhos eram as luzes e o silêncio que o zumbido agitado das vozes que geralmente enchiam a sala de jantar na hora das refeições apresentava lacunas distintas, e durante esses silêncios o barulho das facas nos pratos tornava-se audível. O primeiro trovão e a primeira gota pesada atingindo a vidraça causaram uma pequena agitação.

"Está chegando!" foi dito simultaneamente em muitas línguas diferentes.

Houve então um silêncio profundo, como se o trovão tivesse se recolhido em si mesmo. As pessoas tinham acabado de começar a comer novamente, quando uma rajada de ar frio entrou pelas janelas abertas, levantando toalhas de mesa e saias, uma luz brilhou e foi instantaneamente seguida por um trovão bem acima do hotel. A chuva caiu com ela, e imediatamente houve todos aqueles sons de janelas sendo fechadas e portas batendo violentamente que acompanham uma tempestade.

A sala ficou subitamente vários graus mais escura, pois o vento parecia estar espalhando ondas de escuridão por toda a terra. Ninguém tentou comer durante algum tempo, mas ficou sentado olhando para o jardim, com os

garfos no ar. Os flashes agora vinham com frequência, iluminando rostos como se fossem fotografados, surpreendendo-os com expressões tensas e pouco naturais. As palmas seguiram-se de perto e violentamente sobre eles. Várias mulheres levantaram-se das cadeiras e sentaram-se novamente, mas o jantar continuou inquieto, com os olhos voltados para o jardim. Os arbustos lá fora estavam eriçados e esbranquiçados, e o vento os pressionava de modo que pareciam curvar-se até o chão. Os garçons tinham que passar os pratos assim que os clientes avisassem; e os comensais tiveram que chamar a atenção dos garçons, pois todos estavam absortos olhando a tempestade. Como o trovão não dava sinais de diminuir, mas parecia concentrado bem acima, enquanto os relâmpagos apontavam sempre direto para o jardim, uma escuridão inquietante substituiu a primeira excitação.

Terminada a refeição muito rapidamente, as pessoas reuniram-se no salão, onde se sentiram mais seguras do que em qualquer outro lugar porque podiam afastar-se das janelas e, embora ouvissem o trovão, não conseguiam ver nada. Um menino foi levado aos soluços nos braços da mãe. Enquanto a tempestade continuava, ninguém parecia disposto a sentar-se, mas reuniam-se em pequenos grupos sob a clarabóia central, onde permaneciam numa atmosfera amarela, olhando para cima. De vez em quando, seus rostos ficavam brancos à medida que os relâmpagos brilhavam e, finalmente, ouvia-se um terrível estrondo, fazendo com que as vidraças da claraboia se erguessem nas juntas.

"Ah!" várias vozes exclamaram ao mesmo tempo.

"Algo aconteceu", disse uma voz de homem.

A chuva caiu. A chuva parecia agora extinguir os relâmpagos e os trovões, e o salão ficou quase escuro.

Depois de um ou dois minutos, quando nada se ouvia além do barulho da água no vidro, houve um abrandamento perceptível do som e então a atmosfera tornou-se mais leve.

“Acabou”, disse outra voz.

Com um toque, todas as luzes elétricas foram acesas e revelaram uma multidão de pessoas em pé, todas olhando com rostos um tanto tensos para a clarabóia, mas quando se viram sob a luz artificial, viraram-se imediatamente e começaram a se afastar. Durante alguns minutos a chuva continuou a cair na clarabóia e os trovões deram mais uma ou duas sacudidas; mas era evidente, pela dissipação da escuridão e pelo leve tamborilar da chuva no telhado, que o grande e confuso oceano de ar estava se afastando deles e passando bem alto com suas nuvens e seus bastões de fogo, em direção ao mar. O edifício, que parecia tão pequeno no tumulto da tempestade, tornou-se agora tão quadrado e espaçoso como sempre.

À medida que a tempestade se aproximava, as pessoas no hall do hotel sentaram-se; e com uma confortável sensação de alívio, começaram a contar uns aos outros histórias sobre grandes tempestades e, em muitos casos, apresentaram suas ocupações para a noite. O tabuleiro de xadrez foi trazido e o Sr. Elliot, que usava uma coroa em vez de uma coleira em sinal de convalescença, mas estava como sempre, desafiou o Sr. Pepper para uma disputa final. Ao redor deles reuniu-se um grupo de senhoras com peças de bordado ou, na falta de bordado, com romances, para supervisionar o jogo, como se estivessem encarregadas de dois meninos jogando bolinhas de gude. De vez em quando eles olhavam para o quadro e faziam algum comentário encorajador aos cavalheiros.

A Sra. Paley, logo ali na esquina, tinha seus cartões dispostos em longas escadas à sua frente, com Susan sentada perto para simpatizar, mas não para corrigir, e os comerciantes e as pessoas diversas que nunca haviam sido descobertas possuindo nomes estavam estirados em suas poltronas com seus jornais sobre os joelhos. A conversa nessas circunstâncias era muito gentil, fragmentada e intermitente, mas a sala estava cheia da indescritível agitação da vida. De vez em quando, a mariposa, agora com asas cinzentas e tórax brilhante, zumbia sobre suas cabeças e atingia as lâmpadas com um baque surdo.

Uma jovem largou o bordado e exclamou: "Pobre criatura! Seria mais gentil matá-la." Mas ninguém parecia disposto a despertar para matar a mariposa. Eles observaram o movimento de lâmpada em lâmpada, porque estavam confortáveis e não tinham nada para fazer.

No sofá, ao lado dos jogadores de xadrez, a Sra. Elliot estava dando um novo ponto de tricô à Sra. A Sra. Elliot era especialista em tricô e rejeitou um elogio nesse sentido com evidente orgulho.

"Suponho que estamos todos orgulhosos de alguma coisa", disse ela, "e tenho orgulho do meu tricô. Acho que coisas assim são familiares. Todos nós tricotamos bem. Tive um tio que tricotou as próprias meias até o dia de sua morte - e ele fez isso melhor do que qualquer uma de suas filhas, querido velho cavalheiro. Agora eu me pergunto se você, Srta. Allan, que usa tanto os olhos, não começa a tricotar à noite. Você acharia um grande alívio, devo dizer - tal um descanso para os olhos - e os bazares estão tão felizes com as coisas." Sua voz assumiu o tom suave e semiconsciente de uma tricoteira experiente; as palavras vieram suavemente, uma após a outra. "Tanto quanto eu posso sempre dispor, o que é um conforto, pois então sinto que não estou

perdendo meu tempo —"

Miss Allan, assim tratada, fechou o romance e observou placidamente os outros por um tempo. Por fim, ela disse: "Certamente não é natural abandonar sua esposa porque ela está apaixonada por você. Mas isso - até onde posso entender - é o que o cavalheiro da minha história faz."

"Tut, tut, isso não parece bom - não, isso não parece nada natural", murmuraram as tricoteiras com suas vozes absortas.

"Mesmo assim, é o tipo de livro que as pessoas consideram muito inteligente", acrescentou Miss Allan.

"Maternidade - por Michael Jessop - presumo", acrescentou o Sr. Elliot, pois nunca conseguia resistir à tentação de falar enquanto jogava xadrez.

"Você sabe", disse a Sra. Elliot, depois de um momento, "não acho que as pessoas escrevam bons romances agora - pelo menos não tão bem quanto costumavam."

Ninguém se deu ao trabalho de concordar ou discordar dela. Arthur Venning, que passeava, às vezes olhando o jogo, às vezes lendo uma página de revista, olhou para a Srta. Allan, que estava meio adormecida, e disse, com humor: "Um centavo pelos seus pensamentos, Srta. Allan".

Os outros olharam para cima. Eles ficaram felizes por ele não ter falado com eles. Mas Miss Allan respondeu sem qualquer hesitação: "Eu estava pensando no meu tio imaginário. Todo mundo não tem um tio imaginário?" ela continuou. "Eu tenho um - um velho cavalheiro encantador. Ele está sempre me dando coisas. Às vezes é um relógio de ouro; às vezes é uma carruagem e par; às vezes é uma linda casinha em New Forest; às vezes é

uma passagem para o lugar que eu mais quero ver. "

Ela fez com que todos pensassem vagamente nas coisas que queriam. A Sra. Elliot sabia exatamente o que queria; she wanted a child; e o franzido habitual se aprofundou em sua testa.

"Somos pessoas de muita sorte", disse ela, olhando para o marido. "Nós realmente não temos desejos." Ela estava disposta a dizer isso, em parte para se convencer e em parte para convencer outras pessoas. Mas ela foi impedida de se perguntar até que ponto levava a convicção pela entrada do Sr. e da Sra. Flushing, que atravessaram o corredor e pararam perto do tabuleiro de xadrez. A Sra. Flushing parecia mais selvagem do que nunca. Uma grande mecha de cabelo preto caía sobre sua testa, suas bochechas estavam pintadas de um vermelho-sangue escuro e gotas de chuva deixavam marcas molhadas nelas.

O Sr. Flushing explicou que eles estavam no telhado observando a tempestade.

"Foi uma visão maravilhosa", disse ele. "Os relâmpagos caíram sobre o mar e iluminaram as ondas e os navios distantes. Você não pode imaginar como as montanhas pareciam maravilhosas também, com as luzes sobre elas e as grandes massas de sombras. Está tudo acabado agora."

Ele deslizou para uma cadeira, ficando interessado na luta final do jogo.

"E você volta amanhã?" — disse a Sra. Thornbury, olhando para a Sra. Flushing.

"Sim", ela respondeu.

“E, de fato, não lamentamos voltar”, disse a Sra. Elliot, assumindo um ar de triste ansiedade, “depois de toda esta doença”.

"Você tem medo de morrer?" — perguntou a Sra. Flushing com desdém.

“Acho que todos temos medo disso”, disse a Sra. Elliot com dignidade.

“Suponho que somos todos covardes quando chega a hora”, disse a Sra. Flushing, esfregando o rosto no encosto da cadeira. “Tenho certeza que estou.”

"Nem um pouco disso!" - disse o Sr. Flushing, virando-se, pois o Sr. Pepper demorou muito para considerar sua jogada. "Não é covardia desejar viver, Alice. É exatamente o contrário da covardia. Pessoalmente, gostaria de continuar por cem anos - desde que, é claro, eu tivesse pleno uso de minhas faculdades. Pense em todas as coisas que estão prestes a acontecer!"

“É isso o que sinto”, respondeu a Sra. Thornbury. "As mudanças, as melhorias, as invenções — e a beleza. Sabe, às vezes sinto que não suportaria morrer e deixar de ver coisas bonitas em mim?"

“Seria certamente muito chato morrer antes de descobrirem se existe vida em Marte”, acrescentou Miss Allan.

"Você realmente acredita que existe vida em Marte?" — perguntou a Sra. Flushing, voltando-se para ela pela primeira vez com grande interesse. "Quem lhe disse isso? Alguém que sabe? Você conhece um homem chamado...?"

Aqui a Sra. Thornbury largou seu tricô e uma expressão de extrema solicitude surgiu em seus olhos.

"Lá está o Sr. Hirst", ela disse calmamente.

St. John tinha acabado de passar pela porta de vaivém. Ele foi bastante levado pelo vento e suas bochechas pareciam terrivelmente pálidas, sem tosquiar e cavernosas. Depois de tirar o casaco, ele iria passar direto pelo corredor e subir para seu quarto, mas não podia ignorar a presença de tantas pessoas que conhecia, especialmente quando a Sra. Thornbury se levantou e foi até ele, estendendo a mão. Mas o choque da sala quente e iluminada, juntamente com a visão de tantos seres humanos alegres sentados juntos e à vontade, depois da caminhada escura na chuva, e dos longos dias de tensão e horror, superou-o completamente. Ele olhou para a Sra. Thornbury e não conseguiu falar.

Todos ficaram em silêncio. A mão do Sr. Pepper permaneceu sobre seu cavaleiro. A Sra. Thornbury de alguma forma o colocou em uma cadeira, sentou-se ao lado dele e, com lágrimas nos olhos, disse gentilmente: "Você fez tudo pelo seu amigo."

A ação dela fez com que todos falassem novamente como se nunca tivessem parado, e Sr. Pepper finalizou o movimento com seu Cavalo.

"Não havia nada a ser feito", disse St John. Ele falou muito devagar. "Parece impossível —"

Ele passou a mão pelos olhos como se algum sonho se interpusesse entre ele e os outros e o impedisse de ver onde estava.

"E aquele pobre sujeito", disse a Sra. Thornbury, as lágrimas caindo novamente pelo seu rosto.

"Impossível", repetiu São João.

"Ele teve o consolo de saber —?" A Sra. Thornbury começou com muita hesitação.

Mas São João não respondeu. Ele recostou-se na cadeira, meio vendo os outros, meio ouvindo o que diziam. Ele estava terrivelmente cansado, e a luz e o calor, os movimentos das mãos e as vozes suaves e comunicativas o acalmaram; eles lhe deram uma estranha sensação de tranquilidade e alívio. Enquanto ele estava ali sentado, imóvel, esse sentimento de alívio tornou-se um sentimento de profunda felicidade. Sem qualquer sentimento de deslealdade para com Terence e Rachel, ele deixou de pensar em qualquer um deles. Os movimentos e as vozes pareciam vir de diferentes partes da sala e combinar-se num padrão diante de seus olhos; ele se contentava em ficar sentado em silêncio observando o padrão se desenvolver, olhando para o que mal via.

O jogo era realmente bom, e Sr. Pepper e Mr. Elliot estavam cada vez mais empenhados na luta. A Sra. Thornbury, vendo que St. John não queria conversar, retomou o tricô.

"Relâmpago de novo!" A Sra. Flushing exclamou de repente. Uma luz amarela brilhou na janela azul e por um segundo eles viram as árvores verdes lá fora. Ela foi até a porta, abriu-a e ficou meio exposta ao ar livre.

Mas a luz era apenas o reflexo da tempestade que havia passado. A chuva tinha cessado, as nuvens pesadas foram dissipadas e o ar estava rarefeito e limpo, embora névoas vaporosas estivessem sendo lançadas rapidamente através da lua. O céu voltou a ser de um azul profundo e solene, e a forma da terra era visível no fundo do ar, enorme, escura e sólida, elevando-se na massa afilada da montanha e pontilhada aqui e ali nas encostas pelas pequenas luzes das vilas. O ar forte, o zumbido das árvores e a luz brilhante

que de vez em quando espalhava uma ampla iluminação sobre a terra enchiam a Sra. Flushing de exultação. Seus seios subiam e desciam.

"Esplêndido! Esplêndido!" ela murmurou para si mesma. Então ela voltou para o corredor e exclamou com voz peremptória: "Venha lá fora e veja, Wilfrid; é maravilhoso."

Alguns meio mexidos; algumas rosas; alguns largaram os romances de lã e começaram a abaixar-se para procurá-los.

"Para a cama... para a cama", disse Miss Allan.

"Foi o movimento da sua Rainha que o denunciou, Pepper", exclamou o Sr. Elliot triunfantemente, juntando as peças e levantando-se. Ele havia vencido o jogo.

"O quê? Pepper finalmente espancada? Parabéns!" — disse Arthur Venning, que estava levando a velha Sra. Paley para a cama.

Todas essas vozes soaram agradecidas nos ouvidos de St. John enquanto ele estava meio adormecido, mas ainda assim vividamente consciente de tudo ao seu redor. Diante de seus olhos passava uma procissão de objetos, negros e indistintos, figuras de pessoas pegando seus livros, seus cartões, seus romances de lã, suas cestas de trabalho, e passando por ele, uma após a outra, a caminho da cama.